





MONTY JAY

WHAT IS LOVE  
WITHOUT  
OBSESSION?

HOLLOW BOYS BOOK THREE



THE  
BLOOD  
*we crave*



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



MONTY JAY

WHAT IS LOVE  
WITHOUT  
OBSESSION?

HOLLOW BOYS BOOK THREE

THE  
BLOOD  
*we crave*



## AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

## SINOPSE

Meus segredos estão infestados de paixão.

Seus desejos estão pingando sangue.

Isso é amor?

Ou é algo muito mais sombrio...

Uma obsessão.

A morte me encontrou quando jovem. Agarrando-se ao âmagô da minha alma.

Ninguém sabe o que aquela noite horrível fez comigo. Que tipo de monstro floresceu dentro de mim. Tornei-me uma fantasma, me escondendo do mundo para que as pessoas nunca descobrissem o desejo mórbido que nutro.

Até que ele me notou.

Thatcher Alexander Pierson: Selvagem. Afiado. Lindo.

Um homem criado a partir da semente de um assassino em série. Construído com dinheiro antigo e roupas Dolce & Gabbana.

Ele é minha maior fixação. Meu vício mais doce e sombrio.

E eu sou o seu fantasma.

Eu o assombrei minha vida inteira e agora?

Ele me vê exatamente como eu sou.

Uma assassina.

Eu o enojo, mas ele sempre me hipnotizou.

Quando um assassino imitador ronda entre as árvores de Ponderosa Springs, nossa lealdade é testada.

Foi tolice de nossa parte acreditar que nossa vingança ficaria impune. Que a cidade não retaliaria depois do que fizemos.

Com nossas vidas em jogo, Thatcher e eu não temos escolha a não

ser coexistir.

No crepúsculo de cabanas mofadas e torres de bibliotecas assombradas, meus segredos sombrios são expostos e seus desejos são revelados.

Então a pergunta é... O que é o amor sem obsessão?

Para todos aqueles que, como eu, viram *Queen of the Damned*<sup>1</sup> e desenvolveram uma tendência para o sangue. Este livro é para vocês. E para os amigos que nunca saíram do meu lado durante as lutas deste livro. (Foram muitos). Fico lhes devendo uma.



## **AVISO DE GATILHO**

Gosto que os leitores entrem às cegas para o bem do enredo, no entanto, senti que é importante dizer antes que este livro é um dark romance. Trata-se de assuntos delicados, agressão sexual, assassino em série, sangue, questões religiosas, automutilação, psicopatia e outros.

Se tiver problemas com alguns destes temas ou outros semelhantes, não continue.

## PLAYLIST

Paper Love — Allie X

Killing Me Softly With His Song — Fugees, Ms. Lauryn Hill

Vampires — Godsmack

Teacher's Pet — Melanie Martinez

Sweet Serial Killer — Lana Del Rey

Serial Killer — Moncrieff, JUDGE

Mr. Sandman — SYML

Let it Bleed — Unlike Pluto

The Hearse — Matt Maeson

Once Upon a Dream — Lana Del Rey

A Girl Like You — Edwyn Collins

Ghost — Natasha Blume

Fantasies — Llynks

National Anthem — Lana Del Rey

Brother — Matt Corby

Family — Badflower

Kill of the Night — Gin Wigmore

Obsessed — Mariah Carey

See you Bleed — Ramsey

Tear you Apart — She Wants Revenge

Summertime Sadness — Music Box Mania

Paparazzi — Kim Dracula

Angel of Death — Manchester Orchestra

The Devil Wears a Suit and Tie — Colter Wall





*“Estamos ligados pelo sangue, e o sangue é memória sem linguagem”.*

- Joyce Carol Oates

## PRÓLOGO

### HÁ TREZE ANOS

— Scarlett, acorde.

A névoa do sono tenta clarear minha mente, mas luto contra ela, apesar da voz de minha mãe pedindo o contrário. Eu me aconchego mais seus cobertores, inspirando o cheiro de café e seu sabonete, deixando o cheiro reconfortante me puxar de volta aos meus sonhos.

Estava sonhando com uma terra feita inteiramente de doces. Era uma obra-prima de Willy Wonka - grama feita de alcaçuz, bancos de goma, casas construídas com tábuas de chocolate e estradas feitas de açúcar endurecido.

Meu estômago revirou com fome, um desejo familiar me invadindo. Queria voltar ao meu sonho, onde podia devorar quantos doces quisesse sem ter de ouvir os avisos constantes da minha mãe.

Eu sei que ela está certa, que todo o açúcar apodrecerá meus dentes um dia. Ela está sempre certa. No entanto, não consigo desistir. Não quando se ama algo do jeito que eu amo doces.

Sou assim com muitas coisas.

— Scarlett Lyra Abbott! — Podia sentir seus dedos frios contra meu braço, me gelando até os ossos, mas não foi apenas o seu toque que deixou arrepios na minha pele. Era o seu tom de voz. Ela nunca usava meu nome completo assim. Nunca.

Urgência. Medo. Pânico.

Abri os olhos, sabendo em algum lugar na boca do estômago que algo estava errado. Esta não era sua voz severa, que me acordava quando eu não queria sair da cama para as aulas ou o tom rígido que usava quando me recusava a escovar meus cachos bagunçados. Isto parecia diferente.



Minha mão coça meu olho, limpando o sono da minha mente grogue enquanto me sento com um bocejo alto. O sol ainda não nasceu; os raios brancos de luz da lua atravessam a janela do quarto. É muito cedo, até para minha mãe, que ouço andando pela casa pouco antes de o sol aparecer, alimentando Swirl e Mocha, as duas pítons que minha mãe manteve depois de recebê-las em seu laboratório de um abrigo de resgate de animais. Ambas estavam muito desnutridas e maltratadas para serem estudadas, por isso ela as trouxe para casa.

Infelizmente, não tinha permissão para brincar com elas, mas às vezes, quando ela não estava olhando, passava meus dedos pelas escamas de Swirl, arranhando o topo de sua cabeça em forma de diamante. Ela era muito mais legal do que Mocha, que tentou me bater na primeira e única vez em que enfiei o dedo em sua gaiola.

— O que há de errado, mãe? — Sussurro, minha pequena voz ainda mascarada pelo sono, apesar dos meus olhos abertos.

— Acho que há...

*Creak.*

As palavras morrem em seus lábios quando o peso dos passos de alguém pressiona as tábuas do chão do corredor. O clássico vitoriano que cresci em toda a minha vida está aqui desde que a cidade foi fundada, e minha mãe só reformou o necessário. Ela gosta de preservar a história da casa. Eu, por outro lado, odeio como as portas rangem a cada brisa e a água demora uma eternidade para esquentar.

Minhas sobrelanceiras se juntam enquanto olho para a porta do seu quarto. — Mãe?

O medo em minha voz me assusta, mas não tanto quanto o medo que irradia de minha mãe. Suas mãos envolvem meus braços, me puxando para fora da cama com urgência. Acho que pode me levar com ela para ver o que está acontecendo fora do quarto, mas em vez disso, me puxa para o armário.

— Scar, preciso que se esconda, está bem? — Seus olhos verdes refletem os meus e tentam manter a calma, mas posso ver o nervosismo. — Fique dentro do armário, e não saia até eu vir te

buscar, está bem? Só me certificarei de que está tudo bem. Provavelmente é apenas um animal que entrou.

Sinto o material de suas roupas tocar minhas costas enquanto ela me empurra para dentro do espaço escuro do armário. Meus olhos começam a arder com lágrimas não derramadas, a água embaçando minha visão enquanto olho para minha mãe.

— Mas mãe, e quanto a...

— Ficaré tudo bem, Scarlett. Prometo. Apenas fique aqui. Estarei de volta em um segundo.

Não posso explicar isso. Não saberia por onde começar, mas pude *sentir* a mentira. Embora ela provavelmente acreditasse que voltaria, que acreditava que era apenas um guaxinim ou gambá que havia entrado pela porta do cachorro, eu não acredito. Algo parece errado. Como se eu soubesse que ela não voltaria para mim, e não importa o que diga a mim mesma, esse sentimento não me deixa.

Meu coração começa a doer, monótono e persistente, como se alguém estivesse batendo no órgão com uma marreta pesada. Ela é tudo o que tenho - somos nós contra o mundo. E é só esse pensamento que me faz agarrar a sua mão, recusando-me a deixá-la sair.

Sei que se eu deixá-la ir, ela não voltará. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, o gosto salgado pingando na minha boca.

— Mãe, eu... — resmungo, com medo da minha voz, sem saber como explicar a ela o que estou sentindo. — Estou assustada. Não... — ofego com a emoção na minha garganta. — Não me deixe.

Seu olhar se suaviza enquanto sua mão se move para descansar em minha bochecha, segurando-me gentilmente em suas mãos frias. Eu me inclino para o toque, perseguindo o conforto que vem de estar perto dela. Buscando o conforto que todas as meninas precisam de suas mães.

— Não tenha medo, Scar. Ficaré tudo bem — ela murmura, inclinando-se para colocar um beijo na minha testa — eu te amo, doce menina.

Não tenho chance de dizer a ela para ficar. Para tentar descrever o que estou sentindo, do que realmente tenho medo. Ela sai do armário, fechando a porta até deixar apenas uma pequena fresta para eu olhar.

Coloco minha mão no meu peito, esfregando meu esterno, tentando liberar a dor que lateja ali, mas não adianta nada. Minhas pequenas mãos se estendem, sentindo o tecido de suas roupas acima de mim, e desesperadamente puxo um de seus suéteres do cabide.

Envolvo-me no material macio e fofo como um cobertor e tento me acalmar. Pressiono a manga em meu nariz, inspirando seu cheiro familiar, profundamente disposta a tentar qualquer coisa para evitar esse sentimento dentro de mim.

Através da fresta na porta, observo enquanto ela envolve um roupão em torno de seu corpo alto, amarrando a fita firmemente em sua cintura antes de se aproximar da porta. A lua reflete no chão de madeira escura, seguindo-a como um holofote. Prendo a respiração enquanto me preparo para vê-la desaparecer no corredor, mas ela não tem chance nem de segurar a maçaneta.

A porta é aberta casualmente, como se uma leve rajada de vento tivesse batido nela, mas não tinha sido o vento.

Ou um animal noturno que entrou em nossa casa.

Não, a causa das tábuas rangentes é inteiramente humana. Uma presença alta e exigente que ocupa todo o espaço da porta. A luz da lua atinge o rosto do intruso, refletindo em sua mandíbula que parece ser feita de pedra. Talvez seja porque sou muito pequena, mas poderia jurar que ele teve que se abaixar para entrar no quarto.

A sensação em meu estômago não tinha sido apenas uma sensação. Tinha sido ele. Eu senti isso em meus ossos.

Sinto sua presença atravessar o quarto, infiltrando-se no armário comigo. Uma névoa sinistra e nebulosa jorra de seu ser. Derrama-se no chão, enchando a sala de medo.

Mesmo sendo jovem, faltando poucos meses para completar oito

anos, ainda sou uma criança observadora. Por isso, sei que ele não está aqui para nada remotamente bom. A palavra *bom* tem um gosto amargo na minha boca enquanto olho para ele pela fresta, como se odiasse estar na mesma frase que ele.

Não há nada *de bom* nessa pessoa. Nada mesmo.

— O q-que... — A voz naturalmente forte da minha mãe parece abafada, sem seu normal charme autoritário.

O homem levanta uma sobrancelha escura, olhando para ela com um rosto tão impassível. Não consigo imaginar que ele saiba como demonstrar qualquer emoção. Nunca vi alguém com feições tão vazias. Que sentimento imparcial, considerando que ele acabou de invadir minha casa e teve a audácia de ficar parado olhando para minha mãe como se acabasse de vê-la passar no supermercado.

— O que estou fazendo aqui? — Ele pergunta. — Achei que talvez fosse hora de conhecer a pequena Scarlett, já que estamos ficando sérios. Quero dizer, sabe meu segredo agora, não é, Phoebe?

A confusão me afoga, tantas perguntas girando em torno de minha mente, me deixando tonta. Nunca conheci esse homem, nem mesmo vi seu rosto. Quer dizer, estudo em casa, por isso passo muito do meu tempo aqui, mas saio a cidade com a mamãe, e ainda assim nunca o vi, mas ele sabe meu nome, conhece minha mãe.

— Scarlett não está aqui. Assim como você não deveria estar aqui, Henry. Não faço ideia do que está falando. Segredo? — Sua voz é firme quando se afasta dele, mas ainda posso ouvir a oscilação nela, a incerteza. — Eu disse a você outro dia que isso acabou. Somos muito diferentes. Sua família tem expectativas e não pretendo fazer parte delas.

Por que ela não me contou sobre ele? Trabalha com ele? São amigos? Pensei que tinha conhecido todos os seus amigos e colegas de trabalho. Achei que sabia tudo sobre minha mãe, mas parece que ela também tem segredos que nem eu sabia.

O som do estalar da sua língua faz um arrepio percorrer minha

espinha. Pequenos arrepios percorrem meus braços, e me enrolo ainda mais no cheiro do suéter que me envolve.

— Você se lembra do que eu disse quando a conheci, Phoebe? — Ele pergunta, aproximando-se mais dela, ocupando seu espaço como se pertencesse ali. — Odeio mentirosos, e você prometeu, com esses grandes olhos verdes, que mentir era a última coisa que faria comigo.

— Não estou...

— Você também sabe que eu tenho amigos. Minha família tem amigos. Por isso, se for a uma delegacia de polícia local e registrar uma queixa sobre mim, sobre algo que me viu fazendo, eu saberei, mas você não faria isso, faria, Phoebs? — A maneira como a sua cabeça se inclina a faz recuar como se ele estivesse lendo cada pequeno movimento que ela faz, cada respiração que ela dá.

— Eu não iria...

— Você não teria feito isso, certo? Não faria isso e depois mentiria para mim?

Ela está de costas para mim, então não consigo ver a expressão em seu rosto, mas vejo como seus ombros tensionam enquanto continua se afastando dele.

— O que você esperava que eu fizesse, Henry? Depois do que vi, o que esperava? — Ela sussurra enquanto ele avança, da mesma forma que Swirl e Mocha encurralam seus ratos vivos. A qualquer momento, ele pode atacar e, a cada passo que dá, sinto meu coração apertar um pouco mais.

— Podemos conseguir ajuda para você, está bem? Pode se entregar e podemos ajudá-lo.

Ele a ignora completamente, as palavras que ela murmura entram por um ouvido e saem rapidamente pelo outro.

— Confiei em você, Phoebe. Eu me tornei um homem melhor por sua causa. Disse-me que não havia nada muito sombrio para lidar, e quando mais preciso de você, se vira contra mim? Foge? — Uma de suas mãos impossivelmente grandes avança, avançando para ela, e ela

não é rápida o suficiente para sair da distância de ataque.

Ouçó minha mãe ofegar quando é puxada para frente, caindo com força em seus braços. O aperto brutal em que está presa a deixa sem ter para onde ir. Ela está presa, sem escapatória.

E eu...

Estou congelada em meu próprio medo, apavorada demais para fazer qualquer coisa além de assistir.

— Confiei em você, Phoebus. E agora não me deixou escolha. — Ele leva a outra mão até o rosto dela, passando um dedo por sua bochecha. Encaixa-se confortavelmente com ele, como se não fosse a primeira vez que se agarram. Ele a acaricia com tanta delicadeza, tanta calma, que deveria transmitir algo doce, como adoração, mas parece nojento e forçado. — Fez isso comigo, com você, conosco. Quero que saiba que não queria fazer isso. Você me obrigou a fazer isso, amor.

Minha mãe se afasta dele, tentando escapar de seu aperto, mas mesmo do meu espaço no armário, posso ver o quanto ele é mais forte que ela. Quão mais forte ele é do que ela.

A maneira como ela parece tão frágil e fraca em seus braços, mas isso não é suficiente para parar a luta nela. Não, não minha mãe. Ela é tudo, menos fraca.

— Não, Henry — ela diz com um tom vacilante, mas consegue manter a cabeça erguida. — Você não precisa fazer isso. Apenas saia e podemos fingir que isso nunca aconteceu.

Vejo seu rosto claramente, a forma como suas sobrancelhas se curva em um V profundo. — Como eu poderia esquecer isso? Como esquecer o que compartilhamos, Phoebe? Como poderia esquecer que éramos, como você disse, algo que nos consumia? Lembra-se de ter dito isso, não é? Ou também mentirá para mim sobre isso? Disse que eu te *consumia*. Que todo o meu ser envolvia o seu e a fazia se sentir... segura. Ainda se sente segura comigo, meu amor?

Suas palavras estão tentando transmitir tristeza, algo de coração

partido e ferido, mas seu corpo, seus olhos, não mostram nada. Nem mesmo uma sugestão de qualquer coisa além da emoção no nível da superfície. Ele não passa de um vazio. Um vazio profundo, escuro e sinistro que está engolindo minha mãe.

Inclinando-se para a frente, ele começa a sussurrar algo em seu ouvido que não consigo ouvir, e quando o seu corpo se inclina para o dele de bom grado, um sorriso totalmente branco aparece em seu rosto. Um sorriso cheio de intenções sinistras.

Até minha mãe lançar o joelho em seu estômago, pegando-o desprevenido por tempo suficiente para ela escapar de seu aperto. Uma alegria de encorajamento surge através de mim enquanto a vejo sair em direção à porta do quarto, pronta para fugir de sua presença.

Por uma fração de segundo, acho que ela tem uma chance. O sentimento em meu interior estava errado - ela ficará bem. Tudo ficará bem se ela conseguir se afastar o suficiente para pedir ajuda ou pegar algum tipo de arma.

No entanto, isso não é como os contos de fadas que leio, as histórias que minha mãe me conta antes de dormir. Não há felizes para sempre no final deste era uma vez. Esta é uma história totalmente diferente, envolta em escuridão e melancolia. Aquele em que o belo príncipe acaba sendo o feiticeiro malvado e a bela donzela em perigo se torna a presa.

A vítima.

Não há sapo que consiga consertar isso, nem com o mais doce dos beijos. Nenhuma fada madrinha mágica para salvá-la. Toda a minha vida sendo reescrita diante dos meus olhos. O começo da minha nova história. Uma que terá cicatrizes persistentes em minha alma, uma mancha brutal em minha mente que não pode ser apagada ou eliminada.

Posso praticamente sentir a caneta se movendo ao longo do papel da minha vida, lavando tudo o que conhecia antes e me transformando em outra pessoa completamente diferente. Alguém que eu não conhecia, não poderia reconhecer.

Henry, como minha mãe o chamava, se recupera incrivelmente rápido, girando com a primeira emoção real que o vi demonstrar.

Raiva.

Está em todo o rosto e na maneira como seus movimentos se tornam carregados. A maneira como agarra a parte de trás do cabelo dela, enrolando os dedos na suave cor de café antes de puxá-la para onde ela estava. Exceto que desta vez ela não está de pé; está jogada no chão.

O barulho de ossos batendo na madeira faz meus dentes latejarem, o gosto rançoso de níquel inundando minha garganta, e percebo que estou mordendo minha própria língua.

Chupo meu próprio sangue em minha garganta, usando-o para saciar minha sede, engolindo uma e outra vez para permanecer quieta. Tanto sangue que o gosto perde o amargor e fica doce.

Como doces.

Minha mãe está de frente para mim agora - bem, principalmente de frente para a porta do armário. A única pessoa na sala que sabe que estou aqui, que estou me escondendo silenciosamente lá dentro. Ela se ajoelha, olhando diretamente para a fresta da porta, sem saber, fazendo contato visual comigo.

Nunca a vi assim.

Tanto medo. Tão destruída.

Ela sempre foi o melhor exemplo de uma mãe solteira forte. Uma bióloga premiada em tempo integral que nunca deixou o fato de ser mulher atrapalhar seu sucesso. Exige perfeição de si mesma e às vezes de mim, mas sempre sabe como seguir a linha. Para ser carinhosa, afetuosa e maternal, mas também me incentivando a ser o meu melhor.

Como saberei qual é a melhor versão de mim sem ela?

Um soluço tenta sair da minha boca, mas o empurro para baixo dolorosamente, cobrindo minha boca com minhas pequenas mãos



enquanto as lágrimas continuam a escorrer sem nenhum plano de parar. Ela fica lá, olhando-me até que seus lábios começam a se mover, murmurando para mim silenciosamente.

— *Eu te amo, Scar. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.*

Ela repete isso várias vezes. Uma promessa silenciosa. Uma garantia. Espero que consiga dizer o suficiente para que eu nunca esqueça como é ser amada por ela. Esperando que ela possa dizer isso o suficiente para que dure a vida toda. Para que, embora eu fique sem ela, nunca fique sem o seu amor.

Sei que ela não pode me ver ou me ouvir, mas estendo minha mão para ela. Gostaria de ser maior, gostaria de ser mais forte e poder engolir meu medo para protegê-la, mas simplesmente não consigo me mover.

Simplesmente não posso...

— Sempre gostei de como era combativa, Phoebe — ele resmunga. Os sons ocos de seus sapatos batendo no chão me fazem estremecer. Meus olhos embaçados captam o brilho de algo ao luar, mas antes que eu possa reconhecer o que é, é tarde demais.

Uma grande mão se estende para frente, pousando em seu cabelo mais uma vez. Só que desta vez, ele não a joga no chão. Henry a pega e a puxa para seu grande baú. Minha mãe cai contra ele com um baque ecoante.

Minhas mãos lutam para cobrir meus ouvidos quando ela começa a gritar, mas os ecos estridentes de seu terror sangram por minhas pequenas mãos. Ressoa em minha cabeça, afundando em minhas veias, marcando minha alma de forma que, toda vez que eu fechar meus olhos no futuro, tudo o que ouvirei serão os gritos de minha mãe. Seu medo. Sua tristeza.

Não tinha percebido que tinha fechado os olhos, talvez porque a escuridão seja mais calma do que o que acontece na minha frente. O desconhecido é mais seguro.

Uma parte de autopreservação dentro de mim sabia que eu não

sobreviveria vendo o que ele está prestes a fazer. Já estou me perdendo o suficiente neste momento; olhar para a pura agonia em seu rosto me despedaçaria completamente. Nunca seria capaz de sair deste armário.

Enfio a cabeça entre as mãos a ponto de doer. Meus ouvidos latejam com a pressão e ainda posso ouvi-la. Posso ouvi-lo - suas rajadas rítmicas de respiração escapando de seus pulmões, o farfalhar de seu corpo lutando contra o dela. Não importa o quanto eu tente, sou prisioneira da tortura de minha mãe.

Ela, sem saber, me deu um lugar na primeira fila para o final de sua vida.

Juro que posso sentir partes de mim se estilhaçando a cada grito. Eu era um vidro frágil antes, colocada em cima de uma prateleira, intocado e em perfeitas condições. Agora, minha prateleira ameaça cair abaixo de mim. Cada grito agudo me destrói, mais e mais. Em apenas alguns segundos, não sou nada além de vidro quebrado no chão.

Horas devem passar, ou talvez sejam apenas alguns minutos. Tudo o que sei é que o suor começou a encharcar meu pijama e finalmente consigo bloquear o barulho. O som do meu próprio coração é tão poderoso que martela acima dos gritos.

Diminuo o peso em meus ouvidos, meus tímpanos sensíveis captando o menor dos ruídos. Doem e se retraem, prontos para recuar com outro grito, mas nada vem.

Os gritos pararam, seu poder diminuiu completamente. Nem mesmo um gemido abafado ou grunhido desconfortável. Pararam. Totalmente inexistente.

O silêncio como nunca antes conheci paira no ar tão denso, tão tangível, que sinto seu peso empurrando meu peito. Meus ombros. Toda a parte superior do meu corpo. É o silêncio que se agarra às lápides e respira junto com o nevoeiro matinal de uma manhã quente.

Não parece o silêncio que sinto na floresta fora de casa ou aquele

em que me acomodo quando estou alimentando as cobras. Não, isso é uma forma de paz. Não sinto nada além de serenidade sob a copa dos pinheiros verde-esmeralda. A floresta é um silêncio cheio de pequenos estrondos que a maioria nunca ouve.

Na exatamente.

Não os culpo - não se percebe até que realmente tire um segundo para ouvir, quase encostando o ouvido na terra úmida e esperando. O riso das folhas enquanto o vento sussurra segredos. Grilos e sapos ecoando chamados. Galhos estalando, pássaros gritando. Até as próprias árvores parecem pulsar com vibrações.

Este não é o silêncio na floresta. Isso é absoluto. Todo o som foi sugado, como se o ruído tivesse caído em um buraco negro vazio.

É a morte.

Não consigo respirar. O calor sufocante que me consome neste armário parece um inferno. Minha garganta apertada, desesperada por ar, por alívio.

*Por favor, por favor, por favor, imploro a alguém, a qualquer um.*

*Traga os gritos de volta.*

Sei que pedi dentro da minha mente para que parasse há alguns momentos, mas não quis dizer assim. Não, nunca assim. Cuidado com o que deseja, certo? Este é o universo me mostrando uma lição? Ensinando-me da maneira mais difícil que os desejos têm consequências?

*Por favor, alguém, traga os gritos de volta.*

Quero gritar essas mesmas palavras a plenos pulmões. Quero liberar essa oração para o mundo - talvez se eu for barulhenta o suficiente, sacudiria os poderes constituídos e eles me concederiam esse favor, mas quanto mais eu penso nisso, na realidade do meu apelo desesperado, mais silenciosa fico e mais vazio meu peito parece.

Se ela não está gritando, então não está lutando contra ele.

O que significa que ela não está mais respirando. Não está mais viva.

Não estou desejando gritos. Estou desejando que minha mãe volte para a terra dos vivos. E eu sei, da mesma forma que sabia quando choveria, sua alma se foi, deixando-me apenas com seu corpo vazio.

Eu estava acostumada a ouvir o constante subir e descer de seu peito - era o que me embalava no sono quase todas as noites, e agora... agora, não há nada.

Apenas silêncio. Vazio.

Posso sentir fisicamente em minhas entranhas o momento em que seu coração para. Talvez seja a imobilidade amarga em seu corpo, ou talvez...

É porque sinto algo dentro de mim fraturar.

Partiu-se ao meio. É como se uma luz se apagasse em minha mente. Uma luz que sempre esteve lá, guiando-me pela vida. Um interruptor que nunca tinha notado se desligou abruptamente, e tudo que eu sinto é... desinteresse gélido.

Não consigo sentir nada. Estou inesperadamente entorpecida com o que me rodeia e não me importo com o que aconteça comigo a partir deste momento. Se eu nunca conseguir sair deste armário, se ninguém me encontrar e eu morrer enrolada no suéter da minha mãe, não me importaria. Se aquele homem - aquele monstro, Henry - rastejasse em minha direção com os dentes arreganhados e as mãos estendidas, não me moveria.

E é por causa dessa frieza que abro os olhos.

Seu agressor expira pesadamente. Aquele que ainda está em cima de seu corpo. Seu corpo *rígido*. Muito *rígido*. Seu cabelo desgrenhado e há algo como alívio afundando em seus ombros.

*Mãe*, murmuro, mas nem um pio sai dos meus pulmões.

O relógio antigo no *foyer* toca alto e solenemente. Abala o silêncio. Parece tirar o homem de seu transe, como se o sino o puxasse

de dentro de sua própria cabeça, onde desfrutava da sensação da morte de minha mãe abaixo dele.

Meu lábio inferior treme quando ele se levanta do chão. O barulho do líquido se movendo sob ele me deixa enjoada. A bile se instala na minha garganta, não importa quantas vezes eu tente forçá-la para baixo.

Não tenho pensado muito sobre a morte ou como seria tirar a vida de alguém. Principalmente pelo fato de eu ser feliz; minha vida era boa. Eu não tinha motivos para pensar em nada tão sombrio, mas o pensamento aleatório passou pela minha cabeça de que nunca imaginei algo tão violento, mas tão calmo.

Um amplo círculo começou a se formar ao redor do corpo de minha mãe, oleoso e escuro. A luz da lua reflete na mancha, mostrando o tom vermelho que a noite tentou esconder. Do meu lugar, posso ver que há vários círculos em seu manto, cada um encharcado de sangue. A faca em sua mão era responsável por cada ferida em seu corpo macio.

Olho para ele enquanto que fica em toda a sua altura, gracioso na maneira como arrasta a lâmina da faca contra suas roupas para limpar o sangue. Só agora percebo suas mãos enluvadas de couro e roupas escuras e engomadas. Isso não foi algo que ele fez por capricho e, pela maneira como passa com tanta facilidade pelo cadáver dela, sei que não foi a primeira vez.

Não, ele acabou com mais vidas do que apenas a de minha mãe. Ela era apenas mais um corpo que ele acrescentaria à sua lista crescente. Um obstáculo, pelo que percebi da conversa deles, que ele superou.

Quando seus pés atingem a borda da porta, ele não se depara com um corredor vazio. Não, em vez disso, outra figura aparece no espaço fora da sala.

— Aí está você — Henry diz calmamente, falando pela primeira vez desde que minha mãe deu seu último suspiro. — Você a encontrou?

Meu coração para.

*Ela.*

Eu. Ele quer dizer eu.

Ele e seu parceiro, que foi encarregado de cuidar de mim. Procuravam por mim. Se eu tivesse dormido em meu próprio quarto esta noite, teria o mesmo destino de minha mãe, mas nas mãos de outra pessoa. Tudo o que posso ver são as longas pernas do cúmplice; todo o resto é bloqueado pelo tamanho indisciplinado de Henry, mas...

— Não.

É apenas uma palavra, uma resposta singular, mas posso senti-la dentro de meus ossos, como uma rajada de vento frio empurrada para dentro deste armário em chamas.

— A casa está vazia, exceto por algumas cobras em um dos quartos vagos — diz a voz. É jovem; posso ouvir a juventude em sua voz, não importa o quanto a escuridão tente mascará-la.

— Fique aqui, filho. Darei uma olhada rápida ao redor, e depois iremos embora. Não toque em nada...

— A menos que eu esteja de luvas — interrompe o parceiro desconhecido com uma elegância muito mais antiga do que parece. — Eu me lembro de suas regras.

Filho?

Este homem trouxe seu filho com ele para matar alguém? Que tipo de pai faz isso? Que tipo de ser humano faz isso?

Meu cérebro está pronto para uma espiral, preparado para correr um quilômetro com esta nova informação e tentar juntar as peças do que está acontecendo bem na frente dos meus olhos, mas meu espasmo mental não tem tempo para começar porque Henry se muda para o corredor coberto de noite, deixando seu filho para mim na porta.

Cada fio de cabelo no meu pescoço se levanta, vivo e tremendo com uma eletricidade que posso sentir até a sola dos meus pés. Sinto

que a neve chegou dentro da minha casa. A neve aparece em torno de seus sapatos a cada passo que ele dá na sala. Uma personificação do inverno e do frio congelante. Estou submersa na frieza que ele carrega em seus ombros como uma segunda pele.

Há uma respiração presa no meu peito quando olho para ele.

Um lindo e sem luz *Jack Frost*<sup>2</sup>.

Um menino, um que nunca vi antes. Um que não parece muito mais velho do que eu, mas parece muito além de sua idade. Como se sua alma estivesse aqui há muito mais tempo do que seu corpo jovem. Um par de jeans bem cortados em volta de suas longas pernas, um suéter sombrio cobrindo sua metade superior. Caminha com a cabeça erguida, uma postura majestosa que faz parecer que está flutuando sobre as tábuas do assoalho. Meus dedos se contorcem quando a lua ilumina seu cabelo branco como porcelana. Ele não parece real e, no entanto, é a coisa mais tangível nesta sala.

Não há defeito nele. Nenhuma imperfeição ou mancha.

Quando ele se ajoelha ao lado de minha mãe - *seu cadáver* - essa percepção sombria me traz de volta à realidade e me afasta de meu devaneio. A névoa de seu domínio começa a desaparecer, e com ela vem a clareza.

Este menino, filho de Henry, está aqui para me matar. Essa é a razão pela qual ele veio, não é? Para ajudar o pai a amarrar fios soltos, e eu sou um desses, não é?

Quando, porém, olho para ele olhando para ela, não consigo acreditar que seja capaz disso. Capaz do que seu pai havia feito. Imagino-o por um momento em cima de mim, cortando minha pele com uma faca várias vezes até que finalmente cedi à morte. Seu cabelo bem penteado sairia do lugar quando ele terminasse, o sangue cobrindo seu corpo imaculado.

Não consigo imaginar.

Não quando ele está tão... limpo. Metódico. Preparado. Ele me faz sentir suja em comparação. Como se fosse se encolher com o suor

velho que gruda nas minhas costas ou torcer o nariz para o meu cabelo incontrolável que secou desde o meu banho antes de dormir.

Ao contrário do pai, esse menino olha para os estragos no chão. Olha para o corpo que é tudo que me resta da minha mãe e apenas se ajoelha um pouco. Quero desesperadamente saber o que está pensando porque uma coisa que ele parece ter em comum com seu pai é sua habilidade de parecer sem emoção.

Impassível. Frio. Vazio.

Quero estar dentro de sua mente. O que ele está pensando? O que está sentindo? É tão cruel quanto o homem que lhe deu a vida? É este o futuro que ele quer para si mesmo?

Algo estala em mim quando o vejo enfiar a mão no bolso, tirando um objeto que começa a leva ao rosto de minha mãe. Não é suficiente para ela ser brutalizada para que agora tenha que experimentar o tormento após sua morte?

Não tenho mais medo da minha vida. Não consigo me importar com o que aconteceria quando deixasse este armário e tornasse minha presença conhecida.

Meus dedos envolvem um dos saltos da minha mãe, segurando-o com força na minha mão, antes de abrir a porta do armário com o pé. Quando a porta se abre o suficiente para expor completamente seu corpo para mim, faço a única coisa que consigo pensar.

Jogo o sapato diretamente em sua cabeça.

Queria acertar a parte de trás de seu crânio, mas a abertura da porta deve ter chamado sua atenção porque ele se vira para mim pouco antes do salto fazer contato com seu lábio inferior com um baque surdo.

Sem perder tempo, me levanto, tropeçando ligeiramente nas roupas no chão do armário. Minha cabeça está girando, o quarto girando com a rapidez com que me levantei, mas não me importo. Só quero que esse pesadelo acabe.

De uma forma ou de outra.



— Você não deveria...

— Não toque nela — digo, alcançando a boca do meu estômago e tentando puxar o máximo de força que posso, mas tudo o que saiu foi um sussurro frágil. Meus pés me carregam trêmulos para seu corpo. Duvido que seria capaz de fazer qualquer coisa para afastar qualquer um deles, mas talvez seja esse o ponto.

Não se trata de protegê-la após a morte.

Não realmente.

Eu sabia que sair daquele espaço escuro enquanto ainda estavam aqui significaria que minha vida estaria acabada. Não teria que saber como seria viver uma vida sem minha mãe nela. Nunca precisaria me preocupar com a incerteza da vida se eles me matassem. Não se trata de não querer viver em um mundo sem ela.

— Você me fez sangrar. — Sua voz percorre minha pele como fogo, e queima. Há choque em seu tom, como se a ideia de alguém o *machucar* fosse tão peculiar.

— O que você... — olho para o rosto dela, pálido, sem vida e ainda tão bonito. Exceto que não posso ver seus olhos. Estão cobertos com duas moedas iguais, protegendo-me das íris verdes que conheço tão bem - meus olhos. — O que fez com ela?

— Você me fez *sangrar* — ele repete mais uma vez. Acha-se invencível? Seu pai o convenceu de que são divinos de alguma forma e só são capazes de matar os outros?

Olho para ele, sentado no chão a alguns metros de distância, segurando seus dedos ao luar, olhando fixamente para o sangue que cobre seus dedos. O sangue escorre de seu lábio, pelo queixo e pingando no tecido do suéter.

— O que fez com ela! — Desta vez, minha voz é mais alta. Estou perdendo minha paciência e minha capacidade de me importar com quem me ouve gritar. Incluindo seu pai.

Leva apenas uma fração de segundo para ele reagir, e não é tempo suficiente para eu me afastar. Sua mão se estende e envolve

meu pulso, puxando-me para ele no chão. Fecho os olhos, esperando que a dor de bater no chão ecoe pelos meus ossos, mas não vem.

O que acontece é a sensação de seu braço gelado envolvendo minhas costas enquanto envolve meu corpo em suas mãos. Gentilmente, ele me deita no chão com seu corpo descansando parcialmente em cima de mim e no chão ao meu lado, evitando que seu peso me esmague.

Meus olhos se arregalam quando uma de suas mãos pressiona minha boca para me manter quieta. Seu cheiro me ataca de todas as direções. Escuro, profundo, madeira. Assim como a floresta depois que chove.

Acalma-me de alguma forma e me lembra das árvores altas e da felicidade que sentia dentro da mata. Minha última sensação de paz. Porque é isso - este é o momento pelo qual ele veio aqui. Para me matar. O pêndulo da morte balança cada vez mais perto de mim a cada segundo que estamos aqui.

As lágrimas voltam e as sinto deslizar pelo lado do meu rosto. Embora minha mente tenha aceitado esse destino, minha decisão de não deixar este quarto nunca mais, de morrer ao lado de minha mãe, meu coração não aceitou. Meu coração se recusa a aceitar isso. Bate tão forte no meu peito que sei que o garoto enviado para me matar pode sentir isso, tem que sentir.

Inclino minha cabeça, olhando para minha mãe. A dor acelera através da minha alma, e sinto como se experimentasse cada facada enquanto estou aqui olhando para ela. Desejando que ela virasse a cabeça e encontrasse meus olhos. Desejando poder vê-la sorrir mais uma vez ou ouvi-la dizer meu nome. Meu corpo treme com a força das minhas lágrimas e posso ouvir meus gritos abafados.

Não consigo respirar. Não posso respirar.

— Não olhe para ela.

Eu o ignoro, o que só o faz pressionar a mão na minha boca com um pouco mais de força, tentando chamar minha atenção.

— Não olhe para ela — sussurra novamente, sua respiração gelada contra a minha pele quente. Ele se aproximou tanto que posso sentir cada expiração de seu nariz. — Olhe para mim.

Olhar para ele?

— *Scarlett*. — Meu nome sai de sua boca como água. Fluido, suave. — Olhe para mim.

Sinto essa corda me puxar. Uma corda que está segurando e de alguma forma se enrolou em minhas entranhas. Ele puxa, puxa, puxa, até que eu desisto e afasto meus olhos de seu cadáver.

Encontrar seus olhos é como mergulhar em uma camada de gelo puro. São águas incrivelmente claras, congeladas do Alasca, azuis. Olhar para eles é como mascar chiclete de hortelã e respirar fundo. Está tão frio. Tira todo o ar do peito. Ele não desvia o olhar do meu, nem por um segundo, nem mesmo quando tira a mão da minha boca e começo a falar.

— Vai me matar? — Digo, a sensação de congelamento se espalhando por meus pulmões. — Vai, não é? Então, por que simplesmente não faz isso? Apenas acabe logo com isso, quero dizer...

— São moedas. — Ele interrompe minha divagação antes que eu possa começar, acenando com a cabeça na direção de minha mãe. — Coloquei moedas nos olhos dela. Foi o que fiz com ela.

— O que...

— Você me perguntou o que fiz com ela. Acabei de te falar.

Eu o encaro com uma expressão vazia, tentando entender o que isso tem a ver com ele me matando. Por que me dizer isto fará de tudo para impedir o inevitável, mas não posso deixar de perguntar.

— Por que? — Sibilo, sentindo meu coração desacelerar e o peso em meu peito liberar apenas o suficiente para me deixar saber que não estou sufocando.

— Elas são... — tropeça, e parece tão estranho para ele, como se tropeçar em suas palavras não fosse comum. — As moedas são o

pagamento usado para transportar os mortos para a próxima vida. Garante uma passagem segura pelo rio *Styx*<sup>3</sup> e garante que a alma chegue com segurança à vida após a morte.

Há uma sensação de calor que permeia o frio em que ele me envolveu. Uma pequena lasca de calor se enrola entre nós e faz com que meus olhos se suavizem. Minhas sobrancelhas se juntam.

Por que ele faria algo tão... legal? Se seu trabalho quando chegou aqui era seguir os passos de seu monstruoso pai, por que se esforçaria para acalmar os mortos?

— Eu...

As tábuas do assoalho rangem e o som de passos pesados ricocheteia nas paredes do corredor. O pânico inunda meu sistema mais uma vez, e aquele pedaço de serenidade que brevemente passou por mim desapareceu.

— Vai me matar? — Pergunto novamente, com mais urgência em minha voz enquanto seu pai se aproxima do quarto. Se morrerrei, se um deles me matará, quero que seja ele.

Este menino.

O menino sem nome que desejou a minha mãe uma passagem segura para qualquer vida após a morte que nos espera. Quero que ele seja o único a dar meu último suspiro, da maneira que achar melhor. Se alguém merece me matar esta noite, é ele. Ele olha para mim, seus olhos girando com uma emoção que não consigo decodificar, mas desaparece quando os passos se aproximam.

— Não. — Ele faz uma careta, e posso dizer que não gosta dessa resposta. Como se quisesse dizer sim, como se quisesse me matar. — Mas se não voltar para aquele armário, meu pai vai matá-la.

Minha cabeça balança violentamente. — Não quero voltar lá. Não quero me esconder.

Suas narinas dilatam e a irritação jorra dele como água de uma torneira pingando.

— Não importa o que você... — ele respira no meu rosto. — Tem que se esconder. Volte para o armário, fique quieta, não faça barulho, não respire. Seja um fantasma. Não quer morrer, não assim.

Com facilidade, me puxa do chão com ele como se eu não pesasse nada, me firmando antes de me olhar nos olhos mais uma vez, certificando-se de que estou encontrando seu olhar.

— Seja um fantasma, Scarlett. Não deixe que ele te veja, nunca.

Não consigo evitar a pergunta que sai da minha boca, a onda de emoções que me atacam de uma só vez.

— Se eu virar um fantasma, como *você* me verá?

Há algo assustador sobre ele. Algo intocado e imprevisível que parece perigoso, mas enquanto deitada no chão, olhando-o, mesmo nesta situação horrível, ele me faz sentir segura.

Há mais nele do que apenas o que percebi na superfície, algo que vislumbrei brevemente, e esse vislumbre parece a única coisa que me prende à vida.

— Não vou.

É tudo o que ele diz antes de me empurrar para trás, levando-me para o outro lado do quarto onde está localizado o meu esconderijo.

Tudo o que aconteceu esta noite está girando em meus pensamentos. A queda da minha adrenalina lambe meus pés, e sei que logo terei que lidar com o colapso flagrante que me espera quando estiver sozinha.

Porque é isso que eu sou. Estou completamente sozinha agora.

E por um momento, esse garoto me fez sentir não tão sozinha, embora tenha perdido a única pessoa que já me amou. Agora, vou perdê-lo também antes mesmo de ter a chance de conhecê-lo.

Estou sozinha.

Volto para o armário e me torno um fantasma.

E ele... bem, manteve sua palavra.

Ele nunca mais me viu.

**UM**

## **O FANTASMA**

### **Lyra**

— Lyra, quando disse que seria complicado, não achei que quis dizer isso.

Meu corpo estremece com a voz.

Estou acostumada a ser aquela que se mistura com as sombras, aproximando-se furtivamente das pessoas e as assustando-as. É raro eu me assustar com a presença de alguém, mas os poucos selecionados que me veem, eu os mantenho perto de mim.

Larguei a pinça que empunhava como uma arma, coloquei os óculos na cabeça e olhei para a porta da sala de aula. É meado de agosto, por isso os professores estão no campus há algumas semanas e os alunos lentamente se infiltram em seus dormitórios.

Durante os verões, Hollow Heights é pacífica, sem confusão de alunos. As velhas portas rangem com o vento. Pode-se ouvir as ondas quebrando nos penhascos logo abaixo do Kennedy District, e tudo parece um pouco mais assustador.

As escadas sinuosas gemem sob seus pés, e é impossível não ouvi-las por causa dos corredores vazios. Diz-se que sentar na biblioteca deixa as pessoas loucas quando está vazia - os livros começam a sussurrar uns com os outros e vozes que são tudo menos humanas preenchem o vazio.

Isso é tudo um boato, é claro. No entanto, eu gosto.

Tendo este lugar praticamente só para mim, gosto de ficar sozinha. Embora pudesse ter ido sem passar por Dean Sinclair para

conseguir uma chave do laboratório. Estar perto dele é como imaginá-lo se afogar na masculinidade tóxica. Sempre tem um jeito de te fazer se sentir inferior a ele, constantemente se certificando de que ele é o mais inteligente da sala.

Além do patriarcado, adoro *Hollow Heights* quando abraça seu caráter assustador.

— Demorou uma eternidade para eu colocar as lunas. — Aponto para o inseto verde claro disposto no papel de cera. — Teria terminado há uma semana se tivessem chegado a tempo.

Conner Godfrey passa pela porta, vestindo uma camisa jeans enrolada até os cotovelos. Seu cabelo louro-claro está afastado dos olhos e bem penteado. Eu me acostumei com sua bela companhia desde o início do verão, considerando que esta será sua sala de aula no próximo semestre.

Como Greg West, o antigo professor de química orgânica, brutalmente assassinado no ano passado, não estava mais disponível para lecionar, a universidade precisava de mais do que apenas um substituto para substituí-lo. O Sr. Godfrey, ou acho que o Professor Godfrey, tinha sido o orientador da escola, mas com seus vários diplomas, se ofereceu para ocupar o lugar do Sr. West.

Foi um choque para todos - bem, principalmente para todos - quando os investigadores revelaram que sua morte provavelmente se devia ao seu envolvimento com drogas. Fabricar ecstasy para menores de idade aparentemente te coloca em alguns radares obscuros.

Atribuíram isso a um negócio que deu errado, um cliente insatisfeito ou um distribuidor rejeitado. E isso foi o suficiente para os cidadãos de Ponderosa Springs. Tudo menos a verdade é bom para este lugar.

Não tenho certeza do que me irrita mais nisso.

O fato de essas pessoas serem tão estúpidas que comeriam qualquer besteira que lhes fosse fornecida ou como as pessoas podiam ver o corpo de Greg West, ver os cortes proficientes, a



desincorporação meticulosa e pensar por um segundo que alguém que não fosse um artista era responsável por sua morte.

Aquele corpo tinha sido drenado de sangue, branqueado e dissecado tão perfeitamente que não havia como um comprador descontente que usasse ecstasy ser responsabilizado. Eles não tinham habilidade ou paciência para fazer isso.

Não como *ele*.

— Paciência é uma virtude, Lyra. Acho que a espera valeu a pena, não é? Quero dizer, olhe para essas cores! — A voz entusiasmada de Conner me tira da minha cabeça, para longe de onde meus pensamentos queriam vagar, onde sempre flutuam.

Espio a cúpula de vidro antigo, a tampa colocada de lado, deixando-a aberta. Seis espécies diferentes de mariposas estão espalhadas nas laterais de um falso crânio humano que encontrei em uma loja de taxidermia.

Atlas, tigre isabella, bruxa negra, tigre de jardim, salpicado. Uma coleção de minhas mariposas favoritas estrategicamente disposta na parte superior e nas laterais do crânio. Guardei o local logo acima das órbitas para a mariposa luna. Sei que a anatomia verde pálida uniria tudo.

Eu as dispersei, criando um enxame de impressionantes criaturas aladas que seriam de tirar o fôlego assim que colocasse a tampa de vidro no topo da base e a fechasse. Um sorriso toma conta do meu rosto enquanto penso no projeto finalizado.

Briar vai adorar isso. Ah, e Silas!

Talvez a instalação me deixe levar algumas fotos para ele na próxima vez que for visitá-lo, para que possa vê-las. Na maioria das vezes, quando vou a Washington para vê-lo, nossa visita consiste em ele tentar me ensinar a jogar xadrez e eu falhar miseravelmente. Tento preencher o vazio do silêncio falando demais, mas acho que ele gosta quando falo da minha taxidermia.

Seus olhos meio que se contorcem nas laterais e, às vezes, parece

que pode até sorrir, mas isso ainda não aconteceu. Por isso, me contento com o silêncio, sabendo que minha companhia é suficiente para ele.

Não me consideraria próxima de Silas Hawthorne, não antes de tudo o que aconteceu. Ele não sabia que eu existia até o ano passado, enquanto eu sabia quase tudo que havia para saber publicamente sobre ele. No ano passado, porém, nos tornamos conhecidos. As pessoas que amamos em nossas vidas estavam conectadas, por isso estávamos próximos um do outro por padrão.

No entanto, também somos duas pessoas entrelaçadas por segredos mortais. Aqueles que sei que terei de carregar comigo muito além do túmulo. Ele e seus amigos me atormentaram brevemente. Ouvi sobre todas as coisas que fizeram em nome da vingança. Eu o testemunhei matar alguém. Ele tinha *me visto* matar alguém.

No entanto, só quando o internaram na ala psiquiátrica é que chamaria de amigos.

— É este o bordo rosado de que falava outro dia? — Conner se aproxima, e posso sentir o cheiro de sua colônia de madeira.

Algo dentro do meu estômago aquece quando percebo que ele se lembrou da nossa conversa. Admiro a forma como seus braços flexionam quando se inclina sobre o balcão, olhando mais de perto para os diferentes insetos, mas sem tocá-los. Ele conhece as regras - sem tocar.

Eu me pergunto por que alguém como ele ainda é solteiro. É atraente, bem-sucedido comercialmente e gentil. Sempre fico confusa quando olho para a sua mão, vendo-a sem uma aliança de ouro.

— Sim. Dá para acreditar que são naturalmente dessa cor? Pensaria que ser amarelo e rosa faria delas um alvo, mas não! É uma forma de camuflagem. E nem têm boca! Comem apenas como larvas e, quando chegam a essa fase, seu único foco é a reprodução. Não é loucura? — A excitação acumula no meu estômago enquanto falo, olhando para ele bem a tempo de pegá-lo olhando para mim, com um sorriso nos lábios.

Um rubor cobre minhas bochechas, e desvio o olhar rapidamente.

— Desculpe, foi muita informação desnecessária. — Engasgo uma risada nervosa.

— Não faça isso — Conner diz. — Não se desculpe por ser apaixonada por algo.

Minhas sobrancelhas se franzem enquanto arrisco olhar para trás, seus olhos castanhos chocolate perfurando os meus. Quase me faz me contorcer na cadeira, mas me contenho, sabendo que qualquer forma de contato visual me deixa desconfortável.

Não gosto do Professor Godfrey assim. Há apenas uma pessoa que quero de uma forma que consome todo o meu ser. Ninguém jamais poderia ocupar aquele lugar, mas é bom saber que alguém como ele gosta de me ouvir reclamar e falar sobre insetos.

É bom ter um amigo.

E é isso que ele tem sido para mim neste verão. Considerando que sou a única da Loner Society que ficou em Ponderosa Springs, continuei vindo para Hollow Heights, embora as aulas terem terminado, mas entendi que meus amigos precisavam sair, mesmo que fosse por alguns meses. Todos eles estavam prontos para deixar este lugar e todas as suas memórias perversas, mas não podiam. Ainda não. Não quando um deles ainda está aqui e não pode sair.

— O mundo tentará fazer isso, Lyra. Fazê-la se sentir mal por ser emocional sobre as coisas que ama, tentar ridicularizá-la por causa disso, mas não deixe. Não deixe que eles estraguem o que ama — Conner continua, dando-me um sorriso tranquilizador.

— Isso soa como algo que minha mãe teria me dito — digo sem realmente pensar.

— Ela soa como uma mulher inteligente. Agora sei de onde tirou isso.

— Ela era — murmuro, deleitando-me com a dor que se espalha em meu peito quando me permito pensar nela.

Sentindo que o assunto é delicado para mim, ele se recupera rapidamente, endireitando a coluna e esfregando as mãos.

— Bem? Vai adicionar a peça final? Ou preciso desviar o olhar enquanto termina seu trabalho genial?

Grata pela mudança, concentro minha atenção na mariposa colorida na mesa. Não é que não goste de falar sobre minha mãe. É difícil lembrar dela sem pensar naquela noite. Sem pensar no que ganhou vida dentro de mim. No que me tornei.

Fui diagnosticada com transtorno de estresse pós-traumático logo após a sua morte, o que explica os pesadelos constantes, os *flashbacks* e o medo do escuro. Tinha passado por um evento traumático. Era normal eu vivenciar essas coisas, desenvolver aquela luta mental, mas teve uma coisa que ninguém me explicou. Uma coisa que ninguém sabia, e se soubessem, não entenderiam.

Ninguém poderia me dizer por que a morte persistia dentro de mim.

Deslizando e fluindo dentro das fendas do meu esqueleto, existindo em minhas entranhas como um órgão. Um líquido preto que havia sido injetado profundamente em minhas veias se recusou a ser expelido. Tudo o que eu era antes, cada sonho, é uma memória remota.

Agora, não consigo pensar nela, naquela noite, sem me lembrar do impulso mórbido que ela gerou. Uma compulsão que arde em minha língua quando sai de minhas entranhas. Dá água na boca e meus olhos ardem.

Fui capaz de engolir essa vontade por um longo tempo. Guardá-la no meu armário e escondê-la, mas isso foi até alguns meses atrás, quando passei uma faca na garganta de alguém e senti sangue em minhas mãos pela primeira vez desde a morte de minha mãe.

Sei como é matar alguém agora, e me assusta a facilidade com que fui capaz de fazer isso. Como seria fácil para eu fazer isso de novo.

Renasco como uma nova pessoa quando minha mãe foi assassinada. Scarlett morreu exatamente como naquela noite e Lyra tomou seu lugar. Eu me tornei a rainha dos insetos, a estranha, a garota fascinada por taxidermia, entomologia e o processo de curadoria dos mortos.

Eu me tornei um fantasma. Assim como *ele* me pediu.

Minha garganta balança quando um gosto metálico familiar enxameia minha língua, mas rapidamente engulo, me concentrando na tarefa em mãos.

Com cuidado, começo a remover os alfinetes que prendem o papel de cera nas asas da mariposa. Estava meio chateada por não poder criar esta; é sempre muito mais satisfatório quando faço parte de todo o processo. Gosto de vê-las crescer tanto quanto isso, observando seus maneirismos, como se adaptam e, eventualmente, como morrem.

Torna a fixação mais interessante e mais íntima. Se as vejo crescer, viver, existir, é justo que cuide delas após suas mortes inevitáveis.

Depois que todos os alfinetes estão fora e removo o papel, uso a pinça para levantar o inseto com muito cuidado e colocá-lo no mastro central, colocando o tórax da mariposa na frente do crânio coberto com supercola quente e pegajosa.

— Não estrague tudo. — Conner ri ao meu lado, fazendo-me sorrir um pouco enquanto a mantenho firme por alguns segundos, apenas para ter certeza de que está pronto.

Quando tenho certeza de que está pronto, volto para olhar o projeto concluído.

— Acha que é demais? — Pergunto, afundando meus dentes em meu lábio inferior, me questionando. — Provavelmente deveria ter ficado com um tipo de mariposa para que o esquema de cores seja semelhante, certo? Talvez eu possa apenas refazer...

— Lyra — Conner adverte. — Pare de duvidar de si mesma. Isto é

fantástico. Estou tentado a comprá-lo para decorar o manto acima da minha lareira.

Olho para ele, os olhos brilhantes com apreciação. Eu gostaria de ser como Briar ou Sage, garotas que confiam em si mesmas sem nenhuma garantia ou uma palavra amigável aqui e ali. No entanto, cresci em silêncio. Sozinha. Uma névoa de uma pessoa com quem raramente se falava, muito menos era elogiada.

É humano da minha parte querer validação.

— Pena que vai decorar meu apartamento.

Meu olhar se volta para a porta, vendo o único rosto que esperava ver desde que ela saiu no final do semestre.

— Briar! — Digo um pouco ofegante, pulando da minha cadeira e caminhando rapidamente em sua direção. Não penso duas vezes quando jogo meus braços em volta dos seus ombros e a puxo para um abraço.

— Sabe que Sage e os meninos odeiam o Sr. Godfrey, certo? — Ela sussurra na curva do meu pescoço enquanto retribui o abraço.

Eu me encolho, já sabendo disso.

— Podemos discutir isso outra hora — murmuro. — Pensei que só voltaria na semana que vem! — Eu a empurro de brincadeira, fingindo raiva por seu retorno surpresa.

— Estava cansado de ouvir a reclamação dela sobre sentir sua falta, por isso a trouxe de volta mais cedo.

Briar joga o dedo do meio por cima do ombro, direcionando-o para a grande figura sombria encostada no batente da porta. A presença de Alistair Caldwell é difícil de detectar, como uma névoa escura que não se pode ver, mas sente. Uma vez que sabe que ele está lá, é impossível ignorá-lo.

Passo meu braço sobre o ombro de Briar, empurrando meu punho para ele. Ele levanta os nós dos dedos e os bate nos meus, jogando a cabeça para cima em saudação.

— Como foi o Texas? — Pergunto-lhe.

Ele zomba. — Quente *pra* caralho. Este lugar ainda é uma merda, rainha dos insetos?

Um apelido que havia sido usado como um insulto por muito tempo se transformou em um dos meus termos carinhosos favoritos. Sei que ele não quis me rebaixar; é à sua maneira de me chamar de amiga. Sorte, acho. No mínimo, ele não quer mais minha cabeça em uma estaca.

Os Hollow Boys não têm amigos além uns dos outros. São um quebra-cabeça de quatro peças. Onde um está, os outros certamente o seguirão. Nunca vi um laço tão forte. Tão sólido.

Por muito tempo, tive ciúmes. Agora, acabei admirando-os.

— Depende do dia — respondo com um pequeno encolher de ombros.

Nunca tinha admitido isso em voz alta para Briar, para ninguém, mas gosto de Ponderosa Springs, pelo menos partes dela. Foi onde minha mãe cresceu. Adoro as trovoadas que produz e a minha casa é aqui.

Eu poderia passar sem corrupção, escândalos, tráfico sexual e assassinato, mas há fragmentos de mim que amam este lugar, não importa o quanto tente não amar.

É diferente para eles, embora. Sei disso.

Esta cidade não fez nada além de prejudicá-los. Arruiná-los. Transformando-os em versões de si mesmos tão terríveis que tenho certeza que em algum momento se assustaram. Não sobrou nada para meus amigos aqui, não quando Ponderosa Springs os comeu inteiros.

— Deixarei você conversar, Lyra. Tenho certeza de que vocês têm muito o que conversar. — Conner caminha para o meu lado, dando um sorriso gentil antes de empurrar para a porta, acenando levemente para meus amigos. — Senhorita Lowell, senhor Caldwell.

Observo suas costas desaparecendo nos corredores vazios,

esperando até que ele esteja fora do alcance da voz antes de voltar minha atenção para Briar.

— Sage e Rook também voltaram? Como está sua mãe? Oh meu Deus, espere até ver a cabana que passei o verão inteiro decorando, quero dizer, sei que vocês dois têm um apartamento agora, mas ainda podem vir. Ainda precisamos de reuniões obrigatórias da Loner Society...

— Também senti sua falta — Briar ri, interrompendo minha tagarelice e me puxando para outro abraço.

Senti falta dela. Senti muita falta dela. Eu senti falta de todos eles.

Minha primeira amiga de verdade em anos passou o verão no Texas, visitando sua família, mostrando a Alistair onde cresceu. Sage, uma garota que vi passar pelo inferno e voltar, uma que passei a admirar como amiga e mulher, fez as malas para uma viagem pela costa com Rook Van Doren, o Hollow Boy com quem me dou bem com mais do que o resto porque ele sempre tem lanches. Houve também aquela vez em que colocamos fogo em uma árvore lendária da escola, mas isso é uma história para outra hora.

Todos eles me deixaram aqui, e eu queria ficar chateada com isso - sério, queria, as entendia.

Briar, Alistair, Rook e Sage precisavam de uma pausa da carnificina. O sofrimento constante e a dor sem fim que este lugar infligiu a eles. Apenas por algumas semanas, precisavam ser normais, para aproveitar a vida, e eu não poderia culpá-los por isso, mesmo que quisesse.

— Sage e Rook estarão de volta amanhã à noite. Vamos nos encontrar em Black Sands Cove. — Os olhos de Briar brilham com aquela travessura familiar que passei a amar e a odiar. Geralmente significa que o que quer que estejamos fazendo exigirá que façamos algo fisicamente exigente.

— A praia fica fechada à noite — digo, esperando que esse



pequeno contratempo seja suficiente para atrapalhar qualquer plano que eles tenham feito.

— Sabemos — Alistair sorri atrás dela. — Rook precisa desabafar. Estar de volta em Ponderosa Springs sem Silas aqui vai destruí-lo.

Meu coração palpita. Não temos certeza de quanto tempo Silas receberá ajuda. Considerando o quão ruim foi o surto psicótico, os médicos disseram de alguns meses a vários anos.

Parte meu coração, mas destruiu Rook. Os dois eram próximos, muito próximos, e sei que Rook se culpa por não ter percebido que ele havia parado de tomar a medicação antes.

Não sairemos amanhã à noite por nós; faremos isso para que possamos estar lá para Rook. Secretamente, acho que todos precisam disso. Todos sentem falta dele.

— Reunidos pela primeira vez desde o funeral do prefeito Donahue. Acha que Sage ficará bem? — Eu pergunto.

— Acho — Briar começa — Sage está lidando muito bem com a morte de seu pai. Ela sabe que acidentes acontecem.

Acidentes, certo.

Porque atear fogo proposital com seu pai e um agente federal dentro de sua casa foi totalmente um acidente, mas como eu disse, são segredos que levarei para o túmulo. Tenho que fazê-lo se isso significar proteger meus amigos. Não é como que não tivesse meus próprios segredos que Sage e Briar estão guardando para mim. Mantendo-os de seus namorados. Todos.

Protegemos uns aos outros e os segredos que carregamos em nossos ombros. Faz parte do acordo quando se junta à Loner Society. Pode ficar sozinho, mas nunca solitário.

— Pensamos em reatar nossa amizade com um joguinho — diz Alistair. — Pelos bons tempos.

Um jogo. Sempre um jogo.

Normalmente ilegal, e nunca falha que dilacere meus pulmões,

tentando acompanhar. Engulo o medo, não de jogar, mas de saber que meu plano está para começar, e terei que enfrentá-lo para iniciá-lo.

Não apenas me esconder nas sombras e observá-lo em silêncio. Não, terei que ficar na sua frente, usar minhas palavras e pedir o que eu quero.

Meses atrás, ele veio me procurar. Uma dívida liquidada, disse ele, mas ainda não terminei com o Príncipe da Morte. Mal comecei. Ele me negou na primeira vez que pedi um favor, mas me recuso a aceitar um não como resposta.

Amo ser a fantasma dele, mas agora, eu quero que ele me veja.

Não é o suficiente assombrá-lo. Eu preciso mais dele.

— Qual é o jogo?

Briar sorri. É amplo, cheio de emoção e faz meu estômago revirar.

— Pega-pegas.

## A EXPOSIÇÃO

### Thatcher

Cada cidade tem uma história de fantasmas.

Uma que é contada nas festas do pijama das crianças e nas noites passadas circulando em torno de uma fogueira crepitante. Uma história que se transformou em uma mentira quase inacreditável ao longo dos anos, mas, em sua essência, carrega alguma forma de verdade.

Meu sobrenome é essa história.

O solavanco na noite. O bicho-papão no armário. O barulho de arranhar na parede.

Minha família havia se tornado um mito centenário destinado a assustar os residentes de Ponderosa Springs; uma lenda que, segundo rumores, começou quando a cidade foi fundada. Os Piersons, sendo uma das famílias fundadoras, estabeleceram uma reputação de frieza e expectativas inalcançáveis. Outros ficaram tão assustados que só nos permitiram um pedaço da cidade por puro terror do que lhes faríamos se não recebêssemos nossa parte justa.

Existem muitas histórias de origem diferentes. Algumas das mais rebuscadas afirmavam que éramos vampiros ou alguma outra forma de criatura demoníaca e desumana que se alimentava de almas puras. Posso apreciar a criatividade, especialmente considerando que a verdade é muito mais chata.

Meus predecessores eram isolados. Não compartilhavam com os outros, a menos que fosse absolutamente necessário, e a confiança não era algo que davam livremente. Falavam rapidamente e em pequenas quantidades.

Esse comportamento secreto deixava os outros desconfortáveis; mais do que isso, os deixava com ciúmes. Quando as pessoas de mente fraca não recebem atenção daqueles que estão no topo, tentam arrancar a coroa, destruir o trono tirando conclusões infundadas e rumores fora de ordem. Tudo o que podem fazer para derrubar alguém.

Como cachorros brigando por restos de comida.

Infelizmente para essas pessoas inseguras, só conseguiram elevar mais alto o nosso legado. Tudo o que conseguiram foi deixar as pessoas com medo de nós, o que funcionou a nosso favor.

As pessoas servem às coisas que temem.

A cidade de Ponderosa Springs nos temia mais do que qualquer outra coisa. Tanto que o terror continuou anos depois. E por um tempo, todos esses contos horríveis foram apenas ficção, folclore cheio de fofocas criado por cidadãos entediados da cidade.

Até que um dia não foi. Até que um dia, por causa do meu pai, minha família provou que cada narrativa aterrorizante era verdadeira.

Menos os vampiros.

Minha cabeça começa a balançar para frente e para trás enquanto meus longos dedos acariciam as teclas de marfim. Música elegante flutua em meus ouvidos enquanto trabalho no piano, fazendo cócegas no instrumento até que ria da melodia em que estou trabalhando no momento. Chopin, embora acredite que ele seja superestimado, foi um dos primeiros compositores que aprendi a dominar no piano de cauda branco *Steinway & Sons*, um presente de aniversário antecipado que minha avó me deu quando eu era jovem. Mesmo assim, sabia que a adição da cor vermelho-cereja na tampa, na mesa de música e no bastão de suporte não era uma coincidência.

Ela conhecia minha cor favorita. Sabia porque eu gostava tanto.

O movimento chama minha atenção por apenas um segundo, meus olhos se abrindo brevemente enquanto olho para o lado esquerdo do porão, minha pequena câmara de imoralidade, e percebo

que meu público de um único membro começou a acordar de seu sono.

Não preciso estar lá para ver o medo em seus olhos. Imagino que alguém entraria imediatamente em pânico quando acordasse e se descobrisse incapaz de se mover, amarrado a uma maca de metal congelante vestindo nada além de cuecas boxer.

A paralisia temporária deve continuar funcionando por pelo menos mais quinze minutos, o que parecerá anos para meu amigo Walter Hendricks. O buraco K no qual ele se encontra atualmente tropeçando não é agradável. Eu pessoalmente nunca entendi a necessidade de perseguir altos artificiais ou por que as pessoas estariam dispostas a tomar uma droga veterinária apenas para experimentar alucinações oníricas.

Decidindo deixar Walter em pânico um pouco mais enquanto a cetamina faz seu trabalho, volto minha atenção para o piano. Continuei a peça mesmo depois de desviar o olhar, mas como diria meu falecido instrutor de música — *Se você não é consumido pela música que toca, como espera que os outros sejam?*

Posso praticamente sentir sua bengala golpeando minhas mãos, as cicatrizes fracas em minhas mãos evidentes de seus ensinamentos superiores. Fazia anos que meu professor de piano não batia em meus dedos, mas ainda podia sentir o sangue que escorria de minha pele para o instrumento. Tirando a dor brutal, gostava de brincar com o sangue em meus dedos. Tornou o deslizar pelas teclas mais fluido. Parecia certo.

Quando volto a me concentrar, percebo que as próximas partes não *parecem* certas. Olho para a partitura exibida no suporte de música, franzindo as sobrancelhas. Parando completamente, tiro o lápis de trás da orelha e apago algumas anotações.

Olho para as linhas agora em branco e mexo meus dedos nas teclas, me perguntando, como soava a música em minha mente quando peguei Walter do lado de fora daquele bar.

A noite estava quente em minha pele, e podia sentir o cheiro

pungente de cigarros flutuando de dentro do bar barato. Meu batimento cardíaco estável enquanto eu o observava sair pela porta dos fundos, seu terno preto amassado pelo desgaste do dia e pelo material barato de que era feito.

Posso identificar um terno de má qualidade a um quilômetro de distância, mas aposto que as pessoas com quem ele se cerca dentro daquele bar duvidoso acham caro. O pensamento me faz zombar.

West Trinity Falls não reconheceria um terno de grife se crescessem braços e lhe batessem na cara. Deus, só de pensar em estar naquela cidade me faz sentir sujo.

Nem sempre espero nas sombras quando faço isso. Às vezes, entro onde quer que esteja meu alvo da noite e me sento. Talvez em uma mesa enquanto os observo silenciosamente, ou quando estou com disposição para isso, vou convencê-los direto para minha teia.

No entanto, desta vez, esperei no escuro, na penumbra daquele beco vil, esperando o momento perfeito. Quero que a música flutuando do instrumento traduza isso. Quero que conte a história sem palavras, um movimento lento e lírico que contrasta com a primeira forma que criei dias antes, uma peça que me permite mostrar a beleza do meu toque.

Esta forma, *Caccia*, é a caça. Precisa se traduzir em um predador perseguindo sua presa. Uma vítima desconhecida caminha simplesmente até o carro sem nenhum senso de perigo. As notas, no começo, começam lentas, uma inclinação suave, e agora preciso que sejam mais pesadas.

Quero que as teclas cantem a memória da minha mão envolta em luva de couro. Preciso ouvir nas notas como ele lutou contra mim pouco antes de eu perfurar sua pele com a agulha. Como seu corpo caiu fraco com a droga e em meus braços. Como foi fácil pegá-lo, como foi bom ser tão talentoso no que faço.

Quero sentir isso.

Quero reviver esses momentos toda vez que seleciono o concerto

de Walter da minha coleção. Deixaria que os sons fluidos me levassem de volta àqueles momentos para que pudesse experimentar sua tortura novamente. Preciso senti-lo deslizar em minhas veias corruptas.

Até acertar, não sairei deste banco. Não exijo nada menos que a perfeição de mim mesmo. A frustração me morde.

— *Seu pai já teria terminado agora.*

Uma voz que desprezo fala de dentro de mim, e aperto meu punho em torno do lápis, sentindo o material fraco se curvar em minhas mãos. Meu pai, quero dizer, nunca poderia fazer algo tão impressionante. Ele matava mulheres porque queria, pegava as mechas de seus cabelos como lembrança e não tinha visão criativa. Ele estava abaixo de mim. Um ninguém em comparação comigo.

Eu sou um artista.

Tudo o que ele desejava ser, mas nunca teve a habilidade para alcançar.

Ouçó um resmungo de desespero, e é o suficiente para me fazer recuar de onde minha mente viajou. Henry Pierson era a última coisa em que eu queria pensar quando estava no meu porão.

Tomando uma respiração profunda muito necessária, inspiro o cheiro de soda cáustica. O leve cheiro metálico me acalma. A cuba de líquido fervente cuidadosamente arrumada no canto perto do banheiro, uma decisão consciente que tomei para facilitar a limpeza. Se eu não conseguir acertar essa combinação, não poderei passar para a forma final, e isso não pode acontecer.

Recuso-me a deixar uma peça inacabada.

De novo não. Nunca mais.

Um trabalho incompleto foi o suficiente. Não tinha vontade de acrescentar mais nada.

Trabalho em silêncio por mais alguns segundos, anotando cuidadosamente as novas notas que acho que se encaixarão melhor e começo a tocar desde o início. Passo pela ponte, um sorriso lento se

formando em meus lábios enquanto me aproximo do final da música.

É um espectro de ruído sombrio, redondo, escuro e rico. Anteriormente, era plano, mas agora está exatamente onde preciso que esteja. Uma memória viva, respirando e perversa que criei.

Os murmúrios de miséria e confusão de Walter se misturam com as últimas notas da música. Um arrepio me percorre a coluna vertebral e, de repente, estou morrendo de fome. O ar fica parado e a sala cai em um silêncio profundo.

Sinto a coisa dentro de mim rastejar para fora de sua caverna, rançosa e arreganhando os dentes, pronta para se banquetear com o corpo que garanti para ela. Quando o piano para, quando meus dedos param de se mover eloquentemente sobre as teclas, é quando o show para.

Não preciso mais fingir que sou tudo menos isso. Finalmente estou em harmonia comigo mesmo e com o que sou. Embora nunca me esconda, mesmo quando estou em público, aqui neste refúgio sinistro que construí, estou em paz.

Com aquela fome me impelindo, me levanto do banco, inclinando minha cabeça para a esquerda e depois para a direita, ouvindo um estalo satisfatório. Meus dedos avançam em direção ao punho da minha camisa Tom Ford.

— Walter, acredito que sua morte será meu melhor trabalho até agora. — Cantarolei, tomando meu tempo para arregaçar ambas as mangas, expondo as veias de cor violeta cobrindo meus antebraços.

As drogas que injetei em seu pescoço começaram a passar o suficiente para que seus olhos estejam arregalados e alertas, mas ele ainda não recuperou a função total de seus membros. Os saltos dos meus sapatos italianos de couro estalam nos mosaicos vermelhos do meu chão, um padrão de acabamento brilhante e fosco.

— O q-que... — ele gargareja, tentando se lembrar de como suas cordas vocais funcionam. — O-que...

— Desejo desesperadamente que vocês façam perguntas mais



originais quando recuperarem a consciência. — Reviro os olhos, contornando a maca de metal que reflete o farol acima de nós. — Por que sentem a necessidade de perguntar a mesma coisa? Isso realmente o deixará à vontade se eu lhe disser quem sou? Ou o que está fazendo aqui?

Estalo minha língua, balançando a cabeça enquanto ele continua a tremer e definhar nas amarras. Todas elas, minhas vítimas, são todas iguais, todas fracas e alguém tão convencido de que sairá daqui vivo.

— Que tal eu te contar outra coisa. — Cuidadosamente pego minha bandeja, uma que tem todos os meus brinquedos favoritos espalhados por ela. — Que tal eu te dizer que não importa quem ou o quê, você sempre acabará aqui. À minha mercê. Isso te acalma de alguma forma?

Meus dedos roçam as lâminas que selecionei esta noite. Um caçador bem treinado e habilidoso apreciaria minha escalação. Todas as facas de carbono são um sonho para quem quer esfolar um cervo ou alguma outra criatura caçada por esporte.

Um formigamento se acumula em meu estômago, e se eu pudesse sentir emoção, isso seria a coisa mais próxima da alegria, acredito. Não saberia exatamente porque crescer como uma história de fantasmas significava uma existência solitária.

Nasci com a morte como sombra pessoal.

A morte, ou pelo menos, o mal absoluto, investiu no ventre de minha mãe na noite em que fui concebido. Algo perverso e monstruoso me criou, infundiu minhas veias com instintos predadores e um delicioso apetite por sangue.

Eu nasci um psicopata.

A morte manifestada em um humano.

O bicho-papão embaixo da sua cama e vizinho no seu quintal. Eu sou quem te faz trancar as portas à noite e se apegar um pouco mais aos seus filhos.

Não me importa muito o que os psicólogos ou investigadores

criminais têm a dizer sobre o assunto. Todos os artigos e dissertações dizem as mesmas coisas. Ninguém nasce com psicopatia, dizem. As pessoas não são geneticamente amaldiçoadas no útero. É algo que se aprende, que se absorve e se testemunha.

Embora eu seja sempre o primeiro a concordar com afirmações lógicas como essas, também sou a prova viva do contrário. Portanto, eles estão errados. Suas teorias estão erradas.

No entanto, entendo por que tranquilizariam a população. Dá muito menos medo acreditar que os humanos nascem puros e inocentes. Que com amor e carinho as pessoas se tornem gentis. Tecnicamente falando, se todas as crianças fossem tratadas com carinho, poderíamos acabar com os psicopatas e sociopatas de uma vez.

A verdade é que fui feito assim. Nasci com as ferramentas perfeitas para me transformar em um assassino, e isso é muito mais assustador. Sabendo que não há como parar isso, parar a nós, aqueles que nascemos com esse desejo bombeando através de nosso sistema. Sabendo que não importa o que faça ou quanto amor tenha para dar, algumas pessoas são feitas apenas para erradicar vidas. Feitas para cortar. Para fazer os outros sangrarem.

De que outra forma se explica minha quietude quando criança? Minha avó disse que a única vez que chorei quando criança foi no momento em que vim ao mundo e, depois que fui limpo, enfaixado e entregue a minha mãe, todos os sons deixaram de existir. De que outra forma se explica minha falta de emoção, de sentimento por qualquer pessoa, inclusive por mim? Minha lealdade é inigualável - faria qualquer coisa pelo bem das pessoas que me cercam, mas isso não significa e nunca significará que eu me *importo* com elas.

Minha família demorou um pouco para entender essa dura realidade, mas depois que meu avô me pegou no quintal arrancando os membros de insetos, soube que finalmente me aceitariam pelo que eu era.

Uma abominação. Um monstro. Um assassino.

A coisa que meu pai esperava desesperadamente que eu fosse. Embora seus ensinamentos e conselhos parentais fossem mórbidos, ele era a única pessoa que entendia o que eu era. Mesmo que fosse parcialmente a razão pelo qual me tornei assim.

Quando cheguei ao ensino médio, não tinha mais permissão para brincar com outras crianças. Seus pais reclamavam que minha presença perturbava a mente de seus pequenos inocentes. Não muito depois do meu nascimento, minha própria mãe decidiu que o filho que havia criado não era o que ela havia planejado. Ela foi embora logo depois do meu primeiro aniversário, segundo meu pai.

Eu era bizarro. Esquisito. Estranho. Uma criança excepcional com uma imaginação obscura, diriam os professores. Não havia e ainda não há uma única pessoa que não tenha se assustado com a minha presença, e honestamente? Gosto disso. Gosto muito.

— O que quer? — Ele diz, finalmente encontrando seu equilíbrio, o que sempre torna isso muito mais interessante. Significa que seus gritos serão cristalinos. — Que *porra* você quer?

— Recorrer a palavras. — Eu chupo meus dentes, pegando uma das facas menores, girando-a entre meus dedos. — Não é assim que fica do meu lado bom.

Antes de dar a Walter a atenção que ele merece, pego meu controle remoto e clico em Play. Bach flutua pelos alto-falantes do rodapé e tudo começa a se encaixar. Tento me imaginar daqui a dez anos, quando terminar a faculdade de medicina. Pronto para cortar alguém por um motivo completamente diferente do que estou agora. Vestido com uniforme, com algo clássico tocando na sala de cirurgia.

Cortar com a intenção de salvar vidas me daria a mesma satisfação que estou prestes a ter? Cortar carne para fins medicinais seria suficiente para conter meu hábito insaciável?

Não sou muito otimista, duvido. Altamente.

Pressiono o botão Iniciar no gravador, colocando-o de volta na minha bandeja e verificando duas vezes para ter certeza de que a luz

vermelha está acesa no canto superior direito. Cresci com meus erros anteriores, quando ainda tentava descobrir do que gostava. Minha rotina. Meu processo. Depois de apertar o botão errado com uma de minhas vítimas anteriores, agora eu checo novamente para garantir.

O que é um concerto sem orquestra?

Um assassino com os gritos de suas vítimas?

Uma vez o som de Lacrimosa, olhando para o pedaço de gordura deitado nele. Está suando. Uma quantidade anormal, tanto que acho que ele pode ter hiperidrose. Ainda não sou médico, mas já matei seis pessoas até agora, e nenhuma delas transpirou tanto.

— Walter, o que aconteceu com aquele físico de quarterback que adora lembrar às pessoas? Não há nenhuma maneira possível de você levar alguém para uma caminhada curta, muito menos um campeonato estadual.

Levo meu tempo olhando para seu corpo mal coberto. Cabelos quebradiços cobrem seu peito e estômago, uma barriga grande e tem um rosto vermelho-escuro que me lembra um balão prestes a explodir. Ele me deixa doente, um desperdício de espaço, e pensar que ele se considerava como eu. Nunca poderia ser eu. Ele nunca poderia fazer as coisas que faço no nível de que sou capaz. Os policiais estavam a semanas de pegá-lo e jogar a chave fora. Os investigadores federais levariam uma vida inteira para sentir meu cheiro.

— Como me conhece? — Ele diz, com a boca seca. — Quer dinheiro? Eu posso...

— Por favor, não se envergonhe. Você não poderia me pagar.

Abro meus braços no espaço ao meu redor, desde os pisos personalizados até a estátua ridiculamente cara no canto. Este porão, minha fatia de harmonia, custa mais do que a maioria ganha na vida. — Olhe ao seu redor - parece que preciso do seu dinheiro?

Meus dedos seguram o cabo da faca de caça, apontando a ponta para baixo em direção ao rosto de Walter. Eu arrasto apenas a borda ao longo do lado de sua bochecha, a lâmina tão afiada que posso

senti-la cortando sua barba granulada.

— No entanto, como não sou um monstro completo, responderei à sua primeira pergunta. — O cabelo da minha nuca se arrepiava quando sinto como seria fácil estripá-lo como um porco e ver o sangue escorrer de seu estômago. Como é muito simples acabar com a sua vida, assim, com um movimento do meu pulso.

O poder surge em minhas veias. Controle e desejo giram juntos dentro de mim, criando a melhor euforia natural que alguém pode experimentar. Não há sensação melhor do que esta. Sabendo que estou no controle total de seu destino, sabendo que *ele* está à minha mercê. Que é impotente e patético. Abaixo de mim em todos os sentidos. Ele nunca será o que eu sou.

— Merda... — ele sibila. — Por favor, não faça isso. Eu tenho uma filha.

O desejo ameaçou me derrubar, a sensação avassaladora de tudo ao meu redor tão intensa que não percebi que minha lâmina havia cravado em sua bochecha apenas o suficiente para tirar sangue.

— Jessica — digo, respirando fundo e puxando a borda de seu rosto. — Certo? Ela fará quinze anos em dezembro.

Seus olhos brilham, resplandecentes e horripilantes de medo. Ele engole todo o seu corpo e me enche de calor. Quero que ele morra com medo, assustado e tremendo. Logo antes de dar seu último suspiro, ele saberá como é a morte real. Como o verdadeiro medo prova em sua língua.

— Não toque nela — ele resmunga, empurrando contra as amarras das quais não tem chance de escapar. Aprendi a arte de fazer nós quando era muito jovem, uma das muitas lições que meu pai me ensinou e que eu mesmo aperfeiçoei.

Meu pai era bom no que fazia. Eu era melhor.

— Eu nunca faria isso. Adolescentes, crianças em geral, são para um grupo adquirido de covardes. — Eu sorrio para ele. — Alguém como você. Não é, Walter?

Giro a lâmina entre meus dedos, concentrando minha atenção em sua mão. Levanto o braço pesado, inspecionando as linhas e cicatrizes, meus dedos enluvados tentando encontrar um ponto de partida.

— O quê? O que está...

— Não desperdice meu tempo — sibilo, rangendo os dentes enquanto dobro um de seus dedos em uma direção impossível. — Eu odeio mentirosos, Walter. Tente não piorar as coisas para você, me irritando.

Ele grita de dor, mas eu ignoro, liberando meu aperto no dedo gordinho antes de levar a faca à ponta de seu dedo indicador.

— Como eu te conheço? — Murmuro, sentindo meus dedos enrolarem enquanto cravo a borda fundo o suficiente para que deslize por baixo de todas as camadas da pele, e então começo a barbear para trás, certificando-me lentamente de que o corte é preciso. — Eu te conheço porque pensa que é como eu. Diga-me, ama tanto sua filha que mata garotas que se parecem com ela? É assim que demonstra seu amor, Walter?

Não tenho certeza se ele me ouve, não sobre o som ofuscante de seus gritos enquanto a dor lancinante irradia por seu corpo. As mãos estão cheias de nervos, infelizmente para ele, por isso sente cada centímetro da lâmina deslizando por sua carne.

O sangue jorra da ferida como uma fonte. Jorrando e escorrendo na mesa metálica abaixo, torna a visibilidade difícil, mas posso sentir o puxão de sua pele na faca. Eu mantenho minha mão firme, sem uma oscilação ou tremor à vista enquanto exponho seus músculos e ossos ao ar livre.

Todos aqueles nervos protegidos atacados pelo ar frio daqui devem estar miseráveis. Eu quase desejo que pudesse me sentir mal por ele. Quase. Os deliciosos gritos de agonia fazem meus ouvidos zumbirem, vibrando os tambores por dentro.

É melhor que Bach. Melhor que Mozart e Brahms.

Esta é a minha forma favorita de música.

— Continue gritando. — Eu falo alto. — Só está fazendo isso para meu benefício. Está apenas me animando, me fazendo querer te esculpir mais fundo.

Termino de esfolar todo o seu dedo indicador, passando para o próximo, admirando a maneira como seus ligamentos combinam com o azulejo do meu chão. Cordões firmemente enrolados de tecido elástico resistente brilham sob a luz áspera acima de nós.

Isso é muito diferente de estudar livros e diagramas. Nada se compara a ver a anatomia humana com seus próprios olhos. Sentir o sangue pegajoso escorrendo pelas mãos e o cheiro de ferro no ar. Sabendo que é o portador da dor e da morte.

Eu submerjo no processo, no belo sangue e carnificina. Foi para isso que fui feito. Meus dedos longos e ágeis foram fabricados para infligir tortura. Fui projetado para matar.

Admiro meu trabalho. Sua mão inteira está completamente esfolada e em carne viva, a pele esvoaçando sobre e sob seu pulso. Eu rio pensando em como isso me lembra da banana que descasquei esta manhã no café da manhã. Sempre me surpreende a aparência do corpo humano em seu estado natural.

— Ei, nada disso — digo, batendo no lado do rosto de Walters para trazê-lo de volta à realidade, seus olhos lutando contra o desejo de fechar. — Quero que fique acordado. Fale comigo. Eu fiz uma pergunta antes - você mata garotas por causa de seu amor por sua filha? Ou é porque tem secretamente um daqueles fetiches nojentos por sua própria família?

Lágrimas escorrem dos cantos de seus olhos e seu corpo treme. A palidez tomou conta de seu tom de pele, e sei que é porque está entrando em choque. A perda de sangue cobrando seu preço. No entanto, ele deve durar pelo menos até o ombro antes de sangrar. Talvez, se eu tiver sorte, ele ainda esteja consciente quando eu começar a outra mão.

— Eu... — Ele engasga com um soluço. — Desculpe. Não pude evitar. Não posso controlar isso. Desculpe.

Odeio esta parte. Acontece todas as vezes. O pedido de desculpas por suas ações. As desculpas.

*Estou doente.*

*Preciso de ajuda.*

*Não posso controlar isso.*

Todos eles morrem expiando seus crimes, esperando que algum deus os perdoe em seus minutos finais para que não passem a eternidade em algum inferno eterno. É patético.

— Você me dá nojo — digo distraidamente, cravando um pouco fundo demais em seu antebraço com a lâmina. Rapidamente troco o bisturi por uma faca mais grossa, algo que os caçadores chamam de *gut hook*, um tipo especial de lâmina em que a espinha tem um semicírculo afiado cravado nela. Pego um pedaço de pele exposta, enterrando-se sob a última camada logo acima dos músculos, e começo a separar a carne do osso.

Carmesim nubla minha visão.

— Você deveria se desculpar — resmungo — não pelo que fez, mas por chamar a si mesmo de assassino. Você não é um assassino, Walter. Não um bom. Nem mesmo perto. É um covarde com problemas com a mamãe.

Embora minhas palavras se tornem mais cruéis, minha mão permanece consistente. Seria fácil cortá-lo como ele fez com todas aquelas garotas. Isso exigiria habilidade e esforço zero.

São precisos anos de disciplina e prática para permanecer no controle. Manter-se firme e se recusar a deixar que o desejo sanguíneo de acabar com ele assumo o controle. Isso requer maestria.

E eu conquistei a arte de matar desde muito jovem. Como não poderia? Quando seu pai é um assassino em série, determinado a nunca deixar seu nome morrer, se torna o que conhece.

Criado por um monstro. Torna-se um monstro.



Meu pai matava porque tinha raiva das mulheres. Não controlava seus impulsos. Eu mato outros assassinos, não por algum complexo de moralidade ou por sentir necessidade de salvar pessoas, de tornar o mundo um lugar melhor.

Não, não sou o vigilante moralmente cinza.

Eu mato outros assassinos em séries porque vivo pela emoção de ser mais esperto que eles. Todos eles. De provar repetidamente que sou o melhor. Ninguém é melhor em trazer a morte do que eu.

Ele queria possuir o meu legado. Queria possuir o fato de que criou essa *coisa* dentro de mim. Porque foi isso que Henry Pierson fez - ele era dono de pessoas. E agora que está na prisão, sou sua última esperança de notoriedade e fama.

E no entanto, me recuso a permitir que alguém que não seja igual a mim possua qualquer coisa minha. Não mais.

— Mas esta noite — respiro, observando-o sangrar diante dos meus olhos. Ele não ficará na terra dos vivos por muito mais tempo. — Esta noite, Walter, será derrotado pelo melhor. Um excelente. E esse é um privilégio que deve lhe trazer conforto.

Chego ao topo de seu braço, expondo seu ombro quando ouço o barulho em seus pulmões. Meus movimentos param quando encontro seus olhos, pairando sobre seu rosto, certificando-me de que meu rosto seja a última coisa que ele vê antes de ir.

Como a noite fria e rápida, a morte lhe chega. A vida se esvai de seus olhos bem na minha frente, um pequeno interruptor desligado dentro dele.

Assim, minha contagem vai de seis a sete.

O êxtase flui em minhas veias, um concerto feliz de emoção fluando sobre mim. Peguei a bobagem infantil de meu pai e criei algo intocável.

Havia me tornado um orquestrador do medo. Um maestro da dor. Eu componho a morte.

Ao contrário do que as pessoas acreditam, a maçã caiu muito longe da árvore perversa.

Porque eu nunca quis ser meu pai. Nunca quis ser como ele.

Eu queria ser melhor.

E sou.

# TRÊS

## UMA OBSESSÃO DOENTIA

### Lyra

Todo mundo sabe que as chamas atraem mariposas.

Lâmpadas luminescentes brilhantes em sua varanda ou postes altos e amarelados na rodovia. Centenas de criaturas aladas se reunirão em torno de raios suaves que emergem na noite.

Os insetos noturnos acumularam conhecimento ao seu redor. Funcionam por orientação transversal, mantendo uma fonte de luz constante em um determinado local em relação ao seu corpo para orientá-los em sua jornada. Essa luz é normalmente o brilho da lua; a lua é sua estrela do norte. A sua bússola.

No entanto, uma situação mais sinistra é que as mariposas são hipnotizadas pelas luzes, seguindo o brilho até a morte. Como uma versão melancólica de Romeu e Julieta, o coração de uma lâmpada e uma mariposa é uma atração fatal, mas ninguém fala sobre isso.

Casais são comparados a mariposas e chamas o tempo todo. Atraídos um pelo outro, magnéticos. Aposto que se eles soubessem o verdadeiro motivo, não seria tão doce. Não para pessoas normais. Criaturas que ficam fascinadas por luzes brilhantes são comidas por predadores ou superaquecidas. Não são atraídos pelo amor ou por algum apelo profundamente enraizado; são atraídos pela morte.

Mesmo que a mariposa saiba conscientemente que ficar tão perto do brilho da luz irá matá-las, elas vão de qualquer maneira. Não podem ajudar a si mesmas. São viciadas.

Acho que o torna mais romântico. Elas arriscariam morrer só para chegar perto. Apenas para aproveitar a luz por alguns segundos, mesmo que a morte as espere ao virar da esquina.

No lado positivo das informações factuais sobre as mariposas, algo que muitos não sabem sobre os *lepidópteros* é que algumas espécies não resistem a doces. São otárias para doces fermentados. Quando preciso coletar mais alguns espécimes para um próximo projeto, saio com uma jarra de bananas misturadas com melaço e cerveja velha. Então derramar um pouco em alguns troncos de árvores diferentes e esperar.

O número de belezas aladas que saem para provar é fascinante.

Talvez seja por isso que as mariposas são meu inseto favorito, por que as aprecio tanto. Temos duas coisas muito importantes em comum.

Nosso amor por doces e nossa obsessão por coisas que nos querem mortos.

Temos esses corações viciantes.

Era assim que minha mãe costumava chamá-lo.

Quando amo algo, amo com todo o meu ser. O órgão pulsante em meu peito se torna esse demônio pelas coisas que gosta. As coisas que precisa. Não transmito emoções suaves e gentis como os outros. Meu coração é uma coisa poderosa, mamãe me disse uma vez antes de dormir. Forte e com tanto amor que poderia afogar cidades e impérios. Não sabe fazer outra coisa senão sangrar pelas coisas que me dão alegria.

Ela terminou me dizendo que era uma coisa perigosa de se conviver, mas também um presente. Um que devo ter cuidado com quem o recebe, porque poucas pessoas saberão o que fazer com um coração como o meu.

Eu, é claro, não entendia o que poderia ser perigoso em gostar da maneira que gostava. Especialmente quando as coisas que amava eram coisas como doces, contos de fadas e tempestades. Que mal poderia advir desse tipo de coisa? Algumas cáries e cabelos molhados em troca de felicidade pareciam um bom negócio em minha mente.

Agora, porém, são cinco da manhã e estou pensando em como é

difícil ter um coração como o meu. Meus membros sonolentos e olhos cansados não concordam com o que estamos prestes a fazer. Até meu cérebro tentando desesperadamente puxar de volta a coleira enrolada no instrumento em meu peito.

*Mais três horas de sono, Lyra. Mais três horas de sono, depois podemos nos levantar e comer aqueles waffles de cereja preta que tanto ama no Tilly's,* é tentar barganhar, me convencer a desistir de um vício por outro, mas meu cérebro é ingênuo e deveria saber melhor. Minhas costelas não são uma gaiola forte o suficiente para me manter longe da única coisa que quero mais do que qualquer outra coisa.

Nunca mais tocaria em outra cereja, nem que fosse para ficar perto dele por uma hora. Não haveria mais contos de fadas antes de dormir, desde que eu pudesse respirar seu cheiro familiar. Não há nada que eu ame mais do que ele. Nada que eu seja mais viciada. O valor de uma vida inteira de todas as minhas coisas favoritas não seria igual a um momento passageiro com ele.

Por isso, esse coração inconstante e obsessivo me obriga a levantar antes do sol, mas vale a pena.

Para vê-lo.

Para sentir sua energia. Estar perto dele.

Desço a estrada deserta em uma perna, tentando calçar meu sapato corretamente, grata por não haver ninguém passando para me ver foder meu caminho de volta para uma corrida constante. Parei por apenas um segundo para recuperar o fôlego e verificar o dano no meu calcanhar direito. Todo mundo sempre fala sobre essa maravilhosa sensação do corredor, mas ninguém menciona as bolhas. Tantas bolhas, porra. Depois de aplicar outro Band-Aid na ferida dolorida na parte de trás do meu pé e ajustar meu sapato, estou de volta aos trilhos.

Durante este verão, comecei a fazer corridas matinais. Nunca fui fã de correr. Sempre fui péssima nisso, e no dia em que fomos obrigados a correr 1,5km na aula de ginástica do ensino médio, sempre fingia estar doente ou forjava um bilhete de minha família

adotiva dizendo à escola que eu tinha asma.

Por isso, embora deteste esse sentimento, todo mundo sempre diz que a única maneira de melhorar em algo é por meio da repetição, então é isso que estou tentando.

Depois do que aconteceu na primavera, estava cansada de estar sempre sem fôlego, sempre atrasada, tendo que me esconder, sendo fraca. Correr de predadores nunca foi uma habilidade que eu precisava ter até recentemente. Ultimamente, tenho trabalhado músculos nas pernas que nem sabia que existiam apenas para me manter viva.

Descobri também que embora doa levantar da cama todas as manhãs e meus pulmões sempre ardam, meus passos pesados contra o chão afogam o fluxo constante de pensamentos, ajudando minha mente inquieta que não sabe como parar.

Gostaria de poder dizer que foi por essas razões saudáveis e progressivas pelas quais comecei a fazer isso. Que precisava de algo para desanuviar minha mente ou queria que meu corpo estivesse melhor equipado para fugir daqueles com intenções maliciosas.

No entanto, infelizmente, estaria mentindo.

Olho para o meu relógio, o que comprei especificamente para isso, e vejo que estou alguns minutos adiantada, o que é novo para mim. A tela sensível ao toque do meu relógio em volta do meu pulso também me diz que estou me aproximando do quilômetro três, que são os três quilômetros que acrescentei à minha manhã para estacionar a uma distância segura para que ninguém veja meu carro.

Cortando o lado da estrada para evitar a entrada às vezes lotada, desvio de algumas árvores, passando por arbustos bem aparados antes de emergir ao lado da trilha que serpenteia pelo Ponderosa Springs Park Arboretum.

Os jardins botânicos estão em plena floração, repletos de cores ao longo das margens das lagoas artificiais que estão estrategicamente dispostas ao redor da trilha circular de 3,7 quilômetros. Moradores e

visitantes frequentam este espaço durante as manhãs de verão, o que significa que geralmente está cheio de pessoas correndo, caminhando rapidamente enquanto fofocam ou crianças olhando para a água, tentando avistar o máximo possível de vida selvagem.

Posso ouvir sapos coaxando e o doce som de pardais cantando alto através da névoa úmida. Existem lugares piores para se estar, mesmo que seja gasto bombeando meus braços até que pareçam gelatina.

Casualmente caminho para a trilha pavimentada, misturando-me com madrugadores já aqui, que felizmente não notaram que aparecia das árvores, o que não é fora do normal. Acho que ficaria mais chocada ao descobrir que alguém me notou em vez do último.

Olhando para o meu relógio uma última vez, faço uma contagem regressiva de sessenta em minha cabeça. A excitação lateja em meu estômago, tão forte que tenho medo de brilhar. Puxo meu gorro ainda mais para baixo na minha cabeça, o material se esforçando para manter todo o meu cabelo preso dentro.

É fácil usar trajes de corrida sem graça, mas manter a juba de cachos na minha cabeça escondida é um obstáculo completamente diferente. Preciso me misturar, me fundir com o que está ao meu redor, o que se tornou uma espécie de segunda natureza para mim neste momento.

Fiquei tão boa em me esconder que é impossível alguém me ver. Uma fantasma pairando pelos espaços, movendo-se pelas salas com apenas um segundo olhar em minha direção.

Isso, porém, mudará. Vou me certificar disso. Hoje não fazia parte do plano, mas não pude evitar. Mesmo que ele concorde com meus termos, ainda continuarei a vê-lo quando ele pensar que está sozinho. Ainda querei ser a pequena *voyeur* na parede de sua vida.

Esta noite na enseada mudará tudo para nós. Posso sentir isso, mas agora, ainda sou apenas a sua fantasma e ele o garoto que amo assombrar.

Meus pés batem contra a ponte de madeira em arco, a água abaixo coberta por um fino véu de névoa. Assim que chego ao Pico e minha contagem chega a dezesseis, sinto-o. Se eu entrasse em uma sala escura como breu com os ouvidos tapados, ainda poderia identificá-lo no meio de uma multidão de pessoas.

O véu da escuridão me envolve como uma segunda pele. Apaga toda a luz, envolvendo-me em uma rede escura, mas não é intimidante. É reconfortante, um cobertor da morte para proteger do frio congelante.

Arrepios fazem cócegas em meus braços, e os cabelos da minha nuca se arrepiam. O topo de seu cabelo loiro-gelo aparece na entrada sul, a poucos metros de mim. Estou com ciúmes de como ele faz parecer que está correndo sem esforço. Com que fluidez se move pelo ar, como se cortasse água parada, sem criar uma única ondulação de perturbação.

Sinto meu coração tentar pular do meu peito, tremendo e batendo contra minhas costelas para deixá-lo sair, para deixá-lo ir até ele.

— *Oi, olá, aí está você! Estou com saudades de você. Meu amor, meu amor, meu amor.* — Grita para ele.

E meu cérebro não tem coragem de lhe dizer que ele nunca ouvirá seus lamentos. Ele nunca aceitará o amor que lhe dado tão livremente. Seu coração nunca baterá por nós como o nosso bate por ele.

Porque ele se recusa a reconhecer que tem um, mas isso não significa que desistirei. Não quando sei a verdade. Que por baixo do sombrio e macabro está um homem que é capaz de muito mais do que ele acredita.

Ele dirige seu corpo na frente do grupo em que me absorvi, dando-me uma linha de visão direta para suas costas nuas. Meu pulso lateja no fundo da minha barriga enquanto observo camadas de músculos rígidos moverem a cada pisada, quedas acentuadas e cavidades esculpidas em mármore.



A necessidade de tocá-lo, de correr meus dedos ao longo das bordas daqueles tendões magros, é tão avassaladora que tropeço. Não o suficiente para que alguém perceba, mas o suficiente para me lembrar que estou em público.

É para isso que acordo todas as manhãs.

Ele. É a razão pela qual demorei dez minutos a mais para chegar à aula no colégio, porque propositadamente percorri o caminho mais longo para poder passar por ele. A razão pela qual fiquei na chuva gelada e peguei um resfriado, tudo porque queria segui-lo para casa no ensino médio. Por que, mais recentemente, quase fui presa por invadir a propriedade de sua família e quase quebrei o tornozelo fugindo de um dos membros da equipe de jardinagem.

O homem por quem literalmente eu faria qualquer coisa.

Minha obsessão mais sombria que meu coração viciado se recusa a abandonar.

Essa coisa nunca deveria durar tanto tempo, mas é assim que todo mau hábito começa, certo? Alguma ideia inocente que se transforma em paixão. Foi minha culpa acreditar que meu coração poderia desistir dele depois de tê-lo provado.

Enquanto todos caímos em um exercício silencioso, admiro não apenas sua forma imaculada, mas também sua dedicação à rotina. O cronograma estrito que ele segue é o mesmo que cumpre todos os dias. E durante o verão, quando não estou preocupada em estudar ou ir para a aula, também sigo.

Em teoria, ele é a pessoa mais fácil de perseguir no mundo. Tem sido uma criatura de hábitos desde que o conheço. Embora sua rotina tenha se adaptado com a idade, ainda se recusa a quebrar o molde.

Eu, é claro, reservo tempo no meu dia para as outras coisas de que gosto. Vou a biblioteca, enterro meu rosto em livros, colho novos insetos, trabalho para terminar as reformas da minha cabana, assisto minha série de TV favorita. Sou uma pessoa normal que faz coisas comuns.

O que eu acho que deve ser suficiente para equilibrar essa compulsão peculiar, mas não. Não aos olhos dos meus amigos ou da sociedade.

Sei que é errado, que estou fazendo algo ilegal e insano. Estou consciente do fato de que algo dentro de mim está tão distorcido que minha ideia de amor é esconder objetos que ele deixa para trás em uma caixa no meu armário. A internet tem teorias suficientes sobre por que faço essas coisas, mas é o seguinte.

Eu não ligo. Não me importo com as consequências ou com a aparência daqueles que não conseguem compreender o que ele significa para mim. O que somos um para o outro. Minha moral não precisa ser avaliada porque o mundo vê o que faço como algo hostil ou alguma forma doentia de propriedade.

Durante toda a minha vida, as pessoas me trataram como se eu fosse uma criatura assustadora porque não me encaixo no padrão de hierarquia das mulheres de Ponderosa Springs. Por isso, se eu já era a aberração da cidade, poderia muito bem aceitá-lo.

O que sinto por Thatcher Alexander Pierson não é ruim. É adorável e único, algo invulnerável que as pessoas comuns nunca poderiam apreciar. A emoção que ele evoca dentro de mim é a única coisa pura que me resta.

Na noite em que seu pai, Henry, entrou em minha casa e despedaçou todo o meu mundo, ele manchou tudo de bom em mim. Rasgou e dilacerou cada grama de bem da minha alma com cada punhalada no corpo da minha mãe.

Henry Pierson me deu meu pior pesadelo e o presente mais doce.

O impulso de matar e uma profunda admiração pelo filho.

Minhas coxas estão com câibras, um lembrete brutal de que ainda tenho que caminhar cinco quilômetros de volta ao meu carro quando isso terminar, mas estou alegremente ignorando a dor, mantendo meus olhos focados na minha frente.

Tudo está indo exatamente como normalmente acontece. Ele

correndo de costas para mim, sem saber da minha existência, enquanto olho para cada centímetro de pele definida em seu corpo. Até que algo aconteça, algo que nunca aconteceu antes.

Meu coração pula uma batida.

A camisa que presumo que ele planejou usar depois de correr está enrolada e enfiada na parte de trás do short, onde normalmente fica, mas assim que ele vira uma esquina na trilha, a camiseta preta escorrega da faixa e cai no caminho, flutuando no asfalto como folhas no outono.

Olho ao redor do espaço, me perguntando se alguém viu isso acontecer, e quando tenho certeza de que todos os corredores perto de mim não estão cientes, tomo uma decisão em uma fração de segundo, uma em que mal penso duas vezes.

Permito que o grupo passe por mim, diminuindo a velocidade para um passeio. O corpo de Thatcher se afasta cada vez mais da minha visão enquanto dou uma olhada apressada ao redor antes de me ajoelhar.

Para os transeuntes, estou simplesmente amarrando o sapato. Ninguém pode me ver pegando o material no chão com dedos ágeis, minhas palmas zumbindo na camisa macia raspando contra mim.

Com os pés doloridos, prontamente mudo para uma área inundada por árvores à direita do caminho. É privado o suficiente para que ninguém me veja, a menos que venham procurar, e se Thatcher voltar, procurando por sua camisa desaparecida, nunca me encontrará.

Os galhos estalam sob meus pés e o suor escorre pela parte inferior das minhas costas enquanto avanço mais para dentro da floresta até chegar a um ponto que sinto estar longe o suficiente do público para estar a salvo de olhares indiscretos.

Minhas costas desabam contra o tronco de uma árvore próxima. Casca penetra em minha pele, e acolho o alívio de minhas solas. A oscilação em meus joelhos me diz que preciso desesperadamente de

uma pausa, de qualquer maneira. A folhagem espessa à minha frente protege qualquer pessoa que visite o parque da minha visão.

Nos próximos minutos, nivelo minha respiração, esfregando suavemente o tecido de sua camisa entre as pontas dos meus dedos, deixando-o me acalmar. Quase não percebo quando meus olhos se fecham com o conforto ou quando gradualmente levo o material para cima em direção ao meu nariz.

O cheiro aromático da colônia de Thatcher me envolve enquanto coloco meu rosto contra a camisa preta, enterrando meu nariz no algodão saturado com seu cheiro. Acqua Di Giò Absolu de Giorgio Armani.

Ele usa a mesma colônia desde que fez dezesseis anos, e ficou presa no meu cérebro desde que eu a cheirei pela primeira vez. No começo é um pouco cítrico, o cheiro de linho recentemente secado com um toque de limão, mas também sinto o cheiro da floresta, um tipo de tempero terroso que me lembra a floresta logo após a chuva.

Tão limpo, mas com um toque que é tão perfeito para ele.

Meu estômago revira e um latejar surdo pulsa entre minhas coxas quando penso nele se preparando esta manhã e deslizando esta camisa sobre seus ombros. Aposto que ele procurou meticulosamente sua gaveta, escolhendo esta entre centenas.

E como ele toma banho após o treino, a sua essência se mistura com o sono. O cheiro residual que se apega à sua pele esfregado na camisa quando a vestiu.

Ambas as minhas mãos enrolam o material, penetrando meus dedos na suavidade, enquanto pondero o quão duro seu corpo se sentiria sob ele. Normalmente faço isso com os poucos suéteres que peguei emprestado do seu armário do dormitório sem que ele soubesse. À noite, quando estou enrolada na minha cama e sozinha.

Saber que estou do lado de fora, onde qualquer um pode me ver, deve esfriar meu desejo, mas só está piorando. Tudo o que consigo pensar é: e se ele souber que estou aqui?

Ele não sentiu o tecido escorregar do cós do short? Nem se virou para olhar, apenas continuou se movendo. Sabia que eu estava lá e deixou cair de propósito? Isso foi algum tipo de presente? Ele sabe o que faço com suas roupas nas sombras do meu quarto?

Eu puxo a camisa pelo meu rosto, prendendo meu lábio inferior no processo. Minha língua desliza contra o pano, mordiscando-o delicadamente. Continuo puxando para baixo, em minha garganta e peito, pressionando minha pele com força.

Sei que o toque de Thatcher seria cruel. Áspero e pressionado em todas as áreas certas. Dedos se curvando em minha pele e enterrando por dentro, trazendo sangue à superfície. Deuses, sentir seu corpo magro, sólido e rígido, forçado contra o meu, elevando-se sobre mim com luxúria selvagem em seus olhos azuis gelados.

Sinto-me como um animal, marcando meu corpo com seu cheiro, esperando que se eu o esfregar contra mim com força suficiente, ele se afunde em minha pele de onde nunca mais sairá.

Minha mão direita desliza sob a frente do meu short elástico enquanto a outra traz sua camisa de volta para o meu rosto, mantendo-a contra o meu rosto onde posso inspirá-lo. A ponta dos meus dedos roça no meu núcleo, encontrando-me encharcada e puxando um suspiro dos meus pulmões. O choque que percorre meu estômago faz meus dedos dos pés se curvarem. Meu corpo está no limite, desesperado conforme pensa em sua fantasia favorita. Desejo é uma emoção que raramente sinto e, quando sinto, é sempre por ele.

Eu o desejo. Cada parte dele. Mesmo as partes torturadas de si mesmo das quais os outros fogem. Quero libertar seus demônios de suas algemas só para que possam brincar com os meus. Sentir seu corpo, ter seus dedos esfregando ferozmente meu clitóris, levando-me ao orgasmo.

As coisas que o deixaria fazer, a maneira como o deixaria tratar meu corpo - isso puxa a mola que está enrolada em minha barriga. Flashes de vermelho piscam atrás dos meus olhos, imagens dele ajoelhado aos meus pés enquanto a ponta de uma lâmina corta a parte

interna da minha coxa.

— Thatcher. — Digo seu nome como uma oração, imaginando como seria a sensação de sua faca em minha carne.

Sei que a única razão pela qual ele toca as pessoas é para cortar. As lâminas são extensões de suas mãos. Eu o deixaria me cortar, me fatiar e sangrar alegremente por ele.

Posso praticamente sentir o fluxo de sangue escorrendo pela minha perna e o calor de sua boca enquanto pega cada gota de sangue escorrendo da minha ferida, lambendo e limpando a ferida com a língua, olhando para mim com olhos distantes. Meu orgasmo toma conta do meu corpo, arrancando o prazer do meu núcleo sem nenhum aviso e me deixando com uma imagem de despedida.

Thatcher olhando para mim com um sorriso tingido de vermelho com meu sangue, segurando minhas coxas trêmulas enquanto convulsiono com os choques da minha liberação. Rola pelo meu corpo e acalma meus membros doloridos.

Meus dentes afundam no tecido de sua camisa, provando a colônia picante em minha língua. A parte de trás das minhas coxas arde quando levanto em direção à minha mão, buscando mais pressão. Mais velocidade. Mais ele. Mais tudo.

Respirações instáveis passam pelos meus lábios, e quando meus olhos se abrem, minha ilusão se foi. E a adrenalina do meu clímax está se esvaindo como um balão murcho.

Tudo me abandona. As imagens e o sentimento que perseguia. Desaparece e eu fico impiedosamente sozinha novamente. A garota que flutua por portas e corredores sem olhar duas vezes.

A fantasma.

A fantasma que assombra a única pessoa que a viu. A única que a fazia não se sentir tão sozinha.

A única por quem ela matou alguém.

## QUATRO

### UM ACORDO COM A MORTE

#### Thatcher

Regra número doze do Manual de Assassinato do Henry: nunca se atrase. Um segundo de atraso é vinte minutos mais perto de ser pego.

Altereí todas as suas regras. Todas foram corrigidas e alternadas para atender às minhas necessidades. Eu as tornei melhores. Espera-se que os pais estabeleçam regras em casa: limpe seu quarto, lave a louça para sua mãe, sempre use camisinha - padrões básicos para os rapazes seguirem.

A única regra que ele me ensinou foi como acabar com a existência de alguém de forma eficiente, martelando incansavelmente cada regra em meu cérebro como se eu nunca fosse esquecer como era cortar alguém. Não importava quantas eram ou quão ridículas, me lembrava de todas elas.

Agora, porém, elas não são dele para ensinar. São minhas para polir.

Regra número 12 do Manual de Assassinato do Thatcher: nunca se atrase. A menos que esteja na moda.

Não poderia mudar a infeliz verdade de que meu pai era a base de todos os meus desejos distorcidos. Havia uma parte de mim que sempre pertenceria a ele, a semente do mal que poluiu qualquer bem que minha mãe possa ter me dado no ventre. E em vez de tentar curar essa maldade, ele a alimentou. Cultivou-a como uma de suas preciosas rosas. Regando minha curiosidade sobre o corpo humano, iluminando toda a imoralidade dentro da minha alma e aparando qualquer pessoa que tentasse se aproximar da minha vida.

Ele me queria isolado. Sozinho. Fraco. Um pedaço de barro

intocado que pudesse moldar.

Ele tinha que ser o único recurso na minha vida. Não poderia precisar de ninguém além dele. É por isso que, desde que conheci os meninos, mantive nossa proximidade em segredo de meu pai. Não foi até que ele foi preso que eles vieram pela primeira vez para a casa dos meus avós. Talvez por isso minha lealdade seja tão intensa, por isso seja tão importante para mim. Escondi-os de um monstro, protegendo-os independentemente das consequências porque sabia, mesmo assim, que eles eram como eu.

Mais ou menos. Ninguém é como eu.

Cada um deles, porém, tem esse núcleo de corrupção, essa escuridão dentro deles que não conseguem controlar, e eu fui ensinado desde criança a controlar a minha. Eles precisam de mim para mostrá-los contenção, ensiná-los a abrigar qualquer fome vil que tenham, segurá-la até que seja seguro liberá-la.

O caos que mora em cada um de nós não precisa ser imprudente. Posso mostrar a eles como contê-lo, existir com ele, sem deixar que os consuma por inteiro.

Sigo a cerca de arame ao longo da linha da floresta. O cheiro de sal queima meus olhos, e posso sentir a areia em meu cabelo. Quando encontro a fenda no metal que tenho certeza de que foi obra de Rook, aquele que se recusou a desenvolver qualquer forma de autocontrole, puxo-a para trás e deslizo, com cuidado para não prender minha camisa.

A entrada de Black Sands Cove é protegida por uma desculpa patética de uma cerca para manter as pessoas do lado de fora durante as horas em que está fechada, o que nunca impediu nenhum de nós, mas já faz um tempo que não vou à praia.

Estou acostumado a olhar para este lugar do Pico, sem participar de atividades turísticas como bronzamento e brincadeiras na água, mas já faz um tempo que não os vejo - seria grosseiro não aparecer.

Negar minha presença a alguém deveria ser um crime.



A grama na altura do joelho está prestes a se transformar em areia, e uma brisa quente corre pelos meus braços expostos. Olho para baixo para ver minha pele ligeiramente levantada, as protuberâncias sob meu cabelo loiro visíveis mesmo à noite.

Paro de andar, ouvindo o som sutil de passos perto de mim. A princípio, acho que é o grupo à minha frente, mas logo percebo que isso não é verdade. Os passos rápidos e apressados vêm de trás de mim. Conheço a sensação de estar sendo observado, como isso toca minha pele e me faz desejar um banho. Sei como é ter os olhos dela em mim, e toda vez que o encontro, tudo que quero fazer é limpá-los da minha pele.

Seus olhos me contaminam. Deixam-me tão sujo por fora quanto por dentro, e isso *não é* algo que me agrada.

É cruel da minha parte deixá-la continuar fazendo isso, permitir que continue com essa obsessão doentia por mim. Quanto tempo passou - dez, onze anos desde que foi minha pequena sombra? Sempre rondando no escuro, acreditando que é tão irreconhecível que não sei que ela está lá.

Darei crédito a ela – houve algumas vezes que demorei um pouco para perceber que ela estava por perto. E ela sabia disso.

Ela é estranha, mas não é estúpida. Sabe quando estou ciente de sua presença quando seus olhos arregalados pousam em meu corpo. Quando caminho para o carro, sentado na sala de aula ou comendo, ela sempre está por perto em algum lugar. Observando. Perseguindo. Admirando.

No entanto, nunca expressei minha consciência. Nunca lhe disse que ela não é tão sorrateira quanto pensa, não até recentemente. Uma vez eu disse a ela que precisava ser um fantasma, desaparecer. Eu não queria vê-la, senti-la ou mesmo ouvir sua respiração.

Não preciso de um lembrete do meu único fracasso na vida. A única pessoa que não fui capaz de matar. A música incompleta está em meus arquivos. Folhas de papel em branco dentro de seu arquivo, mas quanto mais velhos ficamos, mais ela se envolve em minha vida,

mais perto chego de terminar o que comecei todas aquelas noites atrás.

— Não sei dizer se está piorando nisso ou se sempre foi tão óbvia e eu só estou entediado demais para perceber.

Seus passos vacilam como se ela tivesse tropeçado no som da minha voz, e isso me faz sorrir. Tão reativo para mim, esse meu querido fantasma.

— Eu... — Sua voz é pega pelo vento, desaparecendo.

— Você?

Eu me viro, encontrando-a alguns metros atrás de mim, seu cabelo rebelde passando em seu rosto. Ela fica parada em silêncio, mastigando a parte interna da bochecha como se fosse encontrar ali a resposta para minha pergunta.

O par de calças xadrez azul e verde escuro combinadas com um top preto me faz estremecer. Estou bem com um momento bla-vey, mas faça funcionar, pelo amor de Deus. Não há nada nela que faça sentido para mim. Bem, uma coisa. A única coisa que parecemos ter em comum.

Meu pai.

Além da nossa infância, porém, que está emaranhada em uma teia de sangue, ela não faz o menor sentido.

Existem equações físicas insolúveis que têm mais racionalidade do que ela. Esse estilo de roupa acadêmica escura que ela insiste em usar, combinado com um estranho hobby de caçar insetos. Há pessoas que se consideram um enigma, mas não chegariam aos pés de Lyra Abbott.

*Scarlett.*

Scarlett era a garota antes de meu pai, e Lyra é o que sobrou depois que ele fez sua vida em pedaços.

— Eu te deixo tão nervosa que nem consegue falar? — Inclino minha cabeça. Este é o comportamento que eu esperava dela,

taciturna e se recusando a dizer mais do que algumas frases calmas para mim.

— Talvez se você não gostasse tanto de se ouvir falar e me desse um momento, eu realmente seria capaz de responder.

Não sinto falta da amargura em sua voz. Por um momento, há um lampejo daquela garota que cortou a garganta de um homem na minha frente. Ímpetuosa e destemida. Lyra havia matado um homem por mim. Para me *salvar*, mas acho que é um disfarce. Uma grande desculpa. Ela esperava por um momento como aquele. Por uma oportunidade de liberar aquela criatura que vive dentro de sua alma, um monstro que meu pai havia criado.

Lyra queria matar. Com sede disso.

Acontece que estou na posição perfeita para dar a ela um motivo para agir.

— Ah, aí está ela — murmuro em aprovação, com um sorriso nos lábios. — A garota que você ama esconder de todos. Eu sabia que não a imaginava.

Ela engole asperamente, fazendo sua garganta se contrair. — Não escondo nada dos meus amigos.

Enfiando as mãos nos bolsos, estico as pernas, diminuindo a curta distância entre nós dois, e o vento envia o cheiro de cereja direto para o meu nariz. Isso me deixa enjoado. Tão doce e pegajoso. Uma bagunça.

— Sim? Então contou a Briar e Sage sobre o que me pediu? O que você *implorou*... — sibilo a palavra enquanto deixo cair minha cabeça em direção ao seu rosto — que eu fizesse?

Olhos verdes grandes e puros olham para mim, grandes demais para o seu rosto e tão perturbadores que quase sinto falta do jeito que passam pelos meus lábios. Minha mandíbula tensiona e meu estômago aperta. Se ela tentasse me beijar agora, eu faria sua boca sangrar.

— Não implorei a você — ela sussurra. — Foi você quem veio até mim no mausoléu. Você me procurou, não o contrário, Thatcher.

— Não vamos distorcer isso, Lyra. Vim procurá-la para saldar uma dívida. Eu salvei você uma vez e retribuí o favor. Queria acabar com esse pequeno hábito que tem de me seguir — zombei, não gostando do jeito que ela disse meu nome com tanto desrespeito. — Não teria falado com você se soubesse que tentaria me propor.

Seu rosto redondo fica rosa, da mesma forma que quando revelei que sabia sobre seu segredo. Que ela gostava de ser *voyeur*, me perseguindo. Pensei que era por causa da nossa história, que estava de alguma forma esperando para me resgatar do mal que fiz por ela. Quando era fraco e jovem, antes de saber o que eu era. Do que era capaz, mas ela me surpreendeu.

— Já considerou o que eu perguntei?

— Não — eu digo bruscamente, sem deixar espaço para perguntas.

É mentira. Tenho pensado nisso, mais do que gostaria. Mais do que deveria e não porque é algo que gosto de pensar. Sua oferta não sai da minha mente, apenas ali me importunando, como uma mosca irritante.

Aqueles olhos cor de jade brilham de irritação, mas em vez de deixá-la sair, ela a mantém, se reprimindo. Algo que provavelmente passou a vida inteira fazendo, engolindo constantemente a sua parte que é toda dentes e garras, com medo do que aconteceria se ela permitisse que as suas partes mais sombrias saíssem, mas isso não é problema meu, nem é algo que me importe.

— Não contarei a ninguém se é com isso que está preocupado. — Ela tenta colocar os cachos atrás das orelhas, mas não são fortes o suficiente para conter o peso. — Se você me ensinar, prometo que não contarei a ninguém. Sou boa em guardar segredos, em ser invisível.

— Só não notei você porque escolhi não notar. Escolhi ignorar sua presença. Não porque é boa em me enganar. — Seu queixo treme com o meu tom, e isso me faz pressionar ainda mais, alimentando-me para cortá-la. — Você não existe e nunca existiu para mim.

Para seu crédito, embora eu saiba com certeza que minhas palavras foram um duro golpe, ela avança, o que me impressiona e me irrita.

— Eu aprendo rápido. Seriam apenas algumas sessões, apenas algumas dicas. Isso é tudo que estou pedindo. Só... — Ela torce as mãos. — Preciso de ajuda para lidar com... *essa coisa*.

Escarneço. — Algumas sessões? Acha que é tudo o que preciso para ser o que sou? Levei anos para aperfeiçoar meu ofício. Anos que não desperdiçarei com alguém que nem consegue aceitar o que vive dentro de si. Não consegue nem admitir isso em voz alta, não é?

Sua cabeça levanta, encontrando meu olhar severo. Há tanta coisa acontecendo dentro daqueles olhos grandes, tantos sentimentos que felizmente nunca tive que experimentar. Quantas vezes ela se olhou no espelho e se encolheu porque pode ver o que sua carne esconde do mundo? Quantas vezes tentou racionalizar que a noite em que sua mãe foi assassinada não a infectou com algo perverso?

— Admitir o quê? — Ela diz. — Diga-me o que preciso dizer para que me ensine, Thatcher, e eu direi.

Algo ferve em minhas entranhas. Algo tóxico e impuro. Quente, pegajoso e sujo. Algo que não pertence ao meu sistema. Pisca em minhas veias, e é tudo por causa dela implorando. Implorando-me. Suplicando por mim.

Fúria diferente de tudo que já experimentei invade meu sangue.

*Não. Não. Não.*

*Você está no controle desta situação. Ela não tem permissão para afetá-lo dessa maneira. As pessoas não te afetam, Thatcher Pierson.*

Dou um passo para longe dela, depois outro, até não sentir mais o cheiro de cerejas. Olho para o meu relógio antes de dar a ela um olhar entediado.

— Não te ensinarei como ser uma assassina porque não consegue aceitar que já é uma. Desleixada, destreinada e impulsiva, mas ainda

assim, uma. Agora, pela última vez, encerro esta conversa. — Enfio as mãos nos bolsos, me virando. — Indefinidamente.

Agora posso continuar minha vida do jeito que era antes, ignorando-a completamente, esquecendo que a conhecia. Ela pode continuar com seus joguinhos mesquinhos se quiser, mas cansei de dar a ela a atenção que tanto deseja.

— Você me deve isso! Seu pai é a razão de eu... — ela grita, sua voz mais alta do que já ouvi antes. — Estar toda retorcida e doente por dentro. É culpa dele. Você pelo menos me deve este favor, Thatcher. Por favor, me ensine como viver com isso.

Os princípios fundamentais da minha vida são simples.

Rotina. Controle. Matar.

É isso. Não há mais nada, mas com essas quatro palavras, ela decifrou uma delas.

Devo a ela isso?

Meu controle vacila, treme sob suas palavras.

— Devo-lhe? — Digo calmamente - muito calmamente. Giro meu corpo em direção a ela mais uma vez, passando por entre as ervas daninhas para que eu esteja em seu espaço pessoal, para que as cerejas me invadam mais uma vez.

Estou praticamente em cima dela tão rapidamente que ela tropeça para trás e minha mão agarra seu braço. Meus dedos pálidos se enrolam em torno de seu bíceps, tão flexível e fraco em meu aperto. Penetro-a, fazendo um gemido pequeno e incoerente escapar de sua boca.

Eu poderia fazer o que quisesse com ela agora. E ela me deixaria, não é?

Tocar as pessoas assim me deixa doente, mas tocá-la? Dá vontade de arrancar a pele e jogá-la na máquina de lavar. Meus olhos se estreitam, brilhando com tanta força que vejo seu corpo se afastar dele.

— Não te devo porra nenhuma, Scarlett — desdenho, praticamente cuspidando as palavras em seu rosto. — Quer tanto aprender a matar pessoas? Então pode agendar uma visita na Penitenciária de Rimond. Ele deve a você, não eu.

— Você. Não. É. A. Porra. Do. Meu. Problema. — Cada palavra faz meu aperto em seu braço ficar mais forte, apertando com tanta força que posso sentir seu úmero. — Agora, saia da minha frente porque estou a segundos de quebrar seu pescoço.

Um suspiro atinge meus ouvidos, e espero que seja porque ela está com dor. Que teme por sua vida ou está desesperada para fugir de mim. Exceto que ela não tenta escapar do meu aperto. Não, ela permanece completamente imóvel. Não afetada. Sem medo de mim.

— Você... — Seu lábio inferior treme — Não xinga. Nunca.

Ranjo meus dentes e juro que se eu quebrar um dente por causa de Lyra Abbott, ficarei chateado. Isso é o que ela pegou disso? Só isso? O que há de errado com...

Minha espinha endurece.

Eu não xingo. Não faço isso. Não bato e ataco.

Eu sou calculista. Estou no comando.

Dissequei corpos humanos e ouvi homens implorando por suas vidas. Ela não será a razão de eu perder nem um centímetro do meu controle. Eu me recuso a deixá-la.

Minha mão se afasta, pontos vermelhos profundos onde meus dedos estavam apenas pintando em sua pele. Rapidamente limpo minha mão na minha camisa, como se eu pudesse me livrar da sua sensação tirando a poeira. Quero ficar longe dela. Quero que ela vá embora. Longe, muito longe de mim.

Quero...

Sem outra palavra, me viro, determinado a colocar o máximo de espaço possível entre nós. Ela nunca deveria ter aberto a boca para mim. Eu nunca deveria ter ido procurá-la.

Segundos. É tudo o que preciso para colocar tudo de volta no lugar, para me controlar.

Respiro fundo, endireito meu relógio e limpo a poeira imaginária da minha camisa preta. O fato de eu estar participando de algo que não me permite usar terno é uma tragédia.

À medida que avanço, vejo a parte de trás do cabelo escuro de Alistair vários metros à minha frente perto da costa, uma distração bem-vinda.

— E se eu ganhar o jogo esta noite — ela diz com pressa, seus passos batendo em meus ouvidos enquanto me persegue. — Se eu ganhar esta noite, então você tem que me ensinar como matar pessoas. Como viver com o que seu pai fez.

Pelo amor de... espere.

— O que ganho se você não ganhar? — Pergunto, diminuindo minha caminhada e mantendo meus olhos no grupo à frente.

Sua respiração é irregular quando ela para logo atrás de mim. — O quê?

Um sorriso felino surge em meu rosto quando me viro suavemente. — A questão mais importante é: o que eu ganho se você perder?

Suas sobrancelhas fazem aquilo de novo, contraindo-se e virando para baixo enquanto ela olha para mim.

— Oh, pensei que fosse óbvio. Não pedirei de novo, deixarei você em paz, pararei... — Ela faz uma pausa. — Vou deixá-lo em paz.

Eu levanto uma sobrancelha, chupando meus dentes enquanto uma risada sinistra ressoa em meu peito. — Ainda me seguirá como meu bichinho de estimação?

Se ela pretende se revelar para mim, então lidarei com isso da maneira que deveria ter sido feito em primeiro lugar.

O vento sopra seu cabelo em seu rosto, as ondas escuras atrás dela batendo contra a costa. A qualquer segundo, parece que a água



escura pode engoli-la inteira.

— Não sou um animal de estimação — ela murmura, sem peso por trás de suas palavras. — Você simplesmente me fascina, só isso.

Mentirosa. Posso praticamente provar a mentira em seus lábios.

— Bem-vinda ao clube. Todo mundo é fascinado por mim.

Seus ombros caem, e posso ver um argumento em sua língua, mas interrompo rapidamente. Decidindo ter um pouco de pena dela, brinco um pouco. — Não quero que me deixe em paz, Lyra Abbott.

Minha voz é suave e a maneira como falo com aqueles que acreditam estar acima de mim. Aqueles no poder que posso manipular para meu próprio ganho pessoal. Um dia, serei um político fenomenal.

Estou cheio de motivos corruptos e dominei a arte do camaleão. Posso imitar qualquer emoção. Não demorará muito para que eu tenha o congresso comendo na palma da minha mão. Tornando-me o homem que meu pai nunca conseguiu.

— O que você quer?

Esperança tremula em seus olhos, o luar pegando suas íris da maneira certa. E a emoção toma conta do meu estômago, sabendo que sugarei toda a vida daqueles lindos olhos de jade. Esmagar cada sonho perverso que ela já teve sobre mim, paralisar essa sua obsessão.

Porque embora sua obsessão por mim possa ser forte, meu gosto por sangue é vital.

— Eu quero você *morta*.

## CINCO

### EM ALGUM LUGAR DA FLORESTA

#### Lyra

Relâmpagos brilham no céu escuro, o raio lilás iluminando nossas mãos estendidas, onde uma pechincha está ao longo de nossos dedos. O vento uiva entre nós, roçando meus cachos em meu rosto, e uma rajada de água salgada enche meu nariz.

— Espero que este negócio valha a sua vida, Pet<sup>4</sup>. — Sinto sua mão escorregar das minhas no momento em que uma onda de trovões ruga além das nuvens. O estrondo alto sela nosso acordo. Garante meu destino. Não há como fugir disso. Agora não.

Thatcher enfia as mãos nos bolsos antes de se afastar de mim e ir em direção ao nosso grupo de amigos que espera um pouco mais adiante na praia. paro um momento para sentir o peso do que acabei de fazer.

Não há maneira de eu vencê-lo. A caminhada de um quilômetro por entre as árvores altas para chegar a Black Sands Cove foi o suficiente para deixar meus pulmões ardendo. Vencê-lo no pega-pega seria impossível. A névoa atravessa a floresta atrás de mim, o que significa que a visibilidade durante este jogo seria baixa. Estaria cega, fora de forma e correndo para salvar minha vida. Literalmente.

Respiro fundo, descendo a praia encharcada pela água da chuva e pela maré alta. Não tenho escolha, não mesmo. Viver com impulsos homicidas que não tenho ideia de como controlar é pior do que morrer. Esta é a minha única chance de uma vida normal.

Preciso vencer. Eu preciso que ele me ensine. Para me mostrar como ele pode suportar o que seu pai criou. Porque minha sanidade está por um fio tênue que se esfiapa a cada segundo.

Três meses atrás, quando matei aquele detetive na casa de Sage para salvar a vida de Thatcher, despertei algo. Por anos, vivi com essa doença dentro da minha alma. Cada vez que me vislumbra no espelho, podia vê-lo, enrolado em um canto escuro, mostrando os dentes de vez em quando, mas agora está acordado, sibilando e faminto de comida que não sei fazer.

Eu tinha gostado de matar aquele homem. O calor de seu sangue escorrendo pelo meu braço em ondas vermelhas. Observá-lo se contorcer e sufocar no chão pouco antes de soltar seu último suspiro.

Não é certo eu me sentir assim. Sei disso. É errado, imoral e não há nada de bom nisso, mas não posso evitar o que sinto.

Eu o arrancaria de mim se soubesse como, mas não sei e não sei como viver com isso. Thatcher Alexander Pierson é minha última esperança ou minha sentença de morte.

Sempre foi assim para nós. Nunca nada no meio.

Preto e branco.

Yin e yang.

Escuro e claro. Descanso e movimento.

Linhas borradas. Toques sangrentos.

Somos duas almas com origens malditas, criadas a partir da mesma semente perversa, nunca destinadas a ficar juntas, mas é impossível me afastar dele. Persegui-lo não é mais suficiente para manter o que está dentro sob controle. Preciso que ele me veja.

— Você é o único que usa relógio, Thatch. Como diabos ainda é o único de nós que chega atrasado? — A voz explosiva de Rook Van Doren quase me faz sorrir. Se as circunstâncias não fossem tão graves, eu poderia ter rido.

— Prefiro fazer uma entrada — ele responde suavemente. — Sem mencionar que não sou o único que não conseguiu chegar a tempo.

Rook apenas sorri, caminhando em direção ao amigo. — Também senti sua falta, idiota.

Thatcher desdenha, deixando Rook apertar seu ombro em saudação. Essa é a coisa mais próxima de um abraço que alguém receberia de Thatch, e todo mundo sabe disso. Alistair aproveita o momento para se mover em direção a eles enquanto me aproximo do grupo, localizando as duas pessoas que significam mais para mim do que qualquer coisa.

— Isso conta como uma reunião da Loner Society? — Digo alegremente.

Sage e Briar me envolvem, membros entrelaçados enquanto nos envolvemos em um abraço muito necessário. Nós três enfrentamos as memórias indescritíveis e assombradas e o trauma desolador que permanecerá em nossas almas até o túmulo.

Fugimos de e para problemas de mãos dadas, escapamos de destinos mortais e enfrentamos o mal que vive dentro dos limites da cidade de Ponderosa Springs. O que sofremos, o que compartilhamos, forjou um vínculo que não se curvaria. Não romperia com a pressão do tempo ou da distância. É *tungstênio*<sup>5</sup>, envolvido e enrolado com tanta força que durará a vida toda.

A Loner Society foi vagamente inspirada por *Dead Poets Society*<sup>6</sup>, um livro que minha mãe leu para mim mais vezes do que me lembro e um filme que sabia de cor. Embora nunca tenha sido poeta ou escritora de qualquer tipo, ansiava por um grupo secreto de amigos, que compartilhavam paixões, sonhos e os mistérios de suas vidas que escondiam do resto do mundo. Pessoas com quem pudéssemos ser nós mesmos sem medo do ridículo. Amigos que levaríamos em seu coração por anos e anos.

Quando conheci Briar e Sage, eu sabia. Elas também haviam passado pelas dificuldades da vida e existiam logo além da cortina dos padrões do mundo. Aqueles que vagavam pelas periferias, sem um lugar para chamar de lar ou pessoas para chamar de seu.

Esquecidas. Sozinhas e procurando desesperadamente por aceitação.

Não importava que fôssemos todas drasticamente diferentes tanto

em personalidade quanto em aparência física. Quero dizer, sem nossas circunstâncias particulares e destino de nos encontrarmos, provavelmente nunca teríamos falado uma com a outra.

Se Briar Lowell nunca tivesse dito sim a sua aceitação em Hollow Heights, eu nunca teria cruzado seu caminho. Poderia ter pedido uma mudança de colega de quarto assim que viu a placa de insetos mortos na parede e o estado do meu lado do dormitório, mas não pediu. Ela viu algo em mim, assim como vi nela. Eu vi a pessoa que me esforcei para ser. Inteligente, obstinada e resiliente. Ela não tinha deixado sua educação manchar o que havia de bom nela. Usou as habilidades que lhe ensinaram quando criança para abrir caminho pela vida, e não há ninguém que eu respeite mais.

Sei com certeza que nunca escutei a porta de Sage Donahue no colégio. Uma garota feita de aço e chamas, endurecida pelo abuso e a rainha das máscaras. A líder de torcida má com graça soberba e linda era apenas uma de suas fachadas criadas para proteger a garota que conheço agora. Alguém atenciosa, apaixonada e ferozmente defensiva com as pessoas que ama. Mais do que a soma de todas as coisas que as pessoas falam sobre ela. Mais do que seu pai a forçou a se tornar. Sage é mais.

— Devia ter vindo conosco — Briar murmura em meu ombro. — Eu te disse vir. Minha mãe ficou chateada por não ter conhecido você.

— Era tempo para você e Alistair. Não queria me intrometer. — Inspiro seus cheiros familiares e, se não fosse pelo pavor do que estava por vir, teria chorado de felicidade.

— Ele não teria se importado! — Ela se afasta, olhando fixamente para mim — Ele gosta de você, mesmo que não diga isso. Você não recebe mais o seu olhar de *odeio todo mundo*, o que é uma vitória. Muito mais do que esta pode dizer. — Ela bate em Sage com o quadril, sorrindo suavemente.

Sage geme, jogando seu cabelo loiro morango sobre o ombro. — Ele nunca esquecerá. Você é quem queria ir naquela noite!

— Alistair esquecerá isso. Ele é apenas mal-humorado. Não deve

prejudicar seu bebê e tudo isso — brinco, e isso faz com que ambas riam alto.

Alcançá-las foi o que fez a espera valer a pena. Ambas se ofereceram para me deixar acompanhá-las em suas férias, mas recusei. Não porque eu não quisesse ir, mas sabia que eles precisavam de tempo.

Tempo para aceitar essa nova vida. As consequências que podemos enfrentar e o futuro que pode vir. Todos nós precisávamos.

— Como foi no litoral? Já está cansada de Rook? — Briar pergunta e Sage sorri.

Sigo seus olhos, vendo-os presos no moreno a alguns metros de distância. Seus braços estão soltos em volta dos ombros de seus amigos. Thatcher e Alistair parecem preferir estar mortos a serem tocados, mas o deixaram ficar ali.

Um sorriso largo ilumina seu rosto enquanto ele ri de alguma coisa, fazendo com que os dois garotos sorrissem ou balancem a cabeça. Posso não entender todo o funcionamento interno do grupo, mas sei que Rook é a luz. Aquele que usa piadas para aliviar sua dor. Que ri e ilumina a sala. É a luz dos meninos e a de Sage. Aquele que liderou o caminho da escuridão em que ela se encontrou, e o amor em seu rosto por ele faz meu peito doer.

Amar e ser amada. É tudo que alguém realmente quer.

Violentamente. Apaixonadamente. Completamente.

Bem, quase todo mundo..

Meu olhar se volta para Thatcher apenas por um momento antes de voltar para minhas amigas.

— Acho que não dá para cansar dele. Posso querer matá-lo, mas não estou cansada dele.

— Estou te ouvindo falar de mim, baby. Certifique-se de deixá-las saber sobre aquele novo piercing que colocou em San Diego — Rook grita, alegria em seu tom com uma pitada de luxúria.

Os olhos de Sage se estreitam, levantando a mão para afastá-lo antes de se dirigir a nós. — Retiro o que disse. Retiro tudo o que acabei de dizer.

Rimos, continuando a conversar, quando a voz de Thatcher sobe uma oitava para que todos possamos ouvi-lo, exigindo atenção.

— Por que vocês dois são tão intrometidos? Eu disse que estava ocupado. Sem mencionar que não era o único atrasado. Por que não está importunando a querida rainha dos insetos sobre por que ela se atrasou? — Ele joga a cabeça em minha direção, atraindo o olhar de todos em minha direção.

Vejo a pergunta silenciosa em seus rostos, curiosidade uma qualidade que todos compartilhamos.

*Onde esteve?*

Desconfortável com tantos olhos em mim, dou apenas um pequeno aceno desajeitado. — Desculpe, estava terminando um projeto.

— Com Conner Godfrey? — Alistair diz com uma sobrancelha erguida, desafiando-me a mentir para ele sobre isso. Toda vez que estou sob seu olhar, me sinto como uma aluna chamada à sala do diretor.

— Ele é apenas um amigo, um professor — digo, olhando cautelosamente para todos os olhos apontados para mim. — Tem me ajudado neste verão com minha coleção e identificação de espécies.

— Sim, e quando ele não está com você, está ocupado ajudando Stephen Sinclair a sequestrar e vender garotas. — A mandíbula de Rook se contrai, e observo enquanto Sage enrola seu braço ao redor dele, inclinando-se para mais perto de seu corpo.

— Ainda não sabemos, Van Doren.

— Poupe-me. Quem mais poderia ser? Ele está basicamente usando uma placa que diz: “Estou fazendo merdas esboçadas”. Toda aquela família é fodida. Garanto que estão todos envolvidos.

Alistair revira os olhos, mas não discorda exatamente quando diz: — Não é como se pudéssemos aparecer sem avisar e começar a fazer esse tipo de pergunta. Estamos abaixo do radar da polícia agora, mas não somos intocáveis, e ir atrás da família Sinclair é pedir uma sentença de prisão.

— Nah, não intocável, mas somos insuporraperáveis<sup>7</sup> — diz Rook, com um sorriso largo.

— Isso não é uma palavra — Thatcher resmunga com irritação em seu tom.

— Não torna menos verdadeiro — ele responde com um encolher de ombros, pouco afetado pela atitude do amigo.

— Não vi nada de suspeito nele. Ele tem sido, uh, legal comigo. Simpático. — Limpo minha garganta. — Se ele estivesse envolvido, não acha que eu já teria sido levada? Quero dizer, sou um alvo perfeito. Não tenho família que me procuraria, uma solitária quieta. As pessoas não notariam minha falta.

A verdade absoluta disso deveria me incomodar, sabendo que não haveria ninguém procurando por mim se eu não aparecesse para a aula. Sou um fantasma para esta cidade e para aqueles que vivem nela. Minha presença não faria falta.

No entanto, esse era um fato com o qual concordara muito antes de descobrir sobre o Halo, uma rede de tráfico sexual situada aqui no coração de Ponderosa Springs. Uma organização em que o pai de Sage se envolveu e custou a vida de sua filha e a irmã gêmea de Sage.

Algo que acho que nenhum de nós esperava descobrir quando tudo isso começou.

— Lyra... — Briar começa, mas é interrompida.

— Correto. Eles não notariam o seu desaparecimento. — Thatcher olha para mim, olhos azuis brilhantes com amargura. Deuses, são tão frios. Um passo na direção errada e sinto como se fosse cair nas águas do Alasca.

— Mas suas amigas, dormindo com um Caldwell e um Van Doren,



perceberiam. O que faz de você o pior alvo. Quem quer que esteja comandando o Halo não quer filhos de famílias fundadoras como inimigos. Deixamos isso bem claro, não é?

— Mas Conner...

— Pare de dizer o nome dele — Thatcher sibila, seus dentes brancos brilhando ao luar, não deixando espaço para eu refutar. — Ele não é nosso aliado. Não é seu amigo. Não se esqueça de que lado está jogando, Lyra.

O silêncio cai entre todos, pesado e espesso, praticamente me sufocando. Eu sei que ele está certo. Ser cordial com Conner Godfrey é a mesma coisa que ser gentil com Stephen Sinclair, o reitor de Hollow Heights. Eles têm história, os dois; são amigos.

Por mais que queira acreditar que ele não está envolvido, aprendi rapidamente que nesta parte do Oregon não se confia em ninguém. Todo mundo tem algum segredo sujo que mantém escondido.

— Estamos apenas tentando garantir que esteja segura. Com o que aconteceu com Rosemary e todas as outras garotas desaparecidas, precisamos cuidar umas das outras — Briar diz calorosamente, estendendo o braço e agarrando meu pulso para me puxar para seu corpo, longe do olhar severo e da presença gelada de Thatcher. Ela está constantemente sendo um amortecedor entre nós dois, sem saber que não quero ser protegida dele. Sou eu quem está procurando por ele.

Menti antes para ele quando disse que não escondia nada dos meus amigos.

Mantive-o longe de todos eles. De todos. Thatcher é o meu maior segredo.

Quando fui transferida para um lar adotivo em Ponderosa Springs, depois de passar dois anos fora do estado, estava no fundamental II. Meu primeiro dia no sexto ano estava perto do final do ano letivo.

Não tinha esquecido dele. Seu rosto estava em meus sonhos todas

as noites. O garoto que poupou minha vida. Achei Thatcher magnífico na noite sombria, mas nada poderia me preparar totalmente para vê-lo à luz do dia naquele estacionamento da escola.

Meu plano era me aproximar o suficiente para ver se ele me diria alguma coisa, mas fiel à sua palavra, eu era um fantasma, um que ele havia criado, e nunca me viu. Eu flutuava pela mesma sala de aula, pairava no mesmo refeitório, e ele não me deu um segundo olhar.

Depois, porém, algo mudou. Era um fantasma para todos, invisível para os que me rodeavam, mas a única vez que me sentia compreendida, aceita, era quando estava perto dele. Ele era a única pessoa no mundo que conhecia minha história, o que eu era e os horrores que testemunhei. Mesmo que não reconhecesse que eu estava lá, havia um conforto em segui-lo. Sabendo que não estava sozinha lá fora, sabendo que não era a única vivendo com um monstro dentro de mim.

No entanto, depois, gradualmente se tornou menos sobre chamar sua atenção e mais sobre estar perto dele. Observando-o. Mesmo as tarefas mais mundanas que ele fazia eram tão fascinantes para mim.

Eu me mantive perto da escola e depois fiquei mais ousada, espreitando fora da escola para ver se ele era diferente quando sozinho e não cercado de pessoas. Conheci os rapazes por meio dele porque passava a maior parte do tempo livre com pelo menos um deles ao seu lado.

No Cemitério, fiquei no meio da multidão, observando-o apoiar seus amigos em qualquer esporte sangrento que estivessem participando naquela noite. Em seguida, no Cliff, onde se encontraria com eles, pela cidade e, eventualmente, em sua casa.

Perto não era perto o suficiente. Não importa de onde espiasse ou quão privada fosse a área em que o observava, nunca me senti perto o suficiente. Tentei parar em um ponto, mas percebi que o estrago estava feito. Meu coração se recusou a deixá-lo ir.

Agora, aqui estamos nós, e ele está muito longe daquele menino que deixou moedas nos olhos de minha mãe. O menino que me salvou

da ira de seu pai.

O que está diante de mim é o Anjo da Morte. Um ceifeiro feito de sombras e elegância. Um homem humano com mãos feitas para tirar a vida dos outros. A mais sombria das almas mais sombrias encerrada dentro de um cadáver encarnado no inverno feito do mais puro mármore, cinzelado e gravado com perfeição, pele lisa de porcelana que brilha ao luar.

Sua camisa preta de manga comprida está puxada até os cotovelos, mostrando as profundas veias azuis que correm por seus antebraços como raízes de árvores. E por um momento, me pergunto que cor sangra Thatcher. Se eu cortar sua pele agora, o vermelho escorrerá do corte? Ou seria preto? Ouro?

— Falando nas outras garotas — Sage entra na conversa, me fazendo piscar e desviar os olhos do rosto de Thatcher — precisamos fazer algo por elas. Sabemos sobre esta organização. Há quinze garotas desaparecidas por aí – e isso é só em Ponderosa Springs e arredores. Quem sabe quantas mais estão por aí? Não podemos simplesmente ficar calados e deixá-las morrer.

— Baby, conversamos sobre isso...

— Não me venha com baby. — Ela olha fixamente para Rook, parando por um instante para compartilhar um momento privado através de seus olhos. — Minha irmã poderia ter sido uma delas. Ela *era* uma delas. Não fecharei os olhos como todo mundo nesta cidade esquecida por Deus.

Sem pensar duas vezes, estendo minha mão e enlaço meus dedos nos de Sage, apertando com força e deixando-a saber que a apoiamos. Falar sobre Rosemary é um assunto difícil para todos, principalmente para ela. Não consigo imaginar como seria viver sem a sua outra metade.

— Briar, Lyra e eu trabalhamos para encontrar nomes durante o verão. Podemos levar o que temos para...

— Se as próximas palavras que saírem da sua boca forem “a

polícia”, então é mais estúpida do que eu pensava. E isso quer dizer alguma coisa. — Thatcher ri sombriamente. — Essas meninas não são problema nosso. Não nos inscrevemos para ser vigilantes. A única razão pela qual qualquer um de nós está aqui é por causa de Silas. Conseguimos o que ele queria. Agora esperamos até que ele seja solto, e depois tudo isso desaparece. Nunca aconteceu. Ele é a única razão.

— Bem, nem todos nós somos psicopatas sem coração, Thatcher. Não deixarei pessoas inocentes morrerem porque você é um narcisista com problemas com o papai — Briar responde, desafiando-o.

Não posso dizer que estou surpresa com a tensão se instalando ao nosso redor. Sabíamos que essa era uma possibilidade quando falássemos isso para eles. Só não sabia que faríamos isso na primeira noite em que estivéssemos todos juntos novamente.

A lealdade deles é um para com o outro. Para Silas.

Thatcher está certo quando diz que a única razão pela qual andaram mexendo nessa bagunça foi por causa de Silas e Rosemary. Não se inscreveram para salvar ninguém. E são momentos como esse que me lembram com quem estamos lidando.

A quem havíamos amarrado nossas vidas.

Os Hollow Boys não tinham a reputação de serem heróis que apareceram e salvaram o dia. Alistair, Rook, Silas e Thatcher não são boas pessoas. Fazem as coisas de acordo com seus objetivos, para proteger uns aos outros, e eu respeito isso, mas também tenho que entender que os tigres não mudam suas listras.

Só porque dois dos quatro encontraram algum tipo de consolo nos braços da minhas amigas, isso não os torna criaturas dóceis. Serão sempre lobos que farão de tudo para se defender.

— Vamos conversar sobre isso. — A voz firme e controlada de Alistair tenta aliviar a tensão.

— Mas...

— Briar — Alistair sussurra, olhando para a minha amiga com olhos negros como carvão. — Vamos conversar sobre isso, está bem?

Apenas me dê algum tempo.

Minha amiga vira a cabeça desafiadoramente, evitando seu olhar, mas não é do tipo que briga com ele em público. Os dois são reservados em seu relacionamento. É deles, sempre agarrado ao peito. Que é o completo oposto de Sage e Rook. Eles lavam a roupa suja em uma mercearia se um deles estiver chateado.

Um pequeno sorriso atinge minha boca quando ele agarra o queixo dela, puxando-a de volta no lugar para que ela olhe para ele mais uma vez.

— Por favor? — Ele pergunta, a voz muito mais baixa.

Suavidade flutua em seu rosto, e observo os ombros de Alistair relaxarem visivelmente. No entanto, ainda estou presa ao fato de Alistair Caldwell ter dito a palavra *por favor*.

O silêncio dura apenas por um momento antes de eu ser lembrada de por que estou aqui.

— Vim aqui para um jogo — diz Thatcher. — Então, vamos jogar? Ou estão apenas desperdiçando meu tempo?

# SEIS

## O FIM DO HOMEM MORTO

### Lyra

A chuva cai com força total.

Pesados jatos de água explodem contra minha pele enquanto caminhamos em direção à orla da floresta. Observo enquanto Rook joga o capuz de seu pulôver sobre a cabeça, submergindo-se na escuridão.

Ele olha por cima do ombro para nós, exibindo a máscara de *Melpomenes* listrada de preto e vermelho que cobre seu rosto. Quando me pega olhando, ele me dá um pequeno aceno, balançando os dedos de forma provocante.

— Nunca deveria ter comprado isso para ele — Sage murmura com um aceno de cabeça. — Estávamos em uma loja vintage em Hollywood. Não era tão assustador à luz do dia.

— Da próxima vez, evite comprar qualquer tipo de máscara para qualquer um deles. Acho que eles têm o suficiente — Briar acrescenta, e eu concordo com a cabeça.

Não importa que seja apenas um jogo. Se os Hollow Boys tivessem a chance de infligir pânico, aproveitariam a chance. Não importa quem somos para eles. Uma parte deles sempre ansiará pelo poder que vem do medo dos outros. Mesmo que seja daqueles de quem eles gostam.

Quando passamos pela linha das árvores, absorvidos pela floresta, engulo com força, tentando manter um sorriso no rosto para meus amigos, que estão rindo e fazendo piadas. Para eles, isso é como entrar em uma casa mal-assombrada, onde os atores não podem tocar em

você e tudo é divertido. Um pequeno susto para fazer seu sangue bombear e seu coração acelerar.

Um reencontro de amigos. Uma maneira de abafar o que esta cidade tem reservado para nós este ano, homenageando aquele de nós que não pôde estar aqui e a garota cuja morte nos uniu.

Quero me emocionar, aproveitar esse momento com as pessoas que marcaram minha vida, que me fazem sentir humana em vez de um fantasma, mas tudo em que penso é que esta pode ser a última vez que vejo qualquer um deles.

Estou pronta para enfrentar a morte?

Eu já tinha feito isso antes, saí ilesa, mas estou pronta para fazer isso de novo? Olhar nos olhos do ceifeiro e aceitar o destino do qual escapei quando criança?

— Amarre o sapato.

A brisa fria de sua voz faz cócegas em meu ouvido, e olho para baixo para ver que meus cadarços estão de fato desamarrados.

— Surpresa que você está me ajudando. Eu tropeçar te colocaria em vantagem, não acha? — Olho por cima do meu ombro enquanto Thatcher caminha para o meu lado, acompanhando-me.

Um sorriso adorna seus lábios, sua máscara descansando no topo de sua cabeça enquanto olha para mim. O vento sopra violentamente, quase me derrubando.

— Não quero ganhar por causa da sua falta de jeito. — Ele levanta a mão, deslizando a máscara para baixo e protegendo o rosto antes de inclinar a cabeça levemente. — Boa sorte, Pet. Começaria a rezar para qualquer deus que tenha para que eu não pegue você.

Sangue falso jorra das órbitas negras de sua máscara totalmente branca. A expressão vazia no rosto me esconde todas as suas características. Ele mal me dá tempo de responder antes de seguir em frente, me deixando na poeira atrás dele e se juntando aos outros dois rapazes a nossa frente. Eu me abaixo, amarrando meus cadarços a ponto de cortar a circulação, esperando que fiquem presos durante

todo o jogo.

— Cinco minutos — Alistair ordena, virando-se para nós com os braços cruzados na frente do peito. — Essa é a sua vantagem.

— Não é tempo suficiente — Sage argumenta, franzindo as sobrancelhas. — Devemos pelo menos ter dez, cara.

Alistair semicerra os olhos, encarando minha amiga com um olhar que me dá um arrepio na espinha, mas ela se mantém firme, com a cabeça erguida e os ombros para trás, acompanhado seu olhar.

É a única maneira de ganhar o seu respeito. Tenha uma espinha dorsal e não recue. Não o deixe vencer.

— Quatro minutos e trinta e quatro segundos — ele resmunga, e se não fosse pela cobertura de caveira que esconde a metade inferior de suas características faciais, tenho certeza que veria um sorriso malicioso. — Tic-tac, *cara*. Está perdendo tempo.

Há uma breve pausa onde tudo para. Até parece que a chuva parou o tempo suficiente para que todos nós olhássemos uns para os outros, um acordo silencioso passando pelo vento.

Deixei meus olhos se desviarem para Thatcher, o mais alto do grupo de rapazes à minha frente. Não consigo vê-los, mas sei que seus olhos estão grudados em mim. Sua presa pairando na sua frente. Sou um pedaço de carne pendurado em uma garra, e ele é o animal faminto enjaulado esperando para ser alimentado.

Meu coração cai no meu estômago, e quando sinto a chuva na minha pele mais uma vez, corro.

Vencer ou morrer. Não há outra opção.

Porque se ele me pegar, não há nada que me proteja de sua ira. Nem mesmo o próprio Deus poderia me salvar de Thatcher Pierson.

Não demora muito para eu sentir isso.

O ardor no meu peito e a pressão em meus ouvidos. Mesmo que esteja correndo todos os dias, meu controle da respiração ainda é uma merda, mas esta não é a minha suave e pacífica rotina matinal, aquela



que passo olhando para os músculos das costas de Thatcher. Não há pássaros alegremente cantando ou um nascer do sol reconfortante para acalmar meus membros doloridos.

Suponho que seja mais fácil fugir quando é pela vida.

As árvores altas pareciam se contorcer mais perto, me atropelando com seus galhos e troncos encharcados. Inspiro uma respiração irregular e úmida que faz meus pulmões tremerem. Posso ouvir Sage e Briar perto de mim, respirando pesadamente enquanto tentamos colocar espaço entre nós e os perseguidores.

O nevoeiro se instalou e, quanto mais nos aprofundamos nas árvores, mais vago tudo se torna. Consigo sentir o cheiro da chuva no ar enquanto balanço meus braços, me empurrando para frente. Um galho ou talvez um arbusto corta minhas calças, cortando o material e arranhando minha pele. Um silvo de dor deixa meus lábios, mas não me preocupo em verificar os danos. Lidarei com isso mais tarde.

O tempo é obsoleto. Provavelmente só se passaram alguns minutos, mas minhas pernas me dizem que já se passaram horas.

Por trinta minutos, temos que ficar fora do alcance deles, todos os nossos telefones com cronômetros para nos alertar quando o jogo termina. Os vencedores ficam vestidos e os perdedores mergulham no Pacífico sem roupas.

Ziguezagueamos pela base das árvores, dividindo o manto da névoa com nossos corpos e corremos sem destino em mente. Tento ouvi-los, mas tudo o que enche meus ouvidos são as batidas do meu coração e respirações pesadas.

Eles estão por aí. À espreita. Esperando.

Silenciosos, calmos, como água parada.

— Deveríamos...

A voz de Sage é cortada violentamente por um grito desolado que descarrega o pânico direto no meu estômago, um grito cheio de surpresa e medo, que ecoa pelos galhos.

— Briar — sussurro em uma respiração instável.

Viro-me bruscamente para a direita, meu cabelo ameaçando cair de seu rabo de cavalo alto com a força do meu movimento. Minha amiga está pendurada de cabeça para baixo, seu cabelo loiro escuro balançando na escuridão. Uma corda é amarrada em torno de seus tornozelos, suspendendo-a de um galho grosso acima. Ela não parece magoada, apenas assustada, mas acho que Sage e eu estamos em estado de choque.

Uma armadilha?

Isto é, até Briar gritar de novo, fazendo com que nós duas sobressaltemos.

— Eu te amo — Sage murmura, ajoelhando-se no chão na frente do corpo oscilante de Briar e apertando a mão sobre sua boca — mas cale a boca. Você está bem. Vamos colocá-la no chão. Esperemos que eles não tenham ouvido você.

Com as mãos trêmulas, começo a trabalhar no nó que está preso em seus pés. A corda pesada roça em meus dedos macios, e estou me xingando por não ter trazido uma faca. Deveríamos estar mais preparadas. Aparentemente, eles estavam. Iriam tão longe. Eu só não esperava por isso. Fui estúpida em pensar que pegariam leve conosco.

— O nó está muito apertado. Têm alguma coisa afiada? — Pergunto a qualquer uma delas. Posso sentir nossa vantagem diminuindo a cada segundo que ficamos estagnadas.

— Merda não. Não tenho minha bolsa ou... — Sage amaldiçoa enquanto continuo puxando a corda, procurando desesperadamente por uma ponta solta ou alguma maneira de derrubá-la. — Espera, espera!

Olho para baixo, observando-a enfiar a mão no bolso de trás da calça jeans. Coloca o objeto na mão, o metal brilhando ao luar. Nunca fiquei tão feliz em ver um isqueiro Zippo na minha vida.

— Obrigada pelo hábito de fumar do seu namorado — murmuro enquanto pego o cigarro dela à medida que ela segura a cabeça de

Briar para evitar que o sangue suba para sua cabeça.

Aperto o acelerador uma, duas vezes, e nada acontece. O vento uiva e o som de uma risada maníaca é ouvida na brisa. O pânico se instala em meus ossos. Eles estão se aproximando de nossa pista.

— Pequena ladra, posso te ouvir respirando sem mim — Alistair grita na noite, tão longe, mas tão perto, sua voz vibra entre as árvores. É impossível dizer onde ele está localizado.

Foda-se, foda-se, foda-se.

Minhas mãos começaram a tremer enquanto tento novamente, finalmente pegando o isqueiro e observando a chama balançar na noite. Segurando o fogo na corda, olho ao meu redor, vendo se eles estão perto o suficiente para ver na noite, mas são sombras.

A própria noite se misturou a natureza selvagem.

Seria uma desvantagem para qualquer outra pessoa, o breu. Eles prosperam lá. É onde sempre pareceram pertencer.

— Olha o que temos aqui. — A voz é seguida por uma risada perversa que faz meu estômago revirar.

*Rook.*

Olho para a corda, os fios castanho-claros sombreados, transformados em carvão com o calor do isqueiro. Falta apenas mais alguns instantes até que esteja fraco o suficiente para romper, mas estamos ficando sem tempo.

— Para que serve uma maldita vantagem se vocês montam armadilhas antes? — Sage grita, os olhos ardendo de aborrecimento em relação a eles.

— Nunca dissemos que jogaríamos limpo — ele responde, saindo de entre as árvores, vindo em nossa direção.

Não tenho certeza se sabem como jogar limpo ou o que isso implica. Tudo o que importa é que eles vençam, não importa o custo.

O estalo áspero da corda ecoa no ar, e Briar cai desajeitadamente

no chão da floresta com um baque retumbante. Em pânico, ela tenta tirar o laço de seus pés enquanto Sage ajuda, mas Rook avança ainda mais, entrando em nosso espaço, prestes a encerrar o jogo. Sage e Briar nadariam nuas enquanto eu encontro as mãos geladas da morte em um abraço gelado.

Ele não pode pegar todas nós. Tenho a chance de correr, de deixá-las para trás, mas não posso. Mesmo com a aposta delas sendo tão pequena e a minha sendo tão transformadora, não consigo me obrigar a ir embora.

Durante toda a minha vida, me escondi ou fugi das coisas que me assustavam, sempre me misturando ao fundo para evitar confrontos ou atenção. Fiz de mim um fantasma para sobreviver, tornei-me fraca.

Eu não quero mais isso. Não quero ser aquela amiga que foge das amigas e as deixa em apuros. Quero ser a amiga que faz alguma coisa, e é isso que farei.

Com passos rápidos, afasto-me das minhas amigas, examinando o chão até encontrar um longo pedaço de madeira seca e podre, um galho pesado caído que fará o trabalho que preciso.

Rook se aproxima das minhas amigas, distraído por elas apenas o suficiente para que eu possa me aproximar pela lateral. Minhas mãos estão suando enquanto se enrolam em torno do galho comprido, sentindo a madeira cavar em minhas palmas.

Meus braços trabalham antes que meu cérebro possa alcançá-los. Balanço meus braços para frente no movimento de um taco de beisebol, quebrando o galho nas costas de Rook com um estalo alto. O material fraco quebra contra sua pele, deixando-o cair no chão com um gemido.

— Corram! — Grito, sabendo que foi o suficiente para atordoá-lo, mas não o suficiente para mantê-lo no chão para sempre.

Briar e Sage ficam de pé, se espalhando em diferentes direções. Eu saio pela floresta, deixando Rook resmungando no chão. A última coisa que meus ouvidos conseguem ouvir é uma risada sombria.

Não há direção ou plano. Tudo o que sei é que preciso colocar o máximo de distância possível entre mim e Thatcher. O problema?

Não tenho ideia de onde ele está. Conhecendo minha sorte, provavelmente estou indo direto para ele.

O que me é estranho. Sempre sei onde ele está. A sombra grudada na ponta do sapato, o fantasma no corredor. Onde ele está, eu sigo.

Acordar, correr, tomar banho, tomar café da manhã, que é sempre fruta e iogurte às quintas-feiras, e clara de ovo e torradas dia sim, dia não. Sua avó, May, vai ao mercado do fazendeiro na quarta-feira, e acho que ele secretamente se sente mal se não comer os produtos frescos. Ou talvez apenas goste de frutas.

Conheço o seu horário escolar, graças a uma secretária distraída na recepção de Hollow Heights. Existem apenas alguns lugares que ele vai que não consigo encontrá-lo. Os breves intervalos em que ele desaparece uma vez a cada seis meses, às vezes o dia inteiro, outras vezes apenas algumas horas.

Poderia segui-lo onde quer que ele viaje em seu Lamborghini personalizado, mas algo sobre essas raras viagens que faz, parece um pouco privado demais. Os outros rapazes, que eu saiba, nem sabem sobre isso.

Talvez uma parte de mim soubesse para onde ele ia, o que planejava fazer, e essa parte não queria atrapalhar o que estava planejando. Ou talvez eu simplesmente não estivesse pronta para vê-lo fazendo o que Thatcher faz de melhor.

Ferindo pessoas.

— Querida fantasma. — A voz de Thatcher corta a névoa. — Terminou de fugir de mim?

Não tenho medo de ser pega por Rook Van Doren ou Alistair Caldwell. A reputação deles é coisa de pesadelo, e seria compreensível se eu temesse por minha vida. Não são o tipo de pessoa com quem gostaria de se envolver, mas não são eles que me gelam o sangue e congelam as válvulas do meu coração. Eles não me assustam, não

como ele.

Eles estão jogando para se gabar. Esta deve ser uma noite divertida com os amigos. Uma forma de comemorar tudo o que passamos e que voltamos juntos, mas não estou jogando por diversão.

Não tinha feito um acordo com o Diabo ou o *Vengeful*. Barganhei minha vida com a morte, o *Pyscho*, o Hollow Boy com quem todos se sentem mais desconfortáveis. Aquele que faz a espinha de todos enrijecer quando ele entra na sala. Aquele que faz você querer se esconder embaixo da cama, mas não consegue desviar o olhar.

Meu coração bate forte no meu peito enquanto minhas pernas desaceleram por um momento. Só preciso de um segundo para recuperar o fôlego e descobrir onde estou. Tínhamos disparado da praia para a floresta, mas eu ainda podia ouvir as ondas quebrando.

Coloco minhas mãos nos joelhos, engolindo o ar até minha cabeça girar. Estremeço quando as árvores gemem com o balanço do vento, meus olhos se arregalando para olhar ao meu redor.

Meus olhos tentam examinar o que está ao meu redor, mas estou em pânico demais para focar em qualquer coisa por muito tempo. Tento o meu melhor para ficar alerta, mas parece que meus instintos de sobrevivência precisam trabalhar porque cada galho que se quebra e criatura que se move além da névoa aumentam meu medo. Não consigo conter o suspiro alto que escapa quando o som de um corvo uivando ecoa pela noite.

A floresta trabalha a favor de Thatcher, uma marionete em suas cordas enquanto desempenha o papel de sua parceira. As sombras dançam, o chão úmido sob meus pés parece querer me engolir, e a chuva cai em cascatas pesadas que machucam quando corro.

Isso gira minha cabeça, me confunde, criando uma armadilha impossível de escapar.

Meu corpo fica frio de pavor quando me viro para olhar para trás. A névoa parece se mover ao redor de seu corpo, separando-se de seu corpo para evitar tocá-lo. Ele caminha por entre as árvores em um

ritmo vagaroso, sem medo de que eu fuja novamente.

Não há pressa em seu passo, apenas um pé controlado após o outro enquanto se move em minha direção. Sinto o gosto de sangue na boca por correr tanto, o suor escorrendo pelas minhas costas e caio sobre cada galho caído. Meu purgatório pessoal está se tornando realidade, e ele mal se esforça.

Quando ele inclina o olhar diretamente para mim, aqueles olhos glaciais enviam uma sensação de formigamento até o centro do meu estômago. Como adagas de gelo, perfuram minha pele toda vez que os traz em minha direção. É o tipo de dor da qual não posso fugir, o tipo de dor da qual quero mais.

Não acontece com frequência, mas nas raras ocasiões em que Thatcher presta atenção em mim, sinto como se ele fosse o único no mundo que realmente me vê. Seus olhos me fazem viver, me levam de um fantasma a um ser humano vivo e respirando novamente.

Não quero fugir desse sentimento; quero correr em direção a ele, mas não desta vez. Não posso desta vez.

Quando seus ombros largos se aproximam e o luar atinge as cavidades acentuadas de seu rosto, estremeço.

— Eu te deixei ir uma vez, Scarlett. — Sua voz é firme, cortando o escudo da chuva. — Mas não desta vez. Desta vez, sangrará por mim.

*Sangrará por mim.*

É um pensamento terrível, horrível, que surge em minha mente - eu deitada em sua cama enquanto ele arrasta a ponta de sua lâmina favorita em minha pele pálida, deixando um rastro de meu sangue. Eu ficaria quieta e seria seu sacrifício virginal.

Como posso lhe dizer que sangraria por ele agora se ele pedisse? Que não tem que me matar por isso?

Relâmpagos me atingem enquanto o calor derrama em meu âmago, um desejo tão forte e tão consumidor que sinto que não

consigo respirar. Atração sexual, desejo, não é algo que eu tenha sentido por mais ninguém. Esse tipo de sede só pode ser saciado por ele.

Nunca fui tocada por ninguém porque a única pessoa que quero não é uma pessoa.

Toda cidade tem uma história assustadora. Uma casa assombrada que come almas. Um fantasma vingativo à espreita. Ponderosa Springs tem muitos, mas nenhum tão assustador quanto ele.

Ele é um monstro. A escuridão que segura a lua. Um maldito pesadelo, mas é meu.

— Ensine-me, e sangrarei por você.

Digo isso enquanto me afasto de sua presença que se aproxima, passo após passo, sem me preocupar com nada atrás de mim.

— Já está fazendo novos negócios? Ainda não consegui pegá-la. — Sua voz é brincalhona, tão cruelmente brincalhona. — Mas, por favor, não me deixe impedi-la de se ajoelhar e me implorar para deixá-la viver.

— Se eu fizer isso, concorda com o que pedi? Você me mostrará como vive com o desejo de matar pessoas? Como fazer isso?

Tudo que eu preciso é que ele diga sim. Preciso que me mostre como sobreviver a isso.

— Não. — Ele ri, e o som sacode o chão abaixo de mim enquanto ele enfia as mãos nos bolsos. — Mas acho que gostaria de ver como são esses seus olhos no chão, implorando por misericórdia, pouco antes de eu acabar com sua vida.

O lampejo de uma lâmina brilha no escuro, a ponta cega enfiada cuidadosamente na mão grande de Thatcher. O vento quase me joga para frente enquanto as árvores diminuem, abrindo.

— Você me odeia tanto que prefere me matar do que me ajudar? — A pergunta vem de uma profunda sensação de insegurança, que sempre surge quando estou perto dele.



— Não te odeio, Pet. — Sua voz é gelo que desliza pela minha espinha. — Isso exigiria que eu sentisse algo por você.

A decepção se instala em meus ossos. Não estou surpresa com sua declaração. Sempre soube disso, mas ainda dói do mesmo jeito.

Nunca vi Thatcher com uma mulher, mas sei que não sou o tipo que ele procuraria por prazer. Por que iria? A menina que brinca na lama e coleciona insetos?

Ele teve sua escolha. E eu não sou uma delas.

— Eu...

O som das ondas batendo nas rochas toma minha voz, e olho rapidamente para trás. De repente, percebo por que Thatcher não tinha pressa alguma em me pegar. Em minha corrida infundida de terror, acabei na beira de um dos muitos penhascos com vista para Black Sands Cove.

A borda do penhasco irregular se aproxima a cada passo dele. Posso ver a água escura me acenando, chamando por mim.

— O Fim do Homem Morto. Sabe o que isso significa?

Desvio rapidamente minha atenção das profundezas para olhar de volta para Thatcher, que parece um gato prestes a pegar um rato. Ele sabe que venceu. Sabia desde o momento em que este jogo começou.

— Cancelamos isso? — Eu ofereço.

Estou ficando sem espaço, sem tempo. A queda está cada vez mais perto, e posso senti-la em meus ossos.

— Nenhum outro lugar para se esconder, Pet. — Ele estala a língua, um sorriso permanentemente situado em seus lábios, de alguma forma felino e predatório ao mesmo tempo. Tira o telefone do bolso, balançando-o para frente e para trás, me mostrando que ainda tenho dois minutos restantes.

Eu quase o peguei. Quase ganhei. Só mais dois malditos minutos.

A parte de trás do meu sapato esquerdo escorrega um pouco, e me viro para olhar para baixo. Cheguei ao fim da minha corda,

deixando apenas o poço sem fundo abaixo. O vento sopra meu cabelo em meu rosto. Fios molhados ficam presos em minha boca enquanto meu coração dispara. Sou a garota presa em uma teia de aranha venenosa. Não há para onde ir.

Exceto para baixo.

Quando me viro para enfrentar Thatcher novamente, ele está apenas alguns metros à minha frente, cheio de si e pronto para receber seu prêmio. Arrasto os pés até a borda do penhasco, sabendo que as chances de sobreviver são mínimas, mas é isso ou deixar Thatcher vencer. Se houver pelo menos uma pequena oportunidade para eu sobreviver e vencer?

Vou aproveitá-la.

— Thatcher. — Digo seu nome como um sussurro, o vento pegando enquanto a chuva continua a encharcar minhas roupas.

— Suas últimas palavras, querida fantasma?

Mordo o interior da minha bochecha, sufocando o medo dentro de mim com toda a água ao redor. É quase poético que as duas últimas vezes em que enfrentei a morte foram enquanto olhava nos olhos de Thatcher. Algo reconfortante toma conta de mim, sabendo que a pessoa que estou sempre observando estará aqui para ver meus momentos finais.

Estico meus braços, sentindo o tempo me empurrar para trás, balançando a cabeça, mas vejo seus olhos, como estão alertas quando olham para mim, e sei que ele está juntando as peças do quebra-cabeça.

— Antes de começar a me ensinar, há algo que deve saber. — Um sorriso meu abre caminho em minha boca.

Estou prestes a morrer, mas não me importo. Não ligo.

— Lyra, não se atreva.

No entanto, é muito tarde.

— Não subestime a garota disposta a fazer qualquer coisa pelo

que ela quer.

Eu me inclino para o ar vazio atrás de mim, sentindo meu estômago revirar enquanto desço em direção às ondas abaixo. Meus olhos lacrimejantes distinguem a forma de Thatcher na beira do penhasco, olhando para mim.

O vento forte ressoa em meus ouvidos, e a queda parece muito mais longa do que esperava, até que a sensação da água batendo nas minhas costas me tira do meu sofrimento.

Ganhei.

SEMPRE PERDIDO NO FRIO

Thatcher

— Mano, não porra...

O vento forte chicoteia contra meu rosto enquanto abaixo a janela. Sem me importar com o protesto de Rook, empurro meu braço para o ar livre, segurando o maço de cigarros como refém em minhas mãos, ameaçando mandá-los para uma cova de asfalto.

O braço de Alistair serpenteia ao redor do encosto de cabeça, enrolando-se em volta do meu pescoço. Olho para o espelho retrovisor do meu carro, semicerrando meus olhos em seu olhar predatório.

— Se você quer chegar a Portland com seu lindo rosto intacto, sugiro que repense o que está prestes a fazer.

Meus lábios se curvam em um sorriso, e sinto meu pé pisar no acelerador um pouco mais forte quando seu braço aperta meu pescoço como uma jiboia preparando sua comida. Parece que algumas coisas não mudaram ao longo dos anos. Ele ainda está tão obcecado com o conceito de controlar as pessoas, até cada pequena respiração que soltam. E *eu sou* o maníaco por controle.

— Ah, Ali — faço beicinho. — Você me acha bonito?

Seu rosto se contrai com um desafio enquanto balanço o pacote de bastões de câncer para fora da janela.

— Seu ego está ferido, Thatch? Precisa que eu beije para melhorar?

Ergo minha sobrancelha, uma memória curta piscando em meus olhos azuis, e sei pela forma como suas pupilas escuras dilatam que sabe o que estou pensando sem ter que verbalizar.

Por um momento, me permito desbloquear uma memória em minha mente. Lembro-me de um Alistair de quinze anos fraturado, que ficou tão bêbado depois de uma briga com o pai que chorou pela primeira e única vez no chão do meu quarto.

Fraqueza não é algo que tolero de mim mesmo ou das pessoas que me cercam. Não estou tenho o conhecimento do que fazer quando alguém está tão bêbado que não tem barreira. Foram apenas suas vulnerabilidades e a admissão de uma verdade brutal: Que ele preferia morrer a existir como peças sobressalentes para seu irmão mais velho.

Eu estava com tanta raiva dele por permitir que sua família o atacasse assim. Não quebramos. Não importa o quão enrolados ou sombrios, não quebramos.

Aquele beijo que dei em seus lábios manchados de lágrimas foi alimentado por uma raiva que eu não sentia há muito tempo. Queria derramar em sua garganta como prata derretida até preencher todas as rachaduras que eles criaram nele. Queria que ele ficasse amargo, não triste ou fraco.

E sua criança interior faminta, o menino no canto de sua mente que, como eu, nunca experimentou um pinga de sentimento, devorou tudo isso. Dentes e garras o arrancaram da minha boca, engolindo minha fúria como oxigênio e armazenando-a em algum lugar de seu corpo.

Corações desnutridos se alimentam com qualquer coisa que se assemelhe ao amor. Mesmo um primeiro beijo frio e inexperiente de um menino que não sabia nada sobre carinho e bondade. Ele aceitou mesmo assim.

— Por mais que adorasse te beijar só para irritar seu brinquedinho, Alistair, terei que desistir. — Solto o retângulo cheio de nicotina e os deixo flutuar ao vento, fazendo uma breve oração na esperança de que sejam atropelados. — E já te disse, não fume no meu carro.

— Cara, vamos porra!

— Idiota do caralho.

Eu simplesmente reviro os olhos enquanto Alistair se retira, encostado no banco de trás e cruzando os braços na frente do peito como um pirralho mimado. Eles me agradecerão um dia quando não tiverem uma máquina respirando por eles.

— Estamos a vinte minutos da instalação. Infelizmente para mim, você sobreviverá.

Pressionando o pé no acelerador um pouco mais, olho para o velocímetro, sabendo que quanto mais rápido acelero meu carro, menos tempo tenho para ouvi-los reclamando.

— Cuidado, Thatcher. Não tenho certeza se este carro é legal nas ruas dos Estados Unidos. Não gostaria de manchar esse seu registro de direção impecável — Rook ironiza do banco do passageiro.

Meus dedos correm ao longo do volante do carro antes de eu descer para mudar uma marcha. O Aston Martin Victor é o meu carro favorito da minha pequena coleção, um dos últimos presentes do meu avô, que de alguma forma sempre soube o que me dar. Atendendo a cada necessidade hedionda, ele estava lá para me fornecer o que eu precisava.

Na época em que meu pai foi preso e jogado na prisão, já estava tão isolado do resto do mundo que raramente me comunicava com alguém. Os professores reclamavam que eu incomodava as outras crianças e os pais abraçavam seus filhos com mais força quando eu estava por perto.

A notícia do que meu pai tinha feito, o que ele era, se espalhou como um incêndio em Ponderosa Springs, queimando toda e qualquer outra fofoca pelos próximos cinco anos. Todos só queriam falar sobre Henry Pierson, o *Butcher of the Spring*.<sup>9</sup>

Por isso, talvez depois que meu avô me viu no quintal, arrancando galhos de insetos, sabia o que tinha que fazer. Evitar-me só teria piorado as coisas, então aceitou no que meu pai me transformou.

Ele tornou meu hábito favorito muito mais fácil para mim, mesmo do túmulo. Nunca sei todos os detalhes. Ele é tão reservado quanto eu, mas a cada seis meses, vários arquivos chegavam pelo correio: nomes diferentes, todos homens e todos suspeitos de assassinato de alguma forma.

O presente perfeito para um menino lutando contra o desejo de matar. Aos dezessete anos, quando segurei o peso de uma lâmina na mão e acabei com minha primeira vida, foi o momento em que deixei de ser o protegido de meu pai e me tornei algo muito pior.

Um pesadelo pior do que Henry Pierson jamais poderia imaginar.

— Eles teriam que me pegar primeiro. — Eu sorrio, apertando mais forte o volante e passando por dois carros que se movem a passo de tartaruga, entrando e saindo do tráfego na rodovia sem problemas.

A viagem é confortável fisicamente, mas quanto mais perto chegamos da instalação, mais pesado o ar parece no carro. O fio mais aguçado porque nos lembramos porque temos que fazer essa viagem toda semana.

Não demora muito para que os dedos de Rook se mexam com seu Zippo, girando-o constantemente entre os nós dos dedos de sua mão esquerda enquanto a direita se contrai ao seu lado. O metal abre e fecha repetidamente.

*Clique*

*Clique*

*Clique*

*Cli...* — Se quiser que isso se junte aos seus cigarros no asfalto, sugiro que pare com isso — digo, virando-me para olhar para ele por um segundo. — Se você tem algo que precisa dizer, desembucha. Pare de se contorcer.

Sua resposta é um olhar duro, cheio de fogo e raiva ardente. Eu sei que nem tudo é direcionado a mim. Parte dessa hostilidade é o que ele sente por si mesmo. Cada vez que o visitamos, seu subconsciente

tenta convencê-lo mais uma vez de que o que aconteceu com Silas é sua culpa.

O que é ridículo, claro. Silas Hawthorne é inteiramente seu próprio homem, que toma decisões por conta própria. Escolhas teimosas e silenciosas, mas ainda assim, são dele. Rook sabe disso, mas ainda não consegue aceitar que não tem culpa nessa situação.

A culpa o está comendo vivo, e nem mesmo o amor de Sage Donahue é suficiente para conter isso. Levará anos até que ele possa se olhar no espelho e acreditar no que todos tentamos explicar a ele.

— Acha que ele está bem lá dentro?

A pergunta paira no ar, suspensa no espaço, esperando que um de nós a agarre, mas acho que Alistair não quer responder porque sabemos a verdade.

— Não — respondo, recusando-me a mentir. — Acho que ele se sente como um animal enjaulado e raivoso que está sendo ensinado a rolar e sentar sob comando.

Meu estômago aquece um puxão intenso dentro de mim. Detesto a ideia de um dos nossos presos dentro de uma caixa. Meu coração pode não se importar com os três homens que escolhi ter em minha vida, mas minha lealdade ao nosso vínculo sim.

— Eu não...

— Mas — interrompo, olhando para Alistair no banco de trás — ele sabe que é disso que precisa. Mesmo que não goste, mesmo que nós não gostemos, ninguém conhece a mente de Silas melhor do que ele.

Vislumbro a mão de Rook, observando a contração diminuir o suficiente para eu saber que ele não tentará explodir este carro com ele próprio dentro. Eu sei o que ele quer agora.

Punição. Dor.

Uma forma de liberar a culpa de seu sangue por um momento, mas ele sabe que me recuso a machucá-lo por isso e, mais do que isso,



sabe que Sage explodiria se voltasse ao mal para lidar com a perda de Silas.

Eu costumava fornecer-lhe a dor de que precisava para sobreviver sempre que precisava, mas não agora, e não para isso.

— Sim — ele sibila, olhando pela janela. — Você tem razão.

Uma névoa de silêncio cai dentro do carro conforme terminamos nossa viagem e nos aproximamos de nosso destino. Quando entro no estacionamento do prédio de vidro de vários andares, ficamos todos sentados por um momento a mais do que o necessário.

— Quando Silas estiver pronto — Alistair diz, estendendo a mão e colocando uma grande mão no ombro de Rook — arrancaremos a porra das portas deste lugar para tirá-lo daqui. Você pode queimá-lo por tudo o que me importo. Quando ele estiver pronto, estaremos aqui.

Não digo isso em voz alta, mas no fundo de mim, aceso e distorcido, sinto-me mal quando isso sussurra em minha alma,

*Sempre.*

UM JOGO DE XADREZ

**Thatcher**

Não há nada que eu ame mais do que o cheiro de alvejante e antisséptico. Isso me dá água na boca, pois me lembra uma das minhas partes favoritas da minha rotina.

Limpar.

Meu pai detestava limpar a bagunça que fazia. Por isso, para me ensinar outra de suas regras, e também evitar que ele próprio fizesse, eu estava encarregado da limpeza. Quando me deixava entrar no galpão onde mantinha suas vítimas como reféns, era sempre depois de ter se fartado.

Seus cadáveres estéreis foram pendurados nas vigas com correntes maciças que estalavam juntas com o balanço do peso morto. Marcas de corte escancaradas espalhadas por sua pele, ainda drenando sangue no chão.

Não me lembro de ter ficado chocado ou com medo. Esses momentos de emoção, se é que já senti algum, estão borrados em minha mente. Lembro-me de cada balde de sangue agüado que joguei no ralo, o som do esfregão espalhando o espesso líquido vermelho pelo chão. Cada grama de alvejante e par de luvas que usei. Lembro-me do que esperavam de mim, mas isso é tudo.

Sei também que a única coisa importante em que realmente prestei atenção quando se tratava de corpos era o fato de serem muito diferentes a cada vez. Nunca houve o mesmo tipo de mulher duas vezes. Cabelos castanhos, loiros, ruivos, negros. Altas e baixas. Não tinham nenhuma semelhança física, mas tinham um traço singularmente comum.

Todos sangraram da mesma forma.

Líquido carmesim que escorria pelo chão em pingos e córregos grossos, sempre carregando o mesmo aroma de ferrugem.

Por horas, ele me deixava lá enquanto carregava seus corpos para a estufa para prepará-los para descarte, algo que não testemunhei por mim mesmo até os nove anos. Ele foi bom o suficiente para me poupar do desmembramento até que eu entrasse na puberdade.

O cheiro de todos os produtos químicos circulando me deixou tonto na primeira vez. Possivelmente por causa da força do cheiro ou porque da primeira vez, levei horas para tirar cada gota de evidência daquela sala.

Depois de um tempo, porém, aprendi a gostar.

Não a sensação de ele me acordar do sono, sempre às três e quinze. Ou sua voz cansada e áspera me dizendo para me vestir antes de me guiar para o meu trabalho noturno pelo qual eu era mal pago.

O cheiro é o que vim a gostar.

Água sanitária não é suficiente, ele costumava dizer. Mata o DNA, mas não remove o traço de sangue sob uma lente forense. Por isso, tinha que esfregar com alvejante, depois com lixívia, antes de levar um limpador a vapor para toda a sala de aço inoxidável.

Agora, como um adulto, com meu próprio método de remoção de evidências, descubro que gosto bastante do silêncio e da paz que se instalam em meu corpo. Depois de semanas caçando alvos e horas de tortura, limpar meu espaço de sua existência envia ondas de poder em minhas veias. Um final sublime para outra morte perfeita.

— Odeio o cheiro de hospitais — Rook murmura ao meu lado enquanto se mexe em seu assento de metal, lutando para ficar parado por mais de alguns minutos.

Escarneço da ironia privada. — E eu odeio o cheiro de gasolina.

Ele se vira para me olhar, os olhos um pouco arregalados e a sobrancelha levantada em questão — Isso é blasfêmia, mano.

— Não sabia que você era religioso — murmuro, olhando para o meu relógio mais por hábito do que qualquer outra coisa. — Encontrou Deus entre as coxas de Sage recentemente?

Chamas e calor crepitam dentro de seus olhos ao som do nome dela, e eu tenho que me segurar para não engasgar.

Um sorriso diabólico atinge seus lábios enquanto ele estala a língua. — Você não gostaria de saber.

Dou a ele um olhar vazio, um que sugere que não estou impressionado com sua vida sexual.

— Não, na verdade, não gostaria — digo antes de desviar de seus olhos, sem interesse em continuar esta conversa.

Nunca entendi a paixão carnal da atração sexual. A maneira como as pessoas se jogam umas nas outras, percorrendo livremente pelos corpos de estranhos em busca de alívio. Nunca houve uma única pessoa que conheci que me fez procurar seu corpo do jeito que desejo sangue.

O arrastar de pés me impede de responder, e volto meu olhar para o motivo pelo qual viemos até aqui. Ver o rosto de Silas quase fez valer a pena ouvir a música metal de Alistair.

Seu corpo parece mais cheio, preenchendo sua camisa cinza de manga comprida como se passasse todo o seu tempo livre na academia. Sua pele morena clara está cheia de cor. Antes de ser internado, suas órbitas estavam quase vazias devido ao peso que havia perdido, mas a pessoa na minha frente quase parece humana. Se não fosse por seus olhos.

Esses ainda estão muito mortos.

Olhar para eles me lembra de olhar para um cemitério. Vazio, decrépito e cheio de almas enlutadas.

Quando ele se senta à nossa frente, demoro um segundo para aproveitar o silêncio que ele oferece. Não é estranho; é reconfortante. É o Silas. Quando estou normalmente discutindo com um dos caras e Rook está sendo irritantemente barulhento, passei a sentir falta do

silêncio que ele fornece ao nosso grupo.

— Você parece surpreendentemente bem — digo com franqueza.

A cabeça de Rook quase cai de seu pescoço enquanto ele gira para olhá fixamente para o lado do meu rosto.

— O quê? — Ergo minhas mãos em defesa, inclinando-me para trás no meu assento para descansar uma perna no meu joelho. — Só estou sendo honesto.

— Pode não ser um idiota por vinte segundos?

— Eu me sinto bem — Silas nos diz com uma leveza chocante em sua voz que não estava lá três semanas atrás, quando passei para visitá-lo.

— Então estão te tratando bem? Sem problemas? — Rook empurra, seu joelho batendo embaixo da mesa com tanta força que tenho medo que ele derrube tudo.

— Estou bem. Os novos remédios me deixam um pouco enjoado pela manhã, mas fora isso, estou bem — Silas responde, olhando-o nos olhos para garantir. — Assim como eu disse nas últimas dez vezes que me perguntou.

Isso arranca uma risada de Alistair, que permaneceu quieto desde que entramos. — É bom te ver, cara — diz ele com um sorriso tenso.

Sento-me imóvel enquanto eles se atualizam, apenas pairando ao lado deles enquanto conversam e brincam levemente sobre coisas triviais. Silas, como eu, fala pouco e mostra menos ainda. É exatamente como éramos quando dirigíamos para o Cliff à noite.

Se eu tentasse o suficiente, quase poderia me convencer de que toda a tragédia que se abateu sobre as nossas vidas não era real e estávamos no último ano do ensino médio novamente.

A vida, porém, não funciona assim. Sempre tem um jeito de se contorcer e lembrar que está cheia de horror bárbaro e miséria.

— Trocaram as flores? — Silas pergunta, estendendo a mão e pegando o gorro escuro de sua cabeça, expondo seu corte alto e justo.

Rook acena com a cabeça, mas eu respondo. — Escolhi violetas e tulipas desta vez. Se eu fosse ela, ficaria entediado com peônias. — Eu tiro um pedaço de poeira do meu terno antes de olhar para ele.

— Você as trocou?

— Troquei — digo facilmente. — Foi seu único pedido enquanto estava fora, e esses dois estavam brincando em estados diferentes, por isso, era o último linha de defesa para os trabalhadores preguiçosos do cemitério.

Ele me encara por um momento, depois outro, apenas me olhando com aqueles olhos que veem muito mais do que eu quero. Muito mais do que permito.

— Obrigado. Tenho certeza de que Rosemary adoraria tulipas e violetas.

Rosemary Donahue.

Sua morte foi o catalisador de nossa retribuição em Ponderosa Springs. A cidade teve esse terror desde o momento em que nos exilou nas sombras, mas quando Rose foi assassinada, não tínhamos motivos para conter nosso caos.

Não acredito que alguém seja verdadeiramente inocente e não mereça a morte. Todo mundo tem segredos malignos enterrados em seu quintal ou mentiras cruéis sob o assoalho de seus armários, mas se havia alguém puro e honesto neste mundo diabólico, era Rosemary - leve, graciosa, e risonha. Lembro-me da primeira vez que a ouvi. Uma piada de Rook a tirou do fundo do estômago. Não foi nem um barulho que saiu de sua boca.

Estava em seus olhos; acenderam e brilharam. Rugas tingiam os cantos de seus olhos e faziam todo o seu corpo tremer de alegria. A voz quase me assustou porque nunca tinha visto alguém com aquela emoção antes.

Felicidade imaculada que não foi contaminada pelo mundo.

O silêncio soou extremamente frio quando ela morreu, e o mundo ficou um pouco mais sombrio sem a sua risada.

Não *gosto de* pessoas, mas se eu fosse qualificado para isso, teria gostado dela. Desde o momento em que ela entrou em nosso círculo, não houve um pingo de julgamento. O fato de termos sido crucificados publicamente e considerados bestas não afetou a maneira como ela cuidava de Silas. Recusou-se a deixar a cidade e sua família presunçosa influenciar sua lealdade a nós.

E não há nada que eu respeite mais em uma pessoa do que lealdade.

— Falando nela. — Alistair pigarreia. — Há algo sobre o qual todos precisamos conversar.

Eu sabia que essa conversa era uma boa parte do motivo pelo qual fizemos a viagem como uma unidade, em vez de separadamente, como normalmente fazemos.

— O que aconteceu?

Eu suspiro, colocando minhas mãos atrás da minha cabeça. — Os brinquedinhos de Alistair e Rook brincaram de detetive. Por isso, como as meninas estão no controle de suas virilhas, somos obrigados a ouvir o que elas dizem.

Embora fosse capaz de tolerar a presença de Rosemary, eu me revoltava com sua irmã gêmea, Sage. Uma loira morango mentirosa e sorrateira que se enfiou sob a pele de Rook como um carrapato.

Duvido muito que pudesse olhar para ela sem querer estrangulá-la. Eu passei meses da minha vida cortando as costas de Rook por causa de seus erros. E enquanto ele estava disposto a perdoá-la por amor, ela não tem essa liberdade comigo. E nunca terá.

— Thatcher, estou cansado de falar com você sobre isso. — A mandíbula de Alistair cerra, os nós dos dedos flexionados. — Da próxima vez que insultar Briar, não lhe darei um aviso para tomar cuidado com o que fala.

Minhas opiniões sobre Briar Lowell permaneceram as mesmas desde que a conheci. Ela é um espinho no meu lado, enterrada profundamente, e não há como tirá-la até que Alistair se satisfaça.

Respeito, no mínimo, sua mentalidade e raciocínio por me odiar tanto.

Ela é uma ladra habilidosa que roubou a vantagem de Alistair. Uma garota que, como nós, tem dentes afiados, que adora morder quando me aproximo demais de sua amada Lyra.

O que me leva a acreditar que Lyra não contou a sua querida amiga sobre seu passatempo favorito. Eu me pergunto se a perspectiva de Briar sobre mim mudaria se ela soubesse a verdade. Que Lyra era quem estava me procurando, enfiando seu narizinho de botão nos negócios. Pergunto-me se ela seria menos hostil se soubesse que salvei Lyra de um destino que meu pai havia garantido para ela. Eu havia concedido misericórdia a ela em minha inexperiência, e como fui recompensado? Tendo que lidar com uma constante sombra com cheiro de cereja e sua melhor amiga irritante.

— O que elas descobriram? Estão bem? — Silas pergunta, cruzando os braços na frente do peito.

— Nomes de mais garotas desaparecidas. Estão investigando todas elas. Sage diz que há pelo menos quinze em nossa área. Elas querem fazer algo a respeito. Querem ajudar — diz Rook, contando a ele o que as garotas já haviam nos contado.

— E vocês acham que devemos ficar fora disso?

— Acho que começamos isso por Rosemary. Não pelas garotas que não são nosso problema — eu digo.

— Elas podem não ser nosso problema, Thatcher, mas minha namorada é — Rook argumenta, olhando para Silas. — E tenho a sensação de que elas farão algo, independentemente de ajudarmos ou não. Por isso, na minha opinião, descobrimos quem está comandando o show. Derrubamos a organização por dentro porque com certeza não podemos ir à polícia.

— Não ouviu uma palavra que o detetive Breck disse quando ele tinha uma arma encostada no meu crânio? — Pergunto, inclinando-me para frente. — Eles foram apenas o começo. Não temos ideia de quem está envolvido, quem trabalha para eles. Um deslize e estará



implorando por misericórdia na prisão.

— Nunca pensei que você fosse o tipo de homem que tem medo de alguma coisa, Thatcher.

Passo a língua pela bochecha, tentando não pensar na cabeça de Rook aparecendo entre meus dedos enquanto me inclino para ele.

— Não vou para a prisão por causa de pessoas que não são da minha conta. Passar minha vida em uma penitenciária para quê? Tentando bancar o herói? Está esquecendo quem sou? Quem *você é*? — Sibilo, minhas sobrancelhas inclinadas. — Estamos fazendo isso por Silas. Pela Rose. É isso.

Ele recebe minha desaprovação com raiva, seu comportamento impulsivo borbulhando, e meus olhos o desafiam a me dar um soco. Não luto porque é confuso, e meus ternos são caros demais para um golpe barato, mas agora, se ele colocasse a mão em mim, me certificaria de que ele se lembrasse porque precisa tomar cuidado comigo.

— Thatcher está certo, Rook. — Alistair agarra seu ombro, o irmão mais velho que nenhum de nós tinha ou queria particularmente assumir. — Isso é sobre Si e Rosie. Depende dele.

Rook me encara por mais um momento, apenas o tempo suficiente para eu sorrir e lhe atirar uma piscadela sarcástica, mas ele decide não bater com os nós dos dedos no meu rosto de porcelana, voltando sua atenção para Silas.

Gosto da ideia de meninas desaparecidas e vendidas como escravas sexuais? Não. É nojento e, para ser sincero, cafona. Significa que quero arriscar nossa liberdade por eles? Também não.

Passei anos da minha vida protegendo os três sem que eles percebessem, e não quero que isso exploda na minha cara agora.

— Thatcher. — Silas diz meu nome com firmeza e espera que meus olhos encontrem os dele antes de dizer qualquer coisa. — E se fosse Rosemary?

— Como assim?

— Se fosse Rosemary que ainda estivesse desaparecida, e estivesse viva, sendo vendida como escrava, faria isso então? Você arriscaria se eu dissesse que quero todos mortos? Todos os envolvidos na morte de Rosie, até o topo do Halo. Você faria isso?

O silêncio paira no ar por apenas um momento.

— Sim — digo com os dentes cerrados — não ficarei feliz com isso, mas se é disso que você precisa, eu farei.

Silas me conhece, infelizmente. Sabe coisas sobre mim que não lhe contei ou não queria que soubesse, mas ele sabe que minha lealdade a eles é a coisa mais importante para mim. Que eu faria o que eles precisassem, sempre que precisassem.

Minha única fraqueza. São eles.

E acho que uma parte de mim os odeia por isso.

Rook desdenha, jogando as mãos para o ar, pronto para discutir comigo mais uma vez, mas o tom firme de Silas interrompe.

— Bom. Porque eu quero suas cabeças em estacas. — Ele olha para mim um pouco mais antes de se virar para Alistair. — Fique com as garotas, descubra tudo o que elas sabem. E se aproxime de Easton e Stephen Sinclair.

— Eu sabia disso, porra! — Rook anuncia, fazendo com que os trabalhadores olhem para ele com as sobrancelhas franzidas e olhares vergonhosos.

Dou um sorriso tranquilizador para aqueles que ainda nos observam com cautela, colocando minha melhor máscara de político e tentando transmitir com o rosto que não estamos fazendo nada de terrível.

Quando todos voltam para suas tarefas, ergo minha mão e bato na nuca de Rook com uma palmada.

— Por favor, Van Doren, grite a plenos pulmões que planejamos um assassinato em massa. Enquanto faz isso, deixe-os saber que você é um idiota.

Ele esfrega o local em seu couro cabeludo, levantando o dedo do meio para me mostrar. — Eu sabia. — Sua voz é muito mais baixa desta vez.

— Por que? — Exige Alistair.

— Antes de tudo acontecer com Frank, eu investigava as finanças de Stephen. Ele tem bastante dinheiro.

— Isso é uma bandeira vermelha? Devo estar nesta lista de possíveis líderes? — Pergunto, sem vergonha da minha riqueza.

— Mais dinheiro do que ele deveria ter para um reitor, mesmo que seja uma faculdade como Hollow Heights. Existem várias contas *offshore*<sup>10</sup> que não consegui rastrear, mesmo depois de executá-las no meu software — explica ele.

— Invadiu a conta bancária dele? — Alistair diz, com um sorriso nos lábios.

— E seu histórico de pesquisa, telefone celular, e-mails. Ah, e suas câmeras de segurança. — A primeira expressão facial além de sua carranca taciturna normal ameaça aparecer, seus lábios mal se contraindo nos cantos.

Silas é bom em muitas coisas, mas é ótimo em hackear e segurar uma arma. Dois hobbies muito diferentes, mas os faz parecer tão fáceis que se pensaria que eram a mesma coisa.

— Se você conseguir convencer meus pais a deixá-lo entrar no meu quarto, ainda tenho o dispositivo conectado a um dos meus monitores. Ele sabe como trabalhar com eles. — Ele acena com a cabeça em direção a Rook. — Não estou dizendo que ele tem algo a ver com isso, mas é melhor do que nada. Isso deve te ajudar a começar... Lyra?

Lyra? Lyra Abbot?

A diversão me preenche. Que ousadia da minha sombra aparecer aqui assim depois de seu pequeno salto de penhasco. Eu sabia que ela me procuraria eventualmente para discutir o negócio. Aquele em que ela me enganou.

A garota que enganou a morte. Pela segunda vez.

No entanto, me seguindo aqui enquanto estou com os rapazes? Ela é tão dedicada à causa? Melhor ainda, é tão dedicada a mim? Pela primeira vez, uma pergunta invade meu cérebro em relação a Lyra. Quanto ela tinha visto ao longo dos anos de sua espionagem?

Giro em minha cadeira, olhando para a porta, onde Lyra está molhada da chuva, segurando um guarda-chuva quebrado e usando mocassins grossos. A gola alta marrom justa abraça as curvas de sua cintura enquanto se enfia em uma saia de veludo cotelê. É a primeira roupa que a vejo desde aquele baile de Halloween há um ano, que destaca seu corpo em vez de protegê-lo.

Toda a diversão desaparece do meu corpo e é substituída por uma irritação tão forte que minha pele parece pegar fogo.

Não é por causa das roupas ou dos sapatos gastos que ainda têm lama.

Não.

É o sorriso no seu rosto dela.

Amplo, ofuscante, imaculado e destinado a Silas Hawthorne. Ocupa todo o seu rosto, elevando todo o seu corpo a um estado de euforia. Lyra irradia luz do sol na entrada, luz do sol que espreita através de um dossel de pinheiros verde-escuros e perfura o chão da floresta. É um sorriso que some assim que ela põe os olhos em nós.

Quando me vê.

As bordas de sua boca se abaixam, escondendo seus dentes brancos, e posso sentir fisicamente o sol recuar dentro de seu peito, escondendo sua luz e calor de mim, o que me causa algo inexplicavelmente perverso. Minhas unhas pressionam na palma da minha mão enquanto meu punho aperta no meu colo.

— Oh, merda — ela murmura, seus olhos descobrindo os meus por uma fração de segundo antes de voltar para Silas. — Desculpe, posso ir embora. Não sabia que eles estariam aqui. Volto semana que vem.

## *Semana que vem?*

Uma pontada aguda de dor me atinge enquanto meu aperto deixa meus dedos, já pálidos, totalmente brancos.

Silas balança a cabeça. — Não sabia que já era quinta-feira. Você pode ficar. Eles não ficarão aqui por muito mais tempo do que podemos jogar.

Meu controle é uma fortaleza de ferro, que foi trabalhada e construída ao longo dos anos, mas agora, parece um pedaço de fio patético desgastado enquanto olho para ela. As palavras que saem da minha boca não parecem minhas.

— Jogar? — Digo como se cuspissem pregos pela boca. — Jogar o quê, exatamente?

Com as mãos trêmulas, Lyra enfia a mão em sua enorme bolsa, pegando uma caixa. Ela a estende como uma trégua, como se o que quer que a caixa contenha fosse de alguma forma tirar esse sentimento ardente em meu peito.

— Xadrez — Silas responde. — Tenho ensinado Lyra desde que ela insiste em vir aqui toda semana.

## *Toda semana? Ensinar?*

A sensação inconfundível de líquido penetra em minha mão, sangue cobrindo minha palma enquanto minhas unhas se enterram em minha carne.

— Lyra — digo com os dentes cerrados. — Uma palavra?

Minha cadeira raspando contra o chão engole sua resposta, se é que ela tem uma. Não espero que concorde ou aceite meu convite. Estou me aproximando dela quando ela abre a boca para responder, mas dou a ela um breve aceno de cabeça em advertência.

Mais uma palavra sobre suas visitas a Silas me deixará nervoso. Um limite que eu nem sabia que existia até ela.

Mantenho a porta do saguão aberta, virando-me para observá-la

com expectativa. Ela me olha, enraizada no lugar como se seus sapatos estivessem colados ao chão. Se não exigisse contato físico, eu a arrancaria do chão e a colocaria sobre meu ombro, mas não quero tocá-la.

— *Scarlett*. — Meu tom é áspero e baixo, apenas para seus ouvidos ouvirem.

Isso faz com que ela se mova, finalmente.

Seu pequeno corpo passa por mim, e seu cheiro misturado com algo estranhamente familiar flutua em meu nariz. Uma vez que entra no saguão e a porta fechada atrás de mim, enfio os polegares nos bolsos, lembrando de manter minhas mãos para mim.

— O que está fazendo aqui? — Sua boca se abre com a minha pergunta, mas posso ver a resposta em seus olhos. — Pet, é melhor ter uma resposta mais inteligente do que xadrez.

Suas sobrancelhas franzem, como se ela não tivesse certeza de por que a trouxe aqui. Como se estivesse alegremente inconsciente do que fez. O que ela despertou dentro de mim.

— Então o que gostaria que eu dissesse, Thatcher? Porque é por isso que estou aqui. Eu não estava... — seus braços a envolvem, alguma forma de mecanismo de defesa enquanto abaixa o tom — seguindo você, se é isso que pensa. Nem sabia que você estaria aqui.

Passo minha língua contra meus dentes da frente, balançando a cabeça em falsa compreensão. — Então você está aqui estritamente por Silas?

Ela acena com a cabeça rapidamente, nem mesmo me deixando terminar a pergunta.

— Sim, jogamos xadrez às quintas-feiras. Essa é a única razão, juro.

Olho para a minha mão, abrindo-a para encontrar sangue manchado contra mim, os cortes das minhas unhas ainda escorrendo.

— Está deixando-o te ensinar, hein? — Pergunto, sentindo meu

maxilar contrair enquanto esfrego o dedo indicador e o polegar ensanguentados. — Você também está aprendendo coisas com Rook e Alistair?

Olhar para ela é um erro porque seus olhos estão olhando para minha mão, atraídos pela cor de cereja em minha palma, incapaz de desviar o olhar e desesperado para alcançá-la.

Com fome de sangue.

— Eu lhe fiz uma pergunta. — Vocifero. — Você rasteja sobre eles? Segue-os como uma garotinha obcecada por rapazes?

— O-o quê? — Ela gagueja, balançando a cabeça, fazendo todos aqueles cachos molhados balançarem.

Tenho vergonha de quão fácil é para mim estender a mão e agarrar sua garganta entre meus dedos, puxando-a para perto de mim para que não possa fugir. Ela não pode ver mais ninguém junto ao meu peito. Não consegue respirar mais ninguém. Ninguém mais além de mim.

Meu polegar mergulha nas laterais de seu pescoço, sentindo seu pulso vibrar em meu aperto. O líquido escorregadio na palma da minha mão cobre sua pele pastosa, listras de vermelho tingindo um leito de neve no inverno. Fico com água na boca ao vê-la usando meu sangue como um colar de rubis.

— Você os observa? — Pergunto novamente.

Suas pequenas respirações roçam meu rosto enquanto eu recuo minha cabeça, inclinando meu queixo para que ela tenha que elevar seu pescoço em meu aperto para me olhar nos olhos.

— Não, Thatcher. — Ela engasga com suas palavras, meus dedos proibindo sua respiração de sair por conta própria. — É só você. Eu sou seu fantasma. Apenas seu.

Suas palavras deveriam ser gelo sobre minha pele em chamas, mas não são. São um acelerador.

Observá-la lutando em minhas mãos, com meu sangue espalhado

ao longo da coluna frágil de sua garganta e ela me dizendo o quão obcecada por mim é, apenas envia um calor incandescente para o meu corpo.

Nos últimos meses, ela não fez nada além de provocar e irritar meus nervos, arranhando as paredes do meu autocontrole com unhas que nem sabia que ela tinha. Não tenho desejo de ficar perto dela mais do que o necessário.

Quando olho para ela, vejo meu primeiro e único erro, mas agora, parece a amante mais desejável da morte. O próprio *Grim Reaper* teria cruzado terras e oceanos para tocá-la assim, para espalhar cada centímetro de seu corpo em seu sangue para que pudesse lambê-lo até limpá-lo.

Um choque percorre minha espinha.

— Eu não quero que seja nada para mim — digo, querendo me afastar dela imediatamente.

Quero um banho. Quero me limpar dela. Agora mesmo.

Esta é a razão pela qual fico longe. Porque ignoro o ardor de seus olhos na minha pele e sua presença em uma sala. Porque por uma fração de segundo, um único grão de areia de ampolheta, fui fraco por essa garota.

Como um menino inepto, fui fraco por ela e nunca mais quero passar por isso. Eu a deixei sobreviver, a forcei a sair do caminho do meu pai em vez de fazer o que me foi incumbido.

Ela não fará isso comigo de novo.

Solto sua garganta, permitindo que ela inspire profundamente sem restrições, e tento manter meus olhos longe da marca carmesim marcada em seu pescoço.

— Mas, infelizmente, um acordo é um acordo. — Afasto-me um pouco de seu corpo, observando como seu corpo cede visivelmente sem meu toque segurando-a. — Por isso não tenho escolha a não ser seu professor.



Deixarei claro o que é isso e os limites que preciso para que isto funcione.

— Quando começamos? — Ela sussurra, parecendo querer dizer mais, mas se segurando com medo de que eu desista da concordância.

— Próxima quinta-feira.

— Mas eu...

— Mas você? Estou te fazendo um favor aqui, Pet. Não me faça mudar de ideia — advirto, totalmente ciente do acordo que ela fez com Silas naquele dia em particular.

Seus dentes afundam em seu lábio inferior. Aquele seu lado arrogante quer tanto brigar comigo que ela não consegue suportar. Estou quase impressionado por ela se conter. Quase.

— Tudo bem. Mais alguma coisa, Vossa Alteza? — Ela enfia a mão na bolsa, tirando o que parece ser uma jaqueta ou sobretudo e usando a manga para tirar minha mancha de seu pescoço delicado.

Arrasto minha língua em meu lábio inferior enquanto algumas listras minúsculas permanecem, recusando-me a sair apenas com o material áspero de sua jaqueta. Não me lembro de dizer a ela que poderia fazer isso ou mencionar qualquer coisa sobre limpar meu sangue. Se ela quiser fazer isso, aprenderá como eu aprendi.

Através de regras.

— Sim, realmente. — Olho para a minha mão por um breve segundo antes de levar o polegar aos lábios, sugando-o até limpá-lo. O sabor picante atrai minhas papilas gustativas enquanto giro minha língua antes de removê-la.

Através da minha visão periférica, não perco a maneira como seus olhos seguem cada movimento meu. Como se alargam levemente e sua língua rosa corre pelo lábio inferior.

— Haverá regras. Se você não seguir cada uma delas, não importa o quão insignificante seja, este acordo será anulado. Está claro?

— Tem um Guia Thatcher para Assassinato? — Ela murmura.

— Parece engraçado agora, mas garanto que não é. — Meu corpo se afasta mais do dela, cada gracioso passo para trás colocando uma distância bem-vinda entre nós dois. — Esteja em minha casa às seis. Não preciso te dar instruções, certo?

Rosa brilhante inunda suas bochechas, transformando cada centímetro de seu rosto em uma cor rosa empoeirada enquanto ela olha para o chão, batendo os pés conforme balança para frente e para trás.

— Não, eu sei onde é.

— Pensei isso. — Reajusto minhas abotoaduras. — Não se atrase.

Não quero admitir, mas acho que gostarei de colocar Lyra Abbott em seu lugar, endireitando-a e limpando-a. Chega de bolsas desorganizadas que parecem um ninho de rato quando está procurando um livro de que precisa, chega de dedos sujos de toda a lama que ela brinca na caça de insetos.

Foi ela quem veio até mim em busca de meu conselho, então é isso que ela conseguirá. Quer goste ou não, bem, isso não é problema meu.

Minha mão agarra a maçaneta fria, pronto para deixá-la no saguão, e antes que eu possa pensar melhor, falo novamente.

— Ah, e Lyra. — Viro minha cabeça para a direita, olhando por cima do meu ombro para seu corpo estagnado que parece se animar ao som da minha voz, como se ela estivesse em posição de sentido.

— Sim?

— Nunca mais limpe meu sangue do seu corpo sem minha permissão.

**OS LUGARES ESQUECIDOS**

**Lyra**

As bibliotecas devem ser silenciosas.

Os únicos sons para preencher os vazios devem ser os rabiscos de canetas contra papel novo ou o farfalhar de páginas gastas viradas. O rangido ocasional de cadeiras se movendo e vozes abafadas.

A Biblioteca Caldwell, porém, durante o semestre de outono é sempre terrivelmente barulhenta. Os alunos que voltam das férias se gabam das viagens às Maldivas e à Espanha, reunindo-se em grandes grupos, amontoados sobre as longas mesas retangulares de mogno, rindo à vontade.

O design interior do edifício é impressionante, com sua arquitetura de estilo gótico, arcos altos, teto abobadado e incríveis vitrais que revestem as paredes. É uma pena que nunca pude estudar aqui durante o ano letivo.

No meu primeiro semestre, fazer qualquer coisa além de escutar era inútil naquele lugar. Todo o zumbido constante em meus ouvidos e distrações. Há muitos alunos para os bibliotecários policiarem em um tom mais abafado, então agora é substituído por fofocas e transformado em um lounge para alunos que querem sentir que estão estudando, mas na verdade não estão fazendo nada além de latir, mas nem toda a esperança estava perdida.

Levei apenas algumas viagens e uma pequena exploração secreta para encontrar meu esconderijo. Sou boa nisso - encontrar os lugares que os outros ignoram.

Reúno os livros de que preciso para minha aula de genética e genômica, juntamente com alguns extras para um curso extra de

ecologia que escolhi. A especialização em biologia orgânica e evolutiva foi minha única escolha, na verdade, ao selecionar um foco de pós-graduação.

Um diploma de entomologia em Hollow Heights é a opção mais popular, mas era minha e gostei. Não tenho certeza do que quero fazer. Já pensei em me tornar uma etologista, onde poderia estudar insetos em seu habitat natural para pesquisa, mas meu futuro sempre parece tão nebuloso que planejar com tanta antecedência parece inútil.

Flutuo pelas mesas dos alunos despercebida, outro espírito habitando as estantes e nada mais. Subo até o segundo andar, olhando por cima do corrimão na altura da cintura para todas as pessoas lá embaixo.

Observar as pessoas é minha especialidade. Às vezes, quando estou entediada, olho para aqueles que estão ao meu redor, construindo histórias sobre suas vidas em minha mente, embora já saiba basicamente tudo sobre eles.

Yasmine Poverly, por exemplo, filha não de um, mas dois magnatas da arte, que dizem ter redemoinhos como Picasso, sentada um pouco perto demais do namorado de longa data de sua melhor amiga Felicity, Jason Ellis. Será que estão próximos depois dos anos passados juntos? Claro, mas é muito mais divertido inventar algo um pouco mais dramático. Tipo, e se Yasmine e Jason estiverem dormindo juntos, mas não puderem dizer nada porque Jason precisa que o pai de Felicity dê sua recomendação na Johns Hopkins? Ou pior, e se eles estiverem secretamente planejando assassinar Felicity porque ela é na verdade uma cadela furiosa para os dois?

Viu? Muito mais interessante do que serem apenas conhecidos.

Eu me afasto, passando pelas altas pilhas de livros, fileiras e mais fileiras de textos informativos, alguns deles mais velhos do que eu. O cheiro de couro velho e papel murcho fica mais forte à medida que entro na biblioteca.

Algumas seções à minha frente, há uma bibliotecária arrumando

livros, e parece ser a mesma da última vez que estive aqui. Presumo que tenha a tarefa de garantir que os alunos não baixem as calças e tentem foder rapidamente nas partes mais escuras do prédio.

Com facilidade praticada, deslizo por uma prateleira, escolhendo alguns do meu espaço no corredor e deixando-os cair no chão com um baque alto. Assim que o som cobre meus passos, mudo entre duas das prateleiras, permitindo que a iluminação fraca esconda meu corpo.

Há algumas coisas boas em ser invisível, e essa é uma das minhas favoritas.

Eu a ouço suspirar, observando enquanto passa direto por mim e junta os livros no chão. Com ela de costas para mim, aproveito para deslizar mais fundo na seção, passando fileira após fileira até chegar ao meu destino.

Situada entre duas prateleiras de mogno, há uma escada em espiral de aço preto. A seção de livros em si não tem importância, relatos antigos sobre a fundação de Ponderosa Springs e a história da renomada Hollow Heights University, mas a segurança extra não é para os próprios livros; é para o que fica no topo da escada construída em ferro forjado. Os redemoinhos de aço e a treliça de metal se unem para criar uma escada em espiral que leva a uma parte da Biblioteca Caldwell na qual ninguém pode entrar. É um dos dois pontos de entrada para a torre fechada que está fora de serviço.

A certa altura, li que, a usaram para estudantes de astronomia e astrofísica. Telescópios caros estavam colocados em cada uma das quatro colunatas em arco, onde as pessoas podiam observar as estrelas do prédio mais alto do campus.

A maioria das histórias de fantasmas que circulam pelos corredores deste lugar são simplesmente isso - histórias. Contos fantásticos inventados para adicionar ao conhecimento da escuridão que se instala aqui, maneiras de assustar os novos alunos ou assustar os locais.

Rook<sup>11</sup>, porém, não é apenas uma história ou um mito local.

É real.

Passando por cima da corrente e do sinal que diz **NÃO ENTRE** em letras garrafais, começo a percorrer o caminho estreito, subindo os degraus dois de cada vez, girando e girando até chegar ao topo.

O barulho de saltos contra o chão acelera meus movimentos, minhas mãos pressionadas contra o compensado que fica na entrada oval. Eu o empurro para fora do caminho, rapidamente jogando minha bolsa para cima e para o nível acima antes de me erguer para o espaço.

Assim que entro, enfio a madeira de volta no buraco no chão, me escondendo com sucesso de todos abaixo de mim. Prendo a respiração por um instante, certificando-me de que não viram meus sapatos escorregando aqui, antes de soltar o ar.

Quando me levanto, limpando a poeira do meu traseiro, sinto uma rajada de vento soprar de quatro janelas fechadas com tábuas. O grande espaço vazio está cheio de teias de aranha e caixas de livros muito danificados para serem vendidos ou usados.

Há uma pequena escrivaninha escondida no canto, uma que limpei para usar como mesa de estudo quando subi aqui. Logo à direita há uma porta alta, uma que nunca vi por dentro, mas pelas plantas do prédio, determinei que há uma escada de pedra que serpenteia ao redor do nível externo da torre, nos levando até entrada da biblioteca, mas continua trancada e nunca tive coragem de arrombar o ferrolho.

Ando para um lado onde uma placa está faltando e espio a frente do prédio. Desse ângulo, é possível ver todo o campus, até mesmo o oceano que fica logo depois do penhasco ao lado do Kennedy District.

Quando estou aqui, olhando para o terreno, penso em como Tabitha Flëur deve ter se sentido na noite em que caiu - ou, dependendo da versão em que acredita, foi empurrada.

No inverno de 1979, Tabitha, uma brilhante aluna do segundo ano que se especializava em ética, caiu da torre Caldwell como um

saco de pedras, rachando o crânio no caminho abaixo.

A força de sua queda obrigou a manutenção para substituir toda a laje de paralelepípedos quebrada, e há quem diga que ouviu o estrondo por todo o campus. Alguns afirmam que ela estava sob pressão brutal de seus pais, o que a levou a tirar a própria vida.

Se fosse esse o caso, suponho que ela deve ter se sentido livre em pé no arco aberto, olhando para o chão, buscando a libertação de expectativas indisciplinadas, mas a versão mais comum, a que acredito, é que ela foi empurrada. Nunca conseguiram descobrir quem teria sido, mas se especula que seja sua melhor amiga - que convenientemente assumiu sua posição de oradora oficial.

Denise Bohart ainda mora em Ponderosa Springs até hoje, casada com o ex-namorado de Tabitha e passa seus dias como dona de casa aposentada. As pessoas sussurram quando a veem por perto, e ela ainda não falou sobre o que aconteceu.

Há anos estudantes alegam ouvir seus passos aqui quando estão abaixo do nível ou veem seu espírito flutuando pelas fileiras de volumes. Cada livro caído, item extraviado ou solavanco durante a noite é atribuído ao fantasma da torre Caldwell.

Senhorita Tabitha Flëur.

Sei que há muita traição envolvendo este lugar, e a energia geral de Hollow Heights é assustadora. Ainda não consigo deixar de achar lindo. Toda a arquitetura gótica trabalhada, gárgulas de pedra, fontes de mármore e espaço aberto criam um campus de tirar o fôlego. Talvez seja porque sei como é para as pessoas me verem como assustadora. E talvez porque espero o dia em que as pessoas me verão como bonita, em vez dessa garota inseto assustadora e distorcida.

*Buzz. Buzz.*

Puxo meu telefone do bolso, olhando para a mensagem de texto de Sage que me informa que ela e Briar estão a caminho. Envio uma resposta rápida antes de colocá-lo no bolso de trás e depositar meus livros sobre a mesa.

Se o fantasma de Tabitha está realmente assombrando a torre, nunca me incomodou antes. Talvez porque perceba que está em boa companhia com alguém como ela. Embora viva, também sou um fantasma, uma pessoa que aprecia os espaços macabros pelo que são.

Há algo incrivelmente sedutor em espaços abandonados.

Cemitérios, o mausoléu abandonado atrás do Rothchild District e esta torre empoeirada, todos abrigam mitos assustadores e medos infundados, mas no fundo, são todos iguais.

Um lar para os esquecidos.

Aqueles que se misturaram ao esquecimento e cuja memória não existe mais a não ser para assustar as pessoas. Todos eles me parecem um lar, em vez de um lugar de luto ou tristeza.

Porque eu também sou um dos esquecidos.

Um farfalhar de material faz cócegas em meus ouvidos e, quando me viro, vejo que um dos lençóis brancos que foram colocados sobre uma das peças perdidas da mobília agora está ocupando o chão.

Minhas sobrançelas franzem, meu cérebro me dizendo que foi simplesmente o vento e nada mais. Um gemido alto percorre pelo chão, a vibração de passos pesados vindo de algum lugar próximo.

Uma pontada de medo se acumula em meu estômago, a minha parte subconsciente me dizendo que é algo diferente da idade do prédio e as poderosas rajadas de vento do lado de fora.

Olho ao redor da sala, certificando-me de que ainda sou a única pessoa dentro da torre. Quando a vejo completamente vazia, mais uma vez digo a mim mesma o que todas as outras pessoas dizem. *Sua mente está te pregando peças bobas, Lyra. Está apenas cedendo às histórias, muitos filmes de terror antes de dormir.*

Outro gemido range no espaço, mas desta vez, está muito mais perto. Olho para a porta de metal fechada a minha frente, olhando-a até que o barulho volte. É o som dos pés de alguém, demorando-se enquanto sobem degraus antigos.



Cada passo é acompanhado por um grito dolorido de material envelhecido, enviando ecos para a torre em que estou. Os filmes sempre nos dizem para evitar caminhar em direção a comoções terríveis, mas a curiosidade humana é uma coisa danada.

Ando em direção à sinistra porta de metal, a cor escura remendada com manchas de ferrugem do tempo, e ferrolhos decoram as bordas. Não é exatamente o tipo de porta que te convida a abri-la. Meu corpo se inclina para a frente, as palmas das mãos espalmadas contra o aço frio. Está tão frio que quase sibilo de choque. A sensação gelada queima minha pele, mas não me afasto; em vez disso, eu me inclino ainda mais.

O silêncio paira no ar, tão quieto que é quase alto. Posso ouvir cada respiração que passa pelos meus lábios e sentir a batida redundante do meu coração. Pressiono meu ouvido na porta, tentando ouvir aqueles passos pesados, mas não ouço nada.

Há um estrondo atrás de mim, fazendo-me afastar da porta um pouco mais rápido do que minhas pernas esperavam. Eu me sinto escorregando para trás, tentando rapidamente colocar minhas mãos abaixo de mim para amortecer minha queda. Quando minha bunda bate no chão, grito de dor. A dor lateja imediatamente no meu traseiro quando viro a cabeça para ver de onde veio a comoção. Uma brisa forte derrubou outro dos painéis de tábuas, jogando a folha de madeira no chão.

O vento uiva e chicoteia pelas frestas abertas, assobiando dentro do pequeno espaço que sempre achei bastante charmoso até aquele momento. Uma sensação de queimação formiga meu corpo, e olho para as palmas das mãos. De fato, realmente me salvaram de quebrar meu cóccix, mas sofreram danos colaterais em troca. Estrias desagradáveis e irregulares cortam a carne macia de minhas mãos abertas.

Eu mordo o interior da minha bochecha enquanto olho para as camadas de pele arrancadas - nada tão ruim que precise de atenção médica, mas definitivamente precisarei de uma carga de Neosporin e

alguns curativos.

— Sem mais filmes de terror depois da meia...

O gemido rígido e arrepiante de uma porta se abrindo me interrompe. A escuridão e as coisas desconhecidas que espreitam lá nunca me assustaram. Nunca tive medo dos esbarrões noturnos ou portas entreabertas de armários porque estive cara a cara com meu pior pesadelo e sobrevivi. Vi o pior da humanidade, como era o verdadeiro mal, e saí viva.

Quando olho no espelho, a escuridão que todos temem me encara de volta. Não tenho nada a temer quando sou o próprio medo. Por fora, continuei a mesma garota, mas por dentro havia me transformado em obscuridade e morte.

Portanto, não fico surpresa comigo mesma quando me viro para a porta, sem me importar com o que poderia estar parado na porta aberta. Minha imaginação evoca todos os vilões e monstros de filmes de terror que já vi, preparando-se para qualquer demônio ou assassino que me espera.

A porta está aberta apenas um centímetro, o suficiente para que eu perceba que está entreaberta, mas nada além dela faz um movimento para entrar. Sento-me olhando por mais um momento, esperando pacientemente pelo inevitável susto, e quando nada sai, solto um suspiro.

O vento teria sido forte o suficiente para abrir esta porta pesada? Mesmo que tivesse sido, como foi desbloqueada? Eu puxei e puxei aquela alça quando cheguei aqui pela primeira vez. Não havia como abri-la sem o uso de uma chave.

A logística de como ela está ali aberta, espalhando a escuridão, é apenas um breve pensamento. Levanto-me, espano minhas calças com as costas das mãos, tomando cuidado para não esfregar minhas feridas abertas contra o jeans.

Há apenas o vento por mais um instante antes que um tilintar metálico ecoe por trás da porta. Sua harmonia prateada faz os pelos

dos meus braços dançarem e minhas sobancelhas se levantarem. Sai da fenda exposta, flutuando e se enredando com o assobio do vento. A música me faz pensar na noite em que dancei com Thatcher no baile All Hallows Eve durante nosso primeiro semestre.

A valsa tinha sido dura, uma que usamos como uma distração para Alistair e Briar escaparem sem serem detectados, ele disse uma vez que a última nota foi dedilhada, mas mesmo que mal nos falássemos, a sensação de girar em uma pista de dança encerada com ele me segurando foi uma noite com a qual sonhei por meses.

A caprichosa melodia dedilhada faz o oposto de seu possível propósito pretendido. Não estou com medo; Estou intrigada com o que quer que esteja atrás desta porta tocando música que me lembra tanto de como era estar nos braços de Thatcher.

Como era valsar com a morte. E sair ilesa.

Quando abro mais a porta, sentindo que ela resiste à minha força, empurro um pouco mais forte até que esteja aberta o suficiente para que eu possa ver o interior. Uma única vela fica no topo da primeira escada. Eu estava certa sobre os degraus de pedra, idênticos ao material que compõe as paredes ao redor.

A vela cintila, atingindo apenas um raio curto. Mal posso ver o segundo degrau, e tudo abaixo dele parece ser apenas uma obsidiana escuridão que engole toda a luz. Ao lado do castiçal dourado, agora coberto com cera branca, está a fonte da melodia - uma caixa de música quadrada. Eu me agacho, pegando-a quando a música termina de tocar. A base de madeira escura é decorada com delicados redemoinhos brancos que envolvem toda a superfície. Cada detalhe parece pintado à mão.

Meus dedos traçam o topo, onde fica uma pequena gaiola prateada. As barras brilhantes envolvem uma falsa mariposa-cabeça-da-morte. É a mais comum na cultura pop, devido ao famoso O silêncio *dos Inocentes*<sup>12</sup> e também pelo notório padrão em forma de caveira em seu tórax.

Giro a alavanca na parte de trás, soltando-a assim que a tração

estiver forte o suficiente, e observo a mariposa girar dentro da gaiola. Ela gira em um círculo e, por um segundo, fico hipnotizada com a sua beleza.

Se era de Tabitha Flëur, que realmente assombrava a torre e começou a gostar da minha companhia, ou talvez alguém mais vivo, realmente não me importo. O presente é apreciado.

— Obrigada — sussurro no vazio, olhando para baixo na escadaria sem luz com a respiração suspensa.

Nenhuma voz retorna o sentimento, mas...

Posso senti-los. A presença de alguém escondido nas sombras logo além do alcance da vela.

— Lyra!

Meu nome é sussurrado em uma voz suave de onde me aventurei nesta sala. Eu dou mais uma olhada para o escuro antes de deslizar apressadamente de volta para a sala e fechar a porta atrás de mim.

Pressiono minhas costas contra ela, olhando para a madeira compensada no chão se movendo antes que o cabelo loiro de Briar apareça. Seus olhos vasculham a sala antes de me encontrar.

— Parece que viu um fantasma — Briar murmura do buraco no chão, olhando para mim com as sobrancelhas franzidas. — Está bem?

Esfrego meu esterno com o punho, tentando acariciar meu coração em um ritmo constante novamente. Tem que haver uma explicação racional para a caixa de música, mas agora, tudo o que meu cérebro pode pensar é que foi um presente de alguém. Se queriam me machucar, tiveram sua chance.

— Sim, acho que estou aqui um pouco demais.

Ajudo Briar a se levantar e observo enquanto Sage se levanta rapidamente para dentro da sala, tirando a poeira de seu jeans de bolinhas que fica tão bem nela.

— Tem que pegar um pouco de sol, garota. Toda esta escuridão engolirá você — acrescenta Sage, caminhando em minha direção com

um sorriso deslumbrante no rosto sardento, usando a mão para afastar um dos meus cachos do rosto.

— Podíamos ter feito essa reunião em algum lugar que não exigisse arrombamento e invasão, sabe? Meu apartamento, a casa de Sage, sua cabana — Briar respira, olhando ao redor para o espaço empoeirado. — Estou começando a achar que não quer que vejamos seu pequeno esconderijo.

Ela está falando da cabana da minha mãe, ou melhor, da minha cabana agora. Passei os últimos dois verões refazendo o interior, pintando o exterior e tornando o espaço habitável. Aquele lugar tinha sido uma das muitas coisas que me deixaram em seu testamento, e era um de seus locais favoritos.

Quando fui liberada do estado aos dezoito anos, minha conta bancária havia aumentado substancialmente. Sabia que minha mãe e eu estávamos bem, mas quando vi o número, meus globos oculares quase caíram do meu crânio. A seguradora me disse que era da sua apólice, mas, mesmo assim, parecia muito dinheiro.

Não é que eu não queira as garotas lá - quero, mais do que elas imaginam. Estou apenas nervosa em compartilhar este projeto no qual trabalhei duro, este espaço que minha mãe adorava, com outras pessoas. Sei que elas não me julgarão; são minhas amigas, as únicas amigas que já tive, mas minha insegurança e histórico de ser ridicularizada me deixam apreensiva.

— Não estou escondendo nada de vocês duas — digo suavemente.  
— Eu só acho que este lugar é muito mais legal.

— Lyra, eu te amo — Sage murmura enquanto Briar joga sua mochila no chão — mas este lugar me dá arrepios.

— A maioria dos lugares de que gosto tem esse tipo de efeito nas pessoas.

— É por isso que te amamos — Briar diz, piscando para mim de seu lugar agachada no chão. Ela está em busca de algo e, quando encontra, se levanta e me oferece.

Vou alcançá-lo, mas ela o puxa de volta antes que eu o toque.

— Alistair me contou sobre a viagem para ver Silas.

— Sim? — Digo, franzindo minhas sobrancelhas. — Eles concordaram em investigar as outras meninas. Conversamos sobre isso.

— Ele me contou sobre a viagem inteira, Lyra — ela enfatiza. Algo frio cruza seus olhos. — Achei que não guardávamos segredos uma da outra.

— Não aconteceu nada, B. — A mentira na minha língua tem um gosto amargo, tão ácido na minha boca que tenho vontade de cuspir.

— Então ele acabou te afastando para uma conversa sobre o dever de casa? — Ela cruza as mãos sobre o peito. — Escute, se ele disse algo para você, pode me dizer. Eu posso...

— Não preciso de você para nada — digo, mantendo minha posição. — Não preciso que vá contar a Alistair. Sou totalmente capaz de lidar com Thatcher Pierson sozinha. O que aconteceu entre nossos pais não tem nada a ver conosco.

Tecnicamente tem tudo a ver, mas estou tentando deixar claro.

Sei que Briar vê Thatch como o inimigo. Que por causa do que seu pai fez, de repente sou um alvo. Ela está sendo uma boa amiga, cuidando de mim, mas sei que sou capaz de me defender.

Sou quieta, não fraca.

— Sabemos que você é — Sage interrompe. — Nós apenas nos preocupamos, Lyra. Tem que ter cuidado. Estou tentando respeitar o fascínio que tem por ele, mas não quero que Thatcher tenha um ataque de raiva quando descobrir que esteve... — Ela luta com a palavra. — Sabe, seguindo-o.

— Perseguir, você quer dizer? — Eu dou a ela o termo correto, e ela estremece.

Elas mesmas disseram que não têm o direito de me julgar e o que faço. Como me sinto, mas sei que é difícil para elas entenderem - é

difícil para todos entenderem. A conexão que compartilhamos é algo privado; só ele e eu podemos sentir isso. Vê-la. Compreendê-la.

É assim que eu gosto.

A caixa de recordações que colecionei de Thatcher ao longo dos anos foi minha ruína. Elas sabem da minha obsessão por ele, e tentei explicar por que sinto a necessidade de estar perto dele, mas isso não significa que gostem.

— Ele é perigoso. Sua fixação pode ser apenas um efeito colateral do seu TEPT, Lyra. Chegar perto dele me assusta por você — Briar insinua, não escondendo sua desaprovação por ele.

Eu me encolho um pouco com a pura natureza hipócrita da minha amiga. Briar Lowell é corajosa e o tipo de amiga que quer ao seu lado nas piores tempestades. Não há nada que eu não faria por ela e ela por mim, mas isso? Essa não é ela.

— Sim? Lembro-me de ouvir as mesmas coisas sobre Alistair, B. Veja como isso funcionou para você — digo. — Acha que ele não é perigoso? Que não assusta as pessoas?

— Lyra...

— Mas nada disso importa, certo? Porque não é o que *you* vê. O Alistair que você ama. — Olho para Sage. — O Rook que você entende. Eles não são as mesmas pessoas que esta cidade conhece. São os vilões em todos os sentidos para Ponderosa Springs, mas não para vocês.

Filhos de famílias fundadoras condenados pela própria cidade que seus ancestrais construíram. Os Hollow Boys são os anti-heróis que recusam a redenção porque se sentem confortáveis em sua corrupção.

— Thatcher é a criatura debaixo da cama de todos. A besta do mal em seu armário esperando que adormeça. A morte personificada. É o conto de terror favorito de todos, mas ele nunca, nem uma vez, foi o monstro da minha história.

Não, ele foi o garoto que me salvou uma vez. Um pequeno fato que minhas amigas não sabem. É algo que pode mudar a perspectiva

delas sobre ele, mas não posso contar. Ele não queria que eu contasse.

Aquela noite é um segredo entre nós dois.

— Sinto muito — Briar diz, pegando minha mão e juntando nossos dedos mindinhos, me dando um aperto forte. — Estou no limite com tudo isso. Estou preocupada *pra* caralho. Sobre tudo. Os rapazes, vocês. Apenas me ignore.

— Sabe que aprecio isso, não é? Eu faria o mesmo por você se achasse que precisava, mas prometo que estou bem. — Todas compartilhamos um olhar de trégua, o que significa que elas deixarão para lá até que ele faça algo de que não gostem. — Agora, o que há na pasta?

— Alistair disse que investigarão Easton e Stephen, mas eu tenho outra rota que acho que podemos investigar. — Briar coloca a pasta em minhas mãos, deixando-me folheá-la.

Sage se encolhe ao ouvir o nome de Easton Sinclair, e não a culpa. O cara é um saco de lixo, e uma parte de mim espera que ele esteja envolvido para que seja tratado adequadamente.

— Coraline Whittaker — Sage diz enquanto vejo imagens de Coraline e artigos sobre seu desaparecimento. — Isto é o que pude encontrar sobre ela, mas mesmo com o pouco que temos, ela não é como as outras garotas do Halo.

Eu conheço a Coraline. Bem, dela.

— A maioria das meninas que foram levadas eram de West Trinity Falls. Pessoas que são de lares divorciados ou adotivos. São rotuladas como fugitivas — murmuro, completando o que Sage está me dizendo. — Coraline era rica, decentemente popular, com dois pais. Por que correr o risco de sequestrar uma garota que as pessoas procurariam?

Na Ponderosa Springs High, cada grupo tinha uma hierarquia. Não havia apenas um grupo popular; eram todos. Todo mundo era rico demais para não ser. O grupo de Coraline, por falta de uma



palavra melhor, eram os góticos.

Loucos por arte, prodígios da música, poetas. Garotos artísticos que se rebelaram usando muito delineador e a cor preta. Então, embora ela fosse bem conhecida por seu grupo de amigos e apreciada por muitos, ainda era um pouco solitária.

— Foi o que eu disse, por isso pesquisei um pouco mais e encontrei isso. — Sage enfia a mão no bolso de trás e tira um pedaço de papel dobrado.

— De jeito nenhum — sibilo, afastando-a para ver que é uma fotografia.

Está um pouco granulada, mas nítida o suficiente para que eu possa ver todos os rostos.

Frank Donahue, o pai de Sage, sorrindo ao se sentar ao lado de Greg West, Stephen Sinclair, James Whittaker e, por último, Conner Godfrey. Todos posaram na sala de estar da propriedade Sinclair, segurando bebidas em um brinde.

Todos mais jovens, é claro, provavelmente alguns anos mais velhos, mas todos parecem ser amigos íntimos ou, pelo menos, têm algo em comum que os torna amigáveis.

— Foi o que eu disse. É apenas uma coincidência que dois deles estejam mortos por estarem envolvidos no Halo? Pode ser. É possível que todos façam parte disso? Sem dúvida — diz Briar. — Acho que é algo que devemos investigar, todos eles.

As rodas na minha cabeça começam a clicar, percebendo qual é a minha parte em tudo isso.

— Greg e Frank estão mortos. Os rapazes estão lidando com Stephen. Isso deixa James e Conner.

— Não seria ótimo se tivéssemos alguém que já tivesse um relacionamento com um deles? — Sage cantarola, olhando para mim com um sorriso malicioso.

— Melhor ainda, uma amizade com um deles — acrescenta Briar,

com os olhos brilhando de malícia.

Olho de volta para a foto, olhando para o homem à direita. Óculos pretos e quadrados emolduram seu belo rosto. Não quero que ele faça parte disso. Não porque me importe com ele dessa forma, mas porque parece uma pessoa gentil. É legal comigo. É meu amigo, mais ou menos.

Morar aqui não permite que dê a alguém o benefício da dúvida. É culpado até se provar inocente, e não o contrário.

O que significa que terei que manter Conner por perto.

— Mantenha seus amigos por perto — murmuro, passando o polegar pela foto.

— E seus inimigos mortos.

O JARDIM NA COLINA

**Lyra**

A casa que assombra Pierson Point.

É a história que todas as crianças ouvem em Ponderosa Springs.

Um rito de passagem.

Se você cresceu aqui, pelo menos uma vez na vida, já se deteve diante dos portões de ferro forjado e das estátuas de corvo que se empoleiraram nas laterais. Geralmente é um grupo de crianças que faz a corajosa viagem até a base da colina apenas para olhar para a casa como um teste de coragem.

A propriedade que fica no topo de uma colina tem uma vista deslumbrante de Ponderosa Springs e de todos os que a habitam. Observa sinistramente, monitorando crianças mal comportadas. A lenda diz que uma vez que sabe todas as coisas perversas que fez, atrai você, chamando-o como uma sirene para um marinheiro, sussurrando uma canção de ninar em seu ouvido até que seja puxado para os portões da frente e tenha permissão para passar, mas uma vez que está dentro, nunca mais sai.

Esse mito só cresceu depois que o pai de Thatcher foi condenado por seus crimes. Agora, não são apenas as crianças que desaparecem ao entrar na propriedade infame.

A música toca baixo em meus alto-falantes enquanto os portões se abrem, deixando-me entrar. Uma mosca presa em uma armadilha, um inseto disposto zumbindo na teia de aranha. A longa entrada de automóveis é ladeada por zimbro verde-escuro e árvores de bordo frondosas que criam um dossel sombreado ao longo da estrada pavimentada.

Não foi preciso procurar muito para encontrar a história e o leiaute da propriedade de cinquenta e sete acres da Era Dourada que os Piersons chamaram de lar por décadas. Eu investiguei isso logo depois de tirar meus hábitos de perseguição fora da escola.

Segui Thatcher para muitos lugares diferentes, mas o *interior* de sua casa nunca foi um. E não por falta de tentativa. É impossível entrar na casa sem disparar um alarme ou ser notado por um zelador. Assim que Thatch entra na privacidade de sua casa, sua vida se torna um mistério silencioso para mim.

Por curtos períodos de tempo, espreitava pelas janelas do andar térreo, vendo-o andar pela cozinha e em vários cômodos, mas não conseguia ouvi-lo. Sua avó, May, raramente fica na ala oeste da casa, por isso nunca vi suas interações com ela.

Imagino como ele é, talvez tocando música clássica nos alto-falantes enquanto prepara o café da manhã. Ele faz a própria cama? Alveja seus próprios lençóis? São brancos mesmo? Coordena a cor de seu armário?

Tantas incógnitas sobre o espécime que guardei com tanto carinho em meu coração, e isso me deixa louca. Quando me preocupo com uma nova espécie de inseto, quero saber tudo sobre ela. A maneira como se move, como vive, como é o esqueleto interno. Quero examinar de perto cada movimento e hábito.

As janelas de vidro colocam um mundo inteiro entre nós dois. E a pior parte é que quando ele desaparece em seu porão, a espionagem para completamente. Não há janelas nessa área. É o único espaço que sei que ele é descaradamente ele mesmo, todos as suas guardas baixas, existindo em seu habitat natural, e eu nunca fui capaz de vê-lo, mas isso está mudando hoje.

É um alívio saber que existe a possibilidade de aprender coisas com Thatcher que ninguém mais poderia me ensinar, guiando-me para alguma forma de liberação dessas fantasias mórbidas avassaladoras que tenho, mas também há emoção. Deveria estar focada no que aprenderei, não consumida com o pensamento de estar dentro de sua

casa, onde seu cheiro é fresco e seus movimentos são genuínos.

Só eu e ele. Sem esconder.

Meu corpo ocupando espaço nos espaços privados que ele mantém para si mesmo. Faz os dedos formigarem.

Quando as árvores se separam e a entrada da garagem termina, me deparo com um pátio de paralelepípedos decorado com arbustos de magnólias repletos de cores vibrantes. O casarão em estilo chateau de calcário nunca deixa de me tirar o fôlego, com sua arquitetura delicada e arcos com mísulas e pilares decorativos. Cada medalhão e cornija detalhados são esculpidos à mão, fazendo com que a casa se adapte a quem mora dentro dela.

Estaciono meu veículo de modelo antigo, sentindo-me incrivelmente inadequada em comparação com os Cadillacs e outros carros de luxo que estão por perto. Olhando para o meu telefone, vejo que estou vários minutos adiantada e minhas opções são limitadas a ficar no carro ou sair. Considerando que sou uma indivíduo bastante curiosa, opto pela primeira.

Minhas botas de chuva amarelas e antiquadas fazem um som de *splat* quando atingem uma poça d'água. Meu rosto é imediatamente saudado com a sensação de chuva quente contra minha pele. Olho para as nuvens prateadas, densas e raivosas.

Em vez de entrar na imensa e majestosa casa, dou a volta a sua lateral, tentando contar todas as janelas ao longo do caminho. Chego a trinta e uma quando finalmente chego ao quintal. Só pude ver este lugar brevemente por medo de ser pega bisbilhotando, mas agora que fui convidada, sinto que posso realmente absorver tudo.

Não há piscina ou quadras de tênis, nada que grite luxo ou riqueza em abundância.

Apenas flores.

O jardim verdejante se estende por quilômetros e parece que cada centímetro quadrado está coberto de rosas. Até a linha das árvores, pétalas vermelhas, rosas, amarelas e brancas decoram o espaço. No

centro estão colunas robustas que correm verticalmente enquanto uma treliça fica no topo. As rosas trepadeiras serpenteiam ao redor dos pilares, rastejando até criar uma cama ao longo da teia da treliça.

Altos arcos brancos são envolvidos delicadamente em suas vinhas. Há estátuas de mármore vestidas apenas com pétalas, fileiras de arbustos brilhantes transbordando de flores vibrantes. Perto da parte de trás há uma fonte, e também é adornada com a planta espinhosa.

O cheiro é tão forte que me deixa tonta, e meus olhos não conseguem decidir o que focar primeiro, tão meticulosamente feito, mesmo que o céu esteja tingido de cinza e o ar mudo, sem todas as cores.

A flor é como um sopro de vida em um corpo rígido sem espírito.

Meu corpo se move intencionalmente ao longo do espaço. Avanço lentamente, observando o modo como trepadeiras e videiras de rosas estão amarradas nas laterais da casa. Passando sob o conjunto de colunas, sei que isso deve ter levado anos para ser aperfeiçoado.

Estendo a mão para a frente, segurando uma pétala entre o polegar e o indicador, esfregando a maciez da flor. Sinto a chuva encharcar meu cardigã, mas não posso me incomodar com isso. Meus dedos roçam um espinho, minha carne desafiando-o a me picar.

— Você não encontrará Thatcher aqui. — Uma voz elegante, suave como o mel, me faz virar. — Ele praticamente evita esta parte da casa.

Uma mulher mais velha usando um chapéu branco e luvas de jardinagem me encara enquanto ajusta as flores em sua cesta. Fico tentada a acreditar no boato de vampiro que juram que a família Pierson é imortal quando olho para ela.

— Estava... ugh, suas flores são lindas — gaguejo, apontando para as flores atrás de mim. — Desculpe, sou Lyra. Sou uma...

Faço uma pausa. O que exatamente sou para Thatcher? Estudante? Aluna? Definitivamente não é uma amiga.

— Amiga? — Ela oferece, arqueando uma sobrancelha escura em

minha direção com uma expressão de conhecimento em seu rosto. Isso me faz pensar o quanto ela sabe sobre mim.

— Sim, poderia dizer isso — murmuro, lambendo meu lábio inferior repentinamente seco. — Desculpe-me por perturbá-la. Se me apontar a direção...

— Absurdo. — Ela acena, me interrompendo com um movimento de seu pulso. — Faz anos desde que outra mulher voluntariamente entrou nesta casa. Estou cansada da testosterona.

Não luto contra o arrepio que percorre minha pele, o significado por trás de suas palavras. As mulheres não entraram nesta casa porque conhecem a história. Sabem o destino que as mulheres foram forçadas a enfrentar anos atrás.

— É a mãe de Thatcher?

O riso, caloroso e jovem, ecoa em seu peito. Um bando de corvos grasna ao longe, voando pelo céu silencioso. Ela continua a rir, com um sorriso no rosto. — Não, querida, sou a avó dele. Não tenho certeza se está apenas tentando me conquistar ou está nervosa, mas aceitarei o elogio de qualquer maneira.

Não acho que seja um exagero adivinhar que ela parece mais jovem do que sua idade. A falta de rugas e o coque baixo enganam bastante. Suponho que os Piersons apenas envelhecem bem, como fazem a maioria das coisas.

Seu calor me ajuda a relaxar um pouco, sabendo que ela estava obviamente ciente de minha presença hoje. Sinto meus ombros liberarem a tensão que criaram.

— Sua casa é linda — digo, esfregando meu dedo nas rosas mais uma vez. — Morou aqui a vida inteira?

Com movimentos graciosos, ela tira o chapéu da cabeça, colocando-o na cesta pendurada em seus braços, e depois lentamente tira as luvas. O brilho do sol oculto atinge o pesado anel de diamante em seu dedo enquanto massageia suavemente as mãos.

— Na maior parte sim — ela respira, olhando ao redor da área

espaçosa como se estivesse sonhando acordada com memórias que ainda vivem aqui. — Casei-me com Edmond, o avô de Thatcher, quando tinha vinte e um anos, embora ele me perguntasse com reverência quase todos os dias desde que nos conhecemos aos dezesseis, mas era obstinada, queria me formar na faculdade e fazer meu nome. Recusei-me a ser apenas mais uma esposa dos Piersons empoleirada no pedestal de marfim. Nós nos mudamos assim que ele assumiu a empresa de seu pai, uma espécie de rito de passagem. Todos os homens Pierson seguem o mesmo caminho. Faculdade, assumindo os negócios da família, mudando-se para a propriedade. O pai e a mãe de Edmond se mudaram para a França para se aposentar, deixando-nos aqui até termos Henry.

Há uma profunda tristeza gravada nas linhas de seu rosto, mostrando sua idade pela primeira vez na tristeza que vive dentro de seus ossos. Não consigo imaginar a dificuldade de ainda amar a criança que gerou, mas lamentar o homem que criou.

Todos os livros e teorias discutem sobre natureza versus criação. Se a psicopatia é realmente algo com que um indivíduo nasce desde o nascimento ou se influências externas afetam seu caminho para a normalidade. Por alguma razão, não consigo ver esta mulher causando danos a Henry suficientemente graves para transformá-lo no que ele se tornou.

Os monstros são criados a partir de outros monstros e, se não forem, a verdade é algo muito mais assustador? Às vezes, as criaturas mais assustadoras não são formadas. Simplesmente nasceram assim. E nenhum amor ou terapia jamais mudará o que estão programados para fazer.

— Usa seus pensamentos em seu rosto, garotinha — ela canta. — Deve estar ciente disso se quiser continuar sendo amiga do meu neto.

Eu pisco à toa, insegura de como consertar meu rosto para não mostrar as emoções que nadam por baixo.

— Edmond e eu nos mudamos assim que Henry assumiu, mas voltamos quando Thatcher tinha oito anos para cuidar dele. Não



gostamos da ideia de mudar sua fundação depois que Henry foi preso. Agora, a empresa está sendo controlada por funcionários de longa data, esperando pacientemente que Thatcher conclua seus estudos antes de assumir o cargo.

Não poderia parar a pergunta, mesmo se eu tentasse.

— Como era Thatcher? Depois de todo o... — aceno com a mão, me encolhendo com minha franqueza. — ...ocorrido.

— Quer dizer depois que meu único filho foi condenado por assassinato em série? — ela diz corajosamente. — Não tem que andar na ponta dos pés a minha volta, garota. Essa cidade de intrometidos faz isso o suficiente.

Eu concordo. — Não quis ofender.

— Sei disso, querida. — Ela se inclina em direção a uma das roseiras, cortando uma da videira. — Thatcher nunca mudou depois que Henry foi embora. Ainda o mesmo garoto inteligente e carismático de sempre. Ainda indiferente ao afeto e detestava a ideia de ser tocado. Os médicos nos disseram que ele era saudável e não havia sinais de abuso físico. Um terapeuta nos disse que poderia ter TEPT, mas Thatcher se recusou a falar com alguém sobre seu pai. Ainda se recusa. Gostaria de poder dizer que foram as consequências que o mudaram, mas acho que Henry fez isso muito antes de partir.

Meu coração dói pelo garoto que conheci, pela mente jovem que foi distorcida e poluída com maus pensamentos. Thatcher não tinha apenas sido destruído. Não, foi muito pior.

Henry o havia moldado desde o nascimento, moldado e transformado em um pedaço de barro infernal que foi ensinado apenas a morte. Eu só tinha experimentado uma noite da impressão de pesadelo de Henry. Anos de condicionamento transformaram Thatcher no Príncipe de Sangue esculpido.

E eu, era a única que tinha sido destruída. Vidro quebrado que foi derretido e restaurado. Éramos duas metades do mesmo todo, e acho que meu coração sabia disso desde o momento em que ele entrou no

quarto de minha mãe naquela noite. Quem teria sido Thatcher se tivesse sido criado por May e Edmond desde o início? O que teria se tornado? Meu coração ainda o chamaria?

— Thatcher não é Henry — digo distraidamente, olhando para a mulher mais velha de quem Briar disse que os rapazes gostavam bastante.

— Sabíamos disso, Edmond e eu. Acredito que até Thatcher sabe que isso é verdade, mas isso não impediu Edmond de fazer tudo ao seu alcance para protegê-lo do mesmo destino que Henry teve. — Ela me dá um sorriso suave. — Mas há algumas coisas com as quais nossos pais nos prendem e que são impossíveis de nos libertar.

Meu alarme dispara no meu bolso, vibrando minha pele para me avisar que horas são. Merda, Thatcher pensará que estou atrasada, e duvido que consiga convencê-lo de que conversava com a sua avó no jardim.

— Você se importa de eu entrar? Não o quero irritado por achar que estou atrasada para a nossa... — rapidamente tento encontrar uma palavra. — Sessão de estudo?

Sai mais como uma pergunta do que como uma afirmação e, de repente, me sinto muito despreparada para o que estamos prestes a fazer. Posso ficar quieta o suficiente para escapar impune de um assassinato? Se estou tropeçando em mentiras na frente de uma avó desavisada, como diabos planejo me convencer a não me entregar a polícia? Minhas palmas começam a suar e a inquietação se apodera de mim. Posso fazer isso? Arrisquei minha vida por algo que nem sou capaz de fazer?

— Posso te dar um conselho, Lyra? — May inclina a cabeça, olhando para mim, efetivamente me puxando da minha espiral descendente interior.

— Sim.

O vento sopra forte, trazendo o forte perfume de rosas para mais perto do meu nariz. Enquanto caminha em minha direção, ela corre os

dedos ao longo do caule da rosa, traçando os espinhos à medida que avança, a flor vermelha brilhante girando em suas mãos.

— Espinhos protegem sua contraparte mais fraca, a maneira da natureza de nos lembrar que mesmo as criaturas mais mansas têm dentes afiados. Que mesmo quando pressionadas, as coisas mais bonitas da vida ainda podem te cortar. — Ela estende a flor em minha direção, acenando para que eu a pegue.

— Gosto muito meu neto, Srta. Abbott, mas os espinhos de Thatcher são muito afiados, e seu pai esmagou qualquer coisa macia sobre ele há muito tempo. Cuidado com forma como lida com ele. Ele foi feito para fazer as coisas sangrarem.

Sem pausa, pego a flor de sua mão, dando um aceno gentil. Uma compreensão silenciosa passa por nós enquanto nossos dedos roçam levemente. Conheço Thatcher há muito tempo e sei o que significa estar perto dele. A dor a que você está se sujeitando, mas sobrevivi à morte. Observei. Possuí sua influência. E eu sei quem é Thatch. Mesmo que não tivesse visto tudo, sei em minha alma quem ele é.

Nada nele poderia me assustar a ponto de desistir dele.

Eu a observo recuar em direção à casa, deixando-me com meus próprios pensamentos. Por um momento, fico no jardim, tentando recuperar a confiança que tinha antes dessa conversa. Há um milhão de perguntas que quero saber, começando com o quanto May sabe sobre Thatcher e o que ele faz no escuro da noite?

Sou um fantasma. Ninguém nunca suspeitará de nada, não com minha habilidade de me misturar e a técnica de Thatcher. Liberarei as correntes presas ao desejo que mantenho preso e aprenderei a viver com ele. Não tenho outra escolha.

— O que está fazendo aqui?

— Você me disse para não me atrasar — digo, para encará-lo. — Por isso vim mais cedo. Eu só estava olhando em volta um pouco.

Sei que a cor favorita de Thatcher é vermelha, mas isso mexe com minhas entranhas toda vez que ele veste preto. Tento segurar meu

suspiro, mantendo meus lábios selados enquanto o olho. Seu cabelo está repartido para o lado, afastado de seus olhos, mas alguns fios teimosos pendem na frente de seu rosto. Gosto mais dessas mechas de cabelo. Lembra-me que ele é, de fato, humano.

A gola rulê e o sobretudo longo o fazem parecer mais alto, mais intimidador. Ele se eleva sobre mim com um olhar atento e uma expressão rígida, pernas magras envoltas em calças pretas e sapatos sociais da mesma cor.

Preto sobre preto sobre preto.

Meu estômago aperta à medida que o sol sombrio atinge seus olhos. Deuses, talvez se ele fosse um pouco menos atraente, estar perto dele não seria tão difícil o tempo todo. Calor branco e sufocante queima meu núcleo, pensando em vê-lo outro dia.

Esperei anos para sentir seu toque na minha pele assim.

Sua mão enrolou em volta da minha garganta, escovando meu pulso com os dedos, totalmente no controle do meu corpo com apenas seu aperto. A sensação de seu sangue escorregadio marcando minha pele. Queria que ele me cobrisse com isso. Limpá-lo fora um ato de teimosia, não porque eu quisesse.

Tenho pouca experiência no departamento de sexo e sei disso, mas de alguma forma, meu corpo sabe o que quer de Thatch. Sabe que o que almeja, só ele pode prover.

Marcado. Machucado. Encharcado. Levado.

— Não me lembro de ter dito para você chegar cedo ou ficar de mau humor no jardim — ele declara, lembrando-me de que não estou aqui para fantasiar sobre como seria o sexo com ele. — Quando digo para fazer algo, Pet, quero que seja feito com perfeição. Não se atrase e não chegue cedo. Seja pontual.

Tentando aliviar o clima, amenizar essa tensão que está entre nós, fico ereta, fingindo cumprimentá-lo. — Aye, Aye, capitão.

O pequeno sorriso que tenho cai imediatamente quando vejo sua reação. Ele apenas me encara, imóvel, antes de enfiar as mãos nos

bolsos e se virar, deixando-me parada ali como uma idiota.

— Já estou me arrependendo disso — ele resmunga, se afastando de mim.

Jogo meu braço de volta para o meu lado, minhas bochechas quentes de vergonha. Eu o sigo, movendo minhas pernas curtas em um ritmo rápido para acompanhar seus passos largos.

— Achei que começaríamos hoje — digo às suas costas, tentando ignorar a maneira como seus ombros se flexionam ao ouvir minha voz, como se enrijecem e se movem sob o casaco.

Tudo bem, se ele quer ser um idiota o tempo todo, que assim seja.

Não construíram Roma em um dia, e as paredes de gelo de Thatcher também não cairão em um. A sua atitude não afeta nosso negócio. Idiota ou não, ele ainda está cumprindo sua parte no trato.

Endureço minha espinha, preparada para o que está por vir. Quer ele goste ou não, entrarei sob sua pele de inverno, até que me queimar tão profundamente na medula de seus ossos que não poderá respirar sem mim.

Thatcher está me ensinando a matar, e mostrarei a ele que precisa de mim tanto quanto eu preciso dele.

— E vamos. — Seu tom é cortante, como se quisesse que esse fosse o fim da conversa.

No entanto, se planejamos trabalhar juntos, ele tem que aprender a falar um pouco mais comigo. Mesmo que não goste.

— Então para onde vamos? — Pergunto.

Ele não diz nada por um segundo, apenas continua andando. — O cemitério — é a única resposta que recebo.

Só então, quando saímos do jardim em direção à frente da casa, percebo...

Nunca disse meu sobrenome à avó de Thatcher.

SEGURE ESTA PÁ

**Thatcher**

— Como é para você?

O som de chiclete estalando segue a pergunta, o mesmo barulho que estourou em meu ouvido durante toda a viagem até aqui. Sua incapacidade de ficar em silêncio será meu maior desafio durante o tempo que passarmos juntos.

Arrisco um olhar por cima do ombro, vendo sua expressão alegre. A pá apoiada em seu ombro balança enquanto ela segue meu exemplo, olhando através de todas as lápides.

A Little Miss Death<sup>13</sup> e Decadência trota agradavelmente por lápides como se fossem um campo de flores silvestres. Suponho que seja apenas mais uma prova de que Lyra Abbott está longe de ser do tipo convencional.

Algumas meninas foram feitas para brincarem entre flores e outras praias quentes e arenosas, mas ela foi feita para andar com os mortos, para manter a companhia aos apodrecendo.

— É como tirar um peso dos seus ombros? Sente-se aliviado? Você consegue liberação sexual de...

— Não termine essa frase — digo, mantendo meu olhar para frente e tentando ignorar o jeito que a sua proximidade me deixa no limite.

— Se faremos isso, você terá que me tratar como um ser humano de verdade, sabe? — Ela diz, andando mais rápido para ficar ao meu lado, inclinando a cabeça para olhar para mim. — Não como um animal de estimação. Se eu fizer uma pergunta, pode pelo menos me

dizer que não se sente à vontade para responder.

Paro meu passo, virando minha cabeça para olhar para ela. Muito mais baixa do que eu, pelo menos trinta centímetros. Tão pequenininha que poderia quebrá-la ao meio com pouco esforço. E, no entanto, ela continua a me sondar, sem medo do que lhe possa acontecer quando cutuca a carne tenra que não deixa ninguém ver, tentando o botão que me fará estourar e parti-la em duas.

— Esse outro lado de você tem dentes afiados, não é? — Arqueio uma sobrancelha. — É melhor esperar que possa apoiar essa mordida, *Pet*. Posso pensar em cinquenta maneiras de conseguir seu corpo.

Seis meses atrás, ela era uma praga que eu deixei desaparecer em segundo plano. Uma garota com quem compartilhei uma noite há muito tempo, e foi isso, mas agora ela matou alguém para poupar minha vida, pulou de um penhasco para garantir minha orientação e agora está me seguindo cegamente por um cemitério para seu primeiro teste de vontade.

Meu fantasma ganhou vida, não mais contente em se misturar às sombras da minha vida para me observar como tantas vezes antes.

Ela está presente e viva. E eu não quero nada mais do que matá-la novamente.

— Não existe outro lado meu. Você faz parecer que tenho múltiplas personalidades. Só estou cansada de me dispensar como se eu fosse uma criança e não responder às minhas perguntas.

Seus passos se transformam em pisadas e um beicinho pinta seus lábios. Desdenho da audácia de exigir ser tratada como uma adulta, mas continuar agindo como uma criança. Eu posso realmente acabar com minha própria vida antes que tudo isso seja dito e feito.

O solo encharcado se espreme sob meus pés, preenchendo o vazio do silêncio enquanto examino os marcadores. O cemitério da minha família não fica longe de nossa propriedade, muito menor do que a maioria dos cemitérios, mas é um local privado, longe de olhares indiscretos.

O que é exatamente o que preciso para a primeira aula dela.

Silêncio.

Quando chegamos ao portão, pego um molho de chaves. Somente aqueles que têm o sobrenome Pierson e alguns zeladores selecionados têm permissão de acesso. Os altos portões de ferro forjado preto ocupam cerca de quatro acres de terra isolada repleta de lápides, memoriais e esculturas. Uma pessoa, meu avô, está sepultado em uma pequena estrutura semelhante a um mausoléu em que minha avó se juntará a ele quando chegar a hora.

Mantenho o portão aberto, ouvindo-o gemer contra as dobradiças, deixando-a passar primeiro porque sou, no mínimo, um cavalheiro. Quando ela passa por mim, duas coisas acontecem.

Sinto o tempo abrandar, apenas o suficiente para eu perceber, mas ainda abrandar por apenas um segundo. Tempo suficiente para o vento pegar seu cheiro. Cabelos castanhos soltos e sedosos são levados pela corrente. O seu cheiro sopra pelo meu nariz, me forçando a inspirar.

Cerejas pegajosas e doces.

A outra coisa que noto é que seu lábio inferior carnudo está saliente, rosa, lábios cor de tulipa, garantindo minha atenção. Suas sobrancelhas unidas em um V profundo. Ela está fazendo beicinho, fazendo uma cara de pirralha mimada.

Decido jogar um osso para ela, apenas para tirar aquele olhar de seu rosto. Isso está me irritando, e se ela continuar fazendo isso, vou jogá-la no lago que fica ao lado do cemitério.

— Poder — digo enquanto me dirijo para a extremidade mais distante do cemitério, onde sei que fica o espaço mais vazio.

— O quê?

— Agora, por que eu responderia às suas perguntas se você nem consegue se lembrar delas? — Incito, mas continuo de qualquer maneira. — Quando mato alguém, sinto-me poderoso. É assim que é para mim. O que isso me dá.



Nunca, nem uma vez, conversei com ninguém sobre isso. Os rapazes tiraram suas próprias conclusões sobre meus hábitos particulares, mas nenhum deles perguntou o que acontecia naquele porão. Eu mantenho isso separado deles. Um segredo só meu.

Nem mesmo meu pai, que compartilhou essa característica comigo, sabia o que estou revelando a Lyra. Tudo para quê? Para ela parar de fazer beicinho?

— Poder sobre o quê? — Ela pergunta, tentando pegar pequenos pedaços de mim na esperança de ser capaz de fazer uma imagem completa de quem sou. — Você é um homem que herdará uma empresa de bilhões de dólares. Um legado. Isso não é poder suficiente? Precisa de mais?

O poder dele. Esse é o meu primeiro pensamento.

Eu desistiria de tudo, do legado e do dinheiro, se isso significasse que poderia recuperar o poder da pessoa que tirou tudo de mim. Ela não tem ideia do que é ser verdadeiramente impotente perante alguém. Para alguém tirar e pegar e levar até não sermos nada, uma tela vazia para eles trabalharem. Foi o que meu pai fez comigo.

E cada fatia, cada grito torturado que arranco dos pulmões de alguém, é outro pedaço de poder que pego de volta.

No entanto, não digo essas coisas a ela. Porque ela não precisa saber.

— Nunca se pode ter poder suficiente, especialmente não desse tipo. Coisas materiais e status são uma coisa, Lyra, mas estar sobre um humano, sabendo que controla a vida e a morte? Isso é algo totalmente diferente. Você possui o medo deles. A sua respiração. A sua alma. Quando ouvir seus gritos de misericórdia, de pura agonia, saberá exatamente do que estou falando.

Meus dedos doem para correr ao longo do interior da cavidade torácica de alguém, para sentir seu coração bater na palma da minha mão enquanto o sangue quente e escorregadio flui por minhas mãos. Naquele momento, quando toco suas costelas como teclas de piano,

estou no poder total.

Saber que tenho que esperar mais seis meses antes de poder fazer isso de novo deve me incomodar. Não incomoda. Isso me dá mais tempo para pensar sobre como vou matá-lo. Desmembrá-lo? Abrindo o peito? Dividindo sua barriga e dando a ele uma pequena lição de anatomia à medida que tiro os órgãos de seu corpo?

As opções são infinitamente horríveis.

— Acha que o poder é o que será para mim?

Não havíamos chegado a essa parte da conversa. Principalmente porque digo a mim mesmo que não poderia me importar menos por que ela quer tanto isso, mas estaria mentindo se dissesse que não estou nem um pouco curioso.

Meu pai havia nutrido o psicopata em mim. O que pode ter colocado uma semente adormecida do mal dentro de mim, se ele tivesse deixado, era agora uma flor cruel desabrochando. Fui colhido e ensinado.

Meu pai, porém, havia negligenciado o que deixara no armário do quarto de Phoebe Abbott. Quem sabe o que aquela noite fez com ela? O que tem apodrecido dentro dela todos esses anos, indomado e não diagnosticado?

— Não sou especialista na mente de assassinos em série. Se você quiser saber essas respostas, chame um psiquiatra.

— Eu apenas pensei...

— Sabe como é, Lyra. Conhece o sentimento que está perseguindo. Como a fome por isso bombeia em suas veias. — Olho para ela, e uma memória que eu gostaria que desaparecesse flutua em meu cérebro. — A que tive no momento em que deslizou aquela lâmina na garganta do detetive Breck. Vi em seus olhos quando o sangue dele cobriu seus dedos. Isso pareceu poder para você?

Lembro a ela mais uma vez que ela já sentiu o ímpeto de acabar com a vida de alguém. Só porque não planejou, não significa que seja menos assassina.

Houve pouco no passado que ficou comigo. Não guardo muito. Eu permito que os momentos deslizem pela minha memória como água, porque nada parece valer a pena. Apenas alguns aderem, mas é difícil esquecer como ela era com aquela faca na mão, um corpo morto aos seus pés e sangue espalhado em seu rosto.

— O que foi que disse? — Eu continuo. — É como tirar um peso dos seus ombros? Sente-se aliviada? Você é minha sádica sexual em treinamento, Lyra?

O canto de seus lábios se levanta, mas a resposta em sua mente pesa no sorriso que ela quer me dar. Como se estivesse dividida entre abraçar a escuridão que se esconde atrás da cortina de sua mente e saber que a maneira como se sente é imoral.

Duvido que ela tenha falado isso em voz alta antes.

— Quando ele morreu, senti um peso nos ombros. — Ela respira fundo, mastigando o interior da bochecha. — Durante, foi tão confuso que tudo que me lembro é de como o sangue estava quente. Como era grosso.

Sua garganta se contrai quando ela engole. — Mas antes? Isso é o que mais me lembro. Como me senti ao vê-lo apontar a arma para sua cabeça. Foi uma sensação que tive muitas vezes antes. Uma que só me lembro de ter depois de ver Henry matar minha mãe.

A pausa que se segue é longa e pesada, apenas o som de nossos passos molhados enquanto avançamos em direção ao cemitério.

— Sabia que eu estava em um orfanato? — Ela pergunta aleatoriamente, mudando de assunto.

— Sim? E você sabe que comi iogurte no café da manhã? O que uma coisa tem a ver com outra?

Esta não é uma sessão de terapia ou amigos se conhecendo. Não quero saber sobre ela ou ouvir sobre as coisas pelas quais passou. Não compartilharei com ela como sei que cresceu no sistema ou como estou ciente da quantia substancial de dinheiro depositada em sua conta bancária que permite que ela viva mais do que

confortavelmente sozinha nessa idade.

Há algumas coisas que é melhor as pessoas não saberem.

— A primeira vez que aconteceu foi em uma das casas coletivas — ela sussurra tão docemente que quase posso sentir o cheiro de cerejas em seu hálito.

Minha mão se fecha em um punho, minhas unhas cavando em minhas palmas. Não quero ouvir sobre isso. Não posso ouvir sobre isso, mas também não posso evitar minha reação.

Olho para baixo, encarando-a fixamente.

— Alguém tocou em você enquanto estava lá?

Meus olhos a desafiam a mentir ou reter informações. Não a deixei viver só para que outra pessoa pudesse abusar dela. Lyra pode ser uma praga, um espinho teimoso cravado em minha pele, mas ela é minha.

Minha para lidar, minha para acabar. De ninguém mais.

Meus seis meses entre cada regra de vítima parecem desaparecer com a ideia de ferver quem quer que tenha pensado que não há problema em tocar em algo que é meu. Flashes de partes de corpos retalhados e carne derretida. Tomarei meu tempo com eles. Certificar-me de que sintam cada corte.

— Não, não. — Ela balança a cabeça agressivamente. — Nada disso.

Minha mão enluvada de couro envolve seu bíceps fraco, meu polegar pressionando sua pele frágil. — Está mentindo pra mim? Eu prometo a você, Lyra. A última coisa que quer é mentir para mim.

Seus olhos brilhantes se arregalam, descendo para o lugar ao qual estamos ligados. É onde ficam por um longo período de tempo, apenas olhando enquanto aperto com mais força em torno de seu braço, mas ela nem se mexe. Se alguma coisa, parece que está empurrando em meu aperto.

— Não estou mentindo para você. Não para você, nunca para

você. Eu não faria isso. Prometo — ela jura, olhando de volta para mim. — Estava falando sobre a primeira vez que tive esse sentimento. Aconteceu enquanto eu morava em uma casa coletiva.

Ela mentiria, mas não para mim? Nunca par mim?

Não deveria importar qual foi a sua resposta. Isso não deveria me afetar de qualquer maneira, mas toda vez que ela abre a boca, algo mexe dentro de mim. Odeio esse sentimento. Odeio estar perto dela. Tudo o que faz é me deixar de mau humor.

Tirando minha mão dela, continuo andando. Meu silêncio deve ter sido um incentivo para ela continuar porque continua falando.

— Eu tinha onze anos e havia a menina mais velha em minha casa coletiva. O seu nome era Sonya, e Deuses, era uma adolescente amarga, com raiva porque o mundo tinha dado a ela essas cartas de merda, e descontava nas crianças mais novas. Uma noite, desci para pegar um pouco de água quando vi Sonya obrigando um garotinho a andar sobre o vidro quebrado de uma garrafa que havia deixado cair. E essa coisa... — Ela coloca a mão na barriga como se fosse um organismo vivo dentro dela. — Abalou-me. Mexeu comigo. De repente, tudo que eu queria fazer era ver como seria o sangue dela derramando no chão. Como seria enfiar uma faca em seu estômago repetidamente.

Chegamos cada vez mais perto de nosso destino, e eu apenas ouço. Em vez de abafá-la como faço com todo mundo,intonizo-me com ela. Porque, pela primeira vez, posso me identificar com o que ela diz.

— Pensei que era apenas um instinto protetor, sabe? Algo normal. Eu queria impedir que uma pessoa má fizesse uma coisa má. As pessoas se sentem assim o tempo todo, certo? É o que disse a mim mesma. Até que continuou acontecendo, até que eu... — para, como se a verdade em sua língua a estivesse sufocando.

— Até que você? — Pressiono, certificando-me de que ela termine o que está prestes a dizer. Forçando-a a possuir seus pensamentos.

Um profundo V se forma entre suas sobrancelhas, e de todos os rostos, esse é o que menos gosto. Por mais que me doa dizer, mesmo dentro da minha cabeça, Scarlett Lyra Abbott é linda. Com péssima vestimenta, hábitos desagradáveis e cabelos selvagens, mas linda em toda a sua obscuridade.

Acho a música clássica linda, o *foie gras*<sup>14</sup> marcante e o cenário ocasional agradável, mas não acho os seres humanos atraentes. São ossos, pele e carne. Uma máquina flexível funcionando com sangue. Estou certamente fascinado por quanta dor pode aguentar, mas não me atrai.

No entanto, a cada momento que sou forçado a ver seu rosto, fico enojado. Não por causa de sua aparência, mas porque sou obrigado a admitir a verdade sobre seus traços proporcionais, e isso me deixa doente. Ela é tão requintada que me deixa visivelmente doente.

— Até que comecei a querer que as pessoas machucassem outras. Esperava que fizessem algo ruim, apenas para desculpar o desejo de prejudicá-los. Precisava delas para justificar minha necessidade de vê-las sangrar.

Raramente fico sem palavras. Parece que sempre tenho alguma piada ou declaração rápida, mas ela falando sobre isso me deixa procurando as palavras. Ela está falando sobre algo que quase posso provar. O intenso sabor metálico que surge em sua boca quando o apetite toma conta de você. Cada instinto básico é engolfado pelo desejo de matar. Cortar. Ferir. Nunca na minha vida falei com alguém que passou por isso da maneira que eu. Nem meu pai nem meus avós. Ninguém.

Os rapazes, eles conhecem a escuridão. Conhecem a corrupção e o caos que são gerados pela negligência. Como o abuso pode transformar meninos em homens sem alma. Sabem como é ser expulso e condenado por coisas sobre as quais não tem controle - sua ordem de nascimento, um acidente de carro, os crimes de um dos pais ou uma doença mental, mas não sabem disso.

O desejo que parece que pode te consumir, corpo, mente e alma,

a cada segundo do dia. Algo toma conta como um vírus, cobrindo cada molécula do seu ser, e não sai até que tenha drenado toda a vida do corpo de alguém.

— Você... — Ela morde o interior de sua bochecha, girando o anel em seu dedo indicador, algo que notei que faz com frequência. — Mata crianças ou mulheres?

O que essa pergunta diz sobre ela? Que nunca soube a resposta para essa pergunta e ainda assim me segue. Minha pequena sombra se permitiu ficar tão obcecada por mim e ainda não tem certeza se eu prejudico aqueles rotulados de inocentes. Minha resposta mudaria como ela se sentia? Será que aquele brilho que ilumina seus olhos toda vez que olha para mim diminuiria? Ou sua fixação é forte o suficiente para resistir a algo tão angustiante?

Lyra fez exatamente o que sua mãe fez? Apaixonou-se por um monstro?

Acho que é uma característica que todas as mulheres Abbott carregam, um gene que Phoebe Abbott passou para sua filha que a torna atraída por homens como eu - sem alma, sem emoção e cada centímetro de um psicopata que gosta de machucar os outros.

— Sem crianças. Caçar crianças é uma coisa covarde de se fazer. O que é que enganar a mente inocente prova? Nada — simplesmente digo, passando pelas lápides dos meus tataravós. — Costumo caçar aqueles que fazem das crianças suas vítimas.

— E as mulheres?

Um sorriso cruel surge em meu rosto quando olho para ela, observando a maneira como reajusta o controle da pá, lembrando-me de quando eu era apenas uma criança fazendo a mesma coisa uma vez. Um único cacho escuro sopra na frente de seu rosto, e só porque minhas mãos estão envoltas em luvas de couro estendo a mão. Meus dedos colocam o cabelo crespo atrás da orelha.

— Há apenas uma mulher que sempre quis matar, tão terrivelmente ruim que quase posso provar o quão doce seria o sangue

dela na minha língua. Como ela ficaria bonita, contorcida em angústia na minha mesa.

Os olhos de jade procuram meu rosto enquanto passo as costas dos meus dedos contra sua bochecha, um forte contraste entre minhas luvas pretas e sua pele pálida. Sua boca se abre ligeiramente enquanto espera pela minha resposta, prestando atenção em cada palavra minha.

— E é você, Pet.

Minha mão bate levemente em sua bochecha, dispensando-a sem pensar duas vezes, antes de continuar passeando pelo cemitério. Não preciso olhar para ver que a deixei sem palavras, a boca ligeiramente aberta enquanto ela olha para a parte de trás da minha cabeça.

Lyra morreria lindamente. Quase me deixa com ciúmes que a própria Morte tenha tempo para levá-la antes de mim.

— Idiota — ela murmura baixinho, mas ouço o sorriso em sua voz.

Nossa caminhada termina quando chegamos ao terreno que estava procurando. O grande pedaço de grama está a vários centímetros de distância de qualquer parente já enterrado aqui.

— Não está fazendo isso um pouco para trás? Quero dizer, cavar uma cova não deveria ser o fim da lista de como escapar impune de um assassinato? Preciso aprender a matar alguém antes mesmo de pensar no que fazer com seu corpo. E se eu nem quiser enterrá-los? Existem outros métodos de descarte – porcos, desmembramento, ácido...

— Por favor, pare de falar. — Interrompo o desastre da espiral antes que ela gire mais. — Já te disse isso antes. Você já sabe como matar alguém, Lyra. Eu te observei.

Algo intenso queima em minhas entranhas. Vislumbres de Lyra coberta de sangue, segurando a faca na mão direita com tanta força que os nós dos dedos estavam de um branco ofuscante. O brilho em seus olhos enquanto olhava para o corpo que jazia morto entre nós.



Mais uma vez, a morte foi a ponte que ligou nossas almas. Comecei a me perguntar por que sempre era ela do outro lado.

— Você cortou a garganta de um homem, bem na minha frente. Fez tudo isso sozinha. Aceite que já é o que deseja desesperadamente se tornar, ou isso a esgotará. Entendeu?

— Eu sei. Só que...

— Diga — explodo, minhas mãos deslizando nos bolsos do meu sobretudo.

— Pensei que quisesse que eu parasse de falar.

Balanço a cabeça, estalando a língua no céu da boca. Essa sua boca que adora fazer aparições aleatórias será a sua morte. Literalmente. Será a razão pela qual eu a sufocarei até a morte.

— Agora não é hora de ser fofa — aviso. — Agora, diga.

Um rubor aquece seu rosto. — Dizer o quê?

Minha boca saliva, um sorriso puxando meus lábios, o jeito que ela tão cegamente me obedece. Cada comando meu, cada pensamento, cada movimento. Segue tão bem todas as vezes.

— Diga-me que é uma assassina.

— Por que?

— Porque se nem consegue dizer, como planeja matar alguém? Se você não consegue nem murmurar as palavras, como se livrará de um cadáver? Como será capaz de fazer isso quando estiverem implorando por suas vidas? Quando falarem sobre suas famílias e todas as coisas que deixarão para trás quando os matar? Aceite, ou isso será em vão.

Parada ali com galochas amarelas, mastigando a parte interna da bochecha, ela sabe que estou certo, então o que a impede? O que a está impedindo?

— Todos os dias, olho no espelho e vejo o que sou, Thatcher. Vejo a coisa que... — Ela engole, colocando a mão no peito. — Mantive acorrentada, a coisa que ninguém mais viu. Escondi-a, escondi-me toda a minha vida para proteger as pessoas dela. Para proteger o que

resta de Scarlett.

Ela olha para mim, olhos tão verdes que é impossível fazer justiça à cor. Puro e atraente, uma floresta caprichosa puxando as pessoas para dentro, mas sei que uma vez que se permite entrar, não haverá como sair. Seria fácil se perder em uma floresta como aquela. Em olhos como os dela.

— Sei que sou uma assassina, que o desejo que vive dentro de mim é saciado apenas pela morte. Eu sei disso, Thatch.

— Então por que está se segurando?

Múltiplas perguntas surgem em meu cérebro, e estou grato por minha boca ter concordado com essa. Porque as outras são pensamentos que quero que desapareçam. Imediatamente. O monstro de Lyra é o mesmo que vive dentro de mim? Meu pai criou a mesma semente do mal em nós dois? Estamos realmente mais conectados do que eu pensava originalmente?

— Tenho certeza que não entende esse conceito porque é o *Thatcher Pierson*. — As aspas aéreas em torno do meu nome parecem um pouco desnecessárias, mas adoro um talento para o drama, por isso deixo passar sem um comentário sarcástico, permitindo que ela continue. — Mas estou com medo. Temo o que me tornarei quando deixar sair, quando me permitir ceder ao desejo.

Sei que em algum lugar existe uma regra contra o que estou prestes a dizer, mas se há uma coisa que não sou, é mentiroso.

— Devia ter medo, Lyra Abbott. O que você vive deve assustá-la, deve assustar qualquer um que entrar em contato com você — digo, pressionando meu pé no pedaço aberto de grama. — Deixe que isso te assuste, mas nunca deixe que isso te pare.

Enfio a mão no bolso da jaqueta, sentindo o peso do seu olhar em meu rosto.

— Agora, chega de conversa. — Se continuar falando, estará escuro como breu lá fora antes mesmo de ela começar.

Uma rajada de vento passa, sacudindo a fita métrica em minha

mão enquanto a puxo do bolso. Lembro-me de quando meu pai me trouxe para cá. O que me obrigou a fazer para provar o que eu era, quem eu era e as consequências de não aceitar esses fatos.

Lyra deve ter sorte de eu ser apenas honesto.

— Você cavará um buraco de dois metros de profundidade. Nem um centímetro a menos ou um centímetro a mais.

Suas sobrancelhas franzem, o balançar de sua cabeça vem antes de suas palavras. — O quê? Por que?

— Bem, porque me implorou com seus olhinhos tristes para te ensinar. Isso é o que estou fazendo — digo. *Estou ensinando exatamente o que aprendi*, mas guardo isso para mim.

— Sou grata, mas simplesmente não entendo...

— Quero que cave uma cova, Lyra. Seu túmulo. Isso é simples o suficiente para o seu cérebro nublado entender, ou devo soletrar para você?

Não tenho certeza de como é possível alguém com pele de neve ficar mais pálida, mas ela fica. O rosa empoeirado que destaca suas bochechas se esgota. Ela dá um passo para trás e algo primitivo em mim estala em meu estômago.

— Saindo tão rápido, Pet? Esperava que durasse até a estripação. Que decepcionante. — Estalo minha língua com um aceno de cabeça, caminhando em sua direção, diminuindo a distância que ela tenta colocar entre nós. — Cavar o buraco no qual passará o resto da eternidade enterrada, se você contar a alguém sobre isso, é demais para você? Esta é apenas uma apólice de seguro. Isso é brincadeira de criança.

Pânico floresce em seu rosto, e eu sorrio.

— É isso aí, Pet. Tenha medo - gosto de você desse jeito. Apavorada de me contrariar, de mentir, de murmurar uma única palavra sobre isso para qualquer pessoa.

— Não direi nada, Thatch. Eu não te colocaria em risco assim. Se o

fizesse, também me colocaria em apuros. Não precisa me obrigar a fazer isso. — Sua voz treme e oscila.

— Isso é doce. Realmente, é, mas não confio em você. Não arriscarei minha liberdade apenas com sua palavra. Tenho muito a perder neste negócio que temos, Lyra. Agora, você também.

— Thatcher...

— Ninguém mais pode saber sobre essas coisas que faço. O que te mostro. Se alguém descobrir, saberei que é você. Isso não é um jogo. Se você abrir essa sua boca, removerei cada um desses dentes brancos em seu crânio antes de quebrar seu lindo pescoço e jogá-la no buraco que cavou. — Não movo meus olhos de seu rosto, precisando que ela saiba o quão sério estou falando.

Quão fácil seria para mim acabar com sua existência nesta terra.

Pego a pá do chão, segurando o cabo.

— Isto é ridículo. Nunca lhe dei uma razão para não confiar em mim. Nem uma vez — ela argumenta, e sua falta de obediência está começando a me irritar.

Minha mandíbula aperta. — Meu pai me trouxe aqui uma vez. Eu tinha seis anos e ele me fez cavar uma cova, assim como você, mas em vez disso colocamos minha mãe dentro dela. Não me lembro de reclamar tanto sobre isso.

O choque ilumina seus olhos, o horror pelo que isso deve ter causado a uma criança. E isso me deixa doente. Não preciso de sua simpatia ou de sua preocupação. Não me importo com o que aconteceu no meu passado, ou qualquer coisa nesse sentido, por isso sua emoção desperdiçada comigo é irritante.

— Foi assim que provei a ele o que eu era. O que sou. Você cavará esta sepultura e ganhará o conhecimento que está exigindo de mim. Se não fizer... — puxo uma lâmina do outro bolso, girando-a na minha mão. — ...podemos terminar este negócio agora. Isso não faz diferença para mim.

Seu lábio inferior treme, os olhos brilhando com o que parecem

ser lágrimas. Quero tanto que seja o medo causando isso, mas sei que não é.

Ela *se sente* mal por mim. Que desperdício.

— Quantos anos tinha? — Ela pergunta, ignorando tudo o que acabei de dizer. — Você era grande o suficiente para usar uma pá?

— Não. — Eu me encolho, lembrando de toda a sujeira que tive que esfregar sob meus dedos. Como estava endurecido em minhas unhas e como cobria minha pele. — Ele me obrigou a usar minhas mãos. Fique feliz por eu deixa-la usar a pá.

Empurro o objeto em suas mãos. — Agora, faça o que faz de melhor, Lyra. Jogue-se na sujeira. Não pedirei de novo.

**ROSAS VERMELHAS, ROSAS VERMELHAS**

**Lyra**

— Então, qual é a questão mais importante em química orgânica?

Paro de girar o anel em meu dedo indicador. A pergunta paira no ar, seguida de um silêncio constrangedor. É uma resposta simples, que a maioria dos alunos deve saber se prestar atenção durante a aula.

O triste é que eles provavelmente sabem a resposta. Estão apenas de ressaca ou muito cansados de trabalhar de volta ao horário escolar.

E ninguém gosta de uma aula às sete da manhã. Ninguém, nem mesmo eu, e adoro as aulas.

— Como diabos vamos deixá-lo cair?

Um coro de risadinhas e gargalhadas vibra na sala. Até um pequeno sorriso aparecer no canto dos meus lábios enquanto olho para o nosso professor na frente da sala, esperando por sua refutação.

Conner ri livremente, ao contrário de qualquer outro professor aqui que teria imediatamente repreendido o piadista que fez aquele comentário. É facilmente o favorito de todos aqui, descontraído e sempre pronto para ajudar da maneira que puder.

— Felizmente para você, Jacob, provavelmente nem usará isso depois da formatura. Basta passar com um C e terá anos vendendo carros na concessionária de seu pai.

A sala irrompe em gargalhadas e sussurros, ahs e ohs.

Não consigo ver do meu assento na parte de trás, mas imagino que o rosto de Jacob é da cor de um hidrante, e duvido que vá fazer mais comentários sarcásticos na aula.

Ele não está mentindo. Jacob Nettle herdará a Nettle Auto assim que se formar e se tornar outra engrenagem na máquina de Ponderosa Springs. Infelizmente, preciso desta aula para futuros empreendimentos; mesmo que o seguro de vida da minha mãe deixasse uma quantia questionável de dinheiro para trás, ainda quero uma carreira. Isso por si só deveria ser motivo suficiente para me concentrar nesta aula, mas não é. Não esta manhã, esta manhã, não poderia me incomodar com nada além dele.

— Acalmem-se, turma. Acalmem-se — ele instrui com uma severidade leve que faz os alunos ouvirem. — Alguém mais tem uma resposta? Qual é a questão mais importante em química orgânica?

Thatcher está em todos os meus pensamentos, correndo pelos espaços da minha mente, dando voltas. Existe em cada espaço livre dentro de mim. Tudo o que meu cérebro parece pensar é quando será nossa próxima aula, mesmo que ele tenha andado na ponta dos pés em torno das coisas que eu realmente precisava aprender.

Toda vez que enviava mensagens, eu esperava secretamente que nosso encontro fosse na sua casa, mas ele nunca deixou de direcionar nossas aulas para outro lugar, ainda não confiando em mim com o espaço que poderia torná-lo nem um pouco vulnerável.

Minhas mãos agradeceram a falta de atividade física por causa das bolhas que adquiri depois de manusear uma pá por horas, mas isso já fazia um tempo. Os calos e as palmas feridas tinham cicatrizado. Estou pronta para sujar as mãos novamente - desta vez, menos sujeira real. Estou cansada de estudar os livros intermináveis que ele colocou na minha frente em nossa biblioteca local: anatomia do corpo humano, um livro sobre assassinos em série e suas vítimas, até mesmo um guia para agentes funerários.

Depois ele me daria um teste de merda. Se eu quisesse *estudar* assassinatos, teria me formado em criminologia. Não era isso que eu queria dizer quando lhe pedi isso, e ele sabe disso. Sabe que sua provocação constante só está me irritando ainda mais, mas se há uma coisa que sei mais do que tudo, é o jeito de Thatcher ou não. Ele leva

seu tempo; é paciente. Um diamante se formando sob pressão lenta, algo pelo qual outros esperariam vidas inteiras.

Mesmo sabendo que ele está protelando. Sei que está. E toda vez que tento questioná-lo, ele me dá a mesma resposta passiva.

— *Os alunos estudam, Lyra.*

A única coisa que parece me fazer passar pelos momentos chatos e tranquilos naquela biblioteca abafada é Thatcher de óculos. Armações finas e cinza-aço que apenas intensificam seu olhar severo, parecem amplificar o azul intenso de seus olhos, tão cristalinos e marcantes. Parece impossível não murchar diante de seu olhar.

No entanto, não tinha visto nada ou ninguém mais atraente.

Passo mais tempo analisando-o na cadeira à minha frente do que realmente lendo, observando abertamente cada movimento seu, seguindo a maneira como seus dedos finos e firmes folheiam seu próprio livro. Firme, mas tão gentil com as páginas antigas.

Mesmo que me ignore na maior parte do tempo, ainda gosto de estar perto dele. Prefiro ser ignorada por ele do que notado por qualquer outra pessoa.

— Alguém? — Godfrey sonda novamente, retirando-me do meu devaneio de Thatcher.

Olho ao redor da sala, não vendo mais ninguém com a intenção de dar uma resposta, então decido acabar com nossa miséria. Ergo minha mão, apenas para acelerar o tempo que estamos presos em nossas cadeiras.

Os olhos de Conner se desviam para a minha mão antes de deslizar para o meu rosto, e um sorriso gentil aquece suas feições quando ele levanta o dedo, apontando para mim, a fim de me dar a palavra.

Abro minha boca, mas minha voz não é o que se espalha pela sala. Em vez disso, a resposta confiante de Mary Turgid escapa de sua boca.



— A questão mais importante é: onde estão os elétrons? Entender as eletronegatividades ajuda a decidir quais porções de uma molécula têm densidade eletrônica relativamente alta. E as eletronegatividades dos átomos que normalmente veremos na química orgânica.

É nesses momentos sombrios que penso que posso ser pior do que Thatcher. Assassinato é imoral. Sei disso, mas até ele tem um código de conduta que segue: não ferir inocentes ou indefesos. Não acredito que eu tenha isso.

Não deveria querer machucar garotas da minha idade, mas não acho que importaria quem seja. Se o alarme disparar dentro de mim, minha fome não se importaria com quem cravasse seus dentes. Tudo o que posso imaginar sou eu agarrando um punhado daquele cabelo loiro platinado e batendo o seu rosto na mesa até que ela fique irreconhecível, rosto tão distorcido e feio quanto ela é por dentro.

Não porque ela me interrompeu - claro que não. Se fosse por algo tão trivial, já teria surtado há muito tempo. Não, é a sua pequena penitência pelo que fez à minha amiga. Essa sensação de pregos enferrujados esfaqueando minha espinha, de borracha queimada e moedas velhas que têm um gosto amargo na minha língua. É por vingança.

Para envolver minhas mãos em torno de sua garganta e apertar, contar o relógio até ouvir o estalo retumbante de seu pescoço. Ouça seu grito, observar sua luta enquanto ela paga por trair alguém como Sage. Por virar as costas para ela quando deveria ser sua amiga mais próxima. Quero machucá-la, vingar a dor que ela causou a Sage.

*Snap.*

Olho para a caneta quebrada na minha mão, dividida ao meio e rachada pela força do meu aperto. Um arrepio percorre minha espinha, medo lambendo meus pés, medo de mim mesma. Quando pararei de ter medo disso? Do que sou e do que sinto?

— Correto, senhorita Turgid — Conner diz com um sorriso desdentado, dando-lhe um breve aceno de cabeça. — Isso é tudo por

hoje. Vejo vocês na segunda-feira e, por favor, certifiquem-se de fazer a leitura antes da aula.

Quando me levanto, Mary se vira para olhar para mim.

— Desculpe por isso. Nem sabia que estava nesta classe — ela diz com um sorriso brilhante que é tudo menos doce. — É como se você nem existisse.

Risos ondulam entre as duas garotas que estão sentadas ao seu lado, e simplesmente dou de ombros. Não há nada que possam me dizer que eu já não tenha ouvido antes. Sou um dos muitos fantasmas de Ponderosa Springs. Uma tradição, uma história assustadora que assombra os corredores e vive nos sótãos. Sei que sou. Aceitei há muito tempo. A garota com a infância mórbida que decidiu se misturar era mais fácil do que se destacar. Sou muito melhor sendo um fantasma do que uma humana.

— Nada demais. Provavelmente precisava dos elogios do professor Godfrey. Deus sabe que você não ganha muito namorando alguém como Easton.

Seu rosto se enrugou, a boca aberta por eu ter respondido. O que é justificável. Três anos atrás, eu teria ficado de boca fechada e ido embora. Ela não está acostumada comigo respondendo.

É uma facada certa, que ela merece por esfaquear Sage pelas costas na primeira chance que teve e muito melhor do que eu realmente quero fazer com ela. Deveria estar grata por ser apenas uma escavação e não uma faca afiada. Lealdade é escassa nesta cidade. Cada um se cuida e não tem medo de pisar em quem ama para chegar ao topo.

Ponderosa Springs gera idiotas egoístas.

Isso é o que o brasão desta escola deveria ter escrito.

Assim que tiver minhas coisas, estou pronta para sair desta aula. Não tenho aulas pelo resto do dia, o que significa que é o momento perfeito para pegar as primeiras espécies para meu novo projeto.

Há muito tempo que queria fazer uma cúpula com tema de

abelha, com flores silvestres preservadas e algumas espécies diferentes. Só preciso ver se consigo trabalhar com algo tão pequeno quanto uma abelha.

Neste verão, me informei, junto a um pomar local sobre sua população de abelhas pedreiras. A abelha azul metálica é nativa do Oregon e das árvores frutíferas que povoam o estado. Seriam perfeitas para uma exibição, especialmente com essa cor única.

O verão acabou, o outono está avançando rapidamente e estamos entrando nos meses mais frios, sei que as abelhas terão feito ninhos, deixando as mais velhas que estão chegando ao fim do prazo de validade pairando por aí. Com sorte, posso encontrar algumas já mortas e em boas condições, para não ter que brincar de apanhadora de abelhas.

— Lyra, espere alguns minutos. — Godfrey chama meu nome enquanto tento sair da sala de aula, parando meus passos. A multidão de alunos passa por mim quando me viro, segurando a alça da minha bolsa.

— Recebendo crédito extra, bichinho do professor? — Mary sussurra enquanto passa por mim, batendo no meu ombro. — Certifique-se de realmente engasgar para aquele A.

Cadela.

Eu a encaro, sabendo que garotas como ela precisam ter a última palavra, não importa o que aconteça. É mais fácil deixá-la ir antes de fazer algo de que me arrependa. Em público, de qualquer maneira. Assim que todos desaparecem, o último aluno deixando a porta aberta ao sair, me viro para encarar Conner.

— Não tenho te visto muito ultimamente no mausoléu. Não há mais captura de insetos para você? — Eu repreendo com um sorriso, sabendo que está ocupado com as aulas, mas meio que senti falta das tardes aleatórias em que ele se junta a mim na coleta de insetos. — Como é ensinar?

Ele ri, encostado em sua mesa com um suspiro enquanto seus

braços cruzam na frente do peito. — Acho que é muito mais complexo do que consolar, muito mais demorado e, de repente, tenho vontade de queimar todas as gravatas que possuo.

Afasto-me um pouco mais para dentro da sala, combinando sua postura enquanto me inclino contra uma das longas mesas a sua frente.

— Porque faz isso? — Ele pergunta, um V profundo enrugando suas sobrelanceiras enquanto afrouxa o nó em sua garganta.

— Fazer o quê? — Pergunto.

— Girar esse anel em seu dedo. Está sempre mexendo nisso. Especialmente durante a aula, quando está distraída, sem prestar atenção à minha aula muito detalhada. Meu ensino é tão horrível assim? — Sua voz é leve com uma piada que me faz sorrir.

Olho para o metal prateado em volta do meu dedo indicador. A gema de âmbar oval no centro que prende uma pequena aranha dentro era a joia favorita de minha mãe. Ela nunca tirava. Nem para o banho. Nem para o trabalho. Nem para dormir. Nem mesmo na morte.

Foram minhas mãos minúsculas que o removeram dela no segundo dia, pouco antes de a equipe médica de emergência levá-la embora. Estava deitada no chão ao seu lado, quase grudada no chão por causa do sangue, até que nossa faxineira apareceu e tudo que fiz foi torcer o anel em seu dedo.

Girá-lo se tornou um hábito, um que fazia inconscientemente desde que se tornou meu. Acho que o professor Godfrey é a primeira pessoa a notar ou pelo menos me perguntar sobre isso.

— Era da minha mãe. Acho que é uma coisa de conforto, algo que faço sem pensar. — Digo com um encolher de ombros. — Costumava vê-la girando por horas quando eu era criança. Não acreditaria no ciúmes que tinha desta coisa.

Eu o seguro na minha frente, mexendo os dedos. — Durante anos implorei para que me emprestasse, mas sempre fui bagunceira e desorganizada. Ela definitivamente tinha com medo de que eu o

perdesse.

— Ou talvez ela soubesse que ainda não caberia em você. — Sua mão quente desliza sob a palma da minha mão, embalando meus dedos em seu aperto.

A ação me pega de surpresa, mas não de desconforto, apenas o choque de ser tocada tão abruptamente. Olho para sua testa enrugada enquanto ele olha para baixo, passando o polegar pelo anel.

— Cabe perfeitamente em você agora — ele sussurra baixinho, um segredo para apenas meus ouvidos ouvirem.

Estamos a uma distância respeitosa um do outro, o comprimento de seu braço o ajudando a me alcançar. Nossas mãos são o único lugar de contato, e tudo em que consigo pensar é no pouco que sinto por ele.

Imagino que seria fácil para qualquer pessoa normal se sentir atraída por alguém convencional, alguém como Conner Godfrey. Por muito tempo, tudo que eu queria, tudo que desejava, era ser normal. Sentir o que os outros sentiam, ter uma vida mediana. É tudo com que sonhei enquanto estava acordada naqueles lares adotivos.

No entanto, não sou. Nunca fui.

E alguém como Conner... não me faz sentir.

Mesmo agora, sabendo que Thatch não está nem perto de mim, posso senti-lo. Seus olhos. Sua energia na sala como o ar, me cercando.

Ele não puxa as cordas do meu coração e as toca como uma melodia que conhece de memória. Não há necessidade imediata de implodir se não puder me aproximar dele. Meu corpo não amolece e inflama como acontece com Thatcher Pierson.

Nunca por mais ninguém além dele.

Há um longo fio vermelho-sangue enrolado em uma das minhas costelas, um fio que, se eu seguisse, se puxasse, levaria direto ao próprio Príncipe da Morte. Um fio que seguiria repetidamente, mesmo

sabendo que isso me levaria a um fim amargo.

Isso é amor, não é? Cair mesmo que não haja ninguém para te segurar? Sem expectativas. Apenas amor cego, de corpo inteiro, purificador.

Não havia muita escuridão nele, nenhum monstro ou fantasia assustadora demais que me impediria de amá-lo. Tudo o que sei, tudo o que ele é e tudo o que se tornará, eu adoraria tudo isso.

Eu morreria por ele. Mataria por ele. Sangraria por ele.

E essa é uma conexão única na vida que não é facilmente correspondida por alguém que é simplesmente convencional.

— É uma peça linda, mas não te segurei para admirar suas joias, infelizmente. — Ele bate na palma da minha mão, afastando-se e contornando a mesa para vasculhar as gavetas.

— Seu ensino não é chato, a propósito. Só estou cansada — murmuro, piscando para afastar a névoa do meu amor secreto.

— Yeah, yeah. Reconheço uma mentira quando ouço uma, Srta. Abbott. — Ele sorri. — Ainda não tem dormido? Já pensou em ir ao médico devido a isso? Pode ser insônia, e eles prescrevem remédios para isso.

— Pílulas para dormir que me fazem dormir como uma morta? Não, obrigada. Prefiro ser privada de algumas horas de descanso do que acordar com a sensação de ter sido atropelada por um trem.

— Teimosa, teimosa. — Ele ri, balançando a cabeça enquanto pega uma pilha de papéis e os estende em minha direção, acenando para que os pegue. — Espero que não seja muito teimosa sobre isso.

Reviro os olhos, mas pego, presumindo que seja parte dos requisitos da aula, mas quando olho para as letras pretas impressas em negrito, descubro que estou errada. Traço meus dedos ao longo das folhas brancas.

— Um estágio? Em New Hampshire? — Levanto ambas as minhas sobrancelhas em estado de choque.

Ele balança a cabeça, cruzando as mãos na frente do colo. — É um programa de entomologia forense em Dartmouth. A disponibilidade é limitada, mas achei que seria uma oportunidade excepcional para você.

— Eu... — gaguejo, balançando a cabeça, impressionada com esse ato de bondade. — Não sei o que dizer. Como soube disso? Como conseguiu me candidatar?

Talvez uma vez, quando ele me perguntou o que eu queria para o meu futuro, mencionei entomologia forense. É um campo raro, os empregos são extremamente competitivos e nunca esperei realmente ter isso como carreira. O estudo de insetos durante um processo criminal é muitas vezes esquecido, até contornado, mas pode ser parte integrante de uma investigação. Desde a hora da morte até onde o crime ocorreu, os rastejantes vivos e mortos encontrados na cena do crime podem lhe dizer um pouco.

É uma combinação das coisas pelas quais sou apaixonada; nunca haveria um trabalho mais perfeito para mim.

Morte e insetos.

— Fiz pós-graduação lá. Mexi alguns pauzinhos com alguns amigos que tenho em casa. A posição é sua no próximo ano, se quiser. — Ele pisca. — Documentação pendente, é claro.

Aperto os papéis em meus dedos, sabendo que isso é algo incrível. Meu futuro está em minhas mãos, um trabalho que desejo há anos. Tudo o que quero fazer é contar à minha mãe. Para lhe telefonar e ouvir sua voz. Quanto mais velha fico, mais sofro por ela.

Reúno todas essas experiências, esses momentos que estou desesperada para compartilhar com ela, e continua doendo quanto mais envelheço. Há tanto que quero contar a ela, tantas coisas que fiz e vi. Parece uma ferida que se aprofunda com o tempo. O tecido cicatricial cobriu a camada externa, mas o interior ainda está doendo, ainda sangrando com toda a dor da perda.

Eu poderia deixar o lugar onde está seu túmulo? A cidade onde

sua memória assombra como um fantasma? Espere.

— Próximo ano?

Ele concorda. — Sim, isso é um problema?

Meus amigos. O Halo.

Thatcher.

Significam tão pouco para mim que quase esqueci tudo sobre eles à luz do meu futuro?

Poderia deixá-los, todos, para trás no espelho retrovisor como poeira, como se esses últimos anos não tivessem acontecido? Poderia deixá-lo do outro lado do mapa onde meus olhos não o alcançariam e meu coração não poderia senti-lo?

Mesmo que pudesse, não tenho certeza se quero. Não quero abandonar as relações que construí, mesmo que a encontremos na loucura e na morte. Gostaria de acreditar que o que compartilhamos é uma conexão única, que não acontece com muita frequência, e a ideia de abandoná-la me deixa doente.

Limpo minha garganta, balançando a cabeça. — Quero dizer, ainda preciso me formar antes de conseguir um emprego, então qual é o sentido de um estágio?

— Poderia se transferir. Não é Hollow Heights, mas Dartmouth também não é para os fracos. — Ele sorri, orgulhoso de sua alma mater.

Talvez eu possa preencher o formulário agora. É só no próximo ano, o que me dá tempo. Só preciso de tempo para ver onde estamos com o Halo. Não posso sair com todas aquelas garotas desaparecidas.

Não é minha responsabilidade, mas parece que somos a sua única esperança, as únicas pessoas procurando por elas, e se simplesmente desistíssemos, elas morreriam esquecidas. Atormentadas, vendidas e dadas como mortas. O que me faz lembrar que minha tarefa nisso era investigar mais a fundo Conner Godfrey. Determinar se ele faz parte disso ou felizmente ignorante.



— Por que pensei que era daqui? — Digo facilmente, fingindo interesse. — Você conhece este lugar muito bem para não ser um local.

A foto que Sage encontrou definitivamente o tinha nela, e facilmente era de anos atrás.

— New Hampshire, nascido e criado. Visitei Ponderosa Springs durante a maior parte dos meus verões com o Sr. Sinclair. Meus pais morreram quando eu era jovem, muito parecido com você, na verdade. — Ele sorri sombriamente para o nosso passado órfão. — Por isso, passei meu tempo aqui com a família Sinclair. É como minha segunda casa.

Não consigo imaginar Stephen Sinclair sendo legal o suficiente para ter uma conversa civilizada que não seja misturada com fanfarronices pomposas, muito menos ser amigável.

— Isso mesmo. O pai de Sage mencionou que vocês costumavam ser amigos quando eram mais jovens. O que tem em comum com eles? Quero dizer, sem ofensa, mas você parece muito mais... — mastigo meu lábio inferior, lutando para encontrar a palavra. — Honesto?

— Está me dizendo que meus amigos são mentirosos? — Ele levanta uma sobrancelha, observando-me com olhos questionadores, e percebo que posso ter dito a coisa errada, acionado seus alarmes se fizer parte do Halo.

— Na verdade. Você apenas parece mais genuíno, só isso. Não consigo ver a você e Frank Donahue tendo muito o que conversar. Mesmo quando ambos estavam em seus vinte anos hormonais — brinco, tentando iluminar a borda da sala.

— Considerarei isso um elogio, Srta. Abbott. Entretanto, amigos são amigos para coisas muito mais profundas do que mostram na superfície. Confie em mim. Todos parecíamos ter a mesma mentalidade para o futuro.

É enigmático e não há informações suficientes para persegui-lo. Se ele não fizer parte disso, terá um rude despertar quando descobrir

como seus amigos são uma merda.

— Deve ter sido difícil para você então, para o Sr. Sinclair também, perder Frank e o Professor West. Sinto muito por isso. Não fala sobre isso com frequência, mas estou aqui se precisar conversar. — Parece errado usar suas emoções contra ele assim. — Ainda fala com James Whittaker? Como ele está lidando com isso?

— Whittaker provavelmente adora o fato de ambos estarem mortos — ele diz asperamente, e meus dedos apertam o papel. — Como exatamente sabe que éramos todos amigos - por que o interesse repentino?

Seu tom não é mais engraçado e leve. O pânico se espalha pelo meu peito como óleo quente no fogo. Deveria ter pensado melhor no meu plano de interrogatório. Minha resposta tem que ser válida, mas não algo que seja suspeito.

Foda-se, foda-se, foda-se.

— Sage — deixo escapar. — Ela, uh... estávamos limpando o que sobreviveu ao incêndio, e havia algumas caixas de fotos no sótão. Principalmente dela e de Rosemary quando bebês, mas havia algumas de Frank na época. Apenas presumi... me desculpe, não queria atingir um ponto fraco. Eu...

— Está tudo bem, Lyra. — Ele levanta a mão, soltando um suspiro. — Não se desculpe. Sei que está apenas sendo curiosa. Estou um pouco tenso ultimamente, e James é um ponto sensível para praticamente qualquer um que entra em contato com ele.

— Ele não tinha a mesma mentalidade para o futuro? — Ofereço com um pequeno sorriso, soltando um suspiro e deixando meus ombros caírem.

Isso o faz rir, só um pouquinho. — Exatamente.

Sei que se eu continuar cutucando, ele ficará ainda mais desconfiado, por isso, paro de cavar por enquanto, levantando os papéis.

— Obrigada por isso. Não tenho certeza se aceitarei. Não sei se

posso sair daqui...

— Por que? — Ele interrompe, ficando ereto e me olhando com tanta preocupação em seus olhos suaves que é difícil acreditar que seja capaz do que os rapazes acreditam que ele seja.

— Meus amigos... tenho amigos aqui, e eu só... — Mordo meu lábio inferior. — Não sei se posso deixá-los ainda.

Conner acena com a cabeça, franzindo os lábios. — Amigas com namorados que um dia terão suas próprias vidas longe daqui? Eles ficariam por você?

A pergunta corre fria ao longo da minha pele. Ficariam?

— Odiaria vê-la acabar como outra pedra no paralelepípedo deste maldito lugar. Merece mais do que esta cidade pode te oferecer. Neste mundo, tudo o que tem é você mesma. Tem permissão para se colocar em primeiro lugar, para ser egoísta...

Um grito, alto e penetrante, interrompe seu discurso e minha mente questiona a lealdade de meus amigos. É puro medo, os ecos das cordas vocais de alguém lá fora no pátio. As janelas abertas na sala de aula permitem que penetre ao longo do primeiro andar do prédio, e rapidamente ouço o barulho se acumulando.

Anarquia. Pânico. Temor.

— Que diabos? — Godfrey diz em voz alta, movendo-se para a porta comigo rapidamente em seu encalço.

Seguimos o enorme enxame de alunos e professores saindo do prédio em direção aos espaços comuns no centro do recinto escolar, um grande prédio circular perto do carvalho recém-cortado que costumava ficar alto.

A árvore frondosa e histórica foi um dano colateral durante meu primeiro ano. A árvore que ajudei Rook a incendiar para fornecer uma distração para Briar e Alistair, uma memória que acende como um fósforo no fundo da minha mente, mas não é mais a árvore desaparecida que deixa todos encantados.

Conner abre caminho através do caos, eu seguindo o rastro de espaço que ele faz até chegarmos à borda do círculo, expostos ao horror que está causando pânico em massa no recinto.

Ouçó alguém ofegar, um grito de desespero de outro, estrondos e sussurros que ficam mais altos quanto mais tempo fico aqui. Minha boca está seca e posso sentir meu coração batendo contra meu peito.

Na base do carvalho está uma perna humana, habilmente cortada na articulação e branqueada. Há uma fita branca fina amarrada em um laço no joelho e uma rosa vermelha singular descansando contra ela.

Alistair nos alertou sobre isso, nos disse que a cidade que havíamos começado a causar estragos logo começaria a retaliar. Podíamos fugir da aplicação da lei, mas havíamos nos envolvido em uma organização que estava cansada de nossa intromissão.

Tínhamos matado muitos deles. E tudo que posso pensar é que foram eles pegando seu quilo de carne de volta.

— Isto é...? — Sussurro mais para mim mesma, mas Conner responde.

— Sim.

Esculpida em letras brutas e rabiscadas na carne leitosa do bezerro está uma mensagem. Duas palavras de um assassino em série que voltara pra assombrar seu território. Um aviso do Butcher of the Spring.

***Eu voltei.***

O mundo começa a girar. Em cores lindas e desastrosas, gira tão rápido que meus olhos não conseguem distinguir nada além de um borrão de pigmento. Sinto minha mão bater no meu estômago, pressionando a carne em uma tentativa de acalmar a guerra furiosa dentro de mim.

Ele voltou. Isso não é possível, é?

Henry Pierson está trancado dentro de uma rocha artificial,

cimentado atrás das grades até que seu corpo apodreça em comida de larvas. Não há como ele escapar de um lugar como aquele. Ele não pode voltar.

Não é possível, mas esta é a *sua* assinatura. A parte singular do corpo deixada nos espaços abertos de Ponderosa Springs, amarrada com uma fita e inscrita com uma mensagem. Presentes que ele deixou para a cidade para mostrar o quanto era mais esperto do que todos nós. Que foi capaz de roubar nossas filhas, esposas e mães sem deixar vestígios.

Não é ele. É apenas um imitador. É a resposta lógica, mas minha mente não me deixa acreditar em nada lógico agora. Minha alma parece separada do meu corpo, deixando-me entorpecida e sozinha enquanto revivo todas as memórias brutais da noite em que minha mãe foi assassinada.

Os lampejos de sangue jorrando que expeliam de seu corpo com cada corte áspero de sua faca, os gritos abafados que irromperam em minhas pequenas mãos. Ele está de volta, virá atrás de mim agora? O fantasma que escapou de sua ira?

Caí para trás no meio da multidão de pessoas ainda fixadas no membro destacado, tropeçando levemente no meu sapato e esbarrando em alguns corpos aleatórios. Em algum lugar no fundo da minha mente, posso ouvir alguém chamando meu nome, mas é abafado pelo cheiro. Aquele que se recusa a sair do meu corpo, do meu nariz, mesmo depois dos inúmeros banhos. O fedor de carne em decomposição, o corpo em decomposição de minha mãe. Está tudo ao meu redor, me arrastando cada vez mais para aquela noite.

Quando eu era pequena, sozinha com os mortos e todo o silêncio que vinha com eles.

Ele voltou. Está de volta e vindo atrás de mim.

Ele...

— Pare.

Minhas costas batem em algo frio. Frio o suficiente para congelar

minha mente, meus pensamentos acelerados por apenas um momento, para cheirar algo diferente da morte.

Folhas cítricas e frescas.

— Não deixe que eles te vejam desmoronar, Scarlett. — Sua voz é firme, uma rocha contra as ondas que ameaçam me derrubar. — Eles não verão você desmoronar. Está me ouvindo?

Mãos geladas se enrolam em meus braços, polegares acariciando minha pele com movimentos suaves. Ele se apodera de mim por completo. Entra em mim, a sensação de seu peito afugentando todas as memórias.

Peça por peça, tudo o que Thatcher é conforta minha mente, derramando-se sobre a escuridão como uma urna de luz invernal que me ilumina. Como a geada cobrindo as folhas das flores. Acolhendo-as. Protegendo-as. Permitindo-me respirar, parar.

Eu me ancoo nisso, no contato pele a pele que ele se recusa a dar aos outros. Meu corpo vibra nos lugares de conexão crua, de seus dedos traçando meus braços nus. Minha cabeça recosta em seu peito, descansando lá enquanto inspiro o seu cheiro logo abaixo de sua mandíbula. Onde sua colônia é mais forte, se espalha e permanente.

— Saia daqui. Seja um fantasma, Lyra, e vá se esconder. Encontre o silêncio — ele murmura em meu ouvido, a rigidez de seu tom não deixando espaço para discussão. — Espera por mim, e depois você desmorona. Apenas depois.

Meu aceno parece mais uma contração, e minha voz sai estrangulada. — Se eu me tornar um fantasma — engasgo — como você me verá?

Uma respiração instável vem de sua garganta, fazendo cócegas no fundo da minha orelha. A lembrança assombrosa de nosso primeiro encontro oscila entre nós, quando éramos crianças experimentando um mal vil que a maioria mal pode imaginar.

Duas crianças costuradas pelos dedos ensanguentados do Destino. Uma história escrita em carmesim e impregnada de finais cruéis. Será

que nossos pais se sentiram assim? Henry Pierson acalmou a alma de minha mãe antes de roubá-la, como Thatcher fez com a minha? Enquanto os outros ao nosso redor estão paralisados de medo, existimos na memória de nosso início e do começo de nosso final angustiante.

— Pet — ele ronrona — eu sempre te vi.

APRENDER A JOGAR PELAS REGRAS

Thatcher

— Senhor, sinto muito, mas não houve fuga de um preso desde a década de 1970. Posso garantir que todos foram contabilizados.

Agarro o telefone com força, ameaçando destruí-lo entre meus dedos.

— Passe-me para o diretor.

A multidão de pessoas parece se separar de mim, criando uma rota para eu percorrer. O seu medo emana em ondas, um feromônio que só eu posso detectar. A histeria de encontrar um membro no campus persiste, aumentando à medida que os sussurros ficam mais altos.

O *Butcher of the Spring* voltou com um presente, ou alguém fingindo ser ele.

E o principal suspeito de todos está andando entre eles.

Alguns deles são ousados o suficiente para olhar para mim; outros têm muito medo do que aconteceria se ficassem me encarando um pouco demais. Posso sentir o rigor das suas espinhas, ouvir os murmúrios de teorias. Todos acham que sou responsável por isso. Como se meu ego precisasse tanto ser acariciado, que recorri a essa exibição pública berrante.

Não me incomoda, o fato de o boato girar com meu nome como fonte primária. Qualquer resolução que suas mentes estreitas estejam traçando é a menor das minhas preocupações no momento. Deixe-os apodrecer, deixe suas mentes correrem até que o pensamento do meu nome os faça estremecer. Não tenho nenhum problema em ser o seu



bicho-papão.

— Ele não aceita telefonemas. Posso deixar uma mensagem?

Deus deve ser real. É a única maneira de explicar a sorte desse idiota do outro lado do telefone por não estar na sua frente.

— Sim, diga a ele que Thatcher Pierson está ligando a respeito de Henry Pierson, um preso que pagamos uma grande quantia para mantê-lo aí — respondo rapidamente, deixando meus pés me carregarem pelo campus com passos pesados.

— E-eu... Sr. Pierson, peço desculpas. Não fazia ideia...

— Poupe-me — digo. — Se quer manter seu emprego, me passe para o diretor. Não pedirei novamente.

A linha fica muda por apenas um curto período de tempo antes de outra voz me cumprimentar do outro lado.

— Sr. Pierson, o que eu...

— Onde está o meu pai? — Não tenho tempo para esfregar os cotovelos, uma tarefa da qual me orgulho de me tornar um especialista em fingir.

Passo correndo pelo terreno da escola e entro na linha das árvores atrás do Rothchild District, onde sei que encontrarei meu querido fantasma escondido, trancada em uma cripta decadente. O único conforto que alguém tão ligado à morte poderia encontrar é entre o silêncio que vem de onde os mortos descansam.

Posso ouvir o farfalhar de papel pouco antes de o diretor da Penitenciária de Rimond responder: — Onde ele esteve nos últimos anos, senhor? Seu quarto privado na solitária. Por que? Está nos pedindo para movê-lo?

— Desde quando? Quando foi a última vez que alguém colocou os olhos físicos nele?

Sinto um aperto no peito, uma espécie de dor incômoda e chata enquanto minha pergunta paira no ar. Os galhos estalam sob o peso dos meus passos à medida que me aprofundo na floresta atrás de

Hollow Heights.

— Fizemos verificações dos celulares há cerca de quinze minutos, Sr. Pierson. Todos, incluindo seu pai, foram vistos. Há algum problema?

Sei que a probabilidade de Henry escapar de uma prisão de segurança máxima é pequena e desprezo o motivo pelo qual precisei ligar para verificar se era por causa de Lyra.

— Não, mas gostaria que colocasse guardas extras na solitária pelas próximas semanas. Quero uma lista de todos os seus visitantes nos últimos dois anos, e me ligue se alguém solicitar uma visita a partir de agora — digo a ele apressadamente antes de encerrar a ligação.

Ele ainda pode estar lá dentro, mas meu pai nunca perderia a chance de fazer uma cena. Infelizmente, somos semelhantes nesse aspecto. Isso poderia facilmente ser alguém não relacionado, usando o que a mídia publicou sobre seus assassinatos para assustar o povo de Ponderosa Springs, um imitador trabalhando para este Halo ultrajante que usa a lenda de meu pai como uma arma contra nós.

No entanto, para o caso de Henry ter mexido com meu negócio atual e se envolvido, quero saber.

Olho para o meu telefone, e meu polegar permanece sobre o nome de Alistair, pronto para ligar para ele e pular em sua garganta, reclamando sobre como eu sabia que isto aconteceria. Como os avisei que, se investigássemos as garotas desaparecidas e o Halo, eles retaliariam.

E eu é que me ferraria. Serei a primeira pessoa que a polícia procurará por isso. Sou o suspeito óbvio, o filho zangado vingando seu pai assassino. Eu juro, se isso for impresso em uma manchete de jornal, explodirei meus miolos.

Um gemido irrompe em minha garganta, pensando em ter que lidar com um interrogatório policial, que inevitavelmente está por vir. Preciso ligar para os rapazes. Devia ser minha prioridade. Exceto que

me concentro no prédio decrepito desgastado por anos de negligência e tempestades. Meus pés param fora do perímetro, onde há muito tempo atrás ficava um portão.

De repente, ligar para qualquer outra pessoa, lidar com qualquer coisa além desta floresta, não parece tão importante.

Todos podem esperar. O caos. O Halo. Meu pai.

Tudo isso deixa de existir pelas próximas horas. Por enquanto, é só ela.

O esqueleto de um edifício costumava ser o mausoléu da família Harrison, os fundadores originais de Hollow Heights. Negligenciado e sórdido, é um lugar de refúgio assustador, e nunca consegui entender por que esse lugar fala com ela. Está envolto por grama alta e árvores. Sua estrutura em estilo romano nos faz pensar em uma igreja, com as torres gêmeas idênticas na frente, ou o que sobrou delas. Uma desabou há muito tempo, deixando uma torre solitária com uma cruz quebrada no topo.

Subo os curtos degraus da entrada, abrindo totalmente a porta já entreaberta. Meus sapatos oxford estalam contra o chão danificado, o rangido da porta farfalhando, os pássaros se escondendo lá dentro. Um guincho de corvos ecoa no espaço, e olho para cima para assistir a um assassinato deles se espalhando pelo teto da cúpula quebrada. Apenas alguns permanecem empoleirados lá dentro, bicando as migalhas de pão que estão espalhadas pelo chão.

Escarneço. Claro que ela deixaria comida para os pássaros.

— Ele voltou, não é?

Sua voz é uma perturbação silenciosa no ar, vazia de sua emoção usual, separada da situação ao redor. Ela se senta escondida no canto vazio da janela de granito, os braços em volta das pernas, que estão bem aninhadas contra o peito. Sua cabeça voltada para o vitral danificado, olhando através das rachaduras para a floresta do lado de fora.

O sol irradia pelo que resta do vidro, atingindo seu rosto em um

caleidoscópio de cores. Vermelhos profundos destacam as curvas de sua mandíbula, a inclinação de seu nariz pincelada com azuis vibrantes. Ela fica etérea, quase fantasmagórica nesta luz.

Uma visão poderosa demais para ser verdadeiramente real, uma breve invenção da imaginação que sabemos que desaparecerá assim que piscar. Por um momento pesado, fico parado no lugar, incapaz de fazer muito mais do que olhar.

Nunca fui afetado por ninguém assim. É como se eu a visse genuinamente pela primeira vez em nossas vidas e reconhecendo o quão assustadoramente adorável ela é.

Cachos da cor de penas de corvo sedosas se espalham de seu elástico de cabelo, caindo do topo de sua cabeça, e pela primeira vez, quero tocar em alguém, deslizar o cabelo entre meus dedos e sentir se é tão macio quanto parece. Cada curva, arco e mergulho de seu corpo é destacado nesta hora, o suéter apertado acentuando a inclinação de seu peito e a suavidade de seu estômago. A fome aumenta em meu estômago ao ver a saia verde escura enrolada em suas coxas, a meia-calça preta esticada em suas pernas pálidas, e quero ver o quão sedosa é sua pele por baixo delas.

Talvez seja porque minhas mãos nuas já a tocaram, enrolando-se em seus braços em um esforço de conforto. Sei como é a sensação de sua carne nua sob a palma da minha mão e quero mais. Para esfolar meus dentes por dentro. Para vê-la ficar rosa. Para fazer sangrar.

— Ele está de volta, e vem atrás de mim — ela murmura, inclinando a cabeça em minha direção e me olhando com aqueles grandes olhos verdes, que estão vazios.

Geralmente estão saltando com energia, com *sentimento*.

Tudo o que quero fazer é enchê-los de volta. Despejar todas as emoções que normalmente transborda de volta em seu corpo, porque ela não deveria ter essa aparência. Vazia e oca.

Muros são construídos no alto de sua mente, um mecanismo defensivo para se esconder das coisas que a assustam. Provavelmente

os teve a vida inteira. Não me surpreenderia se foi isso que a fez passar pelo sistema de adoção, mas ela aprendeu a se esconder tão bem atrás deles que nem consegue mais se encontrar. É por isso que ela luta para se ver no espelho.

— Meu pai ainda está muito preso, querida fantasma. — Minha voz é amarga quando me aproximo de seu corpo sentado. — Mesmo que não fosse, seu medo dele é desnecessário.

Olhos mortos percorrem meu corpo antes que um escárnio balance seus ombros. — Diz o seu filho.

Não quero questionar por que é só ela que causa essa erupção de energia dentro de mim. Por que esse sentimento de fogo derretido bombeia em minhas veias com a sua resposta. Minhas sobrancelhas se franzem em um V profundo.

— Então está me xingando agora? Por ter o pai que não tive escolha em nascer? Eu nunca pensei que fosse como todos eles, aquelas ovelhas lá fora... — jogo minha cabeça em direção à janela — que comem qualquer fragmento de informação que joguem, verdadeira ou não?

— Não ponha palavras na minha boca, Thatcher. — Sua mandíbula cerra. Essa versão amarga e fria da Little Miss Death me perturba. E nunca me sinto perturbado. — Você é o filho dele. Não tem nada a temer, só uma reunião estranha. Eu sou a garota que o mandou para a prisão.

Sua verdade flutua entre nós. As consequências do que meu pai fez à sua mãe naquela noite resultaram diretamente em sua prisão. Depois de anos voando sob o radar da polícia, Scarlett Abbott foi sua ruína.

Eu a tinha deixado ser sua ruína. Ela havia sobrevivido a ele. Tinha visto tudo o que ele fez para sua mãe. Tinha me visto. Nunca entendi por que Phoebe Abbott foi a única mulher que meu pai não esquitejou. Henry tinha uma rotina particular, mas não naquele momento.

Ele foi preso pouco depois que a encontraram dentro de casa. Depois de ter contado tudo à polícia. Tudo me espera, ela nunca disse a eles que eu estava lá.

— Não estou com medo. — Ela exala. — Sabia que eventualmente ele viria atrás de mim. Estou pronta há algum tempo.

Mentira.

Ela tem pavor do meu pai. Senti isso em seus ombros momentos atrás, a maneira como seu corpo tremeu em minhas mãos e se desligou de seu corpo. Uma tática que a mente forçará o corpo a fazer ao reviver um trauma grave.

É um sintoma comum do transtorno de estresse pós-traumático.

E eu a vi se desligar fisicamente depois de ver aquela perna. Vi sua mente se proteger da única maneira que sabia - desconectar e se esconder até que todos os monstros fossem embora, até que o silêncio que encontrou dentro daquele armário voltou e ela foi capaz de sair. Para não mais se esconder.

Alguns passos à frente me deixam diretamente ao seu lado, meus dedos se estendendo para esfregar contra a fita de seda verde em seu cabelo. Sinto seu peito apertar com a minha proximidade, suas mãos se fechando em pequenos punhos ao seu lado.

— É por isso que foge para esses pequenos espaços empoeirados, não é? Não precisa se esconder do que te assusta dentro deles. — Inclino minha cabeça, sem saber por que perguntei em voz alta quando sei a resposta.

Calor se espalha por seu rosto, rosa queimando suas bochechas, e posso ver as emoções brilhando em seus olhos, emoções cruas e não filtradas se derramando apenas para mim. Por minha causa. Algo permanente se instala em meu peito, a decisão de que acho que faria qualquer coisa para evitar que Lyra entrasse naquele lugar escuro dentro de sua cabeça sozinha novamente.

— São os lugares esquecidos. Eu sou a esquecida. Esses são os únicos espaços aos quais sinto que pertença.

Meu polegar arrasta ao longo da costura do tecido, pegando um de seus cachos, e sinto o quão suave é sob meu toque. Tão quente, tão ela.

— Ele não vem atrás de você, Lyra. Henry ainda está atrás das grades da prisão e, se não estivesse, garanto-lhe que nunca chegaria perto de tocá-la. — Meus dedos descem de seu cabelo até a curva de seu pescoço. — Nem um único arranhão nesta pele pálida.

Um arrepio que sinto na mão lhe percorre o corpo, inclinando a cabeça para me dar acesso ao seu pescoço delicado, entregando-se a mim tão livremente, com tão pouco esforço.

— Como pode ter tanta certeza?

— A única pessoa que consegue te fazer sangrar sou eu — murmuro. — Seu sofrimento. Seu medo. Seu sangue. É tudo meu, Pet.

Meu polegar rasteja pela vibração de seu pulso, sentindo-o disparar ao meu toque. Tudo dela é tão reativo a mim; até as veias e artérias sob sua carne, se movem para mim. Seu coração bate só por mim.

— Quer construir suas paredes, querida fantasma? Proteger-se dentro desses espaços assombrados? Tudo bem — digo a ela com um aceno de cabeça, meu polegar pressionando profundamente em seu pescoço. — Mas certifique-se de que estou dentro antes de fechar essas portas. Pode fechar o mundo inteiro. Não a mim. Nunca a mim.

Uma respiração instável desliza por seus lábios, seu corpo se inclinando para o meu toque. — Nunca você — ela sussurra baixinho — Nunca, meu anjo.

Levanto uma sobancelha, olhando para ela com curiosidade. — Esse não é o meu nome.

— Isso é o que você é dentro da minha cabeça.

Um anjo. Está brincando?

Seu corpo gira casualmente até que esteja de frente para mim, seus pés balançando sobre a borda do assento de mármore. Seus

joelhos a centímetros dos meus, minha mão ainda descansando em sua garganta. Observo seu dedo avançar hesitantemente, deslizando o tecido do meu paletó bege. Sobe e desce com tanta indiferença que nem parece que ela está se movendo.

— Anjo da morte — ela murmura. — Acredita-se que o ser divino conforta as almas e as acompanha em outra dimensão.

Esperava que em algum lugar ao longo do caminho ela tivesse deixado escapar de sua mente o que fiz por sua mãe, mas aparentemente, ao contrário de mim, Lyra se lembra de tudo de sua infância. Especialmente daquela noite.

As moedas para pagar o barqueiro.

Uma tradição da família Pierson sobre a qual me contaram desde que era jovem, uma das únicas lembranças de que conseguia me lembrar. Todos aqueles com meu sobrenome que morreram foram enterrados com moedas sobre os olhos para que nossa riqueza não passasse despercebida em qualquer vida após a morte para a qual fôssemos enviados.

Joguei moedas escondidas no túmulo de minha própria mãe pouco antes de ajudar meu pai a enterrá-la. Uma mulher que mal conseguia lembrar. Eu não tinha certeza se ela tinha sido negligente ou amorosa, como soava sua voz ou as roupas que usava.

Talvez fosse o que restava da minha consciência, querendo fazer uma boa ação para Phoebe Abbott, mas o que quer que tenha sido, meu pai o destruiu há muito tempo. O desejo de ajudar qualquer outra pessoa a atravessar o rio Styx havia me deixado, voltando apenas para quando conheci os rapazes.

— Não sou nenhum anjo, Pet. Seria ingênua se pensasse isso. — Uso meu aperto em sua garganta para levantar sua cabeça para que seus olhos possam encontrar os meus.

Ela fica sentada ali, olhando para mim com aqueles olhos, e sei que não importa o que eu diga a ela; vai acreditar no que quiser. Sua mente é sua própria criatura, uma que começou a me intrigar.



— Então por que veio me encontrar?

A resposta que ela está procurando não é a que receberá. Mesmo que seja a verdade.

Porque a razão pela qual estava no pátio, para começar, foi devido à raiva. Eu planejava arrancá-la da multidão de pessoas e arrastá-la pelos cabelos para algum lugar privado, onde poderia ensiná-la algumas maneiras. Para lembrá-la de como esse acordo entre nós funcionava.

— Para te mostrar sua próxima lição. — Os cantos da minha boca se inclinam para cima em um sorriso. Dou mais um passo em seu corpo, forçando suas pernas a se abrirem para me dar espaço.

Quero que meu corpo rejeite a sensação de suas coxas quentes tocando as minhas, sinta repulsa pelo contato, mas o único desgosto que sinto é pela sensação que isso me dá. A maneira como meu estômago aperta e meu pau endurece atrás da minha calça. Sinto repulsa pela minha reação ao colocar minhas mãos sobre ela. Não por causa dela.

Minha mão livre enfia no bolso. — Sou seu professor, não sou, Pet?

Sua garganta balança enquanto olha para o canivete entre nós. Meus dedos pressionam o botão lateral para expor a faca em forma de lança. Corta através da sala mal iluminada, a ponta roçando a frente de seu suéter.

Toda aquele ardor que eu tinha afastado antes, devido à distração daquele membro cortado, está ressurgindo. O desejo de vê-la implorar por perdão, de ouvir aquela boca com sabor de cereja expiar o que fez.

— Thatcher...

— Responda a minha pergunta — falo entre os dentes, arrastando a arma para cima e pegando um pouco do tecido no caminho. O suéter se abre, expondo o material totalmente branco de seu sutiã.

Um gemido ressoa em minha garganta, tendo minha faca tão perto de sua pele, sabendo que se pressionasse um pouco, um fluxo de

carmesim escorreria pelo vale de seus seios empinados. Circulo a borda afiada em torno da frente de seu sutiã, pressionando apenas o suficiente para que ela sinta a sensação em seus mamilos, girando a alça na palma da minha mão e observando sua cabeça jogar para trás de prazer.

Meu pau estremece, buscando mais do calor que irradia entre suas coxas leitosas. Pressiono ainda mais em seu corpo, um gemido escapando de sua boca enquanto meu comprimento endurecido se conecta ao seu centro. Há um brilho em seus olhos, que a faz parecer meio sonhadora. Como se não tivesse certeza de que isso é real, apenas um sonho que desaparecerá assim que ela acordar.

Não tenho também não certeza se isso é real. Parece normal demais, bom demais para ser algo que existe na realidade.

As pernas de Lyra envolvem minha cintura, puxando-me para mais perto, desesperada para me ter quando deveria lutar para ficar longe, muito longe de mim. Se ela soubesse como a quero, as coisas pelas quais quero fazer seu corpo passar, ela não seria tão carente de mim.

No entanto, aqui está ela.

— Sim, você é meu professor — ela choraminga, suas pequenas mãos apertando minha jaqueta.

Concordo com a cabeça, levando meu lábio inferior entre os dentes, deixando a lâmina se mover mais alto até tocar sua garganta. A nitidez dança ao longo de sua pele delicada, mas não com pressão suficiente para dividi-la. Ainda não.

— Então por que diabos *Conner* Godfrey tocou o que me pertence?

A névoa de luxúria embaçando seus olhos vacila.

— O q-quê? — Ela gagueja, levando um segundo para entender do que estou falando. — Espera, estava me observando na aula?

Arrasto minha mão esquerda atrás de seu pescoço, entrelaçando meus dedos em seus cachos selvagens. Meu aperto é dolorosamente

forte, fazendo um longo gemido sair de sua garganta. Uso meu aperto como alavanca, inclinando sua cabeça ainda mais para trás, forçando sua garganta em direção à ponta da faca.

— Thatcher — ela sussurra quando ela morde sua pele.

— Lá estava eu, caminhando para minha próxima aula — a interrompo, observando a primeira gota de sangue escorrer do pequeno corte que criei em seu pescoço. Um longo fluxo de vermelho escorre pela coluna de sua garganta. — Quando passo pela porta de uma sala de aula aberta e pego Conner Godfrey babando na sua mão.

Meus quadris se movem para frente, meu pau esfregando contra seu núcleo. Através de todas as nossas roupas, ainda posso sentir como ela está encharcada, vazando umidade entre suas coxas, seu corpo pingando do meu toque.

— Diga-me, o que te fez pensar que outros homens poderiam tocá-la? — Eu me inclino para que minha boca fique pairando logo acima de seu nariz. — O que te fez pensar que alguém além de mim poderia tocá-la?

Usando a ponta cega da faca, recolho o sangue em sua garganta através do metal, levando-o mais para cima em seu pescoço até atingir seu queixo, tomando cuidado para não cortá-la ainda mais, deixando um rastro de vermelho em meu caminho.

— Ele olhava para o meu anel. Isso foi tudo. — Sua voz vacila, mas seus quadris empurram em minha direção, rolando timidamente contra minha virilha, buscando fricção para ajudar em seu desejo.

— Acha que me importo com o que ele olhava? — Sibilo.

A fúria de ver Conner Godfrey esfregar as mãos sujas nas dela alimenta cada ação minha. Estou cego para tudo, exceto para provar meu ponto. Meu controle se parte em dois quando se trata de Lyra Abbott, uma quebra sem esperanças de consertar.

E detesto isso.

Como ela me deixa selvagem. Como cada movimento dela me deixa louco. Ela me contaminou de maneiras que meu pai nunca faria.

Sou um homem de ordem, rotina e limpeza rigorosa. E ela é minha mascote imunda.

No entanto, a única sujeira que quero ser é a dela.

— Não é desse jeito. Ele é apenas um amigo. — Ela engole enquanto coloco a metade superior da lâmina em seus lábios. O líquido vermelho escuro cobre sua boca com sabor de cereja, fazendo-a parecer tão doce quanto sei que ela é.

— Tem razão, Pet — digo friamente, traçando a forma de seus lábios com a adaga encharcada de sangue e pintando-a de vermelho, cobrindo-a com minha cor favorita. — Ele não sou eu. Nunca será eu.

Ela abre sem meu comando, permitindo que a faca caia em sua boca. Meu pau se estica em minhas calças, faminto por mais dela quando vejo aquela língua rosa enrolar ao redor do aço.

Eu a deixei jogar. Concordei que ela gire sua língua ao redor do metal e chupe suavemente sua própria sujeira até que a limpe. O aroma de cerejas e sangue picante enche meu nariz e me deixa ganancioso.

Eu a removo de sua boca bem a tempo de ela falar novamente.

— Mas — ela ofega, rolando a língua para pegar as gotas ao longo de seu lábio — e se ele puder me ensinar coisas que você não pode?

É assim que planeja conseguir o que quer de mim? Empurrando-me muito além do meu ponto de ruptura, em um território que ninguém deveria estar?

— Oh? Diga-me, o que ele sabe que eu não sei?

Uma de suas mãos desce sobre a parte inferior do meu estômago, pressionando o músculo duro sob a minha camisa. A sensação de suas unhas tentando cravar em minha pele provoca um forte arrepio na minha espinha.

— E se ele puder me ensinar como é o toque de um homem? — Ela murmura. — Como me sentir bem à noite quando estou sozinha na

cama e minha mão desliza entre minhas coxas.

Uma respiração pesada sai pelo meu nariz, e minha mandíbula cerra como aço. Levanto minha cabeça em direção ao teto, meus músculos do pescoço tensos. Preciso reunir o controle, apenas um pouco para me impedir de explodir, mas tudo o que vejo por trás das minhas pálpebras é Lyra esparramada na mesa de Godfrey enquanto ele a devora da maneira que só eu posso, sua boca marcando-a, mãos tateando em tudo o que podem encontrar.

Vi o jeito que ele olhava para ela. Um homem perdido no deserto, e ela era um rio caudaloso, apenas esperando que ele mergulhasse. Ela pode não acreditar, mas ele a quer.

Estou pendurado em um fio fino, que está prestes a se partir e me enviar através do campus até que eu tenha minhas mãos dentro da cavidade torácica de Conner Godfrey, arrancando suas costelas uma a uma.

— Você não pode me ensinar isso — ela me diz, uma pitada de falsa inocência em seu tom.

Quando deixo as suas palavras penetrarem em minha mente, realmente penetrarem por dentro, algo se encaixa para mim.

*E se ele puder me ensinar como é o toque de um homem?*

Uma risada sinistra ressoa em meu peito, vibrando suas pequenas mãos ainda pressionadas em meu estômago. Estalo minha língua enquanto um sorriso perverso surge em meus lábios.

— Minha, minha, Lyra — repreendo. — Eu sempre supus, mas agora tenho certeza. Que descoberta deliciosa.

Inclino minha cabeça para trás para que esteja olhando em seus olhos confusos.

— Minha querida fantasma é virgem. — Com facilidade, viro a faca em minha mão para que a lâmina fique na palma da minha mão. — Tentativas inúteis de me deixar com ciúmes não eram necessárias. Poderia apenas ter implorado.

— O que...

— Poderia ter se ajoelhado e pedido educadamente para sangrar no meu pau. — Apertei o lábio inferior e fiz beicinho até romper aquelas paredes apertadas. — Mas não o fez.

Enfio o cabo preto em sua boca, forçando-a garganta abaixo. Agarro a faca com mais força, sentindo o corte na palma da minha mão muito mais profundo do que o corte em sua garganta.

Seus olhos se arregalam e um gemido gutural vibra em sua garganta enquanto meu sangue jorra da ferida. Derrama em sua boca, um fluxo quente em cascata descendo por sua garganta. Resmungo quando pinga entre seus seios flexíveis, e assim como pensei, é uma visão condenatória.

Todo esse líquido vermelho brilhante marcando sua pele leitosa. Meu sangue rasteja por seu corpo até cobrir cada centímetro quadrado de seu corpo. Quero que ela se afogue nisso, sufoque em mim.

— Você é minha — vocifero contra seu ouvido, deixando sua boca quente sufocar em torno de minha lâmina. — Minha aluna. Minha *maldita* animal de estimação. Vou dobrar, destruir e brincar com você como achar melhor. Até que não seja nada se eu quiser. Você queria isso, me implorou por isso, por isso cumprirá minhas regras. Entendeu?

Eu a sinto acenar com a cabeça agressivamente, mal me deixando terminar de falar antes que ela concorde.

— Diga

Retiro a faca de sua garganta para que ela fale e a arrasto para outro buraco. Um cheiro metálico ressoa entre nós, ultrapassando meus sentidos enquanto meu sangue encharca minha mão. A dor é secundária. Aprendi há muito tempo como fechar coisas como esta, para matá-la antes mesmo de ter a chance de machucar.

— Sou sua — ela murmura, inclinando-se contra o vidro para se apoiar enquanto seus quadris se arqueiam em minha direção. — Apenas sua. Sempre sua, Thatcher.

Erótico não é uma palavra que cubra como ela está agora.

Pernas abertas, expondo sua calcinha branca que tem uma mancha escura na frente de como está encharcada. O suéter rasgado e meu sangue pingou em seu corpo.

O sonho molhado da morte. Um desejo doentio que me recusei a notar. Minha pequena maldita assassina com sabor de cereja. Ela colocaria o próprio ceifeiro de almas de joelhos. Os anjos levantariam o inferno e condenariam o céu para dar uma espiada.

Os homens se matariam por ela se tivessem a chance de vê-la dessa maneira.

Nunca vacilei. Nem uma única vez na minha vida horrível. Há anos que não me incomodo com a beleza de homens e mulheres, mas neste dia, neste momento.

Minhas pernas tremem e meus joelhos fraquejam, porra.

O cabo cai em seu estômago, seguindo as linhas de seu corpo até que a tenha centrada entre suas coxas. Suas mãos trêmulas puxam sua saia mais para cima de sua cintura, expondo sua metade inferior para mim.

— Quer que alguém te faça gozar, Pet? É isso que você queria? É por isso que estava me desafiando? Precisa de alguém para lhe mostrar como fazer essa boceta patética *gozar*?

Usando a lâmina, empurro sua calcinha para o lado, deixando uma mancha vermelha enquanto o faço. Minha mão latejante ainda jorrando sangue quando pressiono a ponta do cabo entre suas dobras lisas.

A dor na minha virilha é quase insuportável. Meu pau gosta demais de vê-la encharcada e ensanguentada. Aquela boceta intocada e brilhante me chama, rezando a mim como se eu fosse o seu deus, querendo que seja eu aquele em quem ela sangra.

— Posso fazer melhor do que isso, Lyra. Posso fazê-la gritar. Posso fazê-la chorar.

Eu circulo seu feixe de nervos sensíveis, pressionando apenas com força suficiente para lhe dar um pouco de dor com seu prazer. Meu corpo se dobra sobre o dela, minha mão sobressalente pousando ao lado de sua cabeça, segurando-me logo acima dela para que eu possa olhar entre nós e observar a faca cavando em minha carne deslizar por seus sucos.

A cabeça de Lyra cai para trás, sua boceta pulsando contra o cabo preto liso, mas quero mais dos gemidos doces e patéticos que enchem este prédio apodrecido, para acordar os mortos com seus gritos por mais.

— Tatcher. — Ela soltou um gemido entrecortado antes de continuar. — Vo-você está sangrando. Muito.

Enterro meu nariz no ápice de sua garganta e ombro enquanto ela bombeia seus quadris em impulsos espasmódicos, encontrando a pressão da lâmina. Esfrega-se contra a lâmina enquanto minha mão sangra livremente em seu núcleo. Meu sangue torna mais fácil deslizar por suas dobras repetidamente.

Enquanto arrasto a ponta do meu nariz ao longo da coluna de sua garganta, o cheiro de cerejas me cega. Não consigo evitar que minha língua percorra o corte que fiz antes. Seu gosto, doce e metálico, arranca um gemido gutural de dentro de mim.

— Por você. Estou sangrando por você. — Meus dentes provocam seu pescoço, beliscando os pontos sensíveis ali. — Estou sangrando por essa boceta miserável que chora por mim. Está ouvindo-a, Pet?

Tudo o que ela consegue fazer é um aceno de cabeça trêmulo, sua mente tão cheia de prazer que acho que nem entendeu minha pergunta - mal ouviu minhas palavras enquanto se perdia em mim.

Nunca estive tão íntimo com alguém antes. Nunca senti esse calor líquido entre as coxas de uma mulher que sai dela em ondas. Nunca fui a causa do êxtase de ninguém, apenas a razão de sua miséria.

Tudo sobre isso deve estar incorreto. A forma imprópria de como tratar uma mulher quando anseia por alívio. No entanto, de alguma



forma eu sei que isso é errado. Talvez porque eu conheça o corpo humano. Sei com parece curvado de dor, contorcido em agonia, como reage ao menor dos toques, onde cortar para causar danos pequenos a severos. Mais do que isso, conheço Lyra Abbott.

Por mais que não queira, por mais que queira que ela seja eliminada da minha mente, eu a conheço. E é exatamente assim que ela quer ser tocada. Esta pequena assassina não quer beijos suaves e palavras doces sussurradas em seu ouvido.

Não, ela quer ser desejada. Que alguém sofra por ela nas profundezas de seu ser, ser levado à loucura pelo desejo de respirar o mesmo ar que ela, ter cada molécula de seu ser consumida apenas por ela.

Ela não quer amor. Precisa que sua obsessão seja alimentada, um vício descontrolado que não busca cura. Devoção pela qual os deuses matariam. Não há poesia suave e florida que explique o que ela precisa.

Requer palavras sombrias de obsidiana escritas com sangue em altares e rezadas até que seus joelhos fiquem machucados.

E agora, estou ansioso para alimentar essa obsessão dentro dela, para lhe mostrar o quão impressionante é estar fixada em alguém como eu.

Seus gemidos cantam em meu ouvido, o som de uma música obscena que só ela é capaz de fazer. Seus lábios desatam a tremer enquanto seus dedos se enrolam em minha jaqueta, puxando-me para mais perto dela.

Ela está tão perto de cair naquela piscina de êxtase que todos nós perseguimos. Posso sentir isso na maneira como treme. Aumentei meu ritmo, esfregando o cabo com mais pressão direta em seu clitóris, certificando-me de que minha mão está cobrindo toda a lâmina.

— É melhor me pedir permissão para gozar, Scarlett. — Afundo meus dentes em sua clavícula em advertência.

— Foda-se — ela grita, jogando os quadris para cima sem

nenhuma restrição. — Por favor, Thatcher. Por favor, deixe-me gozar. Preciso gozar.

O poder inunda minhas veias, esaldante com uma queimadura gelada para combinar, gelo injetado diretamente em meu sistema. É como uma euforia que nunca experimentei. Esse tipo de poder é dominador, sabendo que sou o único capaz de dar a ela uma libertação feliz, que se eu parasse, tudo isso desapareceria. Ela choramingava e implorava enquanto seu orgasmo se esvaía.

Eu sou o mestre e ela a linda marionete em minhas cordas.

— Coitada, coitadinha — ronrono. — Precisa gozar? Bem, continue, então, Pet. Goze para mim.

Demora dez segundos antes que seus quadris se levantem uma última vez e sua garganta se abra para gritar, um grito de prazer que envia o resto daqueles corvos voando para o telhado. Seu corpo aperta contra mim, travando conforme as ondas de êxtase passam por ela uma e outra vez.

Eu sinto cada arrepio e tremor secundário, aqueles que fazem seu corpo se contorcer e o coração bater de forma irregular. Minha mão deixa cair a faca no chão, que bate no chão.

Minha cabeça levanta de seu pescoço, puxando seu cheiro comigo em uma inspiração profunda. Faço contato visual com seus olhos nebulosos enquanto minha mão manchada de sangue segura seu rosto delicado.

— Sangue e prazer ficam divinos em você, querida fantasma — sussurro enquanto coloco dois de meus dedos em sua boca já vermelha, deslizando-os para dentro e pressionando contra seus lábios quentes.

Sua língua gira automaticamente em torno de mim, sugando e gemendo com a combinação sinistra que reveste minha pele - seus sucos doces e pegajosos e o líquido carmesim vil que bombeia dentro de minhas veias. O corte profundo na palma da minha mão ainda escorre, mas coagulou o suficiente para que eu possa ver a ferida dura

no tecido. Levará vários pontos, mas é o que menos me preocupa.

— Não me deixe te ver com ele de novo, sim? — Digo, permitindo que ela prove a si mesma por mais um momento antes de me afastar.

Uma mistura de tosse e gemido sai de sua garganta, suas sobrancelhas franzidas, e posso dizer pelo olhar em seus olhos que ela está prestes a discutir comigo.

Levanto meu dedo indicador na frente de seu rosto, balançando-o para frente e para trás. Sua boca se fecha antes mesmo que tenha a chance de falar.

Com facilidade, arrasto meu toque até seu peito exposto, traçando as letras do meu nome no sangue acumulado em cima de sua pele pálida. Repetidas vezes, escrevo meu nome em seu corpo logo acima de seus seios.

— Você não pode...

— Posso e vou — advirto, inclinando-me perigosamente perto de seu rosto bagunçado com uma voz tão fria quanto uma noite de inverno. — Se Conner Godfrey chegar perto de você de novo, vou alimentá-lo com suas próprias *mãos*, porra.

# QUATORZE

## ENTRE AS CHAVES

### Thatcher

Minhas mãos estão vermelhas.

Pulsando, cortadas e escaldante.

Todo o meu corpo está rosado e dolorido enquanto arrasto o material áspero da minha bucha pela minha pele. Exceto que é apenas uma dor incômoda, que posso colocar no fundo da minha mente enquanto continuo a esfregar.

Limpo. Só quero estar limpo.

Não importa, porém, quanto sabão me cubra ou quanto tempo fico aqui, eu ainda me sinto sujo. Este resíduo microscópico de Lyra não sai da minha pele.

Precisava eliminar qualquer evidência do que eu tinha feito. O que tínhamos feito. Se eu pudesse esfregar com força suficiente, usar produtos químicos suficientes, poderia apagar o seu gosto da minha língua, eliminar meu sangue da cena do crime, polir-me até sentir como se nada tivesse acontecido entre nós dois.

Sempre fui excepcionalmente bom nisso, limpando a bagunça com tanta dedicação que ninguém detectaria qualquer forma de jogo sujo. Agora, mal consigo tirar o cheiro de cerejas, e começando a acreditar que perdi meu jeito.

A bucha cai das minhas mãos enquanto descanso minhas palmas contra a pedra cinza fria do chuveiro. Os pontos suturados da minha pele esfregam contra o material, e a água escorre entre minhas omoplatas à medida que fecho os olhos.

Não veria nada além da desolação negra como breu atrás de

minhas pálpebras fechadas, vazia de imagem e consciência, mas minha mente é implacável em projetar o seu rosto e apenas o seu rosto.

Náusea invade meu estômago, enojado comigo mesmo pelo que fiz. Por tocá-la. Por me permitir perder meu autocontrole. Como pude ser tão mole? Tão fraco para alguém?

Exigi que ela não desmoronasse na frente de todos aqueles olhos indignos, mas lá estava eu, me desfazendo naquele mausoléu. A restrição que criei explodiu em questão de segundos ao som de sua voz vazia. Estou enojado comigo mesmo.

Não sou essas coisas, essas coisas fracas e ternas que ela me fez. Nasci sem fraqueza ou emoção - foi o que me pregaram desde o nascimento até a sentença. Um assassino de sangue frio era o que eu me tornaria, e qualquer indício de sentimento é um vírus que precisa ser extraído.

Lyra é uma praga. Uma aflição desastrosa.

Sabia que estar perto dela faria isso – faria com que sua infecção se espalhasse por todo o meu corpo antes mesmo que eu tivesse a chance de reconhecer que me afetava. Ela é um farol de emoção e sentimento, sempre tirando isso das pessoas, envolvendo todas as coisas erradas para alguém como eu.

Matá-la seria mais fácil do que viver com isso.

Essas visões dela. O aperto na minha virilha quando o seu nome flutua em minha mente. A pontada física de dor que irradia em meu peito quando me lembro de como ela soava ao gemer meu nome.

Quero ouvi-los novamente. Provar as cerejas em sua língua. Sentir minha pele contra a dela porque, pela primeira vez, meu corpo não se revoltou contra isso.

Desde que me lembro, minha mente tem sido uma arma. Sempre afiada, pronta para rasgar o mundo em dois. Tinha sido moída e batida em algo letal para usar contra quase todos. No entanto, estava quieta entre suas coxas. Completamente vazia de agitação e

pensamento em seus braços. O único outro lugar de consolo que parece o mesmo é tocar piano.

As teclas me ajudam a me perder. Ela me faz *querer*.

Querer coisas que não tenho direito. Coisas que não estou qualificado para lidar. E é perigoso para pessoas como eu querer. Desejar. Consumir.

— *Precisar de gente é fracassar, Alexandre. Querer é para os fracos. Você é fraco, meu garoto?*

Minhas mãos arrancam meu cabelo, empurrando as mechas brancas e puxando. A água cai sobre mim em pingos constantes enquanto me inclino e abro os pulmões.

— Porra! — Grito, o mais alto que minha voz já soou em meus ouvidos.

Grito enquanto o vapor flutua ao meu redor, grito até sentir meu peito chacoalhar de desconforto e as paredes de pedra tremerem.

Minha mente quer matar qualquer coisa relacionada a Lyra, matar todos os pensamentos que giram em torno dela e separá-la até que não reste nada, mas meu corpo quer mantê-la.

Minha carne é fraca, hormônios avassaladores tentando assumir todos os anos de disciplina que dominei. Uma garota peculiar e amante de insetos é o suficiente para demolir tudo o que eu construí.

*Lyra. Lyra. Lyra. Lyra.*

Rabisco o seu nome nas paredes da minha mente enquanto tento desesperadamente limpá-lo após cada linha. Mais uma vez, grito, esse sentimento é demais para mim.

Há uma razão pela qual fiquei longe. Por que a ignorei em primeiro lugar, evitei estar no mesmo espaço que ela.

Sei o que ela é para mim.

*Lyra. Lyra. Lyra. Lyra.*

Sinto minha voz começando a ceder. Dei muito tempo para ela apodrecer dentro de mim. E eu permitindo que continuasse, permitindo que tomasse conta de tudo.

*O que seu pai pensaria se visse isso, Thatcher? Acha que seu pai teria feito algo tão dramático? Teria se importado?*

Ele facilmente dormia com mulheres. Levou-as para sair, as acompanhou até a porta e lhe deu um beijo de boa noite sem pensar duas vezes, capaz de voltar para casa e cortar o amigo se quisesse. Até enganou a mãe de Lyra.

E, no entanto, aqui estou eu, enlouquecendo no chuveiro depois de um momento estúpido que nunca deveria ter acontecido.

*Ele é melhor do que você.*

Deixo minha mente abusar emocionalmente de mim para voltar ao controle, me repreendo até sentir a restrição fluir de volta para o meu corpo e a puxo para fora. Quando minha voz falha, levo outro momento prolongado antes de forçar o interruptor em minha mente a voltar ao lugar.

— Um — resmungo, inspirando profundamente pelo nariz, e minha cabeça parece leve antes de expirar. Meus dedos torcem em meu cabelo um pouco mais apertado do que o necessário antes de soltá-lo.

— Dois.

Outra respiração enquanto inclino minha cabeça, ouvindo os ossos estalarem. — Três.

O último.

Quando meus olhos reabrem, sinto o familiar entorpecimento sobre meus ombros. A indiferença se instala profundamente em meus ossos, permitindo-me estender a mão e clicar no botão para que o chuveiro para de fluir do teto.

O tapete de banho quente encontra meus pés quando saio, pegando uma toalha para enrolar na minha cintura. Eu me forço de

volta ao piloto automático, de volta à minha rotina rígida, onde pensamentos errantes não pertencem.

Demoro o tempo necessário limpando meu rosto, secando minha pele antes de aplicar um tônico uniformemente nas minhas bochechas. Quando chego à hidratação, tudo parece normal novamente. Tão normal quanto minha vida pode ser.

Encontrando meu olhar no espelho, encaro o reflexo do monstro que meu pai criou. Um que transformei em algo muito mais do que seus sonhos mais loucos, mas ainda seu pequeno Frankenstein.

— *Não tem emoção. É insensível e justo. Se você sente, o mata. Será perfeito, Alexandre. Tem que ser.*

Eu gostaria que o narrador em minha mente baixasse uma voz desconhecida, que não soasse exatamente como meu pai. Ou talvez seja uma memória reprimida ressurgindo para me lembrar qual é o meu papel na vida.

De qualquer maneira, empurrarei meu colapso para o fundo da minha mente e fingir que nunca aconteceu. Porque, para todos os efeitos, não aconteceram. Da próxima vez que tiver que lidar com Lyra, direi a ela que esse acordo acabou. Não me importo se ela implora e me oferece seu coração em uma bandeja de prata para comer.

Estou farto. Com o ensino, sua obsessão por mim, tudo isso.

Ela voltará a ser irrelevante para a minha vida, e eu continuarei a apagá-la pouco a pouco até que seja como se ela nunca tivesse saído daquele armário.

Estou tirando o suéter verde-escuro de caxemira pela cabeça quando ouço uma batida suave na porta. Minha sobranalha levanta em uma pergunta silenciosa. Nenhum dos rapazes bate, e os funcionários sabem que não devem me incomodar no meu quarto, não importa o problema.

O que deixa uma outra pessoa que pode estar esperando do outro lado da minha porta.



— Entre — digo, observando a maçaneta virar e os pés da minha avó entrarem pela porta.

A grande saia de cor clara e a camisa branca de botão são um item básico em seu guarda-roupa desde que me lembro. Ela é uma mulher que tem todos à sua disposição, mas insiste em fazer tudo sozinha. Costumava deixar meu avô louco.

— May — digo, caminhando até minha gaveta e abrindo a tampa para tirar um par de meias bege — a que devo o prazer?

Há um profundo sentimento de respeito que carrego por minha avó, que não tem nada a ver com amor familiar ou lealdade de sangue, mas uma apreciação por tudo de onde ela veio e pelo que resistiu em sua vida. Embora tenha sido rica durante a maior parte de sua idade adulta, não foi sem luta, e eu a observei durante anos lidando com isso com a graça pela qual outros matariam.

Poucas pessoas podem dizer que perderam seus filhos na prisão por causa da psicopatia, e é por isso que ela teve que criar seu único neto como se fosse seu, apenas para perder o marido logo depois.

No entanto, aqui ela está com a coluna reta e, na maioria das vezes, um sorriso no rosto envelhecido. Acho que ela deve ser a única pessoa que nunca teve uma predisposição para mim. Aqueles que antes só me viam como uma criança afastada mudaram rapidamente de opinião depois que meu pai foi preso.

Eu me tornaria o próximo assassino em série de Ponderosa Springs. Uma bomba-relógio de destruição.

Mesmo que ele negasse, meu avô também me via de maneira diferente. Em sua defesa, tinha que fazer isso para evitar que eu cometesse os mesmos erros de meu pai. Se ele ia me ajudar, precisava me ver pelo que eu era.

Um coquetel de tendências homicidas em tenra idade combinado com traumas de infância.

No entanto, ela não - ela sempre me viu apenas como Thatcher. Seu neto, que precisava ficar sozinho com mais frequência do que as

outras crianças, tocava piano e tinha um olho aguçado.

May me tratou como trataria qualquer outro neto. Muitas vezes esqueci de dizer a ela o quanto apreciei isso, mas tentei o meu melhor das pequenas maneiras que sabia.

— Você costumava me chamar de Baba quando era pequeno. Sabia disso? — Ela pergunta enquanto caminha mais para dentro do meu quarto com várias cartas nas mãos.

Minhas sobrancelhas franzem, zombando da ideia de eu ter um apelido para minha avó. Nunca fui uma criança afetuosa ou amorosa.

— Não posso dizer que sim — respondo, caminhando para sentar na minha cama e calçar as meias em meus pés. — Tem certeza que não tem outro neto em quem está pensando?

— Sua mãe costumava me chamar de *Babushka* depois que você nasceu. É avó em russo. Acho que isso a ajudou a sentir menos saudades de casa. — Ela folheia a pilha de correspondência — Obviamente não conseguia pronunciar isso na sua idade, então ficou com Baba.

Poderia ter sido perfeitamente possível, mas minha mente não me deixa viajar tão longe em minhas memórias. Tudo antes de sua morte tinha uma espessa névoa cobrindo-o, uma névoa que tornava difícil lembrar de qualquer coisa além do que me foi dito.

— Está me visitando para pedir que eu a chame de Baba novamente? Infelizmente, May, acho que veio da sua ala da casa para ficar desapontada — digo com um tom leve, o suficiente para deixá-la saber que estou brincando, mas que também nunca mais vou chamá-la assim.

Ela revira os olhos para mim, mas há um sorriso gentil pintando seus lábios. Deixa cair a correspondência ao meu lado, e olho para a pequena pilha de cartas. Quando me inclino para cima, encontro-a parada na minha frente.

— Vim deixar sua correspondência. — Ela cantarola, olhando para ele. — Ele escreveu.

Eu já sei quem *ele* é. Esperava por isso, e não preciso ouvi-la dizer para saber que é do meu pai.

Eu suspiro. — Ele sempre escreve.

Cada uma que recebo, leio brevemente, examinando a caligrafia elegante que detalha sua vida cotidiana dentro do confinamento solitário. As perguntas sem resposta que sempre faz, sempre se perguntando o que estou fazendo e onde estou.

Assim que termino, amasso e jogo no lixo. Cada uma.

Sei que a única razão pela qual ele faz isso é por esperança. Que um dia responderei e voltarei rastejando para seu elogio. Quer que eu me envolva com ele para que possa ver o que seu legado fez. Para eu alimentar seu já enorme ego, mostrando a ele que continuei matando em seu nome.

A única razão pela qual continuo lendo é a viagem de poder que recebo deles, sabendo que sou eu quem está no controle, sua conexão com o mundo exterior. Ele precisa desesperadamente de mim para alimentar sua necessidade de matar, e nunca dou isso a ele. Sou o único no comando agora. Eu tenho o poder e morrerei antes de devolvê-lo.

— Você não é ele. Sabe disso, não é? — A sensação de seus dedos afastando meu cabelo molhado do meu rosto me faz estremecer.

Não é um toque malicioso, apenas uma avó demonstrando carinho pelo neto, e pelo respeito que tenho por ela, deixo que faça isso sem reclamar. Mesmo que eu odeie.

Com facilidade, ela coloca dois dedos sob meu queixo, levantando meu rosto para que eu a olhe.

— Não sabe?

Eu acredito no contato visual. É uma sugestão social não-verbal que projeta confiança, elevada autoestima e assertividade. Pode intimidar as pessoas à submissão, se feito corretamente. A arte sutil de mostrar às pessoas que está seguro de si mesmo e não teme o que elas possam ver quando olham em seus olhos.

Não acredito em contato visual com May. Há uma tristeza constante dentro deles, um lençol constante de lágrimas em seus olhos pela miséria com que vive. Não quero piorar as coisas deixando que ela veja no que me tornei. O que eu deixei meu pai me transformar.

Isso só partiria o que resta de seu coração. Olhar para mim e ver o filho que ela perdeu. Saber que, apesar de seu amor, dos bolinhos caseiros e das viagens de verão, não havia nada que ela pudesse fazer para me mudar.

Henry tinha feito estragos demais. Vi muito e aceitei meu destino há muito tempo. Quase me senti culpado por ser assim, nem que fosse por causa de May. Quase.

— Estou ciente — digo, limpando minha garganta e desviando minha mão de seu toque para que seus dedos escorreguem do meu queixo.

— Às vezes eu acho que não está.

Uma respiração derrotada sai de seus lábios enquanto ela se afasta de mim, me dando espaço, mas não saindo do quarto ainda. Ela demora, caminhando em direção ao piano preto padrão colocado perto do canto do meu quarto.

Tocando uma tecla, posso ouvir quanto tempo se passou desde que toquei naquele piano. Na maioria das vezes, toco o do porão. Levanto-me e caminho até o instrumento, sentando-me no banco.

Ela fica na extremidade oposta, olhando para mim através da superfície preta e lisa. Suas feições refletem na tampa brilhante enquanto olho para as teclas, meus dedos roçando a parte de cima delas com um toque leve como uma pluma.

Demoro meu tempo arregaçando as mangas até os cotovelos enquanto olho para ela.

— Algum pedido? — Pergunto, um sorriso alegre em meus lábios.

Ela é uma boba para o meu jogo. Não importa o quanto esteja chateada ou com raiva, ela adora me ouvir tocar. E quando sei que não posso lhe dar as palavras de que precisa ou o conforto que

merece, dou a ela o que posso.

— Toque-me algo que me diga como está, Alexander.

Como estou? Como tenho estado?

Recentemente? Ou nos últimos anos, porque há uma gama de expressões para o que aconteceu comigo ultimamente, mas há apenas uma palavra avassaladora que vem a mim. Enquanto observo o corte costurado na palma da minha mão, horizontal no meio da minha pele, a lembrança de onde veio é rápida em se apresentar.

Atormentado. Afligido e colocado em um lugar de agonia excruciante toda vez que estou em seu espaço. De alguma forma, conheço exatamente a peça musical que projeta esse tipo de angústia torturante.

Acomodando-me por um momento no banco do piano, fico confortável antes de tocar. Eu me permito experimentar a mesma tortura que senti no chuveiro, só que desta vez, tenho onde colocá-la. A abertura do segundo movimento do Concerto para Piano nº 23 de Mozart é assombrosa.

Meus dedos começam a dançar pelas teclas, uma valsa gótica para o solo de piano de abertura. É talvez a expressão mais crua de saudade e dor já transformada em som. Posso sentir a dor sutil na melodia, como se as teclas pretas e brancas comessem a suspirar, seus ecos soluçando enquanto o piano canta com uma voz solene.

Em meu subconsciente, posso ouvir o leve sussurro de seu nome em meu ouvido, incitando-me a derramar todas as emoções tortuosas que senti por ela na música. O barulho é uma representação criativa de como tudo dentro de mim parece distorcido.

À medida que a música avança, meus ombros suportam o peso do isolamento que ela evoca, balançando para frente e para trás em um movimento fluido enquanto imagino a orquestra se juntando para tecer a beleza da dor e do desejo melancólico.

*Lyra, Lyra, Lyra, Lyra.*

Seu nome cantarola em sincronia com cada golpe descendente. Atrás dos meus olhos fechados e sobranceira franzida, posso vê-la. No baile All Hallows Eve do ano passado, vestida com aquele vestido de baile carmesim que realçava cada curva que possuía. Em minha mente, ela gira, girando e rodopiando ao som da minha música enquanto está envolta nos braços de um homem de preto, que embala seu corpo frágil. Seu capuz preto só me permite ver lampejos de sua pele medonha.

Ele a carrega, liderando a dança com equilíbrio, e ela segue, flutuando elegantemente com cada nota. Está dançando com a morte, uma divindade tão grata que sua carne doentia pode contemplar um humano sem causar danos. Séculos procurando pelo mundo a pessoa que pudesse suportar a fatalidade de sua mão, apenas para encontrá-la nela. A garota que o mundo esqueceu, mas não ele, o ceifeiro de almas e matador de espíritos.

Ela nunca seria esquecida por ele.

Eu me movo mais rápido, observando seus passos acelerarem em minha mente. Embora as três famílias de instrumentos não estejam tocando fisicamente, ainda posso ouvi-los se apoiando mutuamente, acompanhando o gesto arrebatador das teclas. Produzindo a dança macabra perfeita.

O gemido de um violino e o bramido de uma trombeta, cada um, tanto de metal quanto de corda, se juntando para lamentar. Sentir dor e mostrar como isso soa para cada um deles.

*Lyra, Lyra, Lyra, Lyra.*

Ouçó uma última vez enquanto termino a seção, completando a peça e a dança de uma vez. Meus olhos reabrem, lembrando-me de que estou de fato em meu quarto com minha avó ainda parada diante de mim, maravilhada.

Um silêncio confortável permanece até que May fale novamente. — Toda vez que ouço você tocar, penso em quanta alegria isso teria trazido para sua mãe.

Removo meus dedos do instrumento, contraindo minha mandíbula enquanto balanço minha cabeça. Com facilidade, me levanto, voltando para minha cama para verificar minha correspondência, a fim de escapar dessa conversa.

— Sei que não se lembra muito dela, mas sua mãe te amava muito. Você foi a única razão pela qual ela não foi embora e voltou para a Rússia — ela continua ao mesmo tempo que caminho em direção à cama, procurando a correspondência para me distrair desta conversa.

— Por isso, peço desculpas — digo bruscamente por cima do ombro. — Ela ainda poderia estar viva se tivesse partido.

Eu descanso na beira da cama, pegando a correspondência bem a tempo de ela apontar um dedo acusador em minha direção. De repente, sinto que sou uma criança novamente. Raramente era repreendido, mas, ocasionalmente, ela puxava aquele dedo e o empunhava como uma espécie de varinha mágica para me manter no lugar.

— Não faça isso — ela me repreende. — A última coisa que ela faria seria te culpar por sua morte. Sua permanência foi uma decisão que ela tomou com amor em seu coração por você. Não faça nada além disso, Alexander.

Escolho as cartas, jogando as do meu pai no final da pilha. Carta da faculdade de medicina, inquérito fiduciário, pedido de cartão de crédito - ah, aí está. Meus dedos puxam o envelope pardo endereçado ao meu avô por um serviço de detetive particular em Washington.

Enquanto jogo o resto do lixo ao meu lado, algo chama minha atenção. Desliza da pilha, um envelope quadrado totalmente preto. Minhas sobrancelhas se franzem quando o pego, girando-o para ver meu nome rabiscado em letras brancas. Sem endereço ou remetente, apenas meu nome.

Franzo minhas sobrancelhas, puxando a borda do envelope. — Podemos falar sobre isso outra hora? Tenho algo que preciso fazer.

Quando puxo a folha de papel branca de dentro, há uma nota simples escrita nela com uma caligrafia horrível.

***Ponderosa Springs só tem espaço para tanta maldade. Se você não sair agora, nunca sairá vivo. Saia antes que piore.***

## X

O que diabos é isso? *Pretty Little Liars*<sup>15</sup>? Realmente recorremos a ameaças anônimas agora? Alistair vai adorar isso, tanto quanto Rook gostará de incendiá-la.

Escarneço, pouco antes de ouvir os cliques de saltos no chão. Olho para cima para ver May descansando na porta, pronta para sair.

— Sabe que eu não gosto de falar sobre eles. Pode, por favor, parar de ferir seus próprios sentimentos trazendo-os à tona?

A dureza em meu tom é mais do que eu queria; as palavras, no entanto, são verdadeiras, mas ainda me arrependo de falar com ela quando sei que ela não tem más intenções.

— Não quis dizer isso dessa maneira.

— Sim, quis. Não se desculpe por minha causa. É homem o suficiente para dizê-las. Pelo menos reconheça isso.

Um sorriso atinge meus lábios, sabendo que minha língua espirituosa veio da mulher parada na minha frente.

— Nós...

— Sabe por que ama tanto o piano? — May me interrompe, com os braços cruzados na frente do peito. Não tenho que olhar para saber que ela está me dando os olhos de *não me responda, rapaz*.

— Porque requer estrutura e talento, e sou extremamente talentoso em ambos — digo com um pouco de sarcasmo. — Isso é textualmente do meu professor de música, se você esqueceu.

May me dá um sorriso cansado. Ela sabe que tenho a mesma reação toda vez que tenta falar sobre qualquer um dos meus pais.

Um é uma mancha que gostaria de esquecer e a outro é um



estranho. Nenhum dos dois tem mais controle sobre mim.

— Além do seu charmoso excesso de confiança — ela repreende.  
— Talia costumava manter a música clássica em sua casa. Tocava pelos corredores dia e noite. Ela foi bailarina quando era mais jovem. Você tinha apenas dois anos quando ela o sentou no banco para tocar.

O sorriso que usei uma vez se foi quando um forte aperto envolve meu estômago. Uma frieza que nunca senti antes se instala em meus ombros enquanto tento vasculhar minha mente para encontrar a verdade nisso, mas não consigo nada.

— Se você gostaria de admitir ou não se lembra, não importa — diz ela. — Tem que agradecer a ela por seu talento e vontade de tocar. Todos os dias, observo você se tornar cada vez mais parecido com ela. Gostaria de pensar que ela amaria o homem que se tornou, Alexander.

— De alguma forma, acho que isso é mentira, May — digo, sabendo que nenhuma mãe poderia amar um filho que fez o que eu fiz. O que desejo fazer.

— Ainda amo seu pai — diz ela. — Amamos nossos filhos apesar do mal. Todos os dias, lamento a perda do meu filho. Dói-me saber o que ele fez, mas ainda o amo.

O clique da minha porta se fechando ecoa dentro do meu peito, mais uma vez absorvido pelo silêncio como sempre, me deixando pensar se tocar piano era simplesmente minha mente perseguindo a mãe que nunca conheci e ajudei a enterrar.

## QUINZE

### TODOS ESSES JOGOS PERVERSOS

#### Lyra

— Então, além de ele ter uma desavença com James, não temos mais nada ligando Conner ao Halo ou aos assassinatos? — Briar me pergunta.

A frustração é evidente em sua voz geralmente calma. Enfio o telefone entre a orelha e o ombro enquanto espio pelo espaço aberto de ladrilhos, verificando embaixo de cada uma das oito cabines para ter certeza de que sou a única pessoa ocupando o banheiro dos veteranos.

Concordo com a cabeça, embora ela não possa ver. — Eu disse a vocês tudo o que ele me disse. Não tive tempo de perguntar mais nada a ele. Alguém depositando um membro no pátio como um coelhinho da Páscoa psicótico me interrompeu rudemente. Não poderia ter sido Conner de qualquer maneira - ele estava comigo o tempo todo antes de a perna aparecer.

Quando tenho certeza de que sou apenas eu escondida aqui dentro, coloco minha bolsa no balcão branco lustroso, com cuidado para não deixá-la escorregar para dentro de uma das muitas pias. Com o máximo de esforço, tiro minhas botas de chuva amarelas, pedaços de lama caindo delas e no chão.

— Sage diz que Rook acha que é Easton. Não quer pensar em mais ninguém.

Eu solto uma risada — Rook o culpa pela porra da mudança climática.

Se fosse possível, ele culparia Easton Sinclair por tudo de ruim no planeta. Não é como se eu o culpasse; O filho de Stephen nunca foi um

cara legal. Um garoto de ouro tóxico e manipulador com um traço misógino de dois metros de largura.

Ele não apenas fez Sage passar por um inferno, mas também assediou Briar desde o início, e Deus sabe que tem lutado com seu ego contra cada um dos rapazes desde que começou a falar. Assim como seu pai, eles precisam garantir que todos saibam que têm o maior pau da sala, completamente inconscientes de que todos sabemos que estouram muito rápido e não conseguem encontrar o clitóris com uma bússola.

— Sejam honestas — continuo. — Rook está apenas procurando uma desculpa para queimar o outro lado de seu rosto. Não tem nenhuma prova real além disso. Ouviu falar do outro corpo que encontraram ontem. Achemos mesmo que o cara que quase vomitou durante uma dissecação de sapo no segundo ano do ensino médio pode matar alguém?

Depois de tentar me livrar das calças por muito tempo, uma lâmpada finalmente acende dentro do meu cérebro. Deslizo o telefone para o balcão, pressionando o botão do viva-voz para que possa me despir sem ter que ser um acrobata.

— Por mais que odeie aquele filho da puta, não acho que ele tenha coragem de deixar o torso de uma mulher nos degraus da frente da prefeitura, mesmo que esteja cumprindo as ordens de seu pai.

Duas partes do corpo de duas pessoas diferentes, com uma semana de diferença. Faz meu estômago revirar, sabendo que quem está fazendo isso tem uma missão, que não consigo ignorar está ligada a nós.

— Haley Townson. — Digo o seu nome suavemente, um sussurro de lembrança — Ela estava se formando como oradora este ano. Era o torso dela. Esse assassino não se importa em ser discreto ou se esconder. Ele quer que o conheçamos.

Teria sido muito mais fácil para essa ameaça desconhecida ir atrás de alguém com menos popularidade, uma mulher ou menina que chamasse menos atenção para suas ações, mas estão propositalmente

atrás de alvos com status. Querem ser pegos. Querem que saibamos que somos o alvo final desses assassinatos. Se os corpos não bastassem, a última mensagem rabiscada na barriga de Hayley era.

*Só paro se você parar.*

Parar de investigar as coisas. Pare de matar pessoas em sua folha de pagamento.

É um pêndulo balançando cada vez mais baixo pela seção. Deixe-o te cortar ou desista. De qualquer maneira, as pessoas morrerão, seja pelas mãos de um assassino imitador ou vendidas como escravas sexuais.

Não me sinto bem com nenhuma das duas opções, e sinto um peso constante de escolher o mal menor.

Estou tirando minha camisa da cabeça, deixando-me com nada além de sutiã e calcinha, quando Briar me pega desprevenida com sua próxima pergunta.

— Não acha que é Thatcher? Copiando a técnica de seu pai? Faria mais sentido...

— Não, não faria — interrompo, minhas sobrancelhas franzidas, observando meu rosto no espelho de parede a minha frente. — Pode pensar o que quiser sobre ele, mas a última coisa que ele faria seria colocar os rapazes em risco. Tem que saber disso. Independentemente de quem seja seu pai, ele não faria isso com eles. Deixar partes aleatórias do corpo por aí não faria nada além de atrair atenção indesejada. Então não, não acho que seja Thatch. Você também não deveria.

Ele também é muito preciso e talentoso para lançar seu trabalho em público, mas não posso dizer isso. Prometi a ele que não diria nada sobre o que me dissesse ou mostrasse. Eu lhe dei minha palavra, e suas atividades extracurriculares não são meus segredos para compartilhar.

— Só tentando explorar todas as nossas opções, Lyra — argumenta Briar. — As pessoas que amo estão atoladas na merda. Thatcher conhece a rotina do pai, como fazia as coisas. Ele é a única

pessoa.

— Sim, assim como todos nos Estados Unidos. A investigação foi notícia nos noticiários nacionais, nos blogs e Deus sabe o que mais — retruco, aborrecimento claro em minha voz.

— Não quero discutir sobre ele com você. — Ela suspira, e sei que está passando a mão pelo cabelo. — Só estou tentando te proteger. Só... espero que o que quer que veja nele não te machuque no final disso.

*Eu também*, quero dizer. Só não da maneira que ela pensa.

Não tenho medo que ele me mate. Sei que não matará. Se ele quisesse, já teria matado.

Ele porém, tem todo o poder do mundo para me destruir. Para pegar meu coração sangrando e esmagá-lo entre seus longos dedos. Mesmo que agora ele não mereça minha lealdade, considerando que não fala comigo há dias. Não tem sido nada além de recibos de leitura e silêncio de rádio desde o mausoléu.

Ainda me sentia atraída pelas partes dele que vi naquela noite. As suas partes que coletei ao longo dos anos que ninguém mais testemunhou. Estava me apegando a eles e à esperança de que também vissem algo em mim.

— Entendo. Sim, mas as pessoas que você ama confiam em Thatcher. Ele não faria isso. Não é o pai dele. — Digo apesar de mim mesma, desejando que acreditasse nessas palavras tanto quanto eu. — Vou tomar banho antes de sair do campus, envio uma mensagem quando estiver em casa.

Há um momento de silêncio, como se ela quisesse dizer mais alguma coisa, mas não diz. — Apenas, tenha cuidado. — Ela respira.

— Espera, espera! — Digo pouco antes de ela desligar — Vamos ao circo noturno amanhã?

Sua risada soa em meus ouvidos — Talvez, tenho um exame enorme de cálculo chegando e preciso estudar.

— É Halloween, Briar. O que significa doces e fantasias, não pode guardar os números por uma noite?

— Pensarei sobre isso — ela cantarola com um sorriso na voz — eu te amo, Lyra, te vejo de manhã.

Ela desliga antes que eu possa retribuir o sentimento. Quero ficar frustrado com ela por pintar Thatcher como o vilão. Verdadeiramente quero, mas também não posso culpá-la. Não quando sei de onde ela vem, não quando entendo que tudo o que ela quer é manter aqueles que ama em segurança.

O silêncio dos chuveiros comunitários de Rothchild District me envolve. É raro quando alguém os usa. O espaço vermelho reservado apenas para veteranos, o que significava que a maioria dos elegíveis para morar aqui também poderia morar fora do campus. Considerando que todo mundo aqui assoou o nariz em notas de cem dólares, era raro permanecerem em um dormitório.

O que significava que a casa de azulejos estava sempre aberta. Sempre vazia. E perfeita para quando não queria voltar da escola para casa coberta de folhas e lama. Hoje tinha sido perfeito, menos meus dedos gelados cobertos de sujeira.

Tinha começado a colheita hoje. Passei todo o meu tempo vasculhando a floresta ao redor do campus em busca de ninhos sedosos entre árvores e certas plantas. A estação das aranhas havia chegado com a virada das folhas de outono.

Enquanto borboletas, mariposas e besouros eram uma espécie que eu amava desde que era jovem, minha curiosidade com a criatura de oito patas que todo mundo tem tanto medo só se desenvolveu recentemente.

Eram um dos únicos insetos com os quais ainda não fiz uma exposição. Embora sempre tenha admirado suas teias criativas e comportamento assustador, não foi até eu assistir a um documentário sobre a temporada de aranhas da Austrália que minha curiosidade se transformou em uma obsessão completa.

A ideia de criar um expositor plano, dentro de uma moldura retangular com uma teia artificial girando no interior, criando o fundo perfeito para uma série de espécies de aranhas. Ficaria incrível pendurado acima da minha lareira. A ideia me surgiu tão rapidamente que mal tive tempo de escrevê-la antes de pesquisar quais espécies colocaria dentro. Qualquer uma das aranhas locais que puder coletar, prefiro fazer sozinha. Parece mais íntimo assim do que encomendar todos os espécimes. Além disso, posso cavar na floresta, o que, na minha opinião, é sempre um bônus.

Felizmente, consegui coletar alguns sacos de ovos diferentes, por isso espero poder chocá-los adequadamente para poder acompanhar sua vida útil antes de usá-los em uma de minhas exposições de taxidermia. Já tinha montado o aquário e a incubação. Tudo o que eu precisava fazer era ficar de olho no recinto por algumas semanas.

Assim que termino de lavar a sujeira das minhas botas, entro no chuveiro. Puxando a fina cortina preta para me dar privacidade tanto para meus pensamentos quanto para meu corpo. O fluxo constante de água quente acalmando o frio em meus ossos.

Pela primeira vez, a excitação vibra através de mim, em uma semana. Minha paixão por insetos sempre foi essa luz quieta que hiberna dentro de mim. Brilhando quando preciso de alegria ou calor. Uma chama em todos os meus momentos sombrios.

Lembro-me da primeira vez que um guardião de um orfanato me perguntou, por que insetos? Quando ela encontrou uma caixa de gafanhotos enfiada embaixo da minha cama. Por que não escolhi um hobby mais normal, como bonecas Barbie ou livros?

Não tinha uma resposta além de que eles são legais e gosto da sensação de suas perninhas na palma da minha mão, mas agora que desenvolvi esse amor e esse ofício, minha resposta é um pouco mais concreta. É simples, cada aranha, mariposa e besouro tem uma categoria. Todos têm um papel a desempenhar na construção do quadro geral. Todos são previsíveis à sua maneira, trabalhando juntos para fornecer sistemas maiores com facilidade. Fazem tanto, mas

passam despercebidos e ridicularizados por causa de suas características.

Do controle biológico à redução da população de pragas que ameaçam a lavoura a tratamentos medicinais que requerem a picada da abelha para proporcionar alívio aos portadores de doenças crônicas. Rastejam e deslizam pela terra, polinizando, reciclando, sempre silenciosamente fazendo seu trabalho. São esses enigmas anormais e contextualmente sombrios. Aqueles pelos quais sempre me senti atraída, mesmo quando era uma garotinha. São o único fio que tenho me amarrando à garota que eu era antes de minha mãe morrer. Minha única conexão com Scarlett.

Meus dedos esfregam meu couro cabeludo trabalhando no produto, enquanto deixo a água morna afastar o estresse da minha mente. Tentando deixar de lado o peso da oferta de Conner que pesava em minha mente.

Sei que não devo confiar nele, por causa de quem ele se alinhou, mas me deu a oportunidade de nutrir a pequena luz dentro de mim, de continuá-la em uma carreira. Uma que eu sei que me faria feliz. Uma oportunidade que significava deixar para trás tudo o que forjei aqui. Meus amigos. Minha vida. A memória da minha mãe.

Seria um novo começo sem que meu passado na True Crime Network aparecesse constantemente. Uma nova vida onde eu poderia ser quem quisesse, mas também uma lousa limpa sem as pessoas que me viram literalmente no meu pior.

Estaria deixando a eles e todas as memórias problemáticas tínhamos criado. Briar e Sage, a Loner's Society. Tudo permaneceria em Ponderosa Springs, onde nada além do mal reside.

Um mapa inteiro longe de Thatcher.

Chega de corridas matinais com ele ditando o ritmo, chega de entrar sorrateiramente em seu dormitório para roubar suéteres ou sabonete líquido. Estaria completa e totalmente sozinha, sem minha obsessão para me fazer companhia. Meu coração se revoltou contra esse pensamento. Ameaçou quase parar de bater, mas aquele suave



brilho de luz dentro de mim zumbia de felicidade.

O som da pesada porta se abrindo interrompe o silêncio constante, me fazendo pular. Meus pensamentos se afastam e me trazem de volta à realidade. Passos batendo contra o chão segundos depois e espero silenciosamente que ninguém me diga nada sobre a pilha de roupas sujas na pia.

Felizmente, contudo, quem quer que tenha se juntado a mim simplesmente liga o chuveiro na minha frente sem dar um pio. Continuo a lavar a sujeira do dia do meu corpo, na metade do caminho, enxaguando meu cabelo com o condicionador quando ouço um jato de água no box atrás de mim.

Só tinha ouvido um par de passos entrando. Por isso, não fazia sentido que tivessem dois chuveiros ligados. Quando, porém, estou prestes a questionar o estranho motivo, outro surge. Depois outro, e outro. Até que todas as oito cabines individuais estejam funcionando em conjunto.

Meu peito aperta assim que as luzes se apagam. O medo borbulha em meu estômago e tudo que consigo pensar é que morrerei como um clichê. Presa, nua e molhada no chuveiro, como todos os filmes de terror que já vi.

A escuridão toma conta da minha visão, mal permitindo que eu veja minha mão na frente do meu rosto. Rapidamente balanço a toalha que eu trouxe para baixo, desligando a água e enrolando-a em volta do meu corpo.

— Olá? — Grito, meus outros sentidos intensificados pela falta de luz. Meus ouvidos se esforçam para ouvir qualquer movimento leve, mas o silêncio é a única resposta.

Digo a mim mesma que é apenas alguém pregando uma peça estúpida. Tento repetir isso repetidamente, a fim de me convencer dessa verdade, mas com as partes do corpo das mulheres aparecendo do nada, é difícil pensar em outra coisa senão isso.

Meus dedos se fecham em uma bola, enrolando-se no tecido da

toalha enquanto puxo a cortina ligeiramente, espreitando pela cabeça. Encontro minha escuridão e a aguda consciência de que alguém está aqui comigo.

Observando.

Arrepios fazem cócegas em meus braços, deixando os cabelos em pé. Minha garganta se fecha um pouco, ao sentir a presença de alguém que não deveria estar aqui. Rezo silenciosamente para que seja um fantasma. O que é um novo nível para mim.

Se eu pudesse pegar meu telefone, poderia ligar para alguém pedindo ajuda. Eu o deixei no balcão a apenas alguns metros de distância do chuveiro, poderia alcançá-lo a tempo. Não poderia?

Só havia uma maneira de descobrir.

Respiro fundo duas vezes, apenas para firmar minha confiança vacilante antes de sair do chuveiro. Meus pés molhados batem no chão e espero pelos deuses não escorregar e quebrar minha cabeça por causa de um fantasma. Ou pior, facilitar muito o trabalho de um assassino em série.

A corrida para as pias parece muito mais longa do que momentos atrás, e sem o uso de meus olhos me lanço para frente usando meu corpo para determinar minha localização.

Meu estômago colide com o mármore, deixando-me sem fôlego. Tento sugar o ar enquanto uso uma das minhas mãos para deslizar pela superfície fria em busca do meu telefone. Assim que meus dedos descobrem o dispositivo familiar, sinto a energia iminente de alguém parado atrás de mim. Sem poucas opções, giro com o telefone voltado para fora de modo que o brilho forte mostre o rosto do meu atormentador.

No mínimo, posso ver quem me levará para conhecer meu criador.

— Regra número três. — Ele murmura — Sempre mantenha a guarda. Como espera se aproximar furtivamente de um alvo, quando o alvo pode estar se aproximando furtivamente de você?

O rosto de Thatcher é iluminado pela minha tela, sua mandíbula angular cheia de tensão enquanto seus olhos me encaram. Nesta luz são tão escuros, quase pretos e cheios de algo que nunca vi nele antes.

Agarro a toalha a mim, tremendo. — Não poderia ter pensado em me dar uma lição sem o ataque cardíaco? Ou essas coisas estão amarradas?

— Você cheira a mim.

Ele me ignora, como se eu não estivesse falando. Como se esta revelação fosse mais importante do que ele me levar para a escuridão total e me assustar *pra* caralho.

— Por que cheira a mim? — Ele pergunta como se eu não estivesse apenas falando, exigindo uma resposta e nada mais.

Uma semana atrás, eu tinha visto como ele parecia com a luxúria pintando seu rosto, o quão nervoso e consumindo se torna quando permite que o desejo assuma o controle. Achei que ver Thatcher fora de controle me assustaria, mas foi inteiramente o oposto.

Mesmo agora, por mais bonito que seja, não era nada comparado ao quão deslumbrante tinha sido no outro dia. Ofegante acima de mim, perdido no caos que nos unia e se recusava a deixar. Mechas de seu cabelo caíam na frente de seu rosto, sua camisa desgrehada e os olhos do tom de azul mais selvagem que já vi.

Ele estava uma bagunça. Thatcher Pierson tinha sido uma bagunça, só para mim. E nunca esteve tão bonito.

Agora, de pé aqui. Era o Thatch que eu conhecia. O homem passivo, com a espinha enrugada, olhando para mim com um olhar indecifrável. Ambas as suas versões me enfraqueciam.

Talvez seja porque estou com raiva dele por me ignorar ou porque simplesmente não me importo se ele sabe, mas com a cabeça erguida, digo — Roubei seu sabonete do banheiro do seu dormitório.

O músculo em sua mandíbula se contrai, suas sobrancelhas se inclinam — Por quê?

Meus braços se envolvem em torno de mim, mantendo a luz direcionada entre nós. Tentando proteger dele as partes vulneráveis de mim, mesmo que já tivesse visto o pior delas.

— Gosto do seu cheiro — digo, mastigando o interior da minha bochecha. — Gosto do seu cheiro em mim.

Algo passa em seu rosto e sei que é a memória de seu corpo entre minhas coxas. Quando o seu cheiro estava sufocando o meu. Eu sei que ele se lembra, como se sentiu, como se sentiu.

Faíscas de calor entre nós, sua respiração soprando em meu rosto, e percebo o quanto senti sua falta na semana em que estivemos separados. Estava com tanta raiva, ainda estou, e me forcei a não segui-lo. Negando a mim mesma meu vício favorito.

— Meus suéteres também? — Ele pressiona, uma percepção clicando em sua mente enquanto levanta um de seus dedos para afastar uma mecha perdida do meu cabelo molhado. Dou a ele um aceno lento conforme minhas bochechas esquentam. Pensando em todas as peças de roupa que roubei dele no passado.

— Hollow Heights realmente precisa trabalhar nas fechaduras de seus dormitórios. Gosto dos de caxemira. — Murmuro, um sorriso suave em meus lábios.

É apenas um segundo prolongado, apenas um momento singular em que ele deixa algo diferente de uma expressão vazia cobrir seu rosto. Onde existimos entre as sombras do nosso passado e o alvorecer do nosso futuro.

Exceto que a vida tem um jeito engraçado de me lembrar que não posso viver aqui para sempre. Não importa o quanto queira, algo sempre nos puxará em direções diferentes. Ele sempre se manterá à distância. Fora do meu alcance.

— Não mais. — Ele diz, permitindo que seu rosto se transforme naquela folha em branco de vazio que conheço tão bem. Um poço de nada. — Isso acabou, Pet. Acabou. Seguir-me por aí, nossas lições. Tudo isso acabou.

Posso sentir meu coração despencar. É isso o que ele faz, corta. Fatia as pessoas que tentam se aproximar demais para se afastarem. Sempre que alguém tenta afundar abaixo da superfície, ele rapidamente o estripa com uma mão experiente.

Thatcher não é uma parede sólida que simplesmente derruba com força ou desmorona com o tempo. É uma fortaleza de espinhos. Madeira estilhaçada e cacos de vidro. Todos os fragmentos do que seu pai deixou para trás. Armas mortais para mantê-lo protegido dos sentimentos; das emoções; de ser humano.

— Besteira. — Digo com uma severidade — Isso é besteira. Só está desistindo disso porque sentiu *algo* por mim.

Só que eu não era todo mundo. Não era alguém que facilmente fugiria de seu desafio. Não deixaria que as facadas de seu medo de mim me afastassem. Não quando um pouco de sangue nunca me assustou.

Ele escarnece, como se fossem as palavras mais irracionais que alguém já disse. Afastando-se de mim para ligar o interruptor, queimando meus olhos com a luz abrupta. — Não se iluda. O que aconteceu entre nós foi um erro. Não deixe esse coração desesperado dentro do seu peito pensar o contrário.

A frieza em seu tom me faz estremecer.

Minha garganta se estreita um pouco. O emaranhado conto de fadas que passei construindo nos últimos dias não estava se desintegrando. Evaporando em um pesadelo do qual queria acordar.

Um maldito erro?

— É um maldito covarde. Meu coração desesperado não era a única coisa errada, suas mãos estavam entre minhas coxas, seu idiota teimoso. — Eu grito.

Não tenho certeza com quem estou mais frustrada, com ele por ignorar tão facilmente o que aconteceu entre nós. Por ser capaz de me olhar e não lembrar o quanto suas mãos estavam desesperadas em meu corpo. Como suas palavras eram obscenas em meu ouvido. Que

ele pode ficar ali sem remorso em seu rosto de porcelana por arrancar algo que parecia tão bom só porque podia.

Ou eu mesma. Por pensar que poderia chegar tão perto dele sem arranhões.

— Nada além de um maldito covarde. — Digo, deixando minha raiva ajudar meu coração dolorido com sua rejeição flagrante.

Recusando-me a desviar o olhar de seus olhos, embora tudo que eu queira fazer seja afundar em mim mesma e desaparecer do mundo. Para evaporar de sua linha de visão e nunca mais reaparecer, mas isso seria dar a ele exatamente o que ele quer. Seria desistir dele.

Thatcher pode ser um monte de coisas horríveis, para mim e para outras pessoas. Pode querer me machucar com suas palavras agora e eu posso estar com tanta raiva dele que estou a dez segundos de arrancar seus olhos, mas ele não merece ser abandonado.

O mundo já tinha feito isso.

A maneira como sua cabeça se vira para mim parece dolorosa, seu lábio superior se curvando. — Cuidado com a boca, Pet.

— Ouvi coisa pior vindo de seus lábios uma semana atrás. Quando minha boceta estava coberta de seu sangue. Você não pode me parar. — Atiro de volta.

A frustração aumenta e ele pega uma mão grande, passando-a pelo rosto como se estivesse a dois segundos de destruir o mundo com os dentes. É provavelmente a maior emoção que ele sentiu em sua vida e vê-lo navegar é doloroso.

— Deixe morrer! — Ele grita, uma mecha de cabelo caindo em seu rosto. — Tudo isso. A noite em que sua mãe foi morta. O mausoléu e cada segundo que tem a ver comigo. Entende isso? Quero você morta para mim, Lyra.

Estávamos vivos naquela cripta. Nossos corpos prosperando um dentro do outro. Sua língua brutal de prata não mudaria isso. Isso não mudaria a maneira como me sentia, não importa o quanto doesse, mas agora, quero que ele sofra. É errado buscar vingança, feri-lo só porque

ele não entende seus sentimentos, mas não posso evitar.

Quero que ele se sofra do jeito que eu estou, para que quando ele for embora, eu não seja a única com uma ferida aberta. Se eu sangrar, ele sangrará comigo.

— Então acabou, o acordo, tudo isso? — O vapor do chuveiro pairando na frente do meu rosto, a toalha ainda enrolada em meu corpo me mantendo aquecida.

— Sim — ele diz, seu pomo de Adão balançando enquanto engole rudemente.

Tiro minhas roupas limpas da bolsa, enfiando-as no peito com um pouco mais de atitude do que necessidade.

— Ótimo — desdenho, virando as costas para ele enquanto caminho em direção aos vestiários. — Direi a Conner que você disse olá.

Não desejo ver a sua reação ou continuar esta conversa quando ele apenas continua a destruir a pequena conexão que construímos. Tudo o que quero é me vestir e deixá-lo morrer de ciúmes com a ideia de Conner Godfrey ser meu ombro para chorar. Deixe-o pensar o pior.

Só que eu não vou muito longe, os dedos de Thatch agarram meu cotovelo, apertando com força com todas as palavras que ele se recusa a dizer em voz alta. A dor me faz encará-lo; sobrancelhas franzidas em aborrecimento.

Uma tempestade de violência troveja sobre seus ombros, uma espécie de olhar sombrio que não promete nada além de miséria e dor. Um que imagino que ele tenha quando olha nos olhos de alguém que está prestes a fatar ou moer em pedacinhos.

Sua mão livre puxa minha toalha, inconveniente, e eu não tenho tempo para impedi-la de deslizar do meu corpo. Meus mamilos endurecem quando o ar fresco traça a carne sensível, minha mente o odeia, mas meu corpo prospera sob seu olhar.

— Não brinque comigo, Lyra Abbott. — Ele diz em uma voz como a sombra a noite. Envoltos em trevas e intenções imorais.

Um aviso.

Seus olhos traçam as linhas do meu corpo exposto, acariciando-os sem sequer levantar uma mão e meu estômago arde de fome. Uma contração involuntária das minhas coxas é tudo o que preciso para um sorriso se inclinar em sua boca. Como se ele tivesse ganhado alguma coisa.

— Que patético. — Ele murmura — Sua boceta anseia pelo meu ódio mais do que jamais desejará o amor de outro homem. Não é triste, querida fantasma?

Um de seus dedos alcança minha clavícula e preciso de toda a minha força física para agarrá-lo antes que toque minha pele. Mantenho minha cabeça erguida, embora minha coluna pareça que vai ceder.

— Não pode ser o homem que me toca e que me causa sofrimento. — Digo com firmeza impressionante — Pode ser um ou outro, Thatcher. Mas não pode ser os dois.

A confiança calma que ele tinha momentos atrás vacila. Ele tira a mão do meu aperto, deslizando-a no bolso de sua calça escura. Ficamos ali, duas metades do mesmo todo, com nada além de silêncio entre nós.

Eu lutaria contra o céu e o inferno por ele. A criatura mais viciante do mundo. Meu anjo da morte e não uma obsessão tão secreta. Não há nada que eu não faria pelo homem atormentado na minha frente.

E embora possa despedaçar meu coração viciado que só busca seu amor, recuso-me a permitir que ele me trate mal só porque está sofrendo. Sua indiferença e sarcasmo são uma coisa, mas ataques amargos devido à sua inexperiência de sentimentos não serão a minha custa

Não farei isso.

— Thatcher, dissemos para agarrá-la, não mantê-la trancada aqui.  
— Diz uma voz da porta.



Aperto minhas roupas contra o peito nu, assim que Thatcher se coloca bem na minha frente, pondo ambas as mãos em cada lado do meu corpo para encostar na parede. Protegendo-me de Rook que fala da porta.

Seu cheiro se mistura ao vapor, forte e denso. Cobrindo-me com nada além dele. Olho para ele através de meus cílios, mal ouvindo seu amigo enquanto me olha com curiosidade silenciosa.

— Você não me deve nada, Lyra. — Ele diz, o olhar de súplica genuína gravado em seu rosto. — Mas preciso que diga a eles que não. Quando pedirem esse favor, independentemente de como se sente sobre mim, preciso que você diga não.

Minhas sobrancelhas se juntam — O que...

— Garota Inseto! — Rook grita — Precisamos conversar. Tenho certeza de que Thatcher não foi legal em perguntar sobre isso, mas se ajudar, direi por favor!

— Ela sairá em um minuto, sua criança impaciente. — Ele diz por cima do ombro, esperando o som da porta fechar antes de se afastar de mim.

— Diga não. — Thatcher diz uma última vez, antes de desaparecer de vista e me deixar para me vestir.

Demoro algum tempo me vestindo, certificando-me de que minhas emoções estão completamente sob controle antes de sair e conversar com pessoas que não têm ideia do que acabou de acontecer neste chuveiro comunitário.

Para ficar na frente de seus amigos e agir como se Thatcher Pierson não fosse o homem de quem meu coração se recusa a desistir. O homem que todos os meus sonhos cercam, que meu corpo anseia e minha mente detesta.

Não, não posso mostrar nada disso. Por isso, demoro tempo necessário, até que possa treinar minhas feições para a imagem do desconhecimento e da apatia.

Reúno minhas coisas e empurro a porta, o ar fresco do outono

esfriando meu cabelo úmido imediatamente. Meus dedos afundam nos bolsos do meu cardigã, o cheiro de fumaça fazendo cócegas na ponta do meu nariz.

Alistair está encostado na lateral do prédio, o cigarro preso entre o polegar e o indicador enquanto o passa para Rook. A cereja queimando lançando fumaça cinza no ar. Ambos olham para mim quando saio, enquanto Thatcher prefere olhar para qualquer outro lugar, menos na minha direção.

— Quem morreu? — Digo em tom de brincadeira, as palmas das mãos suando um pouco de nervosismo, porque eles podem muito bem me dizer que outro corpo apareceu.

Exceto que é estranho os três me procurarem sem as outras garotas presentes. Significa que tudo o que eles precisam é de mim e somente de mim.

— Ninguém — Alistair resmunga, sua voz baixa e cortante — Ainda.

Eu balanço para frente e para trás em meus pés, mastigando o interior da minha bochecha. — O que vocês precisam de mim? Aconteceu alguma coisa com Briar ou Sage?

— Não — Rook diz rapidamente. — Elas estão bem e pode contar a elas sobre essa conversa quando terminarmos, mas queríamos te perguntar a sós para que a decisão seja sua e somente sua. Sabemos como nossas garotas podem ser protetoras quando se trata de você, Lyra.

— Isto é ridículo...

— Nós votamos, Thatcher. Você perdeu. Não depende mais de você — Rook interrompe com um tom intenso, que eu raramente ouvi dele — Depende de Lyra.

Thatch contrai a mandíbula, olhando para Rook com um olhar severo. — É uma ideia imprudente, que não deveria ter sido votada.

— Imprudente porque sou eu? — Rook esbraveja — Ou porque você não inventou isso primeiro. Não se preocupe, fracote, pode ficar

com todo o crédito se isso significar que arrancará esse pau da sua bunda.

Amigo contra amigo.

Qualquer que seja esse plano, colocou duas pessoas inseparáveis frente a frente. Literalmente. Os sapatos sociais pretos de Thatcher tocam as pontas dos Van's de Rook, a diferença de dez centímetros de altura dando a Thatch a vantagem enquanto olha para o que só poderia ser descrito como uma chama viva.

— Existem maneiras mais fáceis de morrer, Van Doren. — Thatcher escarnece, seus dentes brilhando ao luar enquanto sorri — Mas se você quiser brincar, podemos brincar.

Isto está a dois segundos de ser uma briga brutal que não tenho vontade de assistir. Saber que a raiva de ambos era dirigida um ao outro faria uma luta igualmente sangrenta.

Rook dá uma tragada em seu cigarro, soprando a fumaça diretamente no rosto de seu amigo com um sorriso malicioso. — Teste-me.

Dou um passo em direção a eles, colocando uma mão no ombro de Rook enquanto olho para seu amigo que parece querer trazer um pouco de sangue para sua discussão verbal.

— Acalmem-se — digo levemente. — Apenas me diga o que precisa de mim. Não me importo de ajudar.

O olhar de Thatcher vai direto para minha mão, que está apoiada no ombro de outro homem.

— Eles querem que você se aproxime de Easton. — Ele vocifera, sem tirar os olhos dos meus dedos. — Conduzi-la a ele, como uma ovelha para o matadouro. Isca.

Minhas sobrancelhas franzem e olho para Alistair em busca de confirmação, puxando minha mão de volta para os bolsos.

— Ele é dramático. — Alistair diz, com um suspiro. — Só precisamos que se aproxime o suficiente para observá-lo. Sempre que

tentamos nos aproximar, ele nos nota. Precisamos de alguém quieto que possa observar seus movimentos, ouvir conversas privadas. Isso é tudo.

Orgulho. Surge através de mim em ondas. As pessoas antes nunca precisaram de mim, não assim. E embora estivessem me procurando por minha invisibilidade, ainda era bom ser necessária.

Mesmo sendo perigoso, queria fazer parte disso. Para ajudar aquelas meninas desaparecidas e meus amigos. Até este ponto, me sentia impotente, mas esta era a minha chance. Para ajudá-los a coletar informações, talvez para descobrir quem está comandando o Halo para que possamos acabar com isso de vez. O que não fazia sentido é por que Thatch era tão contra isso.

— Não deixaremos que nada aconteça, ao contrário do que ele pensa — diz Alistair, jogando a cabeça na direção de Thatch com um grunhido — É totalmente com você.

Eles precisam de um fantasma. Alguém que é invisível, que pode ouvir os sussurros que rebatem nas paredes das discussões secretas. Uma pessoa que se mistura a ponto de se camuflar. E essa sou eu.

Olho para Thatcher, pensando no que ele me pediu no chuveiro, avaliando minhas opções de ir contra ele e ajudar as pessoas de quem gosto. Seus olhos silenciosamente me imploram para recusar, ir embora e fingir que nunca me pediram. Por isso, olho para longe dele.

— Quando devo começar?

# DEZESSEIS

## AMARGA É A GUERRA DOS IRMÃOS

### Thatcher

Regra número vinte e dois: Prepare-se para as consequências de suas próprias ações.

Foi uma das lições mais difíceis de aprender quando criança. Revoltar-se contra seus instintos naturais e aceitar que seu normal não era igual ao de qualquer outra pessoa.

Houve um gato que, de alguma forma conseguiu se esgueirar para dentro da propriedade. Estava miando e cavando no jardim quando o encontrei coberto de terra com o pelo emaranhado.

Só me lembro porque, quando o peguei, ele nem tentou miar ou me arranhar. Apenas se enrolou em meu peito e começou a ronronar. Sabia que meu pai tinha uma regra muito rígida, sem animais de estimação, mas algo sobre esse gato me chamou a atenção aos sete anos de idade.

A pelagem preta, com as pontas das orelhas coloridas de laranja. Tinha sido tão confiante, tão sem medo de mim, embora eu pudesse ter as piores intenções. Não sei por que o guardei. Olhando para trás, teria sido melhor morrer de fome.

No começo foi fácil. Eu a deixei vagar por uma das casas dos caseiros da propriedade e todos os dias esgueirava comida e água. Os cozinheiros souberam antes do meu pai, considerando que durante um mês inteiro pedi apenas sanduíches de atum para o almoço.

Depois das minhas aulas, tanto educativas quanto com meu pai, ia para a casinha e lia enquanto ela brincava aos meus pés ou dormia no meu colo. A única forma de leveza que me lembro daquela época.

Passsei as noites ouvindo, observando e limpando assassinatos. Esfregando sangue do chão enquanto mulheres mortas penduradas ao fundo, mas por alguns momentos, eu simplesmente poderia viver em silêncio com outra criatura viva. Certamente, tinha permissão para ter esse pequeno pedaço de alegria, certo? Essa coisa secreta, pequena e boa.

Nunca estive tão brutalmente errado.

Era tarde quando Henry Pierson invadiu meu quarto, a lua estava alta e o sol muito, muito longe de minha casa. Nenhuma luz, nenhum bem poderia chegar perto das portas daquela mansão. Ele jogou o gatinho em crescimento no meu edredom, seu pequeno gemido me tirando do meu sono. Eu a puxei em meus braços, enquanto ele olhava para mim com olhos vazios.

— *Você conhece as regras, Alexander.*

Algo dentro de mim fechou naquela noite. O que restava da minha alma humana desapareceu. Foi naquele momento, na escuridão do meu quarto, quando ele me entregou uma lâmina, que qualquer bem que pudesse existir dentro de mim foi extinto.

— *Você recebeu o nome de um grande rei. Espero que seja grandioso. A perfeição não tem espaço para bondade, para sentimento — diz ele, enfiando a faca em minhas mãozinhas. — Importar-nos com as pessoas, com as coisas, não faz sentido. Por que se importar com algo, qualquer coisa, se morrerá? Não tem sentido. O amor não tem sentido, não vive em você, Alexander.*

A última coisa que me lembro daquela noite são suas palavras em meus ouvidos pouco antes de eu olhar nos olhos daquele gatinho, aquele que havia confiado em meus olhos suaves até o fim. Tudo ficou confuso no momento em que minha mão se curvou ao redor da lâmina.

Entretanto, sei o que fiz. O que me tornei.

Não houve uma lágrima derramada, nem um desacordo na minha língua. Apenas dedicação inflexível para ser o que ele queria.

Desespero para aceitar a pura maldade que corria em minhas veias. Sabia o que aconteceria se ele encontrasse aquela coisa. Eu sabia o que me obrigaria a fazer com ela. Essa era a minha consequência por uma ação imprudente.

Assim como meu fantasma correndo para os braços de Conner Godfrey é minha consequência pelas coisas que disse a ela. No entanto, essas repercussões tiveram um gosto amargo na minha língua. Não esperava que ela fosse tão... intensa.

Aparentemente, tinha esquecido que Lyra Abbott foi forjada a partir de noites vermelhas e objetos pontiagudos. Por trás da garota que ela retrata para o mundo está uma manejadora de lâminas afiadas e intenções podres. Uma víbora com uma mordida desagradável. Um soldado traumatizado que ainda exala dor e gosto de agonia. Ela é a combinação da vida e da morte. A guardiã do ceifeiro. Uma adorável morte sombria. Um belo cadáver.

E agora, ela é dele.

Não pertencendo mais aos meus dedos frios e cruéis, ela encontrará consolo nos mocassins baratos de Conner e na colônia nauseante. Talvez eu estivesse me gabando um pouco, mas não pude deixar de perguntar se ele se tornaria sua nova obsessão. Ele alimentaria o vício nela como eu fiz? Seria *melhor*?

— Sem fantasia? Não é do seu feitio não fazer um show, especialmente no Halloween.

Olho por cima do meu ombro, um flash de couro na minha porta.  
— Preto é a cor apropriada para usar em funerais, não é?

Ele bufa, não apreciando meu humor.

Noite de Halloween, a oportunidade perfeita para Ponderosa Springs arrecadar dinheiro para uma instituição de caridade que provavelmente não existe. O ano passado tinha sido uma feira. No ano anterior, um zoológico, o conselho nunca perdia a chance de sugar as pessoas e usar os fundos para manutenção inútil da cidade ou embolsá-los diretamente.

Era um poço sem fim no qual os cidadãos da cidade ficavam mais do que felizes em jogar seu dinheiro dentro.

### *O Nightmare Circus.*

Uma combinação de tendas vermelhas e All Hallows Eve. Onde os mortos podem caminhar pelas terras humanas mais uma vez para visitar o passado e buscar vingança contra aqueles que prejudicaram suas almas.

Nunca fiz gostosuras ou travessuras, mas vim para aproveitar o Halloween. Uma noite onde todos se tornavam monstros assustadores e vilões horríveis. E eu não precisava mais de máscara. Poderia andar como o assassino dos assassinos e chamar isso de fantasia. Livre para remover a carne que usava todos os dias e expor o que se deteriora por baixo.

— Nada acontecerá com ela esta noite. — Ele diz enquanto gira os dedos dentro de um copo de canetas na minha mesa. — Ela vai segui-lo no circo de caridade e nos encontrar no estacionamento às nove, quando fecharem. Lyra conhece as regras, sabe que não deve ir a lugar nenhum sem nos avisar. Estaremos lá o tempo todo. Ficará tudo bem.

Meus molares rangem enquanto aceno com a cabeça em concordância, mantendo minha boca fechada conforme caminho em direção ao meu espelho para ajustar meu colarinho. Não planejava discutir esse ponto com ele novamente, não quando sabia o que aconteceria se algo, de fato, acontecesse com ela.

— Isso nem é sobre Lyra.

Inclino minha cabeça em sua direção, olhando para Alistair pela primeira vez desde que ele chegou. Seus olhos escuros estão me observando como um falcão, como se fosse capaz de ver além da miragem que lhe apresento. De todos os rapazes, ele pode ser o mais próximo.

— Por favor, diga, todos vocês que conhecem Deus, o que é isso então? — Pergunto secamente.



Ele desliza facilmente para a cadeira da minha mesa, inclinándose para trás com as mãos atrás da cabeça. Não conhecia ninguém que pudesse fazer cara feia como Alistair Caldwell. Mesmo quando criança, ele tinha um olhar permanente de raiva estampado em seu rosto. Mesmo quando não estava necessariamente irritado, ele sempre parecia assim.

— Está chateado porque não votei com você. — Ele diz com uma certeza que faz uma risada amarga escapar dos meus lábios. — Ria o quanto quiser, mas esta é a primeira vez que divido nossos votos. Sempre votamos juntos, a única vez que não, fica chateado com isso.

A tensão aumenta na sala entre nós, uma palavra ou movimento errado e uma discussão verbal selvagem irromperá entre nós dois. É lamentável que ele seja o meu oposto, tão fortemente ligado quando concordamos, mas inimigos ferozes quando entramos em conflito.

Ele estava certo sobre uma coisa. Essa foi a única vez na história de nossos planos de estilo democrático em que votamos em lados opostos. Isso me irritou? Claro que sim. Seguir o exemplo de Rook nunca terminou bem. Alistair sabe disso, ou pelo menos pensei que soubesse. Tudo o que ele faz é impensado e impulsivo. Rápido para pular em cima de uma ideia que parece boa na teoria, mas tem uma consequência terrível.

— Estou tão entediado com sua constante. Eu sou o líder, cara. — Digo — Não somos crianças. Este não é o pátio da escola e estou deprimido porque não me escolheu. Sua vida pode ser muito mais fácil se parar de acreditar que o mundo gira em torno de você, Ali.

Sua mandíbula contrai, minhas palavras dançando perigosamente naquele grande botão vermelho dentro dele. Eu juro, ele é muito fácil. Sempre foi. Pode não me conhecer, mas eu o conheço. Melhor do que quase ninguém.

Alistair e eu nos conhecemos primeiro. Era só eu e ele até que ajudamos Rook a soltar fogos de artifício em um clube de campo onde Silas vigiava, mas antes disso éramos nós.

Meu avô queria oferecer um almoço para a realeza de Ponderosa

Springs, considerando que ele fazia parte do conselho. Isso não estava fora do personagem. Acho que foi sua maneira de apresentar meu pai às pessoas com quem ele deveria trabalhar em conjunto assim que assumisse totalmente o negócio da Pierson Fortune e herdasse sua parte nesta cidade podre. Queria que meu pai se acotovelasse com as pessoas certas. Fizesse uma lista daqueles em quem não se pode confiar, esse tipo de coisa.

Eu tinha quase seis anos, jogando pedras na grande fonte de água na entrada da garagem de nossa propriedade. Não era incomum minha casa estar cheia de crianças e adultos se misturando; também não era fora do normal que eu encontrasse qualquer outro lugar para estar que não fosse dentro de casa, com todo aquele barulho.

Meu avô disse que eu desempenharia perfeitamente o papel de um neto rico. Eu exibia meu talento no piano, deixava meu pai me guiar, apresentando-me a nomes poderosos e influenciadores, mas isso era apenas cerca de uma hora antes de eu desaparecer. Antes que a interação humana se tornasse demais e eu ansiasse pelo conforto do silêncio.

Do lado de fora da minha casa foi que vi Alistair e sua família chegarem. Vi com olhos tranquilos como sua mãe e seu pai saíram do carro com seu irmão mais velho, Dorian, ao lado. Contentes em deixar um menino esguio para trás para alcançá-los. A cabeça baixa, o terno desgrehado e os olhos vermelhos pela falta de sono. Como se soubesse que seu lugar era cinco passos atrás do deles. Sempre na escuridão de suas sombras. Da sombra de Dorian.

Uma triste realidade para alguém tão jovem.

Eu sabia como era isso. Entendia o que era ter vergonha de sua existência. Era como se houvesse algo diferente em nosso sangue, bombeando através dele, bombeando através de mim, através de todos nós.

Essa maldade que uniu nosso trauma. Envolveu-nos em tudo o que odiávamos, tudo de que fugimos e nos transformou no que éramos hoje. Cada um de nós se tornou as coisas que mais temíamos.

Não, ficamos piores.

Sempre pensei que Alistair e eu éramos os mais próximos, mas hoje não podíamos nos sentir mais distantes.

— Lyra será...

— Lyra — escarneço, interpretando-o com uma carranca severa, odiando a maneira como ele diz o seu nome. Apressado, sem pensar duas vezes. — É dispensável para você. Um resquício de poeira em seu mundo. Você e Rook estão contentes com algo acontecendo com ela porque ela não significa nada para você.

Ele se levanta da minha cadeira, rápido para fazer sua presença conhecida ao entrar no meu espaço pessoal. Eu estava em uma maré para irritar os amigos restantes que tenho. Primeiro Rook estufando o peito como o lobo mau que ele é, agora Alistair?

Que legal.

— Está falando merda, Thatcher. — Ele diz. — Sabe que eu não a colocaria em risco.

Ele diz isso como se fosse seu trabalho cuidar dela. Como se fosse o todo poderoso responsável no comando de cada um de nós. Eu me pergunto o que ele faria se soubesse que permito que ele esteja no comando? Que o deixei pensar que está no controle porque sei que ele se desintegrará se não estiver. Que ele nunca, nem uma vez, esteve no comando do que eu faço ou de quem sou.

— Sim? — Franzo minhas sobrancelhas, meus olhos semicerrados enquanto me inclino para perto de seu rosto, minha boca a um suspiro de distância de seu nariz. — Então por que não ofereceu Briar? Por que não Sage?

Lyra e eu podemos ser complicados, podemos muito bem acabar com o que quer que esteja acontecendo, mas ela não precisava ser colocada em perigo, especialmente, não por mim e pelos rapazes.

O pensamento de Easton Sinclair colocando uma única mão imunda sobre ela fez algo volátil se romper em mim. Eu não a queria perto dele, nem mesmo respirando o mesmo ar daquele filhinho do

papai mal vestido.

Hoje à noite, ela estaria vagando pelo circo, seguindo cada movimento dele, ouvindo as informações que podemos precisar. Teria que observar a maneira como ele se move a noite toda, sintonizar sua voz, monitorar cada passo. Um trabalho que eu sabia que ela era capaz, mas não queria que fizesse. Não com Easton.

As sobrelhas de Alistair se contraem, puxando para dentro. — Está me dizendo que se *preocupa* com ela?

— Apenas uma observação, Caldwell.

Ele balança a cabeça, zombando — Então, esclareçamos uma coisa, Thatcher. Está me dizendo que Lyra Abbott significa para você o que Briar significa para mim, ou está apenas sendo mesquinho?

Minha boca se move antes que eu possa pensar melhor. Antes que consiga me controlar e recupere a parte de mim que quer afastar qualquer um que tenha um pensamento passageiro sobre meu querido fantasma.

Bato meu dedo em seu peito. — Você não tem ideia do que ela é para mim. — Digo com um rosnado cruel.

Felizmente, isso é tudo que consigo dizer, antes de me lembrar de que tentar explicar a ele seria inútil. Ele nunca poderia entender o que ela significa para mim. O que sua alma é para o mundo.

O que ele sente por Briar é um grão, uma partícula, em comparação com o que compartilho com Lyra Abbott. O poder que ela poderia ter sobre mim é algo que ninguém jamais chegou perto. É por isso que é tão imperativo que ela fique longe, muito longe de mim.

Ele se encolhe com minhas palavras, algo que não consigo ler vive dentro de seus olhos e nunca o desprezei tanto quanto agora. Como se ele pudesse ver dentro de mim sem que eu dissesse nada.

Como se Lyra fosse o único segredo, a única parte da minha consciência que não posso esconder de ninguém. Ela vive na superfície, recusando-se a ficar escondida.

— Nada acontecerá com ela. Prometo. — Ele diz, sua voz perdendo o tom.

— Cumpra suas promessas para quem precisa delas. — Digo, olhando para ele por mais um momento antes de me afastar.

Ando até a cama pegando minha jaqueta, deslizando o material sobre meus braços e me dando uma olhada no espelho antes de ir em direção à porta para começar esta noite desastrosa. Com facilidade, enfio a mão no bolso, passando os dedos pelo metal frio lá dentro. As gravuras que vivem em ambos os lados cavam nas pontas dos meus dedos.

— É bom que esteja certo, Alistair. Se alguma coisa acontecer com ela. — Seguro-a na palma da mão, puxando-a para fora e jogando-o distraidamente por cima do ombro, na sua direção. — Nem mesmo nossa amizade pode te proteger de mim.

Eu o deixo lá com o som do *obol* de *Charon* tocando no ar.

# DEZESSETE

## NÉVOA CARMESIM

### Thatcher

Uma das duas coisas era verdade.

Lyra estava atrasada ou estava morta.

Morta porque estou usando um Rolex de dezessete mil dólares que tem mais chances de ser roubado do que errado com o tempo. Isso significava que Lyra já estava vinte minutos atrasada.

Disseram-me que ela ficaria bem. Que esse plano não falharia. Ela reuniria tudo e nos encontraria sem arranhões. No entanto, só a tinha visto uma vez durante o caos de fantasias com tema de circo e acrobatas malabaristas. Quando estava escondida atrás de uma barraca de comida enquanto Easton se exibia para um grupo de elogios que pareciam extremamente impressionados com o que ele dizia, mas foi isso. Um sussurro de seus cachos, um vislumbre de seu suéter escuro. Todas as mensagens que enviei não foram lidas. Tinha sido totalmente ignorado o dia todo e agora ela estava atrasada.

— Verificar seu relógio não muda nada — Rook murmura na minha frente, onde se inclina contra sua moto. — Dê a ela um minuto, Thatcher. Talvez ela tenha pensado que dissemos nove e meia.

Meus braços ficam cruzados na frente do meu peito, minhas costas descansando contra o lado do motorista da minha porta. Posso sentir o quão mortal é meu olhar assim que pousa sobre ele. Lyra não confundiria os horários, ela não faria isso. Concordamos as nove, estacionamento do campus, lote B. Se tudo estivesse bem, ela estaria aqui.

— Contou a Sage sobre seu plano? — Pergunto com uma

inclinação da minha cabeça. — Ela sabe que colocou a amiga dela para espionar o seu vingativo ex-noivo?

A cor desaparece de seu rosto. Qualquer observação inteligente esperando em sua língua morre. É substituído por uma raiva cruel. Apenas com o pensamento de colocar sua pequena preciosa Sage em perigo ou em qualquer lugar perto de Easton Sinclair.

— Cale a porra da sua boca esnobe ou farei você engolir os dentes, Pierson. — Ele empurra a moto, ficando em pé. — Concordamos em dizer a elas depois desta noite, é um teste. Não há necessidade de assustar Sage por causa de algo que pode nem funcionar.

Alistair coloca uma mão reconfortante no ombro de Rook, tentando mantê-lo equilibrado para que não tenhamos uma briga no meio do estacionamento do campus, mas não poderia me importar menos. Pode ser uma distração agradável da minha mente errante. Uma que parece não conseguir deixar de lado a ideia de que Lyra está com problemas, e estamos parados sem fazer nada.

— Vá em frente — aceno para Alistair. — Solte seu cachorro da corrente. Eu tenho uma vacina antirrábica.

— Foda-se idiota. — Rook resmunga.

Meus dedos tocam nosso tópico de mensagens, puxando o contato de Lyra e ligando para ela. Assim como nas três primeiras vezes, só toca até atingir o som de sua caixa postal. Olhando para o meu relógio enquanto ouço a sua voz.

— *Ei! Aqui é Lyra, desculpe não ter atendido sua ligação. Deixe uma mensagem e entrarei em contato com você.*

Ela deve ter feito isso quando estava de bom humor. Sua voz tem uma leveza que só aparece quando está cercada pelas pessoas de quem gosta ou falando sobre suas paixões.

Minhas entranhas apertam e uma sensação de conhecimento se instala dentro de mim. Uma sensação que me diz que esse breve experimento custou a vida de Lyra, pelo menos um de seus membros.

— Nunca concordei com esses termos. Você e Alistair concordaram. Assegurando-se de que mentir para suas namoradas era a melhor maneira de mantê-las seguras. — Digo com um movimento do meu pulso e uma voz paternalista, pingando desdém e sarcasmo.

— Thatcher, eu juro...

O som de pneus roçando no asfalto chama nossa atenção em outro lugar. Espero ver o veículo modelo antigo de Lyra, mas infelizmente para todo mundo, não é.

A McLaren recém-embalada de Easton Sinclair para no estacionamento. Parando no local ao lado do meu. Olho por cima do meu ombro enquanto ele desliza para fora do banco do motorista, sem nenhuma namorada idiota ou amigos imbecis em sua retaguarda. Só ele.

— Tarde da noite, Sinclair? — Pergunto, por cima do meu ombro.

Ele levanta o olhar para o meu, um traço de medo incandescente queimando em seu rosto. Não é sempre que sou eu que me aproximo dele, tendo-o como alvo, mas ele rapidamente se lembra do papel que desempenha, o homem machista e facilmente corrige suas feições.

Stephen, seu pai, ficaria muito orgulhoso.

Não importa quantos enxertos de pele seu cirurgião plástico fizesse, Easton ainda tinha uma cicatriz brutal no lado esquerdo do rosto. Tinha sido mutilado, curado com o tempo, mas as descolorações da pele e linhas de tecido cobriam de sua mandíbula até a parte superior da bochecha. Era sangrento, mas não havia ninguém que merecesse mais usá-lo.

— Já faz um tempo, rapazes. — Easton olha por cima do meu ombro, olhos semicerrados quando vê Rook atrás de mim. — Como está Sage, Van Doren? Ainda tem um gosto tão bom quanto me lembro?

Sinto o vapor que sai dos ombros de Rook. É uma jogada ousada de Easton, considerando que meu amigo piromaníaco está ansioso por uma chance de assá-lo no espeto. Sage sempre será um esporte



doloroso entre os dois. Seja a propriedade que Easton sente pela loira morango ou alguma forma de amor, vai demorar muito até que ele a deixe ir. Levará ainda mais tempo até que Rook a deixe ir.

— Não tenho certeza, ainda se lembra do gosto do escapamento da minha moto? Ou precisa de um lembrete? — Rook joga a cabeça em direção à moto, acenando para problemas.

Easton passa os dedos ao longo do lado de sua cicatriz. — Coloque um dedo em mim e garantirei que Sage pague por isso.

— É um lugar perigoso para fazer ameaças agora, East. — Alistair se aproxima de mim, seu ombro encostando no meu. — Nenhum pai ou amigos para protegê-lo. Como saberão que algo aconteceu com você se não conseguirem encontrar seu corpo?

Escarneço — Se houver um para encontrar.

— Pelo menos não preciso me preocupar com você deixando partes do meu corpo em público, Thatcher. Todos sabemos que é igualzinho ao seu pai, só as mulheres fracas e inocentes te deixam excitado quando as corta.

Não era segredo que eu era um suspeito. Que a cidade havia me considerado culpado antes mesmo que pudesse me declarar inocente.

— Tem certeza de que não é você quem está distribuindo partes do corpo como se fosse dinheiro em uma boate, East? Não deve ser fácil encontrar sua mãe trepando com o pai de Alistair, tinha cinco, seis anos? Quando viu Wayne Caldwell comer a mãe querida? — Rook provoca. — Deixar escapar alguns desses problemas reprimidos com as garotas da cidade?

A mandíbula de Easton se contrai, outro lugar muito delicado para nosso inimigo de longa data. Eu não tinha certeza se era um presente do divino quando descobrimos sobre o caso de seus pais, mas adorei ver aquele olhar distorcido de miséria no rosto de Easton sempre que tocávamos no assunto.

— Não saberia se fosse eu? Quem sabe há quanto tempo tem seu bichinho de estimação me seguindo. — Ele zomba.

Minha coluna paralisa. — Perdão?

— Está apenas bancando o idiota? Ou é apenas a sua configuração normal? — Ele pergunta com um revirar de olhos. — Foi inteligente, sabe? Eu tinha uma sensação incômoda de estar sendo seguido, mas toda vez que me virava não havia nada lá. Não até pouco antes de eu deixar o circo hoje à noite.

Olho para Rook, depois para Alistair, esse sentimento de pura adrenalina bombeando em minhas veias. Isso foi um erro. Odeio esse filha da puta, mas ele era esperto, e sabíamos disso. Mandar segui-lo foi um erro.

E agora Lyra está em algum lugar pagando por isso.

Há uma fração de segundo em que tento reinar em meu autocontrole. Onde tento morder minha língua e permanecer indiferente. Aquele que nunca dá a Easton a atenção que ele procura, mas não posso.

Fraturei meu controle quando caí entre as coxas de Lyra Abbott. Qualquer coisa que tivesse a ver com aquela pequena rainha dos insetos tinha pouco controle.

O suor escorre pelas palmas das minhas mãos, nunca me senti tão quente. Meu corpo transbordando de cólera. Violência zumbindo dentro do meu peito. Essa necessidade de destruir tudo e qualquer coisa em meu caminho. Nunca aconteceu assim.

A vontade de matar. Nunca tão rápido, tão poderoso, que duvido que algo possa me impedir de destruir o mundo com meus dentes. Comendo vivo. Tão volátil que ninguém. Homem, mulher, criança, amigo ou estranho estava seguro.

Dou dois passos antes de olhar por cima do meu nariz para Easton, minha voz um rosnado animalesco. — Onde ela está?

— Quem? — Ele pergunta com uma sobrancelha erguida arrogante.

Minhas mãos avançam, agarrando a frente de sua jaqueta. Eu torço minhas mãos no material, levantando-o do chão alguns

centímetros, meu corpo tremendo.

— Que diabos...

A respiração dispara de seus pulmões quando bato nele com toda a força que consigo reunir no asfalto abaixo de nós. Suas costas batem com um estrondo, um gemido saindo de seus lábios enquanto fico de pé sobre ele.

— Onde *diabos* ela está?

Não estou fazendo perguntas ou implorando por uma resposta. Eu o mataria, e faria doer. Sente-o na frente de sua mãe e remova cada uma de suas costelas uma a uma. Puxe sua maldita espinha de sua garganta e sufoque-o com ela.

— Você tem dez segundos, Sinclair — enfio a mão no bolso e clico no botão do meu canivete, acenando na frente de seu rosto. — Antes que eu te deixe em pedaços.

— Eu... — ele engasga com o ar — Não sei.

Minha mente nunca foi capaz de entender o tipo de reivindicação territorial que meus amigos tinham de Briar e Sage. Nunca entendi o que elas possuíam que fazia com que os rapazes se transformassem em animais prontos para morder a primeira pessoa que respirasse seu nome.

Tinha sido cafona e repulsivo para mim, mas agora, entendia, e a ideia de queimar o rosto de Easton fazia sentido. Tudo isso fazia sentido.

A sensação de proteger o que lhe pertencia. O que mataria para defender. Pela primeira vez, senti isso.

Escarneço. — Cinco segundos.

Ele balança sob o meu aperto. — Juro por Deus, porra! Não sei. Ela foi embora quando saí e não a vi mais. Juro por Deus, cara, não sei onde ela está.

O pânico em sua voz é o som das teclas do piano pela manhã.

Refrescante.

A faca gira em meus dedos, pouco antes de apontar a lâmina para o centro de seu pomo de adão. Alistair agarra meu ombro, sua voz como um trovão em meu ouvido. Um som estilhaçante em meu ouvido que atravessa minha raiva como um chicote.

— Thatcher. — A ponta da minha faca mergulha em sua carne. — Acabei de conseguir a localização do telefone dela com Briar, ela ainda está dentro do circo.

O toque de sua mão aperta. Ele cava em minha carne como uma âncora, sua boca perto da minha orelha. — Ele não vale a pena. Ainda não.

Minha mão treme com a necessidade de estripar Easton como um peixe. Deixá-lo deitado neste estacionamento, mas a necessidade de colocar os olhos em Lyra é mais forte. É tudo com o que meu cérebro parece se importar.

Inclino meu corpo para Easton, minha boca cuspindo em seu rosto e minha faca pressionada em sua garganta apenas o suficiente para cortá-lo. — É melhor rezar para qualquer deus em que acredita, verme. Ele salvou você esta noite.

Com o mesmo movimento de jogar o lixo fora, jogo Easton de volta no chão. Deixando-o ofegante e no processo de se enrolar em uma bola quando fico de pé em toda a minha altura.

Alistair me mostra seu telefone, o pontinho azul me diz a localização de Lyra. Eu me endireito puxando as lapelas da minha jaqueta, antes de seguir em direção ao meu carro.

— *Ouch* — Rook murmura, batendo no peito de Easton. Precisando adicionar insulto à injúria. — Odiaria ser você agora, meu caro.

Cada um deles entra no meu carro.

— Qual é o plano? — Alistair pergunta ao meu lado, as mãos de Rook puxando-o para o meio enquanto escuta. Minhas mãos flexionam ao redor do volante, o motor ronronando para a vida quando giro a chave.

Não é o pedido de desculpas que o mundo gostaria deles, mas é o que preciso. Aquele que diz que estão dispostos a me seguir em qualquer profundidade para consertar o que achavam que era uma boa ideia. Estou com raiva que não me ouviram. Que colocaram Lyra em risco.

Como posso culpá-los, porém, quando nem consigo explicar a mim mesmo o que ela significa para mim? O que ela é?

Por isso, agora, não preciso de um pedido de desculpas.

Preciso de sua lealdade sem fim. Da raiva deles. Aquela coisa obscura e distorcida que vive em cada um deles para sair e brincar com a minha.

— Encontrem-na.

NIGHTMARE CIRCUS16

Lyra

O picadeiro estava vazio.

Todas as cadeiras ao redor do palco circular estavam vazias. A areia dentro do poço do ringue viva sob meus pés descobertos, esfregando minhas solas.

O sangue se acumulou em meu lábio, coagulado da fenda profunda no centro da minha boca. Podia sentir o líquido seco grudado no meu queixo, o gotejamento havia parado há alguns minutos.

Minhas bochechas estavam coradas, queimando de calor enquanto o suor se acumulava em minha testa, apenas esquentando ainda mais com o holofote ofuscante que iluminava meu rosto.

Mal conseguia distinguir a primeira fila de assentos logo depois da barreira elevada. Aquele em que o público aplaudia um apresentador andando na corda bamba ou um acrobata voando graciosamente no ar.

Hoje à noite, sem ninguém à vista para aplaudir, eu sou o ato. Uma exibição privada do meu tormento. Lentamente torturada, tudo para provar um ponto, para enviar uma mensagem.

Sibilo, sentindo-o chiar através de meus dentes enquanto viro minha cabeça para longe do Jogador Um, como o chamo. Seus dedos viscosos pressionam minhas costelas, o hematoma que se aproxima lateja de dor. Posso senti-lo cavar em minha pele, marcando o osso e empurrando ainda mais.

— Esta é apenas a prévia, garota — ele diz em meu ouvido. — Se

você continuar cavando, estará em seu próprio túmulo. Acha que eles não voltarão por você? Terminar o que começamos?

Meus dentes afundam em minha língua, reprimindo um grito de agonia quando a ponta fria da faca me corta. A ponta rasgando a carne, abrindo outra ferida em meu corpo.

Eu me odeio pelo gemido que escapa, a prova de sua tortura me afetando. Briar não teria deixado que eles a vissem derramar uma lágrima e Sage teria morrido antes de mostrar fraqueza.

— Tudo bem chorar. Vá em frente e chore. — O Jogador Dois, aquele que usa uma máscara branca, insiste. Caminhando em minha direção, colocando a mão no topo da minha cabeça, acariciando meu cabelo com movimentos suaves.

— Quero que seus amigos vejam suas lágrimas. Ensanguentadas, machucada e quase morta. Talvez assim, aprendam a se manter fora de negócios que não os envolvam.

Luto contra a vontade de deixar as lágrimas caírem, recusando-me a lhes dar o prazer de me destruir. Mesmo que a dor seja insuportável, cada respiração é uma tarefa árdua. Meu rosto estava dolorido dos golpes anteriores, o sangue do torso escorrendo de vários pequenos ferimentos abertos.

Não foi o suficiente para me matar. Como disseram, eles não queriam me matar. Queriam que eu vivesse para que pudessem provar um ponto. Queria que eu rastejasse de volta para eles mutilada, na esperança de que meus ferimentos nos assustassem e nos calassem, mas eles não conheciam os rapazes. Do que eram capazes quando desprezados. O que seu espectro poderia fazer em tempos de tristeza.

— Eles vão te matar — sussurro, inspirando. — Quando te encontrarem, vão estripar você como peixe. Não tem a mínima chance.

Um som de tapas ecoa na tenda do circo. Minha cabeça girando com a força do golpe na minha bochecha esquerda. Música caprichosa gira em minha cabeça, flutuando nos alto-falantes. Passo a língua na

minha bochecha, engolindo a queimadura. Verificando se todos os meus dentes ainda estão intactos.

Seus dedos agarram meu queixo, puxando-me para encará-lo. As cordas enroladas na parte superior do meu corpo apertam enquanto tento puxá-las. Eu me sinto tão impotente, e a única pessoa que posso culpar sou eu mesma. Se apenas tivesse seguido as regras. Ficado no circo, em vez de seguir Easton até sua casa. Eu deveria ter feito o que os rapazes pediram, mas não consegui.

Não podia me encontrar com eles e suportar o peso de seus olhares enquanto lhes dizia que não havia conseguido nada de importante conforme seguia Easton Sinclair. Nem o seu pai, nem o Halo, nem a porra de uma multa por excesso de velocidade. Falhei com eles. A sua decepção teria doído muito mais do que qualquer surra que esses dois pudessem dar.

— Você fodeu com as pessoas erradas. Isso era poderoso demais para aqueles idiotas ricos que chama de amigos. Deviam ter deixado passar a morte daquela garota. Agora é você quem está pagando pelos erros deles, tudo por causa do orgulho ferido.

O Jogador Um desenha preguiçosamente a faca pelo meu corpo de uma forma provocante. Um predador brincando com sua comida, arrastando a presa. Quando atinge a junção entre meu ombro e pescoço, rasga meu suéter para expor minha pele. Eu tento bloqueá-lo. Ignorar a dor e pensar em qualquer outra coisa. Minha respiração está instável enquanto mergulho em como cheguei aqui em primeiro lugar, me distraindo o melhor que posso.

Os detalhes são confusos, desgastados nas bordas da minha memória, mas me lembro de seguir Easton desde o circo, embora tenha prometido que não o seguiria. Eu precisava conseguir algo sobre ele. Não poderia decepcionar todo mundo aparecendo de mãos vazias.

Uma dor excruciante atinge meu ombro, o sangue molha minha pele, mas mantenho meus olhos à frente e minha mente ocupada. Não valem meu medo ou meu sofrimento. Eles não ganharão.

Segui Easton até a residência dos Sinclair. Entrei na sua casa



quando vi que ele havia deixado a porta da frente destrancada. Lembro-me de cada centímetro de sua casa. O que encontrei na mesa de Stephen, a porta trancada em seu escritório e aproximadamente quanto tempo tive que me esconder em um armário até que Easton e sua mãe terminassem de discutir durante o jantar.

Posso acompanhar todos os passos de sua casa e também do meu carro, lembro-me de entrar no estacionamento da escola, planejando esperar lá até a hora de encontrar os rapazes.

A última coisa que meu cérebro consegue lembrar é minha porta sendo aberta e uma mão agressiva envolvendo meu braço. Depois disso, está tudo em branco. Minha memória fica sem fita e a tela se transforma em ruído branco.

Os dedos correm ao longo da ferida recente em meu ombro, e olho para ver o Jogador Dois deslizando os dedos em sua boca. Lambendo meu sangue de sua pele.

— Tem um sabor tão doce, quase doce demais para desperdiçar.

A bile se aloja em minha garganta, observando-o chupar os dois dedos cobertos com meu sangue.

— Foda-se — cusbindo no pano preto do tecido protegendo seu rosto. — Você.

Saliva e respingos de sangue através da máscara causando um rosnado desagradável vindo de seus lábios enquanto pressiona seu rosto coberto contra o meu. Suas unhas penetram meu couro cabeludo, arrancando meu cabelo. O cheiro de podridão em seu hálito quente faz meu estômago revirar.

— Isso pode ser arranjado, garotinha.

Se pensaram por um segundo que eu cairia fácil, se enganaram. Posso estar amarrada a esta cadeira, espancada e sangrando, mas me recuso a ir em silêncio. Quando deixarem meu corpo para os insetos se alimentarem, minha marca permanecerá em sua pele. Eles se lembrariam de mim, do jeito que lutei, e eu não morreria esquecida.

Com toda a força que me resta dentro do meu corpo amarrado,

jogo minha cabeça para trás e a lanço para frente, batendo minha testa no que espero ser o seu nariz. Meu crânio lateja em protesto contra o conluio, mas seu gemido de desconforto é suficiente para fazer valer a pena.

— Sua vadia! — Ele grita, arrancando a máscara para segurar o nariz partido. Seu rosto não me é familiar, mas tento tirar uma foto mental de cada detalhe.

A maneira como seu cabelo loiro oleoso cai na frente de seus olhos esfarrapados. A verruga que vive em sua bochecha e a cicatriz que se curva ao redor de seu lábio superior. Marco cada característica em minha mente, mantendo-a lá apenas no caso de eu conseguir sair disso.

— Não devemos tirar as máscaras — insiste o Jogador Dois, olhando para mim. — Não estávamos...

— Não importa. — Seu parceiro remove completamente a cobertura facial, jogando-a no chão. — Não importa se ela nos vê agora. Não viverá para falar sobre nossa aparência.

Meu intestino revira. O terror incha dentro do meu peito como uma onda, abatendo-se por todo o meu corpo. Suas mãos grandes me agarram de cada lado, me puxando da cadeira com facilidade.

Chuto meus pés na areia, jogando para cima os pedaços granulados. Meus pulmões, grito após grito, enquanto me arrastam para trás. Lágrimas correm pelo meu rosto conforme sinto metal arranhando minhas costas.

Minha cabeça se vira, procurando por algo que me diga para onde vou. Eu pego um vislumbre do que parece ser um conjunto de escadas. Degraus de grade preta, levando a uma pequena plataforma. Meu corpo bate contra cada inclinação, doendo com cada impacto.

Quando chegam ao topo, meu peso é jogado na plataforma. Não demoro muito para entender qual é o seu plano. Lembrando de quando me acordaram pela primeira vez, o que restou do evento desta noite.

Um ponto ainda preso no ringue, alterado para criar o dispositivo de tortura perfeito. Um tanque cilíndrico que havia sido usado como um ato mágico anteriormente. Fuja do inevitável. Um tanque cheio de água até a borda, enquanto acorrentavam um artista ao fundo. Escape e é um *Houdini* moderno. Não faça isso e se afogará.

Não era água, porém, dentro dele. Era mais grosso e escarlate. Escorria pelo tanque, com pelo menos 3,5 metros de profundidade, balançando com meus momentos de ansiedade na plataforma.

— Sangue de porco. — Jogador Um diz sarcasticamente. — Daríamos a você seu próprio momento Carrie. Mergulhe a cabeça algumas vezes, aumente a adrenalina, mas você tem sido difícil, garotinha.

Meu coração lateja em meus ouvidos, quando me jogaram dentro disso, não haveria esperança para mim. Eu afundaria até o fundo e nunca mais ressurgiria. Seria o fim.

— Matar-me não vai detê-los — pressiono meus braços contra as cordas, tentando encontrar um ponto fraco nos nós, mas não tenho sorte. — Só piorará. Seu chefe sabe o que fizeram com Rosemary Donahue. Eles não pararão.

— Meu chefe... — se vangloria — Não se importa. Acho que não há nada que ele queira mais do que matar um filho de cada família fundadora. Fazer esta cidade colher o que plantou. Você é apenas o aviso do que está por vir, Lyra.

— Não sairá vivo. — Ofego.

— Um ajuste de contas está chegando, garotinha. Para você agora, e para todos aqueles seus amiguinhos depois. Só espero ser o único a destruir Pierson.

Decidi desde o momento em que me sequestraram, os responsáveis pelo Halo contrataram esses homens. Estávamos ficando sem tempo e eles vinham atrás do nosso silêncio. Mesmo que tivessem que nos matar para recuperá-lo. Demos um passo longe demais, aprendendo demais. Matar um professor e um assistente de ensino

para descobrir as drogas que usam para sedar as meninas que sequestram. Queimar o prefeito vivo por vender Rosemary, matar dois detetives corruptos envolvidos na rede.

Tínhamos ido longe demais.

Ao ouvir o nome de Thatcher, meu coração dispara. Um soluço me sufocando, vontade de implorar. Implorar por misericórdia e orar, para ficarem longe, muito longe, mas não de mim.

Nunca de mim. Dele.

— Vá em frente, implore-me. — Jogar Dois diz. — Implore-me para poupar sua vida e poderia apenas mantê-la viva o tempo suficiente para ver o quão bem toma meu pau.

Meu corpo se encolhe com suas palavras grosseiras. Uma lágrima singular caindo dos meus olhos pelas escolhas que me restam. Comporte-se, me implora, curvar-me a esta nojenta desculpa de homem para pôr as suas mãos imundas no meu corpo ou ficar onde estou, deixando que me empurrem para uma cuba de sangue animal onde afundarei.

Duas opções, era nisso que minha vida se resumia. Duas opções de merda. Minha vida se resumia a tudo isso. Tudo o que já fiz seria esquecido e eu me tornaria uma manchete sangrenta de jornal sobre uma garota que foi morta no *Nightmare Circus*. Outra história de fantasmas para assombrar as ruas de Ponderosa Springs.

Com a última gota de esperança que me falta, alcanço a mim mesma. Desejando que minha voz ricocheteie no tecido desta tenda, desejando que meu corpo através das lágrimas clame por ajuda.

Gritar pelo único nome que existia no meu cérebro agora. Aquele que sentia que poderia me salvar desse maldito final. Minha última chance, o garoto que congelou o horror com seus passos de inverno na última vez que a morte flutuou sobre mim.

Meu anjo. — Thatcher!

Foi um grito *alma penada* no vazio. Orando por algum ato do destino divino, ele estava por perto. Que veio me procurar, notou

minha falta. Que de alguma forma ouviria minha voz sobre a música de circo rodopiante, sobre o vento uivante.

Eu só precisava que ele viesse por mim. Para me salvar desta última vez, porque eu não estava pronta para morrer. Não assim - não antes de me formar ou de ver meus amigos caminharem até o altar. Queria fazer carreira, crescer, queria viver. Não queria morrer antes de...

— Thatcher, por favor — grito, sangue saindo da minha boca. — Thatcher!

— Que lindo cadáver você será. — Um deles murmura, antes que a força da bota de alguém bata no meu lado.

Isso me faz cair no tanque; o sangue me acolhe com seus braços pegajosos e perfume metálico. Puxando-me para baixo da superfície para uma morte aquosa. O mundo se tornou um magnífico tom de vermelho quando afundei no tanque. Rosas esmagadas que escorriam pelos meus olhos fechados e tinham gosto de moedas. Meus sentidos giraram em tons brilhantes da cor familiar. Cereja, granada, vermelhão e rubi.

Estava em todo lugar. Encharcada pelas tensões do meu cabelo, enfiada dentro dos meus pulmões de luta e presa nas paredes da minha garganta. Estava me consumindo, me comendo viva, me engolindo inteiro, porra.

Meu peito arde, desesperado por ar. Tentando desesperadamente rasgar o material áspero que circulava ao meu redor, mas sem oxigênio em meus pulmões, meus membros estão fracos. O tanque é fundo, fundo demais, e não tenho energia suficiente para me manter flutuando sem as pernas. Minha cabeça está tonta, a queimação em meus pulmões se transformando em uma sensação de conforto. Como se meu corpo soubesse o que acontecerá em alguns breves momentos.

Sinto braços envolvendo minha cintura, lembrando-me da noite em que dancei com Thatcher, há um ano, no baile *All Hallows Eve*. O que ele fez como uma distração para nossos amigos foi uma lembrança profundamente gravada em minha mente.

Encontrando Briar pela primeira vez. Como seus olhos tinham sido inocentes. Queimar uma árvore com Rook e pegar Alistair no meu chuveiro depois que ele ficou em nosso dormitório. Ver Sage sentada no refeitório depois que ela voltou.

Memórias que mantive guardadas com segurança dentro de um carretel. Flash após flash. Uma reprodução dos melhores momentos da minha vida, um filme de conforto final antes de ser recebida na vida após a morte. Meu subconsciente parecia desaparecer em direção à luz, uma luz forte e brilhante e o gosto do ar me fazendo engasgar. Todo o sangue entalado na minha boca sai enquanto engasgo.

— Pegue-a.

Mãos me tocam, enrolando-se na corda ainda enrolada em meu corpo. Meu cérebro tenta decidir se entrei na imortalidade ou se meu chamado foi atendido e eu ainda estava viva. Tento piscar além das listras de vermelho, agarrando-me aos meus sentidos, tentando limpar a névoa carmesim que me cega.

— Que porra pensa que estou fazendo? Jogando damas?

— Você é inútil.

— Se você não calar a boca, vou largá-la e ambos podem se afogar, idiota.

— Apenas... — Uma pausa — Apenas ajude-a.

Posso sentir meu peito subindo e descendo, engolindo o oxigênio o mais rápido possível. A dor permanece, e é isso que me diz que ainda estou viva. Que de alguma forma, consegui sair daquela sepultura líquida.

Vozes sussurram ao meu redor, a sensação de metal frio descansando contra minhas costas. As cordas se afrouxam, meus braços podem se mover livremente.

— Lyra, Lyra, Lyra...

O toque de uma pessoa familiar se inclina sobre meu corpo, afastando meu cabelo molhado do meu rosto enquanto meu nome é

cantado. Quando meu cérebro recebe o ar que foi negligenciado, o resto dos meus sentidos retornam.

Consigo sentir o cheiro de algo fresco. Minha pele sente suas mãos frias e meus olhos percebem os detalhes de seu rosto. Seu cabelo prateado estava manchado de vermelho, pingando marrom. Olhos azuis tão claros que quase podia ver meu reflexo dentro deles.

— Thatcher — murmuro, uma oração em meus lábios. — Thatcher.

Com uma mão trêmula levanto meus dedos, traçando a linha em suas sobrancelhas, o V profundo enrugando sua testa. Posso senti-lo. Ele é real. Não tenho certeza se estou realmente pensando, ou talvez seja porque isso ainda parece um sonho. Afundo meus dedos nas mechas molhadas de seu cabelo, puxando sua cabeça para baixo.

Um sonho em que ele veio atrás de mim, ouviu meu apelo e veio atrás de mim. O vilão que havia desistido de seu plano de vingança para salvar a garota que o herói havia sido sacrificado.

— Lyra.

Meus lábios tocam os dele em uma colisão silenciosa. O primeiro floco de neve do inverno roçando minha boca. Uma estrela cadente deslizando pelo céu em maravilha furtiva. O sussurro de sua última expiração chocalhando entre meus dentes, enchendo meus pulmões vazios. O sopro da vida do anjo da morte. Seus lábios estavam firmes contra os meus, um presente dos deuses.

Não há fogos de artifício. Não é um beijo dominado pela fome ou lavado pela paixão. Apenas nossos lábios encostados nos do outro, um breve descanso em um momento de caos. Nossas bocas, falando sem palavras.

— *Olá, está segura aqui. Você está segura comigo.*

Ele é o primeiro a se afastar, apenas o suficiente para criar um fino véu de espaço entre nossos lábios. Pisco várias vezes, observando seu rosto passivo olhar para mim.

— Eu não... — minha voz é rouca. — Não queria morrer sem te beijar primeiro. Parecia muito cruel morrer antes de saber como era.

Thatcher passa o polegar pela minha boca inchada, massageando suavemente a sensação de seu beijo na minha pele. Pressionando o seu gosto em mim. As bordas de sua boca se contraem.

— Minha querida fantasma — ele sussurra. — Não morrerá, não até que eu termine com você.



### BANHO DE SANGUE

#### Thatcher

Esta não era a minha rotina normal.

Não passei meses rastreando, caçando e reunindo informações sobre essa vítima. Não podendo poupar tempo para criar o começo e o meio de seu concerto. Não escrevi notas, apaguei e compus músicas horríveis para montar meu palco. Simplesmente avançando rapidamente no final sem pensar em como sua morte soaria emparelhada com meu piano.

Normalmente, estar fora de um padrão me desconcertaria. Não estando no meu espaço, com todas as minhas armas e suprimentos de descarte. Nenhuma música clássica tocando ao fundo.

Não era assim que eu matava pessoas. Minha destruição do corpo humano era uma arte. Uma com a qual muitas vezes dediquei meu tempo, passei meses planejando, elaborando a peça musical perfeita para cada seção da matança.

Neste momento, era assim que fiz um homem pagar por tocar no que me pertence.

Olhei para frente, vendo um homem amarrado a uma tábua circular. Um cinto preto grosso esticado em sua cintura, ambas as mãos cruzadas acima da cabeça e os pés presos em algemas. As estrelas vermelhas pintadas na tábua aparecem e desaparecem atrás de seus membros.

Tenho certeza de que eles usaram esse acessório como parte de um ato de arremesso de facas. Onde um homem confiante ficou na frente de uma multidão e atirou armas cegamente em uma mulher seminua. Quase perdendo a pele por meros centímetros e deixando a

multidão animada.

Exceto que eu comandava o show agora. O picadeiro do circo era minha arena de morte e não planejava perder.

— O que vai fazer? — Meu alvo insiste. — Cara, por favor, o que ele fará? Vai me matar, porra?

Alistair permanece em silêncio, apenas olhando para ele de sua cadeira que puxou da plateia. Um cigarro queimando em seus lábios, uma névoa de fumaça flutuando na frente de seu rosto passivo.

Foi ele quem pegou um culpado antes que pudesse fugir. Levou-o de volta ao picadeiro e esperou por minhas instruções. Sabendo que não deveria colocar um dedo na minha presa. Sabia que esta matança era minha e somente minha.

Eu queria cada gota de sua dor, seu medo, sua vida. Meu estômago roncou, faminto pelo poder que vinha da batida final do coração de alguém.

Meu corpo se move, olhando para o rolo de facas aberto, exposto em uma cadeira, lâminas individuais enfiadas em bolsos separados ordenadamente. Meus dedos roçam as pontas afiadas, o desejo de vingança me deixando faminto, selvagem.

Cuidadosamente, minhas mãos enrolam cada uma das mangas da minha camisa manchada de sangue, expondo meus braços pálidos e cheios de veias por baixo. O ar está frio contra meu pescoço, a expectativa aumentando minha temperatura.

O som da tenda abrindo chama minha atenção. Lyra entra, seu lábio machucado atraindo a atenção. O lábio que senti contra o meu há alguns momentos atrás. Sua boca tinha gosto de brutalidade e medo. Exatamente o oposto do sabor de cereja que eu esperava.

Depois de tirá-la daquele maldito tanque, senti o gosto da raiva. Eu tinha visto isso em outras pessoas, testemunhei o que podia fazer, mas nunca senti por mim mesmo. Assim não. Minha fúria era um predador silencioso e fervilhante. Como se pudesse sentir a emoção correndo em minhas veias como uma lixa. Áspera contra a minha pele

e enrolando minha espinha.

Esta foi a minha primeira morte, que estava enraizada na emoção. Impulsionada por ela.

Lyra era meu farol de emoção. Todos esses sentimentos que nunca tinha experimentado estavam acontecendo comigo por sua causa. Estar perto dela estava me tornando cada vez mais humano.

Meus dedos flexionam quando Rook entra atrás dela, sua mão enrolada em torno do braço de Lyra, puxando-a para trás, sua voz alta o suficiente para eu ouvir.

— Lyra, precisamos te levar ao hospital. Você não quer ver isso. Não quer vê-lo assim.

— Eu não vou embora. — Ela argumenta, afastando de seu alcance, determinada a continuar se movendo mais para dentro da tenda e mais perto de mim.

— Por favor...

— Lyra. — Chamo o seu nome interrompendo meu amigo. Seus olhos suaves se voltam para mim, como se minha voz fosse o único som que ela ouvisse. Entorto um dedo, provocando em um movimento de vir aqui. — Vem.

Rook remove sua mão, balançando a cabeça com um bufo, enquanto ela se move em minha direção. Não perco a maneira que ela manca um pouco, ainda de cabeça erguida, recusando-se a mostrar sua dor. Quer provar que eles não a destruíram. Que nunca poderiam destruí-la. Algo cresce dentro de mim e acho que pode ser orgulho. Lealdade não só para mim, mas para ela mesma.

Quando ela está perto o suficiente, me aproximo, segurando seu queixo com meus dedos. Inclino a sua cabeça de um lado para o outro, observando cada arranhão, cada pequena inconsistência, cada hematoma.

Ela deveria ir embora, fazer um exame não apenas fisicamente, mas mentalmente. O que ela experimentou a atingirá com força assim que a adrenalina desaparecer. A resposta ao trauma de se enrolar

dentro de si mesma voltaria com vingança e uma pessoa só consegue lidar com tanto antes de desaparecer e nunca mais voltar.

— Você está bem?

— Sim — ela acena. — E quero assistir. Eu sei que você disse que terminamos, mas preciso assistir. Preciso aprender, Thatcher, antes que essa coisa me coma viva.

— Não deixou que eles vissem você desmoronar. — Murmuro, esfregando meu polegar em sua pele.

Sinto seu corpo se acomodar ao meu toque, derretendo-se em minha mão. — Você me disse para não fazer isso.

— Você fez tão bem, querida fantasma. — Sussurro, levantando a sua cabeça para que ela olhe para mim. — Quer sua recompensa? Gostaria que eu fosse seu professor hoje à noite?

Seus olhos de jade se arregalam, o interesse aumentou e possivelmente chocada por eu estar concordando tão facilmente.

— Não há mais livros didáticos?

Um sorriso puxa minha boca enquanto balanço minha cabeça. — Sem livros didáticos. Apenas você sendo uma pequena aluna dedicada. Eu faria algumas anotações, poderia haver um teste.

Este pequeno acordo secreto entre nós dois é minha maior luta e a coisa mais difícil de liberar. É difícil admitir em voz alta, mas eu gosto de Lyra observando. A perseguição pelas sombras com os olhos focados apenas em mim. Sou o centro do seu mundo e ela é minha pequena *voyeur*.

Alívio se instala em seus ombros.

— Obrigada. — Ela murmura, pouco antes de se virar e caminhar em direção a um assento na primeira fila. Olho para Rook, inclinando minha cabeça em direção a ela, querendo que ele fique por perto caso algo aconteça.

Permito que meus pensamentos permaneçam nela. Na imagem de seu rosto de porcelana, impecável ensanguentado e machucado, e

manchado de uma forma que nunca deveria ter sido. Toda a minha raiva é singular. Está focada, direcionada para uma pessoa e apenas uma.

— Meu pai me deu um conjunto de facas de arremesso quando eu era criança — digo, levantando uma lâmina de aço inoxidável com ponta de lança. — Uma forma de praticar o manejo de uma lâmina com eficiência. Acho que se tornou um hobby meu, no qual sou muito bom agora.

Meus dedos longos e cuidadosos tiram uma lâmina da bolsa, girando-a em minha mão. O acabamento preto fosco é forjado da noite. Projetada para furtividade e feita para mortes rápidas e silenciosas. Sua cor escura é gêmea das minhas luvas de couro, minha palma pesando a adaga com uma imobilidade silenciosa que lança uma energia misteriosa no ar.

Eu sabia o que ia fazer esta noite, mapeei cada segundo da tortura no momento em que entrei nesta tenda. No entanto, senti como se estivesse dando um passeio pelo bairro.

Não vibrando emoção ou pânico. Apenas uma morte invejável.

— Que porra é essa, cara — murmura o homem preso à tábua de madeira. — Estava apenas fazendo meu trabalho. Não íamos realmente matá-la. Apenas assustá-la um pouco, sabe? Era só isso, juro!

— Qual o seu nome? — Pergunto secamente, ignorando suas palavras. Não estou interessado no que ele tem a dizer.

Ele geme, rangendo os dentes enquanto as lágrimas escorrem de seus olhos. Dominado por tanto medo, tenho certeza que mal consegue respirar. Está sufocando-o, pesando em seus pulmões como um mais ousado. Pergunto-me se ele está pensando em seus últimos momentos do jeito que eu estou. Se ele está preparado para encontrar seu criador.

— Porra, porra, porra! Isso é tão fodido. Não era para ser assim!

Normalmente, jogaria um pouco mais, arrastaria o primeiro corte.

Eu me afio com o primeiro golpe de poder que surge através de mim quando corto a pele de alguém, mas não estava com humor para brincar com a minha comida esta noite.

Como um raio cortando o ar, a adaga negra gira como um raio. Atingindo o alvo com um baque estrondoso, seguido por um guincho das profundezas do estômago deste homem.

Faz cócegas em meus ouvidos. Aquece algo dentro de mim da mesma forma que tocar *Horowitz*.

Sangue escorre do centro de sua palma. A lança perfurou sua mão exposta, prendendo-a efetivamente na tábua abaixo. A primeira facada no meu quadro de pinos humano.

— Michael! Michael! — Ele grita, a pele pálida enquanto olha para sua mão espetada. — Meu nome é Michael!

Enquanto coloco outra lâmina entre meus dedos, aceno. Eu giro o metal, girando-o em meus dedos. Isso deveria ser para Lyra. Minha razão para matar este homem está aqui. No entanto, não posso deixar de me sentir feliz ao vê-lo murchando de dor. Contorcendo-se contra suas restrições, desesperado por minha misericórdia. Isso realmente me torna o herói moralmente cinza sobre o qual todos elogiam? Corrigir os erros que a sociedade nunca faria? Ou isso é apenas uma desculpa para tocar no meu lado que está com fome de matar?

Meus olhos se movem para o público, examinando os assentos vazios até que meu olhar se conecta com o dela. Ela é uma versão de pesadelo de si mesma. Engolida por cortes, hematomas e sangue que não é dela. Esses cachos selvagens estão frisados e suas roupas encharcadas, mas não vejo nada disso. Na verdade.

Eu apenas a vejo. Scarlett.

A garotinha que jogou um sapato em mim em nosso primeiro encontro. Alguém que estava com tanto medo, mas também tão corajoso. Naquela noite, eu não tinha visto nada como ela. Alguém tão impetuoso e ousado. Voando do armário com seu cabelo preto escuro rodando e olhos cheios de determinação. Ela era tão diferente da

minha vida esterilizada, tão caótica.

Naquela sala que cheirava a morte, ela se sentia como a última coisa viva. Essa coisa linda e bagunçada que eu não consegui matar. E o fato dessa escória de homem pensar que poderia me enfurecer.

— Michael — murmuro, olhando para longe e de volta para o meu alvo. — Significa, aquele que é como Deus.

Eu sou o mestre de cerimônias. O controlador do show, fazendo-o dançar e se contorcer para o meu prazer. É mais que a violência física, é o jogo mental que alimenta meu ego.

Era isso que Lyra esperava aprender. Ela foi paciente, superando todos os meus obstáculos para poder testemunhar este momento. Para ensiná-la a ferrar com a mente de alguém, como destruir seu espírito antes mesmo de tocá-lo. Como dominar a calma, ser a imagem de um assassino.

— Acredita que é como Deus, Michael? Que o sangue divino corre em suas veias e tem o poder de decidir o destino da vida ou da morte?

— Não me mate, por favor. Não posso morrer. Não estou preparado. — Ele diz. — Isso nem foi ideia minha. Fui apenas contratado e precisava do dinheiro extra. Não tive nada a ver com isto.

— Mas teve — corrijo. — Você teve uma parte nisso. Sequestrou uma garota inocente e decidiu que seu ego era mais importante que a vida dela, não foi?

— Não fui eu! Foi Colin! Ele queria matá-la, não eu. Eu só queria fazer o trabalho. — Ele engole, olhos arregalados. — Se você me poupar, vou te levar até ele. Posso descobrir onde ele mora!

O peso da lâmina fica equilibrado na palma da minha mão. — Quem te contratou?

Um gemido choroso vem de sua garganta. — Merda. Merda, não posso te dizer. Posso levá-lo até Colin, mas não posso lhe dizer isso. Eles me matarão. Vão me fazer em pedaços, cara. Não posso.

Quase rio por ele pensar que o que eles têm reservado para ele é pior do que meus planos. Outro dardo preto zuniu pelo ar, silencioso como a pena de um pássaro aterrando no meio da pélvis de Michael. Cortando a carne, rasgando sua pele.

Com base no uivo angustiante, é seguro dizer que acertei meu alvo.

— Pontaria impressionante, considerando o quão pequeno é. — Alistair fala de seu assento, dando outra tragada em seu cigarro.

A lâmina está presa entre suas coxas, perfurando o que espero que seja seu pau e bolas. Lágrimas escorrem por seu rosto, todo o seu corpo tremendo. O cabo balança a cada respiração irregular que ele dá.

Será uma maneira lenta e dolorosa de morrer. A menos que essas facas sejam removidas, isso o impedirá de sangrar. Abrirão os buracos e o manterão respirando até que eu termine. Ele não tem opção a não ser ficar lá em sofrimento.

— Não esperava que você soubesse disso, porque não me conhece, Michael — digo, pegando outra faca sem olhar. — Mas também não acredito que seja como Deus.

Viro-a na minha mão antes de erguer meu braço atrás da minha cabeça e jogá-la para frente. Eu me movo suavemente, apenas um som vindo de meus movimentos quando escorrega de minhas mãos e crava no centro da mão esquerda de Michael.

Por um instante, ouço ossos quebrando, antes que outra série de palavrões saia de sua boca. Demoro meu tempo, me aproximando mais da tábua circular e do homem pendurado nela.

Cada passo é letal e seguro.

Minha mão enluvada agarra a mandíbula de Michael, minha voz ainda mortal. Calmo como a noite límpida.

— Sou pior do que qualquer deus, sabe. Não há misericórdia concedida aqui ou milagres concedidos. Sou o santo padroeiro da sua morte. Você morre quando eu quero.



Michael soluça, grandes gritos de um homem que havia ameaçado tirar a vida de Lyra. O poder que ele pensou que tinha sobre ela muda. Ele agora é um inseto minúsculo e inconveniente debaixo do meu sapato.

— Quem te contratou? — Pergunto novamente, sentindo a onda de euforia me invadindo com seus gritos, ranho escorrendo de seu nariz e o rosto corado de tanto gritar. — É do seu interesse me contar, Michael. Posso fazer isso durar a noite toda.

Eu o destruí. Destruí todos os pedaços de masculinidade que ele já teve. Percorri suas barricadas, até que tudo o que resta é um homem triste desesperado por sua vida.

— Stephen Sinclair. — Ele grita com os dentes cerrados. — Stephen Sinclair nos contratou!

Não há surpresa em meu rosto. Todos nós sabíamos que o reitor de Hollow Heights estava ligado ao Halo de alguma forma. Sabíamos que era uma cobra muito antes de Rosemary aparecer morta.

— Por que? — Exijo.

— Não sei. Ele só nos falou sobre o trabalho. Agarre-a e a jogue um pouco. — Ele tosse. — Quando perguntei por que, tudo o que disse foi: *“Para quando ela voltar rastejando para seus amigos degenerados, eles saberão o que está em risco. O que sou capaz de tirar deles”*.

Minha mão agarra o cabo da faca alojada entre suas pernas, puxando-a com força para a esquerda. Incitando outro grito de socorro de sua boca.

— O que mais você sabe?

Michael inclina a cabeça para o teto, os olhos bem fechados. Tentando imaginar uma realidade diferente, esperando desesperadamente acordar desse pesadelo.

— Não era para ser Lyra. — Ele resmunga. — Disseram-nos para pegar Sage Donahue, mas nós-eu...

— Mas você? — Aplico mais pressão na faca, cortando as

palavras de sua garganta.

— Um garoto loiro entrou e disse que não. Tinha uma cicatriz feia no rosto e exigiu que Stephen escolhesse Lyra Abbott. Disse que ela era a mais fraca do grupo e que desmoronaria mais fácil.

Posso sentir a raiva de Rook em relação a Easton Sinclair se misturando com a minha. Sabendo que há pouca estive a segundos de quebrar seu pescoço e deveria, de acordo com esta informação.

— Tem certeza de que não havia mais nada?

— Tenho certeza! — Ele grita. — É isso! Isso é tudo que sei, juro pela de Deus, porra.

Concordo com a cabeça, sabendo que esta é toda a informação que ele será capaz de me dar. Não há muitos homens que mentiriam enquanto uma lâmina era enfiada em seu pênis, e ele não era um deles. A cor em seu rosto não existe. Está pálido, medonho e perdendo sangue. Terminei com ele. Ele cumpriu o propósito de nossa agenda e agora estou livre para acabar com ele.

Estendo a mão, segurando o cabo da faca em sua mão e a removo rapidamente. O sangue escorre da ferida e cobre minha luva. Estou a segundos de enfiar esta arma em sua traquéia, quando ouço a voz de Lyra.

— Espere.

Viro minha cabeça, olhando para ela parada na frente da barreira, caminhando em minha direção como se eu fosse a lua e ela a gravidade. Atraída por mim como um ímã sem escolha a não ser me procurar.

Alistair e Rook estão olhando, observando essa interação com olhos silenciosos. Duas pessoas presas entre planetas em órbita que não têm ideia de como estar na galáxia um do outro.

— Eu quero fazer isso. — Ela murmura.

Minhas sobrancelhas se juntam, olhando para ela bruscamente, com expectativa. — Quer fazer o quê?

Uma respiração constante passa por seus lábios, o queixo inclinado para cima e a espinha enrijecendo. — Quero ser a única a matá-lo.

Lyra não é mais a garota frágil e tímida que mostra ao mundo. É uma força, tecida pelo desejo de matar e pela beleza secreta. Esta mulher sombria e perversa que quer vingança.

Uma companheira do ceifeiro, sua amante e segunda mão.

Ela se aproxima, sua respiração soprando nas planícies do meu rosto. A fome por algo totalmente diferente se acumula em meu estômago. Desejo, quente e ofuscante me queima.

Eu nunca tinha visto ninguém mais bonito. Nunca me senti tão atraído por outra pessoa antes. Tão apaixonado por ela que não estou nem um pouco desapontado com o fato de não tirar a vida desse idiota.

Estendo a palma da mão, a lâmina é dela para fazer o que quiser. Sinto seus dedos se curvarem ao redor do cabo, tirando-a de mim. Com facilidade me afasto, segurando meu braço, acenando para ela em direção a Michael.

Eu me inclino para frente, minha boca roçando o fundo de sua orelha. — Deixe-me orgulhoso, querida fantasma.

Ela acena com a cabeça, não afetada pela minha respiração contra sua pele. Eu a observo caminhar em direção ao tabuleiro, a rainha da morte reivindicando sua coroa de ossos e dentes. É distorcido e imoral, mas posso sentir minhas calças apertarem. Meu pau inchando enquanto ela segura a faca na mão, arrastando a ponta contra o peito dele, desenhando uma linha inofensiva até sua garganta.

— Olhe para mim — diz ela, olhando para ele, mas claramente quem está no controle. — Quero que você olhe para mim.

Quando não segue suas instruções, ela usa a outra mão para agarrar a faca entre suas coxas, ainda cravada em sua carne. Ele geme quando ela contorce, repetindo-se mais uma vez antes de finalmente

abrir os olhos.

Minha boca está cheia de água. Ao vê-la aceitar a sua parte secreta, ela parece ter tanto medo. Possuindo cada grama de fome que carrega dentro de si. Quando ela remove a arma completamente de sua virilha, ele engasga. Gorgolejando em torno de um grito de agonia, enquanto o sangue encharca a frente de sua calça jeans.

— Pareço frágil para você? — Ela fala, uma confiança que nunca vi antes brilhando.

— Por favor, me desculpe. Deus, tenha misericórdia de mim. — Ele choraminga, as pupilas dilatadas do tamanho de pires. Um pedido de misericórdia em seu olhar, e talvez a Lyra que todos conheciam tivesse dado a ele, se a criatura dentro dela não estivesse tão faminta.

Há um instante de pausa. Apenas seus suspiros e gemidos de desconforto. Observo Lyra girar ambas as lâminas em suas mãos, apertando o cabo em seus pequenos punhos.

— Seu deus pode conceder-lhe perdão — ela sussurra, enquanto Michael levanta a cabeça para encontrar seus olhos — mas você é um tolo por esperar a mesma simpatia de mim.

É um movimento rápido, tão repentino que acho que perdi o impacto. Em um segundo, seus olhos estão abertos e no próximo há lâminas gêmeas cravadas profundamente em suas órbitas. As pontas afiadas perfuram o material mole de seus globos oculares. O ruído do tecido rasgado e a visão de sangue projetando é sua morte. Sua boca estava aberta, palavras engasgadas saindo.

Ela abre as mãos, recuando com as palmas voltadas para fora e bate ambas na extremidade das facas, enviando a arma mais fundo no crânio dele. Posso ouvir o esmagamento do osso humano sob o peso da lâmina enquanto ela silencia o homem que tentou tirar sua vida.

Há tanta força por trás disso, que sua cabeça está presa na tábua de madeira atrás dele. O sangue escorre em estrias, pintando linhas confusas em suas bochechas.

Poder. Alívio. Orgulho.

Incha no ar à medida que o cadáver de Michael permanece amarrado, a boca entreaberta em um grito silencioso. Uma versão demoníaca da obra de arte de Leonardo da Vinci no corpo humano.

Um crucifixo de vingança.

Sinto a presença do meu amigo antes de vê-lo, sua voz trêmula em meu ouvido.

— Ela é assustadora *pra* caralho, cara.

— Não — Meus lábios se contraem nos cantos, apenas o suficiente para eu perceber. — Ela é excepcional.

Minha aluna dedicada.

Minha pequena Pet.

# VINTE

## O PIANISTA

### Lyra

— Sim, estou bem — murmuro, meus olhos fechados enquanto pressiono minha cabeça na janela. — Prometo, são principalmente cortes superficiais. Não são necessários pontos.

Não significa que doam menos, mas não achava que minhas amigas já histéricas precisassem saber disso.

— Vou matá-lo! — Sage grita em algum lugar ao fundo, sua voz esganiçada. — Eles terão problemas maiores do que esse Halo esquecido por Deus, sabe disso? É melhor ele ter uma boa desculpa para mentir ou arrancarei o pau dele.

Meu peito dói, sabendo que também menti para elas. Dói por Rook, lembrando-me de como suas íris ardentes se fundiram com as minhas. Uma tristeza se instalou, uma que nunca tinha visto nele antes.

A maneira como ele colocou sua jaqueta jeans em volta dos meus ombros e me implorou para deixá-lo me levar ao hospital. Pediu desculpas repetidamente por deixar isso acontecer.

O que aconteceu esta noite não foi culpa dele, e lhe disse isso. No entanto, sabia como Rook lidava com a culpa. Como assumiu a responsabilidade de decepcionar seus amigos mais do que qualquer outra pessoa. Como isso o consumia, como Sage se esforçava para fazê-lo entender que nem todas as coisas ruins resultaram de suas ações.

Silas estava internado há cinco meses, e ele ainda não conseguia se livrar daquela culpa. Como se de alguma forma pudesse ter impedido Silas de interromper seus remédios.

— Eu disse a eles para esconder isso de vocês duas. Não queria que se preocupassem comigo. Podem ficar com raiva de mim, me deem um dia para retribuir, depois podem ficar com raiva de mim. Eles apenas estavam cumprindo sua palavra; não podem ficar chateadas com isso.

Elas já haviam sido informadas dos detalhes necessários. Como o que aconteceu foi porque segui Easton para casa sem contar a ninguém. Que a situação havia sido resolvida e havia um homem empalado em uma tábua de madeira no centro de uma tenda de circo familiar.

O resto...

O resto pode vir mais tarde ou talvez simplesmente não seja revelado. De alguma forma sabia que não era uma opção. Que eu teria que explicar o que fiz, mas agora, não tinha energia ou desejo de falar sobre isso.

— Você é tão teimosa, poderíamos tê-la apoiado. — Briar sussurra. — Mas eu te amo. Tem certeza que não quer que a gente vá? Podemos levar lanches e filmes de terror? Ajudá-la a se limpar?

— Só quero ficar sozinha esta noite — digo, enquanto olho para a pessoa no banco do motorista. — A cama está chamando meu nome. Vocês podem vir amanhã e gritar comigo, certo?

Ambas bufam de decepção, mas concordam. Mandando-me ligar para elas assim que eu acordar ou baterão na minha porta. Deixei o silêncio me absorver, o couro caro quente contra minhas costas sensíveis. Apesar de estar coberta de sangue, eu poderia dormir envolta neste aroma calmante. Eu me sinto segura aqui.

— Eles saberão que fomos nós que deixamos o corpo de Michael lá, sabe? — Digo baixinho, esperando que a conversa me mantenha acordada, pelo menos o tempo suficiente para um banho. — O que digo se a polícia aparecer fazendo perguntas?

A mão de Thatcher aperta o volante por uma fração de segundo, antes de soltá-lo enquanto mantém os olhos na estrada. Restos de

vermelho ainda grudados em sua pele pálida e cabelo, nós dois cobertos de sangue. A mancha desta noite pesando, aquele fio que nos conectava ficando um pouco mais forte. Mesmo que ele não soubesse disso. Meus lábios ainda cantarolavam, zumbiam com o formigamento elétrico de seus lábios.

— Eles não vão — Thatcher diz calmamente, girando o volante e estacionando no portão de sua garagem. — Stephen saberá disso. Chamar os cachorros antes que tenham tempo de farejar. Será varrido para debaixo do tapete. Esta cidade nem ouvirá um sussurro sobre isso, mas a mensagem para os Sinclairs será mais do que óbvia. Se eles quiserem jogar, nós jogaremos.

Concordo com a cabeça, mastigando o interior da minha bochecha enquanto tento levantar meu corpo. Uma dor lancinante se espalha pelo meu abdômen, e minhas mãos alcançam as feridas em meu estômago.

— Vou enfaixá-las lá dentro. — Ele diz, ainda sem olhar para mim, contente em manter os olhos para a frente.

Quando me disse que eu iria com ele, pensei que queria me dar uma carona até minha casa. Não tinha percebido que não era o caso até que estávamos no centro da cidade, indo em direção a sua residência.

— Sua avó é... quer dizer, ela... — Um rubor aquece minhas bochechas. — Ela não se importa que eu esteja aqui?

Parece ingênuo perguntar algo assim, essa coisa trivial diante de tudo que estamos passando, mas May Pierson é uma mulher adorável, e odiaria desrespeitá-la, mesmo que precise desesperadamente de um banho.

— A ala oeste da casa é minha. Ela raramente a visita. Nem saberá que você está aqui.

O carro para na frente da casa, parando gradualmente antes de o estacionar.

— Ela... — Engulo em seco, olhando para ele. — Sabe quem eu



sou?

Ele sabe o que quero dizer. Não estou perguntando se ela sabe se somos amigos. Estou perguntando se ela sabe quem eu sou para a sua família. A garota que mandou Henry Pierson para a prisão, seu filho, e viveu para contar a história da morte de minha mãe.

— Sim.

Não tenho tempo para reagir ou fazer mais perguntas, porque suas pernas esguias estão saindo do veículo. Acho que prefiro o Thatcher sarcástico, arrogante, sempre me interrompendo do que este seco, direto ao ponto.

Sua imobilidade está me confundindo.

A exaustão me sufoca, meus ossos doem quando estendo a mão para a maçaneta da porta, mal conseguindo abri-la. Minha adrenalina caiu forte, deixando-me fraca. O impulso da fome, o desejo que alimentava minha força tinha ido embora. Recuado, escondido dentro daquela caverna escura em minha alma onde dormia plena e saciada. Isso me deixou para lidar com as consequências sozinha. Sentindo-me vazia e perdida.

Esse é o problema com essa coisa. Uma vez que tudo se estabiliza, a raiva e a necessidade de fazer mal desaparecem no preto, a dor emocional ainda vive. Ainda respira e existe dentro de mim como uma ferida perpétua aberta. Sempre sangrando.

Matá-lo alimentou o desejo de matar. Não curou a ferida.

Não tirou a memória de suas mãos em mim ou o som de suas vozes em meu ouvido. Não apagou a queimação no meu peito pela falta de oxigênio. Minha vingança foi suficiente para conter o desejo de violência e ossos quebrados, mas nunca afastaria o medo de ver minha mãe morrer ou de alguma forma vingar sua vida. Eu fiz isso porque eles mereciam pagar pelo que fizeram, mas isso não mudou nada.

Nunca poderia mudar nada.

Meus joelhos vacilam, parando sozinha por apenas um segundo,

antes do braço esguio de Thatcher serpentear em volta da minha cintura, o outro segurar minhas pernas me levantando do chão.

Em um movimento elegante, sou apanhada em seus braços. O frio de seu corpo congelando os pensamentos que parecem me comer viva quando estou completamente deserta em minha mente.

Em seus braços, não estou sozinha.

Olho para o lado de seu rosto, sua mandíbula cerrada ao mesmo tempo que não diz nada. Apenas me carrega em seus braços como se eu não pesasse nada, como se isso fosse apenas uma coisa normal que fazemos todos os dias.

— Pare de me olhar assim.

Eu luto contra um sorriso, lançando meu olhar para baixo. — Tudo bem.

A caminhada até o lado esquerdo da casa é silenciosa, meu ouvido apoiado em seu peito, contando as batidas de seu coração. É um ritmo perfeito, com a quantidade certa de pressão, estável e saudável. O som acalmou o meu.

Tenho muito poucas memórias emocionais saudáveis.

Tipo, quando as pessoas sentem um cheiro familiar ou de repente se lembram de um incidente embaraçoso no colégio, sentimos aquela vergonha novamente. Ou talvez a adrenalina de ganhar um jogo que jogamos. É mais poderoso do que apenas uma memória que acabamos de recordar. Esses gatilhos nos dão a capacidade de reviver essas ocasiões mais uma vez, mas os meus são diferentes. Todos os meus gatilhos estão ligados a memórias que me deixam com medo e com raiva.

Um cheiro ou visão, e estou de volta para experimentar a pior noite da minha vida. Não estou mais na aula ou lendo um livro em casa, estou no armário, vendo minha mãe morrer de novo.

Sei vagamente que estou na aula, que as pessoas podem estar olhando, mas Henry está ajoelhado sobre o corpo de minha mãe, matando-a, e não posso fazer nada a respeito. Não consigo respirar ou

me acalmar. Enquanto o mundo se move ao meu redor. Estou preso em um globo de neve, vivenciando meu trauma.

A única coisa que me puxou de volta, a única pessoa que quebrou aquele globo de neve, foi Thatcher.

Não é nada que ele faça fisicamente, mas toda vez que entra nessas visões, tudo parece melhor. Quando ele entra no quarto da minha mãe, esqueço todo o resto e me agarro a ele, deixo sua memória me fazer sentir segura, me confortar até que eu volte à realidade.

Para todos os outros, ele é o pior pesadelo, mas sempre me acordou do meu.

Quando entramos na lateral de sua casa, está quase escuro. Mal consigo distinguir a cozinha e os sofás caros na sala de estar. Subimos um lance de degraus, seguidos de mais uma caminhada. Tudo é quase um borrão enquanto ele continua por um longo corredor.

A porta de seu quarto se abre com facilidade, seu corpo virando de lado para que eu não bata minha cabeça contra o batente. O quarto de Thatcher é tudo o que eu esperava, mas não ao mesmo tempo.

Meus olhos ansiosos absorvem cada centímetro visível do espaço. Os tetos impossivelmente altos, paredes cor de casca de ovo e pisos de mármore. Sua cama fica rente ao chão, o edredom branco parece recém-vaporizado e os travesseiros estão organizados perfeitamente. Um elegante piano de cauda está escondido no canto, e tem uma mesa contra uma das paredes.

É tudo muito moderno e limpo. Exatamente como pensei que seria, mas não parece habitado. Não há papéis em sua mesa ou sapatos no chão. Nenhuma forma de personalização ou cuidado, deixando tudo muito desolado.

Estou tão exausta que mal consigo apreciar estar em seu espaço. Finalmente dentro das paredes de sua casa, onde ele mora em particular. Onde tudo tem o seu cheiro.

Ele me carrega facilmente para o banheiro, colocando-me sobre

meus próprios pés na frente da pia antes de caminhar em direção ao chuveiro, apertando um botão que faz a água cair do teto de vários jatos diferentes. O chuveiro de parede cinza provavelmente custa mais dinheiro do que toda a minha casa.

— Chuveiro — ele murmura. — Usarei o sobressalente. Espere no meu quarto até eu voltar com as bandagens. Presumo que meu sabonete líquido e produtos para o cabelo funcionem bem para você, ou preciso pegar mais alguma coisa?

Sei que meu rosto está vermelho e espero secretamente que o sangue cubra a visão do meu constrangimento. Nunca deveria ter contado a ele sobre o sabonete. Ele nunca esquecerá.

— Sim, tudo bem. — Limpo minha garganta. — Não precisa, quero dizer, não tem que fazer isso. Poderia ter me levado para casa, ao contrário do que acredita. Eu posso cuidar de mim mesma.

— Estou ciente.

Eu o observo caminhar até a porta, parando com a mão na maçaneta, as costas rígidas. Não digo nada, apenas parada e espero. Espero o que quer que ele tenha a dizer.

— Eu te ouvi. — Ele vacila. — Quando gritou, ouvi você.

Segue-se o som do clique da porta. Colei meus olhos no lugar onde ele estava, digerindo suas palavras. De alguma forma, meu pedido desesperado de ajuda foi atendido. Ele tinha me ouvido.

Demorei algum tempo para chegar até o chuveiro, presa em alguma versão do piloto automático quando finalmente entrei sob a corrente de água. Levei meu tempo, ensaboando-me em seu sabonete, esfregando o xampu sedoso em meus cachos.

Devo ter perdido a noção do tempo dentro do vapor, porque quando a água saiu limpa, me avisando que eu tinha lavado todo o sangue com sucesso pelo ralo, o som fraco de uma música vinha de fora. Teclas de piano zumbindo ao longe.

Curiosidade e excitação reviram meu estômago. Desligo o chuveiro, enrolando uma toalha quente em volta do meu corpo, só

então percebo que não tenho uma muda de roupa. Mastigo o interior da minha bochecha, considerando minhas opções. Decidindo que Thatcher já me viu nua antes, isso não é diferente. Mesmo que esta situação pareça muito mais... íntima. Suave. Silenciosa.

Tudo o que não somos.

Meu corpo lateja quando abro a porta, vapor irrompe no quarto. A música está muito mais alta agora, as melodias flutuando das teclas. A cama está vazia, com uma pilha de roupas cuidadosamente dobradas sobre elas, mas Thatcher está sentado no canto, virado para mim enquanto toca o instrumento à sua frente como se fossem iguais. Uma peça fluida. Não sei dizer onde ele termina e a tecla começa.

Só podia imaginar quantas horas ele ficou sentado neste quarto, em frente a este mesmo piano praticando, aperfeiçoando cada pequeno movimento de seus dedos.

Seu corpo balança e cede a cada nota. Olhos fechados, seu cabelo molhado cai na frente de seu rosto, tão estranhamente desgrehado que quase me tira o fôlego. A camisa de gola preta que usa não está abotoada, deixando o peito à mostra. Os músculos de seu estômago se flexionam enquanto seus dedos voam delicadamente pelas teclas pretas e brancas, misturando-as para que não se tenha escolha a não ser existir em sua versão de cinza.

Não tinha ouvido nada mais bonito, visto alguém mais talentoso.

Pela primeira vez, não estou me perguntando o que se passa na mente de Thatcher ou curiosa sobre o que está pensando. Pela primeira vez, simplesmente... sei.

Como se a letra estivesse me dizendo tudo que preciso ouvir. Como se ele falasse através das cordas e notas. Atraindo-me para que eu saiba exatamente o que ele está sentindo.

Posso sentir isso em meus ossos. A dor que vive dentro dele, a tristeza que existe no fundo de seus ossos que ninguém mais pode ver. Está bem na frente dos meus olhos, fazendo cócegas nos meus ouvidos. Eu o tenho observado desde sempre, mas acho que é assim

que é vê-lo.

A dor e a tristeza vibram diretamente no fio que liga minha alma à sua. Deuses, meu pobre coração, está chorando por ele. Chorando enquanto toca nota após nota de uma música sombria.

É a forma mais pura de música. Comunicação verdadeira, como nunca experimentei antes.

Quando a música chega a um final gracioso, apenas sua respiração preenche a sala. Seus olhos permanecem fechados por apenas mais um segundo, antes que os abra para olhar diretamente para mim.

Fui pega olhando, minha boca falando antes que eu pudesse fazer qualquer coisa sobre isso. — Desculpe-me, não queria...

— Eu sabia que você já estava aí — ele interrompe, levantando-se do banco. — Não há necessidade de se desculpar por bisbilhotar quando eu estava ciente do meu público.

— Thatcher, sabia que você tocava, mas — Minhas sobrancelhas se juntam. — Isso foi incrível. Poderia rodar o mundo tocando para as pessoas, incrível. Levar o mundo às lágrimas...

— O mundo não precisa de outro músico.

Saio de trás da porta do banheiro, saudada pela temperatura fria de seu quarto. Porra, estou de toalha. Espere, ele já me viu nua, então não é como se isso importasse, certo?

— Então, que tal apenas um de você? Não acha que o mundo precisa disso?

O olhar que ele me dá é seco, como se não houvesse nada acontecendo atrás de seus olhos. Dizendo-me sua resposta antes mesmo de falar uma palavra.

— Acho que sabe a resposta, Lyra. — Suas pernas graciosas o levam até a cama, recolhendo a pilha de roupas. — Vai se vestir? Ou prefere uma toalha?

Tudo o que ele diz me faz estremecer. Deixa minhas bochechas

vermelhas, como se meu corpo não tivesse ideia do que fazer quando ele fala, exceto se inundar de vergonha e excitação. É eternamente frustrante.

Meus pés úmidos rangem no piso de mármore brilhante, o único ruído entre nós dois enquanto sigo em sua direção. Não posso evitar que meus olhos o observem, agora que ele está de pé.

É tão difícil estar na mesma sala com alguém que é tão... impecável. Mesmo quando ele é tão incorrigível. Cabelo ainda um pouco molhado, mechas caindo nos olhos. Olhos como as águas mais frescas do Alasca, de alguma forma sei que são raros. Sua camisa social expõe as linhas suaves e os cumes de seu estômago tonificado, com cada respiração a flexão, endurecendo sob o meu olhar. Aqueles pequenos vales em ambos os lados de seus quadris que se aproximam perigosamente até o cóx de suas calças... Espere.

— Isso é uma tatuagem? — Pergunto, meus olhos semicerrados, esquecendo as roupas em suas mãos, quase a um braço de distância. — Tem uma tatuagem?

— Sim. — Ele limpa a garganta. — Estou acima da idade legal para fazer tatuagem, os rapazes estão cobertos por elas.

— Sim, mas é você. Senhor Não Me Toque. Deve estar limpo o tempo todo, usa luvas para matar pessoas. Você não faz tatuagens.

A tinta circular se esconde ao longo de sua caixa torácica superior. Um projeto detalhado de uma moeda. O *Charon's obol*<sup>17</sup>, a mesma moeda que ele deixara nos olhos de minha mãe. A mesma que Silas tem no pulso.

— Você fez isso com os rapazes? Todos têm uma?

Outra peça de seu quebra-cabeça, cada vez mais próxima do homem que ninguém consegue decifrar, mas, como sempre faz quando alguém chega muito perto, ele corta. Uma víbora atacando. Um passo à frente e dez passos para trás. Sempre.

— Quer as roupas ou não? — Sua voz é áspera, não muito diferente de seu tom normal, mas a mais fria, que ele tem estado

desde que me encontrou esta noite.

Tiro meus olhos da tatuagem, levantando meu olhar para ele. Minhas mãos alcançam os itens em suas mãos. Sinto o tecido entre meus dedos sorrindo baixinho.

O material macio e macio sob meu toque é difícil de confundir. Caxemira.

No entanto, ele rapidamente puxa de volta do meu alcance. — Preciso enfaixar suas feridas primeiro.

Eu concordo. — Está bem.

— Sente-se.

Sento-me.

— Incline-se para trás.

Eu me inclino para trás. — Não sou um cachorro. — Digo, embora tenha feito o que ele pediu.

— Não é? — Ele ronrona, as bordas de seus lábios puxando para cima. — Poderia ter me enganado.

Uma risada estrangulada vem do fundo da minha garganta, dor formigando meu lado do que suponho ser uma costela fraturada. — Acabou de fazer uma piada?

— Se isso te fará sentir melhor sobre o que eu disse, então com certeza. Eu fiz uma piada.

O sorriso no meu rosto é difícil de remover, porque ele está sorrindo e não de uma forma perversa. De uma maneira divertida e feliz.

— Largue a toalha. — Ele ordena, ajoelhado no chão a minha frente.

— O quê? Por que?

Minha frequência cardíaca dispara de repente e minhas coxas se unem. A visão dele no chão, ajoelhado, não parece certa. Eu, Lyra Abbott fazendo Thatcher Pierson ficar de joelhos, simplesmente não



faz sentido na minha mente.

— Preciso ver se ainda está sangrando e se algum dos seus ferimentos precisa ser limpo. Não posso fazer isso sobre a toalha. — Ele diz isso metodicamente, como se fosse um médico e eu uma paciente que precisa de cuidados. Como se não soubesse o que acontece com meu corpo quando ele está perto, quanto mais perto à medida que estou nua.

— Por que não posso apenas... não acho que seja...

— Deixe-me ver o que eles fizeram com você, Pet. — O estrondo no fundo de sua garganta me faz pular. — Mostre-me, para que, quando eu rastrear aquele que escapou, o faça pagar por colocar um dedo em você. Mostre-me, para que eu possa fazer isso melhor.

Engulo o nó na garganta, arrastando a toalha. O ar frio tocando meus mamilos, meu rosto ficando vermelho conforme endurecem. Deixo cair até um pouco acima da minha cintura, expondo minha metade superior inteiramente para ele.

— Até o fim. — Ele ordena.

Eu mordo o interior da minha bochecha, sussurrando — Eles não me tocaram lá embaixo.

Felizmente, ele não insiste nesse assunto.

Meus olhos olham o meu abdômen, estremecendo com a visão. Vários cortes abertos que ainda estão sangrando, alguns mais profundos que outros. Correm ao longo dos meus lados, na minha barriga, um que parece profundo o suficiente para cicatrizar e lacerado no osso do quadril. Minhas sobancelhas franzem em desgosto com as contusões roxas avermelhadas que recentemente adornam minha caixa torácica.

Parece horrível. Estou horrível. O que eles fizeram comigo foi horrível.

Lágrimas ardem em meus olhos, forçando-me a desviar o olhar para a parede para não ter que testemunhar a reação de Thatcher. A última coisa que preciso é que ele me olhe com desgosto nos olhos.

Repulsa por me ver.

Sinto seus dedos contra minha pele, frios e ainda me fazendo pular um pouco. A ponta de seu dedo indicador desliza em meu osso do quadril, desenhando uma linha em minhas costelas e sobre meu estômago. Apenas toques suaves.

A princípio pensei que poderia ser um remédio ou ele limpando as feridas, mas quando olho para baixo, é apenas a sua mão. E ele está me encarando com leveza nos olhos, com o rosto cheio de luz. O mais gentil que já o vi. Olhos suaves e nadando com algo... algo. Parece uma criança que acabou de descobrir os segredos do universo.

— Você tem sardas aqui.

Minha respiração está presa na minha garganta, sem saber como responder ou até mesmo operar meus pulmões. Seus dedos continuam traçando as manchas marrons claras espalhadas pela minha pele. Compulsivamente, como se não pudesse evitar.

Um dos cortes mais profundos sangra livremente, escorrendo pelo meu estômago em direção ao centro da minha barriga. Aterrissando bem no caminho do desenho de Thatcher, mas não deixa que isso o impeça. Não, ele espalha o líquido vermelho em seu dedo como um pincel e meu corpo uma tela. Não posso acreditar em meus olhos, olhando para ele assim de joelhos. Gravado, detalhado e esculpido em pedra, um deus entre os mortais.

A dor diminui, escorrendo da minha mente enquanto a luxúria ferve em meu estômago. Subindo com a temperatura do meu corpo, fazendo minhas coxas apertarem e meu núcleo doer.

Tocar em Thatcher não é como entrar em contato com outra pessoa. Não parece o mesmo. É mais do que apenas superficial, sinto isso em meus ossos. As profundezas da minha alma ronronam ao sentir sua pele na minha, levando-me a um estado de êxtase. Nada que minha imaginação tenha sonhado poderia fazer justiça a isso.

A forma como o tempo parece parar quando ele se inclina mais para o meu tronco, forçando minhas pernas abertas para dar espaço

para seus ombros largos. O frio intenso da pele tocando uma parte tão íntima me faz estremecer. Esfria o calor, fazendo tudo parecer muito mais real.

— Está tão frio. — Suspiro, a toalha afundada entre minhas pernas escondendo meu centro delicado de sua visão.

— Alguns diriam que está muito quente — ele sussurra. Sua boca paira bem no meio do meu estômago, a menos de um centímetro das listras vermelhas que pintam minha pele. — Mas esse é o ponto, não é? Você é quente demais e eu sou frio demais.

Somos a luz e a escuridão, criando a massa cinzenta que pende na balança. Somos bons e maus, prova de que tudo vive dentro de cada uma das almas, independentemente das interferências da vida. Sempre soube o que eu era para Thatcher, o que ele era para mim. Este momento me fez sentir como se ele também estivesse um pouco mais perto de ver isso.

— Eu sou sua rosa. — Murmuro, respirando fundo quando seus lábios frios me tocam. A sensação úmida de sua língua girando contra mim, lambendo o sangue que ele cobriu. — Você é meus espinhos.

Olho para baixo em seu cabelo branco, observando-o balançar a cabeça.

— Não — ele murmura, cada movimento de seus lábios sinto profundamente em meu centro. — Você é minha fantasma, Lyra Abbott. Minha e só minha. Você me observa, existe para mim.

Uma agonia abençoada se espalha por meus ossos, tão avassaladora que nem percebo seus dedos sorrateiros puxando a toalha. É só quando o ar frio de seu quarto roça minhas dobras lisas que percebo que estou nua na sua frente.

Totalmente exposta. Vulnerável. Este é o meu momento mais fraco, e ele está aqui para ver tudo isso. Todas as minhas pontas afiadas derreteram no momento em que aquelas facas mergulharam no cérebro de Michael. Na frente de Thatcher, não passo de uma garota oca e fraturada, desesperada para sentir amor. Sentir-se

desejada.

— O que isso faz de você? — Pergunto em um suspiro, olhando para baixo bem a tempo de ver sua cabeça se mover mais para o sul, sua boca manchada de vermelho. Tenho um arrepio de *déjà vu*, lembrando-me de ter tido essa mesma fantasia meses atrás.

— Sou o homem que você assombra. — Seu lábio inferior passa pelo meu umbigo, meu estômago tremendo. — Seu cheiro, seu sorriso, seu toque. Assombra-me todos os dias desde o momento em que olhei para você.

Ele abaixou a cabeça, colocando um beijo carinhoso na parte interna da minha coxa, suas mãos segurando a parte de trás das minhas pernas, acariciando-as com movimentos suaves, como se estivesse com medo de que eu partisse sob seu toque.

Meu coração disparou com meu corpo. Cada fibra do meu ser queimando sob seu toque gelado. O aperto que se apoderou do meu peito e núcleo era quase insuportável. Senti como se pudesse explodir, e ele quase não fez nada.

As mãos sádicas de um assassino bateram no topo dos meus joelhos. Garantindo a entrada. Mãos que atormentaram sem piedade e concederam a morte sem compaixão. Minhas coxas se separaram ainda mais, deixando-o entre. Sangue manchado e vicioso. Só poderia ser essas mãos que eu desejava.

— Doce, muito doce para mim, Pet. — Ele cantarola.

Minha respiração irregular bombeia meu peito para cima e para baixo em ritmo acelerado. Quero ferozmente sua boca na minha boceta. Desejando-o de uma forma que só pode ser descrita como febril.

— Thatcher — choramingo. — Por favor, eu preciso...

Porra, o que eu preciso?

— Precisa?

Meus olhos encontram os dele, o olhar fixo e penetrante que ele

me dá.

— Tudo. Qualquer coisa. Por favor.

O primeiro golpe de sua língua contra minhas dobras arranca um gemido de dentro de mim. Raios zumbiam na minha metade inferior, nada me fez sentir mais viva ou mais perto da morte. Ele lambe para cima e para baixo, arrastando-se pelas minhas dobras, me provando com um gemido gutural que faz meu núcleo vibrar.

— Eu sou a razão pela qual sua boceta desesperada tem um gosto tão viciante? Ela quer ser doce para mim, não é?

Meus olhos reviram enquanto aceno, arqueando a bunda para fora da cama para perseguir a fricção de sua boca molhada. Quando sua língua gira em torno do meu clitóris, puxando o feixe sensível de nervos para a boca, eu me empurro contra ele.

O corpo de Thatcher é frio, mas sua boca é quente. Derramando calor líquido direto em minha boceta, enchendo meu interior com um fogo diferente de tudo que já experimentei.

Ele toma seu tempo, saboreando cada centímetro, descobrindo cada ponto que me deixa fraca. Meus dentes afundam em meu lábio inferior quando começa a prestar atenção especial ao meu clitóris. Girando sua língua quente em círculos apertados, movimentos rápidos que contraem meu estômago com mais força. Impossivelmente contraído. Uma de suas mãos desliza pela minha barriga, meu olhar se move para baixo para vê-lo cobrindo dois dedos no sangue que pinga de meus cortes antes que desapareçam entre minhas coxas, sob sua boca.

— Oh meu... — inspiro uma respiração instável, seu dedo pressionando contra a minha entrada me provocando por apenas um segundo antes de afundar em minhas paredes apertadas.

Algo dentro de mim se contorce, essa ideia de que ele está pegando essa coisa horrível que fizeram comigo e usando para fazer gozar. Reescrevendo o que esta noite significa para mim. Por isso agora, quando penso no que aconteceu esta noite ou olho para a

cicatriz em meu estômago, não me lembro daqueles homens horríveis.

Lembro-me de Thatcher de joelhos a minha frente, sua boca me devorando e seus dedos explorando meu corpo.

O sangue é a nossa força vital. É esta cor da paixão, da luxúria, do nosso coração. É o que nos torna humanos, o que une nós dois de todas as maneiras que se pode conectar a outra pessoa. A forma mais íntima de conexão é compartilhar esse líquido suscetível que determina a vida e a morte. É assim que é estar com ele, rindo continuamente na linha da vida e da morte. Quero fazer as duas coisas com ele, morrer e viver. Existir e apodrecer. Tudo isso fica no meio.

Olho para baixo, observando enquanto ele desliza outro dedo dentro de mim, minha excitação misturada com o sangue em sua mão. Uma visão erótica de partir a alma. Meus gemidos escapam de meus lábios sem nenhuma restrição, sem me importar que estou empurrando meus quadris em sua mão porque estou tão carente.

Serei carente. Ficarei desesperada. Serei essas coisas e muito mais para tê-lo. Porque ele destrói um pinga de autocontrole e orgulho de mim.

Ele nunca tira os olhos de mim, nem mesmo quando minhas mãos batem no edredom cavando no colchão enquanto aquela bobina dentro de mim ameaça partir..

— Minha pobre Pet. — Ele ronrona. — Quer gozar, não quer? Quer derramar todos esses sucos doces na minha língua, hein?

— Sim, sim — grito, seus dedos bombeando vagarosamente dentro de mim em um ritmo constante, tão devagar que é apenas o suficiente para me manter no limiar do clímax eufórico. Demais e não o suficiente. E ele sabe disso.

— Vamos, querida fantasma, se esforça um pouco mais para isso. Mostre-me o quanto quer isso, faça por merecer.

Outro movimento de sua língua contra meu clitóris com o comando. Choraminguei em frustração, minhas mãos pressionando na cama, levantando minha bunda para ganhar alguma vantagem para

que pudesse me balançar contra seus dedos fortes. Empurrando para a frente, observando-os desaparecer dentro de mim repetidamente. As pupilas de Thatcher dilataram, como se ele conhecesse os pensamentos sujos que estavam em minha mente.

Eu estava tão perto, o suor escorrendo pelas minhas costas e pelo meu peito enquanto fodia sua mão. Meu trabalho deve ter me recompensado porque ele pressionou sua língua contra meu centro, sacudindo o botão com urgência, dando-me a quantidade certa de pressão para me enviar voando.

O êxtase líquido se derramou em meu corpo como uma cachoeira. A banda no fundo do meu estômago partindo ao meio enquanto batia no meu orgasmo. O grito que saiu de mim era uma coisa espancada e mutilada. Minhas costas curvadas, pernas tremendo quando gozei em sua mão.

— É isso — ele elogia, lambendo o líquido pegajoso entre minhas coxas. — É isso, minha maldita garota.

Cada movimento de sua língua enviava um raio elétrico através de mim, todos os meus sentidos aguçados enquanto me lambia através da minha euforia. Um gemido ecoa em seu peito, continuando mesmo quando as ondas de prazer diminuíram, deixando minha boceta em uma bagunça trêmula.

Meu peito está arfando, errático enquanto tento recuperar o fôlego, tento dar um descanso ao meu corpo, mas ainda estou tremendo quando ele se afasta. O calor de sua boca deixando o ápice de minhas coxas.

Quando meus olhos se abrem, agitados nesse estado de êxtase, eu o encontro olhando para seu colo. Minhas sobrancelhas se juntam em preocupação conforme me inclino para frente. Meus membros parecem impossivelmente pesados, exaustão e dor batendo de volta em mim com vingança.

— Thatch — murmuro, olhando para seu colo, encontrando uma mancha escura no centro de sua calça jeans, boquiaberta. — Eu... você?

— Aparentemente — diz ele, limpando a garganta, mas a névoa de luxúria ainda pesa em sua língua. — Meu pau também gosta do seu sabor, Pet.



SANGUE NA ÁGUA

Thatcher

— Aproveite.

O som de uma bandeja batendo na mesa à minha frente dá a impressão de que a pessoa que a deixou prefere que morramos a desfrutarmos. Olho para o garçom, que sai da nossa mesa.

— Eu me pergunto se eles jogam pedra, papel, tesoura, para ver quem nos servirá.

Toda a equipe e clientes do Tilly's Diner não escondem seus olhares ou preocupação com nossa presença. Não me chocaria descobrir que o cozinheiro colocou veneno de rato dentro da comida que meus amigos pediram.

Seu medo visível e inveja enterrada não são mais uma surpresa. Quando eu era mais jovem, questionava por que todos sempre olhavam, por que andavam do outro lado da rua ou cochichavam entre si.

Não demorei muito para descobrir que eu era tudo o que eles desejavam ser e vivia para destruir. Mesmo que a reputação do meu pai não tivesse fluído para mim como uma praga, eu ainda seria o assunto favorito de todos.

Todos nós seríamos.

— Deve ter sido a vez dela de puxar o palitinho menor — brincou Briar do outro lado da cabine, inclinando-se ainda mais para o braço de Alistair que está pendurado protetoramente sobre seu ombro.

— Será que vale a pena pegar o pau do idiota mais notório de Ponderosa Springs? — Rook murmura, descendo de seu lugar atrás de

mim para pegar uma cesta de batatas fritas em suas mãos.

Ele está sentado em cima da cabine, encostado na parede atrás de Sage, que revira os olhos com sua pergunta vulgar, mas não faz nada para corrigi-lo.

Briar não perde o ritmo, apenas dá de ombros e responde — Isso não significaria que eu estava transando com você?

Uma tosse alta irrompe da boca de Alistair, a refutação de sua namorada o sufocando em uma mistura de choque e riso. Um sorriso puxa meus lábios. Posso não gostar de Briar, mas gosto de qualquer um chamando Rook por sua estupidez.

Rook projeta o lábio inferior em um beicinho falso, inclinando-se para enterrar a cabeça nas mechas loiras de morango de Sage.

— Querida, vai deixá-la falar comigo assim?

— Você pediu por isso — diz ela, sorrindo enquanto passa a mão pelo cabelo bagunçado dele.

Um sino toca, a porta da casa do Tilly's se abre. Desvio minha atenção da festa de casais a que me submeti, para ver um par de botas de chuva amarelas enlameadas.

Ouçõ os passos molhados de nossa mesa, o rosto de nosso novo convidado escondido por um casaco verde marinho surrado. Exceto que os cachos estourando nas bordas a denunciavam.

Lyra desliza pelo corredor, os dedos em volta da alça de sua bolsa transversal. Não faz barulho, não chama atenção para si mesma e os clientes mal notam sua chegada. Dão a ela uma olhada rápida antes de voltar para a comida rançosa e as conversas redundantes. Ela não é do interesse deles.

No entanto, ela é tudo o que posso ver. Tudo o que me intriga na lanchonete iluminada por neon.

É totalmente diferente da reação deles a mim. Eles não param de ficar boquiabertos e sussurrar. Ela simplesmente se mistura em seu ambiente com pouco esforço e passa despercebida.

No entanto, quando algumas pessoas notam que meu olhar está longe do meu grupo já excluído, ela merece reconhecimento. Eles demoram um momento, um segundo olhar, um terceiro, até que estão olhando descaradamente para a mulher que tem minha atenção.

Posso ver isso em seus ombros, na forma como tensionam. Ela sabe que a estão observando agora. Um sentimento com o qual tenho certeza que ela não está acostumada ou confortável. Lyra se encolhe em seu capuz, tentando desesperadamente desaparecer nas sombras, mas é tarde demais.

Todos eles estão fazendo a mesma pergunta. Quem é ela?

Um pensamento violento entra em meu cérebro.

Seria possível dar a volta em todas as mesas, arrancando olhos e dando-os aos abutres com tempo suficiente para fugir da polícia?

Quando ela chega à mesa, as meninas a cumprimentam com comentários calorosos. Ela puxa o capuz de sua cabeça, a fissura em seu lábio ainda visível, e ainda há um hematoma feio decorando sua bochecha. Suas bordas ficaram amarelas, mas o centro permanece roxo.

— Oi — ela diz, agarrando o encosto de uma cadeira de uma mesa vazia. — Desculpe, estava na biblioteca e perdi a noção do tempo. Eu...

— Não pode usar essa cadeira.

Um silêncio tão espesso que poderia cortá-lo se instala ao redor do restaurante. Afasto os olhos de Lyra, lançando um olhar frio para uma garçonete, diferente da jovem que entregou nossa comida, mas ainda cheirando a desgosto por nossa presença.

— Oh, me desculpe. Não sabia que estava reservado — Lyra se desculpa rapidamente, com o rosto vermelho de vergonha, visivelmente encolhendo para um homem vestindo algo fora da prateleira.

Um homem claramente abaixo dela em recursos, mas ela se inclina para ele como um pequeno pedaço triste de caramelo, e aquele

gosto fresco de raiva é rápido para encher minha garganta.

— Não está, querida — ele zomba — mas isto é um restaurante, e é necessário para clientes pagantes, faz sentido?

Com timidez e obediência, um pouco fluida demais para o meu gosto, ela empurra a cadeira de volta ao seu lugar, mas minha mão agarra as costas da cadeira, enrolando-se em torno do metal frio e segurando-a ali.

A única pessoa a quem ela deveria se curvar sou eu. Minha pequena Pet precisa de uma lição sobre como ser dona de si, e rapidamente, porque me recuso a testemunhar sua inclinação para qualquer homem além de mim.

— Não somos clientes pagantes? — Digo com firmeza, meu tom firme enquanto olho para o homem que ostenta um crachá de gerente.

Seus olhos se arregalam ligeiramente, chocados com a minha interrupção. Tenho certeza que ele esperava lidar com a personalidade explosiva de Rook ou mesmo com um olhar severo de Alistair, um de meus companheiros conhecido por confrontos, mas posso ver que ele não esperava lidar comigo.

Todos sabemos que não se trata de sentar. Tem tudo a ver com o povo miserável da cidade tentando se posicionar contra os grandes lobos maus que rondam fazendo o que bem entendem.

— Claro. — Ele limpa a garganta. — Mas ficamos um pouco mais ocupados durante esse período. Alguém pode precisar...

— Alguém mais precisa desta cadeira? — Pergunto em voz alta, minha voz ecoando na quietude do restaurante. Ninguém se move, nem mesmo um único suspiro. Apenas quieto.

Quando olho para trás, para o gerente - Josh, como diz seu crachá - seu rosto está da cor de um hidrante, os punhos cerrados ao lado do corpo.

— É a política da empresa — ele insiste, lutando muito mais do que eu esperava. — Ela não pode ter esse assento.

Concordo com a cabeça, um sorriso surgindo nos cantos dos meus lábios. Solto a cadeira, ficando de pé antes de sair da cabine. Demoro meu tempo para abotoar a frente do meu terno antes de invadir o espaço de Josh.

Minha estrutura domina a dele. E não apenas em altura.

— Diga-me não de novo — desafio-o.

— Eu... — ele gagueja, mal conseguindo me olhar nos olhos, procurando freneticamente ao seu redor por alguém para ajudá-lo, mas não encontrando ninguém disposto a mantê-lo fora do meu caminho.

— Se ela quiser todas as cadeiras neste restaurante de lixo, ela terá — digo. — Se eu quiser comprar cada centímetro quadrado de terra em que este lixão se encontra, eu compro. Só para deixar meu amigo te queimar vivo dentro dele.

O rosto de Josh fica com uma cor verde doentia, e se ele pensar em vomitar em mim, removo sua espinha e usá-la como cachecol.

Minha mão volta a agarrar a cadeira, girando-a para que fique aberta para Lyra se sentar. O metal arranha o chão barato enquanto inclino meu rosto um centímetro mais perto do homem que tem toda a minha atenção.

— Faz sentido? — Digo.

Ele engole, debatendo cuidadosamente suas próximas palavras antes de dizer — Sim, senhor. Lamento tê-lo incomodado.

Isso deve ser o suficiente. Se eu fosse outra pessoa, o teria deixado ir, com o orgulho ferido e o rabo enfiado entre as pernas. Exceto que sou um homem sádico, e destruir homens que pensam que são donos do mundo é meu passatempo favorito. Eu vivo para isso.

— Não é a mim que você deve desculpas — corrijo, olhando para Lyra, que me olha com uma expressão vazia no rosto. Olho para o assento, gesticulando para que ela o ocupe.

Ela mastiga o interior de sua bochecha, silenciosamente me

obedecendo. Passo atrás dela e da cadeira, empurrando-a para a mesa onde originalmente pretendia que estivesse.

— Sinto muito, senhora, pela confusão. Foi erro meu. — Ele perde o fôlego. — Haverá mais alguma coisa?

— Nós...

— Cherry Coke. Acha que pode fazer isso sem nenhuma confusão? — Interrompo Lyra mais uma vez, observando Josh acenar com a cabeça e praticamente correr na direção oposta da nossa mesa.

— Isso era necessário? — Lyra sussurra, seu rosto ainda vermelho de vergonha.

Olho para ela. — Pare de se curvar para as pessoas abaixo de você e eu paro. Lembre-se do seu lugar, Pet.

Uma pergunta persiste em seus olhos, mas ela fica calada, se acomodando em sua cadeira. Um silêncio constrangedor paira sobre a mesa, todos chocados demais para falar, mas nunca expliquei minhas ações a ninguém antes e não começarei agora.

Uma batata frita voa pelo ar, batendo no peito de Lyra. — Parece que a rainha dos insetos também rastejou até o coração gelado de Thatcher.

Lyra sorri gentilmente enquanto levanto meu dedo do meio para Rook. Seu joelho bate contra o meu. Uma cor rosa claro sobe para suas bochechas, memórias da última vez que estivemos juntos provavelmente se repetindo em sua mente. De repente, estou morrendo de fome. Faminto, e não por comida de lixo aqui no Tilly's.

Ela pigarreia, olhando ao redor do prédio rapidamente antes de falar. — Alguma novidade?

— Sobre o quê, exatamente? Estamos atolados na merda, e a cada segundo que passa fica mais profunda. Tem que ser mais específico — Rook diz.

Ele não está errado. Bastante acertado desta vez. Neste momento, estamos olhando para um beco sem saída, sentados como patos,

esperando que os problemas cheguem até nós sem nenhuma maneira de impedi-los.

— O circo. A polícia divulgou declaração ou fez perguntas?

— Nada chegou à mesa de meu pai. Passei pela delegacia ontem e não ouvi nem vi ninguém conversando sobre um homem sendo empalado em uma tábua.

Independentemente do relacionamento turbulento de Rook com seu pai, Theodore Van Doren está na posição perfeita para nos fornecer informações sobre o status legal de todas as coisas criminosas em Ponderosa Springs. Ele sendo o promotor distrital não apenas dá acesso a Rook (sem sua permissão) a arquivos confidenciais, mas seu escritório fica bem no meio da delegacia.

Só é preciso uma breve visita e podemos descobrir praticamente qualquer coisa.

— Isso é o que menos me preocupa — Alistair fala do canto. — Foi olho por olho. Stephen sabe o placar. Se alguém vier atrás de nós, sabe que o jogaremos debaixo do ônibus. Ele não arriscaria.

Os ombros de Lyra relaxam um pouco com a garantia de que ela não será jogada na traseira de um carro da polícia ou passará a vida na prisão.

— Todo dia que acordo parece mais um dia perto da prisão — Briar murmura, passando a mão pelo rosto em frustração. — Ainda não entendo por que não podemos procurar alguém fora da cadeia alimentar de Ponderosa Springs e compartilhar as informações que temos. Deixem que os profissionais cuidem disso.

A mão de Alistair aperta seu ombro como se silenciosamente a deixasse saber que ele preferia morrer a mandá-la para a cadeia. Isso nunca vai tocá-la ou Sage. Eles não permitiriam, mesmo que significasse apodrecer pelo resto de suas vidas.

— Todas as nossas provas estão ligadas a algo que pode nos derrubar — diz Sage lentamente. — Não temos nada sólido para defender sem nos condenarmos, além disso, não confio em ninguém.

Nem mesmo os federais. Vimos como isso funcionou da última vez.

— Então...

— Então o quê? — Interrompo a loira à minha frente. — Contamos a eles onde estão os agentes federais desaparecidos? Que a razão pela qual sabemos sobre esse anel sexual é que saímos em uma onda de assassinatos para encontrá-lo? Esse é o seu grande plano?

Observo seu punho cerrar em uma bola, seus lábios em uma linha fina, e ela olha para mim. — É um verdadeiro idiota, Pierson. Pelo menos estou tentando ajudar. Deve ser muito divertido se preocupar apenas com você mesmo.

— É — brinco, apenas irritando-a ainda mais.

Discutir com sua declaração é inútil. Briar não me conhece e, mesmo que conhecesse, não me entenderia. Somos dois opostos com visões contrastantes a cada curva. Não há meio termo para nós dois. E nunca haverá.

Briar abre a boca para dizer algo que tenho certeza que está cheio de palavrões e desgosto por minhas ações, mas Lyra é rápida em interromper.

— Stephen se candidatará a prefeito — ela diz, efetivamente impedindo sua melhor amiga de falar.

— O quê?

— Vi as informações da campanha em sua mesa. Ele planeja anunciá-la em breve, algum tipo de festa de lançamento que está organizando.

— Como entrou no escritório dele? — Sage pergunta. — Os Sinclairs têm protocolos de segurança malucos.

Ela dá de ombros. — Passei o dia todo seguindo Easton. O dia inteiro, o segui, ouvindo conversas inúteis. Por isso, o segui até a casa dele, e o idiota não trancou a porta atrás de si. Vi uma oportunidade e agarrei.

Enquanto ela continua compartilhando os detalhes de seu



momento *Nancy Drew*<sup>18</sup> que quase a matou, nossa garçonete aparece por tempo suficiente para colocar um copo de refrigerante na mesa em minha direção.

Sem pensar, abro um canudo, jogando-o no líquido gaseificado antes de empurrar a bebida para Lyra silenciosamente.

— Isso é tudo que encontrou? — Alistair pergunta.

Para o seu bem, espero que seja mais do que isso. Se ela se colocar à beira da morte apenas para descobrir que Stephen está concorrendo a prefeito, a farei desejar estar morta.

— Godfrey está em sua folha de pagamento. Vi algumas faturas ainda no computador dele. Não havia uma descrição do trabalho que está fazendo, mas é... — Ela engole sua bebida. — Muito dinheiro, porra.

— *Woah* — Rook respira, jogando os braços atrás da cabeça e chutando os pés para fora. — Estou impressionado. Stephen realmente paga pelas prostitutas que chupam seu pau. Quem sabia?

Meu ego não pode deixar de querer dizer algo como *eu avisei*. Na verdade, todos nós lhe dissemos que Conner Godfrey não era o homem que ela pensava.

No entanto, não seria Lyra Abbott se ela não estivesse determinada a sempre ver o lado bom de todos. Mesmo que houvesse pouco de bom a ser encontrado, ela o apagaria e se apagara a ele.

É quem ela é. Quem sempre foi.

— Encontrei também uma porta. Está escondido atrás de uma estante e trancada com um cadeado. Pode ser uma prática padrão ocultar suas informações fiscais com tanta segurança, mas achei que valia a pena mencionar.

— Provavelmente onde ele guarda todos os seus trajes de pele...

— Como exatamente encontrou esta porta? — Eu pergunto, falando sobre Briar.

Um olhar passivo se instala em seu rosto enquanto olha para

mim. — Através de um árduo trabalho de detetive e inteligência bruta.

Ela morde o interior da bochecha, desviando o olhar de mim antes de murmurar — Eu tropecei no tapete e bati em uma estátua em sua mesa. Foi isso que moveu a estante.

O grupo de pessoas ao nosso redor ri, e posso sentir o mesmo som fazendo cócegas em minha garganta enquanto murmuro — Isso soa mais preciso.

Ela murmura algo para si mesma, provavelmente me xingando enquanto vasculha sua bolsa, recuperando seu telefone. Eu a observo colocar sua senha, algo familiar, e depois puxar uma imagem, deslizando-a sobre a mesa para que todos possam olhar.

— Tinha isso também. Acho que é um cronograma. Certas datas em que Stephen conhece alguém no Termo treze? Mas não tenho certeza do que significa. Pensei que talvez um de vocês soubesse.

— Terminal treze — digo. — É um porto de embarque a trinta e dois quilômetros de Ponderosa Springs. Que melhor maneira de enviar garotas sequestradas do que em um contêiner de carga?

É o único porto de águas profundas próximo e responsável por ajudar a movimentar mercadorias pelos terminais marítimos de Portland. E, aparentemente, ajuda no transporte ilegal de seres humanos. Esses pontos que colocamos em nossa mente, tentando conectá-los, procurando desesperadamente uma maneira de entender tudo o que aconteceu e tudo o que vimos nos últimos dois anos.

— É tão fácil assim vender e trocar pessoas? — Briar pergunta, franzindo as sobrancelhas.

Sua confusão, por mais irritante que seja, é válida. Ela cresceu em uma pequena cidade no Texas, muito pobre. Para ela, algo assim só existe na televisão.

— Se você tiver a quantia certa de dinheiro — responde Rook. — Pode fazer qualquer coisa facilmente com dinheiro.

— Estou surpresa. Não achava que os Sinclairs tivessem dois

neurônios, muito menos que fossem inteligentes o suficiente para comandar toda uma quadrilha de tráfico sexual — Sage diz, uma frieza em sua voz enquanto fala sobre as pessoas que quase se tornaram sua família.

— Ainda não é o suficiente para provar nada — ressalta Alistair. — Rook, conseguiu acesso ao computador de Silas? Conseguiu ver alguma coisa nas câmeras de segurança da propriedade Sinclair?

— Além de Easton em sua boxer? — Rook se encolhe. — Não, não há câmeras no escritório ou no bilhar. Literalmente, porra, em qualquer lugar que alguém possa esconder algo está apagado. Godfrey aparece muito, mas nada suspeito.

Quando começamos essa busca por vingança em nome de Rosemary, nunca quis entrar tão fundo. Eu tinha teorizado que alguém em Ponderosa Springs que havíamos prejudicado foi atrás da única fraqueza que tínhamos como retaliação. Nós os encontraríamos, os mataríamos e seria o fim. Seguiríamos caminhos separados, deixaríamos esta cidade podre no espelho retrovisor. Nunca deveria ir tão longe, correr tão fundo.

Não sou o herói que derruba uma quadrilha de sexo. Nenhum de nós é, mas minha lealdade a Silas não me deixa abandoná-lo. Não importa o quão longe as mentiras vão, estarei nela até que ele tenha o suficiente.

Devo isso a ele. A Rosemary.

— Beco sem saída — Briar suspira. — Tudo o que continuamos encontrando são becos sem saída.

Ela passa a mão pelo cabelo, inclinando-se ainda mais nos braços de Alistair, buscando conforto em uma mão que já vi despedaçar pessoas. Um homem que acreditava não ser mais do que um sobressalente é a única coisa que a mantém unida.

— Então esperamos. Quero dizer, isso é tudo que podemos fazer, certo?

— Esperar pelo quê? Que o Halo cumpra sua promessa a

Thatcher? — A loira ironiza com mais veneno do que acho que ela queria. — Para que eles acabem o que começaram com você, Lyra? Ou que venham atrás de Alistair? Ou Sage?

Medo. Derrama de Briar em ondas. Ela pode não admitir em voz alta, mas está em seus olhos. Vive lá, apodrecendo e fervendo em sua garganta.

— Pequena ladra...

— Não, Alistair. Não faça isso, não me chame de ladra — ela diz, olhos brilhando com lágrimas não derramadas, olhando para ele com um olhar feroz. — Eu não perderei você. Não perderei nenhum de vocês. Entenderam?

Ela tem medo, não por si mesma, mas por Alistair. Pelas pessoas com quem se importa. Com medo de entregá-lo às realidades cruéis desta cidade. Aquela pequena lasca de respeito que tenho por ela vibra em meu peito. Um entendimento entre nós de que se o mundo desabasse, ela sacrificaria qualquer coisa para protegê-lo, assim como ele faria por ela.

Alistair, com mãos capazes de infligir imensa dor, limpa uma lágrima suavemente de sua bochecha com o polegar, inclinando-se para frente de modo que sua boca esteja enterrada em seu cabelo ao lado de sua orelha, sussurrando algo que só eles podem ouvir. As emoções estão em alta agora, e não tenho desejo de ver isso se aprofundar mais. Pressiono minhas mãos sobre a mesa, me preparando para levantar quando Lyra se dirige a mim.

— Você recebeu uma ameaça? Quando? Que tipo?

— Não é nada...

— Ele recebeu uma carta, algo sobre o mal e o avisando para sair ou não sairia vivo. Besteira de *Pretty Little Liars* — Rook se intromete, sempre rápido para se inserir em situações nas quais não pertence.

— Cuide da sua vida — retruco para ele.

— Por que não me disse nada? — Lyra insiste.

Posso ver a dor em seus olhos, o brilho neles por causa do meu lugar ao seu lado. Não preciso de sua preocupação ou inquietação. Ela não pode me proteger porque não sou uma vítima.

Fora de nossas aulas particulares, não devemos manter contato. Nenhuma das pessoas ao redor sabe o que fazemos a portas fechadas, e ela está a três segundos de mostrar todas as suas cartas para essas pessoas.

— Essa conversa acabou.

Fico de pé em toda a minha altura, deslizando para fora da cabine, quando sua suave interjeição flutua em meus ouvidos.

— Mas...

Viro meu olhar para ela, dando um breve aceno de cabeça. Como alguém castigando silenciosamente uma criança, impedindo-a de pronunciar outra palavra. Não é sua função olhar para mim com olhos vidrados e cheios de pena. Não sou uma tragédia ou pessoa para ela se preocupar em perder. Isso não é o que eu sou para ela, mas está escrito em seu rosto.

Ela poderia olhar para a parte de trás da minha cabeça por tudo que me importa com aqueles olhos cheios de preocupação. Passei minha infância aprendendo a cuidar de mim mesmo, como defender mentalmente minhas emoções e como me proteger fisicamente de danos, mas, por alguma razão, isso não faz sentido biologicamente ou quimicamente. É mais difícil me impedir de fazer coisas das quais sei que me arrependerei mais tarde quando ela estiver por perto. Como colocar minha palma em sua cabeça, acariciar seu cabelo e lhe dizer com minha boca em seu corpo que ela não tinha motivos para se preocupar comigo.

O toque é minha maior irritação, meu inimigo mortal desde que me lembro. No entanto, com Lyra, minha pele queima por seu contato. Minhas arestas afiadas anseiam pela suavidade que só ela tem.

Meu peito sofre um espasmo terrível, travando e apertando. Preciso sair desta lanchonete e ficar longe dela. Preciso de espaço de

suas botas de chuva sujas e cheiro familiar. Distância, para que possa me lembrar de que não preciso que Lyra se importe comigo. É mais fácil suspender sua memória, o efeito que ela parece ter sobre mim, quando estou isolado, longe de sua forma física.

Viro as costas para ela, jogando minha mão sobre minha cabeça em um adeus descuidado que não requer uma resposta. Não estou prestando atenção, o que normalmente é bom. Sempre tenho um caminho livre porque não é normal as pessoas ficarem no meu caminho. Elas fazem questão de fugir sempre que estou por perto.

Exceto que sinto meu peito colidir com outra pessoa, meu rosto fingindo indiferença e olhos endurecendo quando olho para baixo. Provavelmente é errado da minha parte presumir que todo mundo está abaixo de mim, e é por isso que constantemente olho para baixo, mas raramente estou errado em minhas suspeitas.

Olhos espirituosos em forma de gato me olham, desconhecidos e confiantes demais.

— Percepção espacial. Poderia trabalhar um pouco, certo?

Descuidadamente olho para este recém-chegado indesejado, canadense, mulher, e olhando para mim como se eu fosse uma mosca presa em sua teia desavisada.

— Eu poderia recomendar o mesmo para você, com maneiras óbvias — digo friamente.

— Está absolutamente certo. Peço desculpas. — Ela sorri, cheia de si ou puro excesso de confiança. — Odette Marshall, e este é meu parceiro, Gerrick Knight. Somos de uma força-tarefa especial na Virgínia e fomos chamados para prestar consultoria sobre os recentes assassinatos. — Ela estende a mão para que eu a aperte. — Não queria esquecer minhas boas maneiras de novo.

Eu apenas olho para ela sem intenção de retribuir o gesto. Olho para sua contraparte masculina. Músculos contra músculos com veias ameaçando explodir. Corte de cabelo alto e justo, em pé com uma expressão fria e braços apoiados atrás das costas.

— É apenas educado apertar a mão de alguém quando se tem prazer em conhecê-lo — murmuro, enfiando minhas mãos no bolso. — No entanto, o esforço é notado.

Odette Marshall, para seu crédito, continua a sorrir para mim, mesmo quando seu olho esquerdo estremece de aborrecimento. Ninguém gosta de ser menosprezado, especialmente quando pensa que está no comando. Estou surpreso com suas presenças, mais desapontado por terem demorado tanto para fazer a viagem.

— Você também planeja reter provas e aceitar subornos? — Estalo minha língua, olhando para ambos em busca da resposta. — Não tinha certeza se era uma habilidade que ensinavam a todos os membros do FBI ou apenas a seus colegas de trabalho.

Houve cobertura global sobre as indiscrições de Cain McKay e Finn Breck enquanto juravam proteger e servir. Infelizmente, nenhuma das informações vazadas poderia ligá-los ao Halo, mas foi o suficiente para desacreditar suas imagens. Como se importasse agora, ambos estão mortos. Um está documentado e o outro supostamente ainda fugindo. Nunca encontrarão o corpo de Caim. Eu me certifiquei disso depois que Rook terminou com ele.

— Fique tranquilo, Thatcher, somos apenas dois detetives procurando respostas com nada além de boas intenções — ela diz. — É Thatcher, certo?

A confiança que ela tem é porque pensa que está acima de mim. Que de alguma forma tem a vantagem porque leu meu arquivo, fez algumas perguntas e reuniu informações sobre mim. Todos nós, se eu tivesse que suspeitar. Exceto que não há vantagem comigo. Você está ao meu lado ou debaixo do meu sapato.

— Existe algo que eu possa fazer por você, detetive? Ou você e seu fuzileiro estão apenas fazendo as rondas? — Eu pergunto, entediado com essa interação.

Se Gerrick está surpreso com minha suposição ao serviço militar, não demonstra, apenas continua a observar em silêncio enquanto sua parceira assume a liderança.

— Sim, na verdade, existe. — Ela cruza as mãos à sua frente. — Queríamos ver se você poderia nos responder a algumas perguntas. Afinal, é um morador local e, pelo que descobrimos, bastante inteligente. Pode ser uma grande ajuda para encontrarmos alguma direção neste caso.

Eu seguro minha zombaria. Este é o caminho que eles querem fazer comigo? Realmente?

— Detetive — penso, com um sorriso nos lábios — estou encantado, mas por favor, evite tentar acariciar meu ego. Você não é muito boa nisso, mas se quer direção...

Enfio a mão no bolso, deslizo minha carteira e pego um cartão branco de um slot. Eu o viro, oferecendo a ela com dois dedos.

— Pode digitar isso no seu GPS e a enviará diretamente ao meu advogado. Tenho certeza de que ele estará mais do que disposto a responder a qualquer uma de suas perguntas a meu respeito.

— Oh, vamos lá, precisa de um acompanhante? Não é capaz de responder sem supervisão?

São as primeiras palavras que Gerrick falou, sua voz exatamente como eu esperava. Profunda e áspera nas bordas. Ergo minha sobrancelha com sua declaração, meu sorriso se alargando.

— Sou capaz de responder às suas perguntas? Absolutamente. — Murmuro, balançando a cabeça suavemente. — Responderei? Não é provável.

Ele resmunga, cruzando os braços na frente do peito. Desvio meus olhos de volta para Odette, ainda de pé presunçosa, independentemente da minha obediência.

— Muito interessante, as diferenças nessas duas palavras — ela murmura. — Vamos nos certificar de cumprimentar seu advogado, e já que estou nisso...

Ela enfia a mão no bolso, tirando um cartão claro e olhando para cima para encontrar meu olhar. Ficamos ali olhando um para o outro, uma sensação de conhecimento passando entre nós dois. Conheço o



seu jogo e ela conhece o meu.

Embora meu derramamento de sangue semestral não esteja em seu radar, aquelas garotas mortas sem membros estão. Ela quer um assassino, um bandido sob custódia, e eu sou seu alvo principal. Presumo que ela me entregará, mas dá um passo para o lado, mirando o olhar nas pessoas que estão na cabine atrás de mim. Eles observaram silenciosamente nossa interação, mas agora fazem parte ativamente da conversa.

— Na verdade, estou interessada em falar com todos vocês.

Impressionante como ela bateu em uma parede tentando me intimidar e rapidamente se reajustou, concentrando sua atenção naqueles que ela sente que eu gosto. Para seu crédito, fez sua pesquisa, provavelmente sabe como todos estamos interligados.

No papel, ela provavelmente pensou que tinha todos os meus pontos fracos enfiados no bolso, mas sou imune ao seu medíocre jogo de xadrez. Eu até tenho uma torre para o seu cavalo, e se ela continuar me olhando, deixarei minha peça do jogo incendiá-la.

Odette olha gentilmente na direção de Lyra, seu pequeno corpo girado na cadeira. Com um movimento suave, a detetive estende a mão para a frente, oferecendo o cartão claro.

É puro instinto. Eu mesmo mal percebo o movimento. Minha mão envolve o metal da cadeira de Lyra, meu braço bloqueando seu corpo do cartão oferecido. Arrependo-me no momento em que vejo os olhos da detetive se aguçarem, um sorriso conhecedor puxando a borda de seus lábios. Ela rapidamente muda de direção. Em vez de entregá-lo apenas a Lyra, ela coloca o papel na mesa.

— Ligue-me se souber de algo útil. — Ela se afasta, endireitando a jaqueta. — Thatcher, até mais.

Passado vários momentos, chego ao meu carro, finalmente sendo capaz de sair depois de me certificar de que todos, principalmente as meninas, saibam que não devem falar com ninguém sem a presença de um advogado.

Meu erro ao mostrar a detetive que infelizmente tenho uma fraqueza me dá coceira nas palmas das mãos. Uma que não posso mais negar. Uma que nunca estaria no papel, mas floresceu dentro de mim como uma hera cruel.

Lyra e apenas Lyra. Minha necessidade instintiva de protegê-la abriu uma porta com espaço suficiente para Odette usá-la contra mim. Minha mandíbula dói de tensão depois de cerrar os dentes por muito tempo.

Abro a porta do carro, afundando no assento de couro e pressionando as palmas das mãos nos olhos enquanto me inclino para trás no encosto de cabeça. Minha cabeça lateja de arrependimento.

Como eu a deixei chegar tão perto? Como pude ser tão fraco?

Essas perguntas parecem tão triviais agora que me permiti estar nessa posição. Estou aqui e preciso encontrar uma saída para esta teia em que Lyra me enredou. Deixei que ela me assombrasse por muito mais tempo do que deveria.

É hora de um exorcismo.

Não posso confiar em mim mesmo perto dela porque ela é tão avassaladora que tudo que eu consigo pensar é nela quando está perto de mim. Não minha segurança ou os segredos que poderiam me mandar para a prisão. Somente ela.

Este é um jogo de sobrevivência e, se algo o enfraquecer, o interrompe. E é exatamente isso que preciso fazer com Lyra. Afastá-la de mim, removendo-a com um corte rápido e limpo. Só colocará a nós dois em perigo se continuarmos. A sua vida e a minha liberdade estão em risco. Esta é a minha única escolha.

E como para solidificar minha decisão de amputá-la da minha vida, quando abro os olhos, no banco do carona está um presente que não estava lá quando cheguei antes.

Uma mão humana decepada repousa sobre o couro marrom, um laço elegante amarrado em um dedo, uma rosa fresca descansando ao seu lado e uma nota ao lado que diz em letras garrafais:

***Eu te avisei.***

PICADAS DE ARANHA

**Lyra**

Não consigo encontrá-lo.

Faz quase duas semanas desde a última vez que o vi, falei com ele pela última vez. Todas as minhas ligações ficaram sem resposta, mensagens de texto entregues sem uma única resposta.

Não havia um sussurro dele no campus ou em qualquer lugar em Ponderosa Springs por semanas.

Não na cafeteria da Fifth, onde paga cinco dólares por um Americano toda terça e quinta-feira, quando tem aula às oito da manhã. A galeria de propriedade de sua família e que ele frequenta nas manhãs de sábado estava vazia de sua presença. Não correu, não em seu caminho regular ou qualquer caminho, até onde eu sabia. Eu acordava todos os dias com a esperança de que ele estivesse lá, mas sempre saía com os pés doloridos e o coração solene.

Quando perguntei a Alistair onde ele tinha ido, sua resposta foi sem respostas ou dicas. Ele simplesmente olhou para mim e disse — Não fazemos perguntas, Lyra. Ele nos diz o que quer. Sabemos o que ele precisa. Não questionamos o porquê.

Isso não era o suficiente para mim. Isso é besteira aos meus olhos. Se for esse o relacionamento que ele tem com os rapazes, tudo bem, mas não funcionar para mim. Não é a conexão que temos.

Eu tenho coragem de aparecer a sua porta quando a terceira semana chega. Sou recebida apenas pelos trabalhadores e sua avó, que gentilmente me avisa que ele está bem. Tudo o que ele disse a ela foi que ia embora por algumas semanas – umas férias, como ele chamou.

Ela supõe que ele esteja em uma de suas outras casas, possivelmente aquela em British Columbia, que ele amava quando criança. Ou a de Vermont. Tinha sido a favorita de sua mãe.

Falar com ela é apenas um pequeno bálsamo para o meu coração ardente. Uma pequena dose dele para facilitar um pouco a respiração, mas não é o suficiente.

Estou tão perturbadoramente solitária. A torre da biblioteca não é reconfortante; o mausoléu é sombrio sem ele lá. E não consigo nem trabalhar ou procurar insetos. Há um vazio dentro de mim que não dói há anos, um poço oco sem fim, apenas um poço eterno sem fundo à vista.

Por isso, quando May Pierson se despede de mim na porta da frente, rapidamente encontro uma maneira de entrar novamente. Desta vez, sem o seu conhecimento. Estou quieta, tentando me lembrar dos degraus até o quarto dele.

Levo mais tempo do que gostaria de admitir para encontrar, mas quando encontro, permito-me sucumbir ao que vivia dentro de seu quarto. Os pedacinhos dele que poderia pegar. As suas migalhas que sobraram, migalhas que antes poderiam ter suprimido minha fixação, saciado minha obsessão até a próxima vez que fosse capaz de observá-lo à distância ou roubar um suéter.

Entretanto, mesmo isso não é suficiente. Nada poderia ser suficiente depois de tudo que trocamos. Agora sei como é ser abraçado por um homem que só a morte poderia tocar. Senti seus dedos ao longo da minha pele, entre minhas coxas. Saiba qual é o gosto do seu sangue na minha língua.

No entanto, isso não me impede de ser gananciosa. Pressiono meu nariz contra cada peça de roupa pendurada em seu armário, perseguindo seu cheiro. Corro meus dedos ao longo de suas abotoaduras e gravatas. Traço as teclas pretas e brancas que suas mãos tocaram com tanta frequência.

Deslizo um de seus cardigãs pretos sobre meus ombros, planejando levá-lo comigo. Minhas mãos correm pela pequena

escrivaninha escondida no canto, tocando todas as suas anotações, traçando as curvas distintas em sua caligrafia digna.

Há muito que se pode dizer a partir da caligrafia de uma pessoa.

Por exemplo, o grande espaçamento entre as palavras de Thatcher me diz que ele detesta estar lotado e gosta de ficar sozinho. Os laços estreitos *expõem* o quão desapegado é das emoções das pessoas. E o ponto cortado deliberadamente sobre seu *i*? Bem, isso me diz duas coisas.

A pouca paciência ele tem para as inadequações dos outros. E o quanto adora cortar coisas.

Meu corpo derrete em seus lençóis. Deito-me em sua cama e penso em como este é o maior tempo que estou sem vê-lo. Observando-o. Existindo no mesmo cômodo que ele.

Desde que voltei para Ponderosa Springs após a morte de minha mãe, ele esteve lá quase todos os dias, mesmo que apenas um breve vislumbre de seu corpo alto. Eu não ficava sem a sua presença há anos.

Quero ficar com raiva dele. Ele sabe o que isso é para mim. Que minha obsessão precisa ser alimentada. Às vezes acho que ele gostava de ser o homem que eu observava religiosamente, e agora ele foi embora. Levado embora. Arrancou das minhas mãos, minha adorável e secreta fascinação. Meu coração está agitado, mas nunca poderia ficar realmente chateada com ele. Não da maneira que ele merece.

Thatcher tinha uma rotina, um sistema definido que seguia rigorosamente, até cada pequeno detalhe. Se isso fosse interrompido, causaria o caos para ele.

Acho que ele não entendeu que era meu. Que era a minha rotina. Meu maldito sistema. E agora, estou um caos sem ele.

Deixei-me chafurdar por mais trinta minutos antes de finalmente conseguir energia para sair. Ir para casa é a última coisa que quero fazer e, embora ame Sage e Briar, não quero vê-las.

Estou dirigindo meu carro quando percebo que dia é hoje.

Quinta-feira é jogo de xadrez com Silas, e faz tempo que não vou. É a maneira perfeita de me divertir, de estar perto de alguém que possa entender.

A viagem é longa, silenciosa. Não me preocupo com o rádio, apenas sento em silêncio e ouço o zumbido do meu veículo de modelo antigo até que finalmente estaciono no melhor hospital psiquiátrico de Portland.

Silas está lendo *A Arte do Ataque* quando o encontro. A camisa e as calças brancas combinando se encaixavam perfeitamente em seu grande corpo. É muito mais amplo que Thatcher e, de alguma forma, sempre me sinto pequena quando estou no seu espaço.

Não demoramos muito para entrar no jogo, o tabuleiro de xadrez situado entre nós enquanto nos revezamos para mover as peças. Estou jogando sem entusiasmo, mas ainda aprecio a distração.

— Xeque-mate — diz ele humildemente. — Você pode ser a pior aluna de todos os tempos.

— Talvez você seja um professor de merda — digo, um sorriso puxando meus lábios com a piada. Silas é ótimo no xadrez e, para ser sincera, aprendi muito sobre o jogo com ele.

Ele inclina a cabeça, levantando uma sobrancelha, que é o mais próximo que já cheguei de um sorriso ou de qualquer emoção genuína sua desde que comecei a visitá-lo. Não me lembro de tê-lo visto sorrir, nem mesmo nos corredores com Rosemary.

Sempre pode vê-lo, no entanto. Seu amor vivia naquelas íris marrom-escuras.

E agora, bem. Agora, ela está morta, assim como seus olhos.

— Desculpe, realmente não estou prestando atenção. — Expiro pesadamente. — Estou me sentindo um pouco...

— Na sua cabeça? — Ele termina por mim, e aceno com um sorriso sombrio.

— Conhece alguma boa maneira de consertar isso?

— Acha que se eu conhecesse, estaria aqui?

Eu rio, embora não seja exatamente engraçado, mas gosto de seu humor seco. É uma agradável mudança de ritmo.

— Ponto justo. — Mastigo o interior da minha bochecha, a pergunta que eu queria fazer desde que cheguei pensando na minha língua.

É egoísta da minha parte perguntar. Viajar até aqui, só para fazê-lo sentir que estou usando-o para obter informações, mas ele parece minha última esperança.

— Posso fazer uma pergunta, Silas?

— Claro. — Ele se recosta na cadeira, cruzando os braços na frente do peito. — Não se ofenda se eu não responder.

Agora ou nunca, certo? — Você... — engulo. — Sabe onde Thatcher está? Ou para onde ele pode ir se precisar fugir de Ponderosa Springs?

O rosto de Silas não se move. Não dá nenhuma indicação de resposta; apenas se limita a se sentar e olhar para mim. É tão difícil lê-lo, semelhante a Thatcher, mas diferente.

Thatcher é difícil de ler porque não sente o mesmo que os outros, e por isso, não tem as mesmas reações que se pensaria em procurar. Silas, porém, sente - ele apenas esconde isso. Uma parede em branco que não deixa nada entrar, e nada sai.

Portanto, fico ali sentada, estudando sua sobrancelha proeminente e a curva de seu nariz forte, as sardas escuras em sua pele morena clara. Imóvel e inflexível. E acho que talvez a razão pela qual não fala com frequência seja porque também está tentando me ler.

— Não.

Uma sílaba. Uma palavra singular. A única resposta que obterei dele em relação ao amigo.

Concordo com a cabeça, olhando para o tabuleiro de xadrez. Meu



peito lateja, a esperança morrendo dentro de mim, sabendo que terei que esperar até que Thatcher volte de onde está. Se ele voltar.

— Por que quer saber? — A voz de Silas é uniforme, genuinamente curiosa.

— Porque eu...

As palavras morrem em meus lábios. O que eu diria mesmo?

Porque sou a sua perseguidora e não consigo encontrá-lo? Porque sou obcecada pelo seu melhor amigo desde que éramos crianças?

Porque o amo?

São todas respostas, mas nenhuma delas é boa o suficiente para falar em voz alta. Cada uma delas parece tão trivial. Não acho que existam palavras reais que possam explicar o desejo em minha alma por Thatcher.

— Por nada.

Pego meu cavalo, movendo-o para frente, evitando o xeque-mate anterior de Silas ao bloquear sua rainha. Contento em continuar nosso jogo e me sentar em silêncio como normalmente fazemos.

— Lyra — diz Silas, sua voz me fazendo levantar os olhos do tabuleiro — por que está fazendo isso consigo mesma?

Ele não precisa dizer mais nada. Sei o que está perguntando. Por que estou à mercê de um homem que, repetidas vezes, provou o quão incapaz é de sentir?

É a pergunta que está na cabeça de todos. A que sussurram entre si. Aquela em que pensam, mas nunca me perguntam e, se perguntam, geralmente nunca dou uma resposta. Exceto que estou exausta com pessoas que medem o que sinto por Thatcher em sua escala de expectativas de amor.

— Amá-lo não é receber nada em troca — digo com um olhar endurecido. — Meu amor por Thatcher não é egoísta. Não requer reciprocidade ou celebração. É honesto. Pode existir por conta própria sem aviso prévio.

Sou uma fantasma que assombra um homem que não precisa dele para me tornar humana. Basta que me veja, que eu habite os sótãos vazios de sua mente e os corredores estéreis de seu coração. Amá-lo sem favor é suficiente.

É minha obsessão que precisa de atenção, que precisa ser alimentada.

— Achei que você, de todas as pessoas, entenderia como é isso — termino, porque se lavaremos minha roupa suja, é melhor jogar a dele na mistura.

Minha admissão não o surpreende, ou talvez sim. Ele não mostra de qualquer maneira, apenas olha para mim com os olhos vazios.

Ficamos sentamos aqui. Duas pessoas entrelaçadas em teias de dor nas mãos da aranha mais letal do mundo.

Amor.

Posso não ter estado lá quando ele estava com Rosemary, não o conhecia bem ou não o vi após a morte dela como Rook, mas há um profundo sentimento de compreensão que flui entre nós dois. Um rio ligado à mesma poça de turbulência. Talvez sempre existisse desde o primeiro dia em que apareci aqui para visitá-lo.

Algo em mim sabia que ele entenderia, sem explicação. Se o resto do mundo não entendesse, ele entenderia. Silas incomoda outras pessoas porque se recusa a esconder a dor em seus olhos, a tristeza que vive neles.

Acho que ele sabia que eu não tinha medo disso - é por isso que me deu a oportunidade de amizade. Silas se inclina para a frente, pegando seu bispo e uma das minhas peças, acrescentando-a à crescente pilha de preto na lateral do tabuleiro.

— Que par fazemos — ele murmura. — Amamos pessoas que nunca nos amarão de volta.

Deixei escapar uma risada ofegante, balançando a cabeça. — Rosemary te amava. Você sabe disso.

— Não mais — diz ele, sua mandíbula contraindo na admissão.

Minhas sobrancelhas se franzem e, por instinto, minha mão se move para frente, descansando em cima da dele.

— Esse amor ainda existe, Silas. — Minhas palavras carregam um senso de urgência. — Não desaparece simplesmente. Tem que ir para algum lugar. Ainda é real.

Ele olha fixamente para a minha mão, permitindo que um momento de silêncio passe entre nós antes de olhar para cima novamente.

— Não consigo mais encontrar.

Não há resposta para mim. Nada do que eu disser ajudará na dor que ele carrega. Por isso, suavemente lhe aperto a mão com mais força. Esperando que ele possa dizer as coisas que eu não posso.

Ficamos ali por mais um momento antes de eu afastar, olhando para o jogo de xadrez sem nenhuma pista de como progredir sem perder imediatamente.

— Lyra.

— Sim, sim, eu sei. — Aceno para ele. — Estou tentando pensar se devo atacar ou defender...

— Rook está com meu telefone.

Levanto meus olhos para o seu olhar, erguendo uma sobrancelha. — Quando recuperá-lo, sabe que haverá uma série de fotos de pau. Sabe disso, certo?

Ele desdenha, meio que como uma risada. Quando abre a boca novamente, diz algo que eu não esperava. Uma mão amiga, assim como tinha dado a ele. Isso me faz desejar poder fazer mais por ele.

— Tenho dispositivos de rastreamento em todos os carros dos rapazes. — Ele suspira. — Se você conseguir meu telefone, mostrará onde todos estão.

# VINTE E TRÊS

## HISTÓRIA DE ORIGEM

### Lyra

A casa da minha mãe é um túmulo.

Uma concha do que antes havia sido uma deslumbrante mansão de inspiração vitoriana, agora repleta de hera, sufocada por ervas daninhas e precisando desesperadamente de reparos.

É um cadáver.

Um cadáver bonito, podre e decadente. Os resquícios da minha infância perduram, e se me esforçasse o suficiente, poderia recordar algumas dessas memórias: contrabandear joaninhas do jardim, quebrar meu braço tentando subir na árvore no jardim da frente, tentando convencer minha mãe a me deixar dormir na varanda da frente quando chovia.

Enquanto ando pelos corredores desolados, porém, a madeira rangendo sob meus sapatos, não posso deixar de me sentir uma estranha por dentro. Como se tudo de bom, toda a felicidade, tivesse sido sugado no segundo em que Henry Pierson matou Phoebe Abbott.

Nunca revendeu. Permaneceu vazia por um bom motivo. Quem quer se mudar para uma casa onde ocorreu um assassinato?

Agora é só uma casa. Quatro paredes que enjaulavam uma manchete horrível. Um teto que abrigava traumas e desesperos. Não é mais um lar, não é mais um lugar de consolo ou lembrança alegre.

Fiquei olhando para o telefone de Silas pelo que pareceram horas, pensando que aquilo não podia estar certo. Não havia como a localização de Thatcher estar correta, mas quando me aproximei hesitante de minha antiga casa, vi seu carro estacionado na garagem.

Não tinha sido uma invenção da minha imaginação. Ele está aqui. Por quanto tempo? Não tenho certeza, mas agora está lá dentro. O lugar onde nossa história começou. Quando ele era um Jack Frost desconhecido e eu uma garotinha solitária.

As cordas do nosso destino estão enraizadas aqui. Vibram e respiram - é o único raciocínio por trás dos meus passos me levando para o quarto da minha mãe.

Quando crio coragem para abrir a porta, é aí que o encontro, encostado na parede, olhando pelas janelas da sacada para o quintal manso. Seu terno é impecável. O tecido azul escuro não tem uma única ruga. Tudo nele parece muito limpo nesta sala. Uma deslumbrante escultura de gelo de vidro disposta entre a imundície da história.

Por um momento, gostaria de ter me ajoelhado e orado a um deus em quem não acreditava para que ele não fosse tão...

Lindo.

Talvez assim fosse mais fácil me separar dele. Se eu, de alguma forma pudesse remover os óculos cor-de-rosa, vê-lo como todo mundo vê. Calculista. Tóxico. Monstro insensível.

Se o desejo de morte que rondava sob a superfície se refletisse em sua imagem externa, isso teria feito diferença?

Eu digo a mim mesma que sim, mas sei que isso não é verdade.

Independentemente de como ele aparece ao olho humano, eu sempre veria sua alma. Veria sua versão do frio como a primeira neve do Havaí. Algo de maravilhoso e belo.

— Por que está aqui, Lyra?

Não me incomodo em perguntar como ele sabia que era eu. Apenas me aproximo de um cômodo que não via desde que um corpo morto o ocupava. Está vazio. Móveis desaparecidos, pintura lascada, completamente vazio.

Um vento frio sopra da janela, fazendo-me puxar as mangas do

cardigã preto de Thatcher sobre minhas mãos, enrolando meus braços com segurança ao meu redor enquanto olho para a parte de trás de sua cabeça.

— Você desapareceu depois que eu descobri que estava recebendo ameaças de morte — digo. Senti que a resposta era óbvia. — Simplesmente desapareceu. Nem uma maldita palavra para mim.

Ele me responde em silêncio, continuando a olhar pela janela, uma estátua imóvel. Eu mastigo o interior da minha bochecha, apertando meu braço para me confortar.

— E porquê... — engulo. — Porque ultimamente você é o único lugar onde não me sinto sozinha.

Eu não deveria estar magoada por ele ainda não ter respondido, mas não posso culpá-lo. Expressar emoções e vulnerabilidade nunca foi seu forte. Não é sua culpa que me apaixonei por alguém tão frio, ou talvez seja.

— Porquê você está aqui? — Pergunto, virando a mesa.

Ele é o único habitando minha antiga casa, parado neste quarto como se fosse uma parte completamente normal de seu dia a dia. Como se este não fosse o espaço onde nossa mãe e nosso pai ficaram juntos em uma despedida final.

Essa pergunta o move. Ele lentamente se afasta da janela, virando o corpo para ficar de frente para mim. Suas costas ainda encostadas na parede, as mãos enfiadas nos bolsos. Parece-se com o Thatcher, com todas as suas características normais, mas posso ver o toque de roxo sob seus olhos. Olheiras de estresse ou falta de sono, talvez ambos.

— Pensei que fosse o único lugar que você não viria.

Não consigo evitar a maneira como minhas sobrelhas se juntam, a maneira como solto uma risada e balanço a cabeça. Dou vários passos em frente, parando no centro do quarto.

— Você não entende, não é? — Digo com algo como frustração na minha língua. — Não há lugar onde esteja que eu não iria.

Depois de todos esses anos, ele ainda não consegue ver além de seus próprios olhos para ver que eu faria qualquer coisa, iria a qualquer lugar, por ele. Não há outra opção para mim. A corda que nos prende se recusa a me deixar ir. Meu coração se revoltaria se eu o deixasse.

Ele não é meu amor. É minha obsessão. Uma pessoa que continuamente me preocupa e se intromete em minha mente. Uma doença, uma droga que me recuso a largar ou para a qual me recuso a procurar ajuda. Não quero viver uma vida em que ele não esteja.

Esse é um destino mais cruel do que qualquer morte. Existir em um mundo que ele não respira mais.

— E sabe o que isso faz de você? — Ele diz, inclinando a cabeça para o lado com um olhar gelado. — Não é uma romântica incorrigível ou mesmo patética. Isso a torna perigosa. Irresponsável. Você me seguirá em qualquer lugar. E quanto ao túmulo, Pet? Porque se você continuar assim, é onde estará.

Um aperto se expande em meu peito. — Está dizendo que acha que o Halo cumprirá suas ameaças?

— Estou lhe dizendo, quanto mais perto tenta chegar de mim, é mais um passo para um funeral antecipado.

Eu balanço minha cabeça. — Não ligo. Não vou...

— É ingênua, Lyra Abbott — ele interrompe, afastando-se da parede de modo a de pé. — Uma garota ingênua e doente que formou essa ideia em sua cabeça quando era criança de que eu era um anjo.

Minha boca se abre para intervir, mas ele avança. Cada palavra é cruel, sua língua cortando minha carne sensível, abrindo-me e me fazendo sangrar de todas as maneiras que nunca poderei amá-lo.

— Tudo o que é para mim é um pontinho inconveniente na minha infância. Um alvo que eu deveria ter matado, como meu pai ordenou. Um erro que nunca deveria ter tocado. — Thatcher passa a mão pelo queixo. — É hora de acordar. Voltar para a vida. Você não é minha fantasma, e eu cansei de ser sua obsessão.

Todos os pontos do meu corpo que sentiram suas mãos latejam de dor. Um ser chamado de erro. Lágrimas frescas e salgadas atingiram meu lábio superior. Posso provar seu desespero, sua dor.

— Eu aceito que seja frio — suspiro, baforadas visíveis expelidas de meus lábios. — Cheio de gelo até a borda. Às vezes dói fisicamente ficar muito perto de você.

Eu dou um passo em sua direção. Outro. E depois outro.

— Aceito que não sinta nada. Há muito tempo, alguém arrancou a suavidade de você com os dentes, e agora não passa de pontas afiadas. — Minhas palavras me sufocam, um soluço se formando em torno das palavras.

No entanto, continuo avançando com as pernas trêmulas até ficar bem na sua frente, seu corpo a poucos centímetros do meu, minha cabeça inclinada para que eu possa olhá-lo nos olhos.

— Eu até aceito que seja cruel. Tão porra cruel, Thatcher Pierson. Não há nada em você que eu não aceitaria. Enfrentarei o seu frio com o meu calor. Deixarei suas arestas afiadas fazerem o pior porque fui feita para sangrar por você.

Meus dedos estão brancos, enrolados ao meu lado. Seus olhos azuis são um lago congelado e brilhante, apenas refletindo minha emoção em seu espelho, mas seu olhar, sempre tão vazio, sério e intenso, suaviza um pouco. Só o reconheço porque conheço muito bem seu rosto e porque, mesmo que não perceba, ele me olha de maneira diferente de qualquer outra pessoa.

— Mas me recuso a isso — resmungo, dando um breve aceno de cabeça. — Não pode me fazer aceitar algo que eu sei que não é verdade. Você não entende o que me tornarei sem você.

— Se isso é sobre aprender a controlar seus impulsos, você vai...

— Não! — Eu grito, e para seu crédito, ele nem sequer se mexe, apenas fecha a boca enquanto pressiono meu dedo indicador em seu peito. — Se algo acontecer com você, não chorarei em seu túmulo e implorarei para que alguém o traga de volta.



Como se explica para alguém que não sabe nada sobre amor que ele é a razão pela qual respira? Que sem eles já teria morrido há muito tempo, que são a única razão pela qual quer existir para ser visto por eles?

— Não buscarei vingança. — Minha voz falha. — Eu travarei uma guerra sem fim.

Não vou deixá-lo. Ele não me afastará. Não quando posso protegê-lo. O Halo não vai tirá-lo de mim. Não há ninguém que possa tirá-lo de mim.

— Se você morrer, isso não me arruinará apenas, Thatcher. Será a razão por trás do massacre de toda esta cidade. — Cerro os dentes, sabendo que minha dor por perdê-lo não deixaria ninguém seguro. — Não me empurre para longe, por isso se permita ser morto e me culpe pelo tipo de monstro que nasceu em meu luto.

## **Thatcher**

Toda a minha vida me orgulhei de ser honesto. Fora o único fator real que me distinguiu de meu pai. Ele escondeu do mundo o que era, fingiu ser um homem quando era um monstro.

Prometi a mim mesmo, contudo, que seria diferente. Seria melhor.

Por isso, me recusei a mentir. Mesmo que doesse, mesmo que a verdade doesse e fosse amarga. Permiti que o mundo me temesse, para que me vissem exatamente como eu era. Dessa forma, ninguém jamais poderia dizer que ficou surpreso com o meu comportamento.

Eu não seria o assassino em série no noticiário onde os vizinhos falavam como não tinham ideia. Como nunca teriam imaginado que eu poderia dismantelar corpos humanos e dissolvê-los em ácido. Não, eles saberiam. Sempre souberam o que eu sou, o que me tornei.

— Acha que eu me importo com o que você se torna?

As lágrimas de Lyra estão escorrendo pesadamente por seu rosto,

grandes gotas caindo. Ela mostra tudo o que está sentindo na superfície, usando aquele coração frágil e ridículo na manga para qualquer um ver.

— Eu...

— Acho que me confundi com outra pessoa. Por alguém que é capaz de dar a mínima. Então, permita-me esclarecer isso. Não quero que haja confusão no futuro.

Levanto um dos meus dedos para o seu rosto, limpando as lágrimas de sua pele, o toque gentil é o oposto direto das minhas palavras brutais.

— Eu não me importo com você, Lyra Abbott.

Mentira. Mentira. Mentira.

Suja. Imunda. Mentira nojenta.

Há algo dentro de mim, uma verdade enterrada, que negarei até meu último suspiro - que ela sempre foi a única mulher, a única pessoa com quem me importei.

A garota que não consegui matar. A garotinha que teve uma bandeja inteira de comida jogada na cabeça na quinta série por Scottie Camball, por isso, eu o empurrei escada abaixo. A mulher que deixei me observar, me assombrar, porque gosto da sensação de seus olhos em meu corpo.

Aquele ponto fraco. A primeira pessoa a me fazer sangrar. E a odiei por isso todos os dias.

Odiava como ela faz desejos mórbidos por coisas de beleza apaixonada.

— Mas você...

— Achou que poderia me mudar? — Pergunto, pressionando uma lágrima em sua bochecha antes de pegar um de seus cachos e puxá-lo inofensivamente. — Pensou que poderia entrar e me sujar, me transformar no homem que ama? Não me diga que é assim tão patética, querida fantasma.

Gosto de diminuir a luz dos olhos das pessoas, removendo qualquer fonte de vida dentro de suas pupilas até ficarem embaçadas e vidradas. Eu amo essa parte, mas isso não parece nada disso.

O brilho dentro de suas íris de jade tremula, um vaga-lume esmagado sob meu sapato. A emoção constante que nada nas profundezas quando ela me encara, tão avassaladora que posso vê-la do outro lado do pátio quando tenta se misturar à multidão...

Desaparecida. Vazia.

No entanto, preciso dele morto.

Meu corpo se inclina para ela, estendendo a mão e sacudindo um de seus cachos com o polegar. Sinto minha mente criar uma imagem mental desse olhar em seu rosto pálido.

— Não somos nada além de uma maldição geracional. A nona sinfonia, destinada a começar antes mesmo de começarmos — murmuro. — Sua mãe se apaixonou por um assassino, e veja onde ela acabou. Olha o que meu pai fez com ela. Pense no que posso fazer com você.

Phoebe Abbott caiu da pior maneira para Henry - em um beco sem saída, sem escapatória. O homem dos seus sonhos tinha criado seu pior pesadelo. E tínhamos entrado na mesma roda.

Ela pisca para mim, sua mão esquerda alcançando o bolso da minha jaqueta. O calor de seus dedos penetra no material.

— Esse era o nosso destino, certo, Thatcher? Eu me apaixono por você, e você me mata. Assim como nossos pais, certo?

Meu canivete brilha quando ela o remove, segurando-o na palma da mão e oferecendo-o para mim. Aceno secamente, tirando minhas mãos de seu cabelo.

— Então me mate.

As palavras de Lyra cortam o ar. Ela olha para cima com uma máscara de emoção impassível, imóvel e sem medo. Ou está pronta para morrer ou acredita que não vou machucá-la.

— Pare — ordeno, sabendo o que ela está tentando fazer.

— Se você é como seu pai e eu como minha mãe, então isso deve ser fácil. Mate-me — ela insiste, abrindo a lâmina e empurrando para mim, desesperada para que eu o tire dela.

Cada músculo do meu corpo se contrai, algo dentro de mim fervendo. Essa nova emoção, raiva, cai sobre mim como uma onda vermelha. Quanto mais ela fica ali, empurrando a lâmina em minhas mãos, mais escura a cor fica.

Eu me aproximo dela. — Não te direi de novo.

— Faça isso! — Ela grita. — Se é tão fácil, se o que diz é verdade, então faça! Apenas vá em frente e acabe com isso.

Minha mão está tremendo de fúria quando tiro a faca de sua mão. Meus dedos afundam na parte de trás de seu cabelo, puxando seu corpo contra o meu. Com passos de comando, nos conduzo para trás, forçando seu corpo até que atravessemos o quarto, enfiados na escuridão do armário e suas costas batendo na parede.

A lâmina parece quente em minha mão, o metal pressionado lateralmente contra sua garganta delicada. Mantenho meu domínio sobre a parte de trás de sua cabeça, forçando seu pescoço na faca.

— Mate-me, Thatcher. Mostre-me exatamente quem é.

Sua respiração sai em ofegos rápidos, mas ela mantém a cabeça erguida, me dando acesso, praticamente implorando para que a abra, para deixá-la deitada com nada além de um colar de rubis, manchas de sangue escorrendo, drenando-a até secar.

Eu cerro os dentes, desesperado para acabar com isso, mas minha mão não deixa. Minha mente se recusa.

— Não. — Balanço minha cabeça, tentando engolir, mas minha garganta aperta.

— Faça isso! Mate-me! — Sua voz treme em meus ouvidos, soando clara, exigindo que eu faça algo em que pensei por anos, mas, assim como da primeira vez, não faço.

— Não posso! — Puxo seu cabelo, forçando-a a olhar diretamente para mim. — Deus, quero cortá-la, Pet. Em pedaços, destruir tudo o que é, para que eu nunca tenha que experimentar essa vibração horrível em meu estômago toda vez que vejo você. Quero te matar e a sua memória, mas não posso fazer isso, porra!

Meu peito arfa, respirações saindo em jorros como se eu tivesse corrido por quilômetros a fio. A dura verdade oscila entre nós, minha incapacidade se instalando a minha frente. Que sou fraco em relação a ela. A única coisa que fui feito para fazer, e não posso fazer. Tudo por causa dela.

Meus olhos encontram os dela, a fome se afogando neles, mas há sempre uma sensação de vitória brilhando dentro deles.

— Eu te vejo. A única que conhece você — ela respira. — E sei que é um mentiroso. Este é o nosso destino.

É a última coisa que ela diz antes de eu sentir suas mãos agarrarem minha nuca com uma mão e a frente da minha jaqueta com a outra, e bater nossas bocas uma na outra.

E eu deixei. Deixo porque há uma parte de mim que sabe que ela está certa. Que sempre teve razão. Mesmo quando eu me negava a ela, me recusava a reconhecer sua existência por medo desse exato momento.

Intimidade pura e viciante que só floresce em seu rastro. Claro, ela poderia crescer dentro de mim, florescer como uma rosa de inverno através do frio congelante e do gelo implacável.

As coisas vivas não sobrevivem em mim. Fui construído para destruí-los desde o início, mas ela, Miss Death e Decadência, prosperou em todos os lugares que outros temiam.

Prosperou.

Dentes e língua enquanto lutamos um contra o outro. Ela cantarola contra mim, obrigando-me a engolir seu prazer, despejando na garganta do outro toda aquela malícia e palavras que não diremos. Eu arrasto a faca de seu pescoço para a frente de seu corpo.

Seus dentes afundam em meu lábio inferior, mordendo com força suficiente para que eu sinta um gosto metálico na minha língua. Um gemido ressoa em minha garganta enquanto ela suga a carne, puxando meu sangue para sua própria boca. Pintando suas entranhas comigo.

Somos uma teia de membros emaranhados e toques contundentes. Ela arranca minha jaqueta de meus ombros, arrancando o tecido, desejando me tocar, estar sob minha pele.

Superfície não é suficiente para ela. Ela quer abaixo de tudo que construí por fora. Sob a minha carne, dentro das paredes da minha cabeça. Nada do que eu der a ela será suficiente.

Vários momentos de tempo suspenso, com minhas mãos em seus cabelos, puxando seus cachos selvagens. Meus dedos abrem as costuras de sua roupa. O calor de sua boca penetra na minha, cerejas afogando meus sentidos.

Eu me incito ainda mais contra seu corpo pequeno, resmungando em sua boca enquanto sinto seus mamilos expostos cutucando meu peito. O desejo reveste cada instinto, meu controle é um pensamento passageiro. Só consigo pensar em tocá-la.

Durante toda a minha vida, quis estar limpo. Cuidadosamente limpo. E tudo que quero, tudo que desejo, é que ela me suje. Desnude o interior de sua alma para mim, para que eu possa rasgá-la em pedaços, se quiser. Conhecer cada centímetro dela, mergulhar minhas mãos nela e ser coberto por tudo o que é Lyra Abbott.

É uma intimidade mórbida. Possivelmente o único tipo de que sou capaz, quase doentio por natureza. Penso em como eu sofro para estar dentro dela. Quero meu pau enfiado entre suas coxas ao mesmo tempo que meu sangue afoga sua garganta, e nossos corpos tentam se fundir em um.

Minha mão tateia seu seio, torcendo o botão sensível entre meus dedos, fazendo-a gritar enquanto arqueia as costas. Arrasto minha língua em seu pescoço, explorando todos os lugares que a fazem apertar.

A faca na minha mão esquerda se contrai, implorando por ela. Com um movimento preguiçoso, arrasto a ponta para baixo de seu corpo nu, observando arrepios até chegar ao ápice de suas coxas.

Suas mãos puxam a parte inferior de sua saia, puxando-a até a cintura, mostrando-me a calcinha lilás por baixo. Meu pau aperta contra minhas calças, pulsando com a visão do vermelho escorrendo por suas coxas leitosas.

Viro minha mão, pressionando a lâmina em sua perna e deslizando-a gradualmente para que ela possa sentir a sensação do metal. Ela prende as unhas em meus ombros, enterrando-se no músculo. Suas sobrancelhas se franzem, um lindo olhar de angústia descansando nas linhas de seu rosto. Eu tento relaxar, mas ela me segura no lugar, balançando a cabeça em pânico.

— Espere — ela ofega. — Eu aguento. Continue.

Um sorriso se forma em meus lábios enquanto me inclino para frente, pressionando um beijo vibrante no pulso em sua garganta. Posso sentir o líquido quente na lateral da minha mão. Ela é tão boa, disposta a aceitar todos os cortes.

— Você sangra incrivelmente por mim, Pet.

E quero dizer cada palavra. Falo tão sério que não questiono a maneira como meus joelhos cedem e me deixo cair de joelhos para poder ver a faca afundar na sua suavidade.

Usando minha mão livre, prendo a parte de trás de seu joelho, levantando-o no ar e alargando o espaço entre suas coxas. Meus dedos cravam nela, esperando deixar hematomas com meu toque, impressos ali por anos depois que eu me for.

— Vê o que a visão de você sangrando faz comigo, querida? O que dá vontade de fazer?

Meus olhos se concentram no próximo corte, logo abaixo da primeira ferida horizontal. O sangue escorre do corte e, pela primeira vez, não me nego a ela. Eu coloco minha boca em sua pele avermelhada.

— Thatcher... — Ela geme com o contato.

Lamentos, gemidos e suspiros são expelidos de seus pulmões. Durante todo o tempo, minha língua lambeu o sangue que escorria de sua perna. Eu a sorvo, sentindo o sabor picante escorrer no fundo da minha garganta, me enchendo dela.

Agora sei que não importa aonde eu vá ou o que aconteça, ela está sempre em mim. Existindo dentro dos espaços que nenhum outro humano ousou ir. Dentro dos espaços das minhas costelas, fluindo pelas veias que envolvem meu coração.

Quando suas mãos descem para o meu peito, suas palmas me empurrando de volta para o chão frio, é parcialmente por causa da névoa de seu perfume que me deixa tão complacente. É tudo o que posso culpar quando a deixo subir pela minha cintura.

A faca bate contra o piso de madeira, ressoando em meus ouvidos. Minhas palmas atrás de mim, mantendo-me ereto enquanto ela se acomoda em meu colo. Sua boca se move ao longo da minha garganta, beliscando a pele. Ela é selvagem em seus movimentos, frenética em sua necessidade de me sentir. Meus olhos estão vidrados de luxúria à medida que olho para ela, para seus longos cachos saltitantes que param logo acima de seus seios pálidos.

Quilômetros de pele macia e calor repousam na minha cintura. Dedos ágeis e animais puxam meu cinto, abrindo-o de seu entalhe e trabalhando em meu botão e zíper. Meu pau se contrai, latejando enquanto meu peito arfa. Ninguém esteve tão perto. Chegou tão longe. Nunca quis tanto, nunca precisei sentir tanto.

Ela me transformou em um animal feroz, revertido ao instinto masculino básico, impulsionado apenas pelo pensamento daqueles dedos delicados envolvendo meu eixo e a visão de sua boceta pingando do meu gozo.

Sexo sempre foi esse conceito indescritível que todos adoravam e agiam como coelhos hormonais. Não havia nada atraente para mim em ter alguém tão perto do meu corpo.



Solto um gemido quando seus dedos quentes esfregam contra a base do meu pau, enrolando-se suavemente e me bombeando em sua mão. Choques elétricos me percorrem a espinha, minha mente tonta.

Fui privado de toque minha vida inteira, tanto por causa de minhas próprias ações quanto da paternidade de meu pai. Eu tinha passado tanto tempo sem ele que meu corpo não sabia o quanto estava faminto até que Lyra começou a me tocar. Roubado de contato, do vínculo que cria através do toque físico. Drenado de oxitocina por toda a minha vida, tanto tempo que duvido que já tenha sido segurado quando criança.

Agora, porém, sou um homem faminto.

Experimentei e, de repente, meu corpo se lembrou de como estava carente.

Algo molhado corre pela cabeça do meu pau. Quando olho para baixo, encontro a mão de Lyra coberta com um líquido vermelho que ela limpou da coxa. Com traços lentos e nervosos, ela me pinta.

Para cima e para baixo no meu eixo, a sensação escorregadia do sangue faz com que ela se mova mais rápido. Eu afundo meus dentes em meu lábio inferior, observando-a me marcar.

Ponho um braço em volta de sua cintura, mantendo o outro atrás de mim no chão para me manter equilibrado enquanto levanto meus quadris apenas um pouquinho para que sua mão não tenha escolha a não ser se mover e meu pau fique encostado contra sua calcinha.

— Pet — murmuro, roçando meus lábios nos dela — deixe-me ver sua boceta. Mostre-me como essa bocetinha triste está molhada. Mostre-me para que eu possa fazê-la chorar por mim.

Desejo escuro e perverso nada em seus olhos, tão longe neste momento que sei que ela se inclinaria e se curvaria a todos os meus comandos. Poder como nunca senti antes surge em minhas veias, sabendo que tudo nela é meu para controlar.

Os dedos de Lyra puxam o tecido de sua calcinha para o lado, exibindo sua boceta rosa para eu ver. Meu pau vaza quando me

pressiono contra ela, o calor líquido saindo de entre suas pernas me consumindo. Uso o aperto em sua cintura para balançar seus quadris em sintonia com os meus. Meu eixo desliza por suas dobras com facilidade, uma mistura de sangue e sua luxúria me ajudando.

Tudo nela parece tão pequeno em meus braços, sabendo que se eu empalasse sua boceta em meu comprimento, poderia dividi-la em duas. Que minhas mãos podem machucá-la com pouca força. E ela aceitaria cada pedacinho disso.

Um gemido escapa de sua boca, seus quadris moendo contra mim em golpes confusos.

— Mais, Thatcher. Quero mais. Eu te quero todo.

Meu pau estremece, a bordo com a ideia de se enterrar dentro de suas paredes e nunca mais voltar, mas meu autocontrole ainda está lá, agarrado aos últimos fragmentos de sanidade.

Ela nunca poderá me deixar ir se eu fizer isso. Estará em perigo enquanto eu for um alvo, e não se importará. Se eu fizer isso, ela será minha. Só minha. Independentemente da minha capacidade de cuidar ou amar, ela nunca pertencerá a outro homem ou mulher. Eu a possuirei, mente, corpo e alma.

E não posso fazer isso com ela. Não posso fazer isso comigo mesmo, mas Deus, eu quero. Preciso. Não precisa de mais nada.

Minha mão a segura firmemente contra mim enquanto mudo nossa posição, colocando-a no chão para que meu corpo repouse sobre o dela. Meu corpo largo força suas coxas abertas, e uso minha mão para guiar meu pau de volta ao calor escorregadio de sua boceta.

— Não seja uma puta gananciosa, Scarlett. — Balanço meus quadris, esfregando a cabeça do meu pau contra seu clitóris inchado. — Seja uma boa menina. Seja muito boa para mim e goze. Consegue fazer isso, Pet?

Chamá-la pelo primeiro nome parece meu direito. A única pessoa no mundo ciente disso e com permissão para usá-lo quando eu quiser. É nosso e só nosso.

Ela se levanta do chão para se mover comigo, perseguindo aquele orgasmo ofuscante que está além do meu alcance. Minha mandíbula está contraída, sabendo que se eu me mover apenas um centímetro para o sul, posso senti-la toda, crua e desprotegida.

Aperto sua cintura macia, mais forte do que o necessário, desesperado para manter minha vontade. Pela primeira vez, faça algo bom. Forçar-me a não arruinar a ela ou a mim mesmo.

— Foda-se — sibilo. Ela é incrível, é muito tentadora.

— Thatch, vou gozar — ela suspira, enganchando as mãos em volta da minha cintura e me puxando para mais perto. — Por favor, por favor, por favor...

Mantenho o mesmo ritmo, acariciando seu clitóris repetidamente. Toda vez porém, que me afasto, sinto seus quadris se erguerem, tornando mais difícil evitar aquele buraco apertado que estou prestes a destruir.

— Lyra, não — aviso, meus dentes rangendo enquanto meu corpo, acordado e vivo pela primeira vez, me implora para ceder. — Não podemos.

Ela pressiona as mãos na parte inferior das minhas costas, agarrando minha cintura e me puxando para frente. É uma luta patética que dou a ela, lutando contra meus próprios instintos. Meus próprios impulsos.

— Por favor, Thatcher. Estou tão perto — ela implora, o gemido em sua garganta o suficiente para deixar reis de joelhos.

Minhas bolas apertam, meu orgasmo se aproxima enquanto continuamos a nos mover um contra o outro. Cometo o erro de olhar para o lugar onde nossos corpos se encontram, e um estrondo profundo sacode meu peito. Mais uma vez, quando afasto meus quadris pouco antes de enviá-los para a frente contra ela, seu corpo se arqueia. Desta vez, sinto a ponta do meu pau pegar sua abertura.

As veias do meu pescoço pulsam. Meu aperto em sua cintura é brutal. — Lyra, baby, não me faça...

No entanto, é muito tarde.

Lyra goza com um grito, um som torturado de prazer e angústia. Todo o comprimento do meu eixo está dentro dela, mergulhando em suas paredes no momento em que ela cai sobre a borda e em um clímax feliz, cada centímetro envolvido por seu calor úmido.

— Maldição — gemo, enterrando minha cabeça em seu ombro, meu pau pulsando enquanto suas paredes se fecham ao meu redor no tremor secundário de seu orgasmo. — Você não deveria ter feito isso.

Eu a inspiro, a depressão entre seu pescoço e ombro. Ela cheira a cerejas e ao ar noturno. Refrescante, calmante e tudo que amo na escuridão.

Somos uma mistura de preto e branco, matéria cinzenta conectada pela atração catastrófica que nenhum de nós se preocupa em negar neste armário. Eu tinha entrado em sua cabeça há muito tempo, e agora estou profundamente em seu corpo. Agora, não há como me tirar daqui, e ela fez isso sozinha.

— Diga-me que foi um erro mais tarde — ela murmura, agarrando meu pescoço. — Por agora, sintame sangrar em seu pênis. Fui feita para sangrar por você.

Levanto-me, olhando para o seu rosto, nossos corpos conectados de uma forma que nunca estiveram antes. Um com o outro ou com qualquer outra pessoa.

Lyra traz sua mão encharcada de sangue para o meu rosto, espalhando-o em meus lábios, seus olhos arregalados e cheios de emoção brilhante. Passo minha língua em seu polegar antes de fundir nossas bocas novamente.

Um beijo inebriante manchado de sangue. O pior pesadelo de um felizes para sempre. A dura realidade de nosso vínculo. Que sempre fomos noites silenciosas e origens carmesim.

Sua paixão obcecada e desequilibrada por mim tomou conta de cada parte lógica de seu cérebro. E cedo. Alimento sua fixação. Porque não há nada que eu prefira ver mais do que Lyra desesperada por

mim, ansiando apenas por mim.

Meus quadris se afastam totalmente, e posso ver o pânico em seus olhos, pensando que pararei com isso, terminarei aqui mesmo, mas sou rápido em interromper sua preocupação.

— Isso é meu agora, Scarlett. — Deslizo cada centímetro de volta para ela. — Só meu. Entendeu? Essa boceta gananciosa e chorona é minha para encher e foder como eu quiser, certo?

Suas sobrancelhas se juntam, um silvo de dor em sua boca. Meu tamanho a abre, moldando suas paredes para acomodar meu pau, preparando seu corpo para que ela seja feita para mim.

— Diga-me que entende o que fez — gemo, mergulhando nela novamente, com mais força. Tomo um de seus mamilos em minha boca e mordo. — Este corpo é meu. Esses mamilos empinados, esses lábios, tudo em você é meu. Nada mais te pertence.

Meu clímax está próximo, uma combinação de quão obscenamente apertada ela é e de nunca ter sido tão íntima antes. Eu me sinto grato por ela ter vindo antes disto começar.

— É... — A sua respiração é cortada enquanto a penetro novamente, mais rápido com mais força. — Sempre foi seu.

Minha boca paira sobre a dela, respirando seus suspiros de desconforto e os engolindo, usando-os para me balançar mais forte em seu corpo, ouvindo sua boceta desleixada tomar tudo de mim.

Coloco meu polegar contra seu clitóris, desenhando círculos lentos para aliviar a dor que ela deve estar sentindo. — Vou te arruinar — digo. — Vá em frente, olhe. Observe como sua boceta virgem sangra para mim.

Eu me inclino para trás sobre os joelhos, continuando a me enfiar dentro e fora de suas paredes, observando seus seios saltarem com cada impulso forte, a visão obscena e imunda do meu pau escorregadio com seus sucos e resquícios de sangue.

Sua metade inferior está manchada de vermelho, marcas de toques e pingos de marrom. É a visão mais dolorosamente erótica que

contemplei. Minúsculos suspiros de prazer saem de sua boca enquanto ela observa. Toda vez, sua boceta me atrai de volta para dentro.

Envolvo ambas as minhas mãos em torno de sua cintura, puxando-a para mim, forçando-a a aceitar cada centímetro depravado. Eu quero que ela se afogue em mim. No meu gozo, no meu sangue.

— Thatcher.

É a última peça. Meu nome em sua língua me faz cair em um orgasmo. Sinto meu pau se contorcer dentro de suas paredes molhadas, marcando sua boceta com jorros intermináveis de meu esperma quente.

Continuo empurrando para dentro dela, balançando meus quadris, fodendo meu gozo para que não apenas sua mente saiba, mas sua alma esteja totalmente ciente de quem a possui.

Minha boca desce até sua testa, ainda dentro dela, enquanto pressiono um beijo frio em sua testa suada. — A morte terá que esperar por você. É minha agora.

— Ela não pode ter nenhum de nós — ela murmura, saciada em meus braços.

Lyra pertence a mim. É meu desejo doentio, cheio de esperança mórbida e sombria e tudo que eu deveria ter evitado, mas ela não pertence a mais ninguém nesta vida.

Sua mão vem ao meu rosto, e sinto a pressão fria do anel que ela nunca tira contra a minha pele quente. É tão *doméstico*. Acho que odeio o quão natural parece. Como ela sempre se sente natural.

Como sangue fluindo em minhas veias, ar circulando em meus pulmões, neurônios disparando em meu cérebro.

Se o Halo vier atrás de mim, como prometeram, considerarei isso como um elogio, mas ela?

Se eles descobrirem o que ela é para mim. Se vierem atrás dela?

Pintarei a cidade de vermelho.

# VINTE E QUATRO

## ERA UMA VEZ EM DEZEMBRO

### Lyra

A primeira nevasca da temporada está atrasada em comparação com os anos anteriores.

Entretanto, veio no momento perfeito.

Na primeira manhã de dezembro, pesados flocos de neve caem do céu, acumulando-se nas calçadas, cobrindo as árvores, transformando Ponderosa Springs em um paraíso de inverno.

— *Woah*, para onde vai tão depressa?

Reduzo a velocidade da minha caminhada para um passeio, espiando por cima do ombro e vendo Conner Godfrey correndo em minha direção pela neve no estacionamento da escola.

Seu cachecol esvoaça ao vento, e a ponta de seu nariz é um hidrante. Dou a ele um sorriso tenso. Embora não tenhamos encontrado nada extremamente incriminador contra ele, ainda está envolvido com o reitor.

Eles são melhores amigos e, embora não queira acreditar que ele tenha a capacidade de vender seres humanos, é altamente improvável que não saiba o que seu melhor amigo desde a faculdade está fazendo.

— Eu tenho... — procuro as palavras. — ...uma aula particular, e estou atrasada.

Tutoria na arte do assassinato, mas tutoria, no entanto.

Esta é a primeira sessão minha e de Thatcher desde o que aconteceu na minha antiga casa. Não tenho vergonha da esperança em meu peito. Deixo que brilhe dentro de mim como uma estrela renovada.

Mesmo sabendo o quão rápido Thatcher foi para se afastar de mim, nosso relacionamento mudou naquela noite. Mudou, transformou-se em algo mais distorcido e mais novo.

Eu o tinha visto sem guarda, atravessando as fileiras de estilhaços, ensanguentado e machucado, mas ele me pegou mesmo assim. Alma danificada e tudo, pegou cada pedaço de mim e fundiu com o seu.

As cicatrizes em minhas coxas formigam com a memória, aquela necessidade frenética de estar perto dele queimando em meu estômago, mais perto do que qualquer outra pessoa jamais esteve ou estará.

— Você? Com o que poderia precisar de ajuda? — Ele ri, amigável e tão desavisado. Eu continuo tentando ver se alguma coisa muda em seu olhar ou maneirismos, mas ele é apenas Conner.

— Só algumas coisas extracurriculares, nada muito importante.

— Eu não tenho visto você nos laboratórios ultimamente. O tempo frio parou seu gênio?

Não, tentar derrubar um anel sexual enquanto aprendo como matar pessoas tem tomado a maior parte do meu tempo ultimamente. O medo pelos meus amigos esmagou minha criatividade e meu desejo de procurar insetos. Estou constantemente esperando que o outro sapato caia.

— Na verdade, amo o clima frio. Só tenho estado ocupada com a escola, tentando manter minhas notas. Típica besteira de estudante universitário — murmuro.

Conner acena com a cabeça, dando-me um sorriso suave. — Bem, só queria dizer que o diretor do estágio está ansioso pela sua inscrição e para saber se está segura aqui.

Claro que sim.

Embora tenha se passado semanas desde que outra parte do corpo foi encontrada, o campus ainda está em alerta máximo, garantindo constantemente que as meninas caminhem para a aula em grupos,



nunca ficando sozinhas depois do anoitecer, e todas as meninas que permaneceram no campus têm um toque de recolher obrigatório.

— Estou sendo cuidadosa, prometo — eu asseguro a ele, puxando minha bolsa mais para cima do meu ombro. — Tenho que ir embora. Vejo você por aí, professor Godfrey.

Eu me viro para dar os últimos passos para o meu carro, mas ele gentilmente agarra minha jaqueta, me mantendo no lugar.

— Ouça — ele murmura, sua voz quase nervosa. — Sei que não compete a mim, e tenho certeza de que estou passando dos limites, mas nunca me perdoaria se não dissesse nada.

Meu corpo se inclina em sua direção mais uma vez, as sobrançelas franzidas enquanto espero que ele continue.

— Sei que você tem boas razões para escolher os seus amigos — ele começa — mas eu só quero que seja inteligente sobre o seu futuro. Esteja segura.

— Ser amiga de Briar e Sage não é seguro?

— Ser amiga de Thatcher Pierson não é seguro. — O olhar de Conner está fixo no meu. — Tem havido rumores sobre seu potencial envolvimento nos assassinatos recentes. Só não quero que nada te aconteça, Lyra.

Veneno ferve sob minha pele. Sinto aquele desejo dentro de mim bocejando enquanto a proteção o atrai de seu sono. Meu maxilar se contrai e tiro meu casaco de suas mãos.

Não poderia me importar menos se ele estava sendo legal ou não.

— Tem razão. Não comporte a você — eu digo secamente.

Minha raiva não é apenas dirigida a Conner; está em toda esta cidade, rabiscando a palavra "vilão" na testa de Thatcher antes mesmo de ele ser um adolescente. Todos queriam um monstro para temer, para apontar o dedo e espalhar mentiras perversas, por isso criaram um nele. Ajudaram Henry Pierson a moldá-lo no homem insensível que ele é agora.

— Lyra, eu não estava...

Levanto minha mão para ele. — Não. Entendo sua preocupação, mas meus amigos não são da sua conta.

Ele chama meu nome duas vezes antes que o som do meu carro saindo do estacionamento o abafe. Meus dedos apertam o volante, a música suave no rádio falhando em me ajudar a esquecer toda aquela conversa.

Quero fazer esta cidade inteira pagar pelo que fizeram com ele. Quero fazer seu pai pagar por transformar seu filho em uma máquina de matar que é tão retorcida por dentro que mal consegue tocar em outras pessoas.

Pensamentos sobre como torturaria Henry Pierson me consumiram durante todo o caminho, a curta distância até a casa de Thatcher consumida por como eu iria sangrá-lo, sufocá-lo gradualmente, talvez até me envolver em desmembramento.

Ele merece morrer duas vezes. Uma para minha mãe. E outra por Thatcher.

Se eu pudesse matá-lo e trazê-lo de volta apenas para matá-lo novamente, juro que o faria.

A longa entrada para a casa que assombra Pierson Point é decorada pelos elementos. Árvores de zimbro verde-escuras cobertas de neve criam um dossel de beleza acima de mim.

O outono agora é uma lembrança, pois o inverno deixa sua marca. Sempre houve algo tão bonito sobre o frio. Como congela momentos no tempo e prende nossos segundos em globos de neve. Mesmo quando criança, eu adorava o fogo quente que curava meus dedos frios. A vontade de ficar do lado de fora na neve por horas a fio só para sentir o ar fresco na minha pele.

Quando cheguei ao topo da entrada de automóveis, revelando a frente da casa, toda a alegria que surgiu dentro de mim se esvaiu e foi substituída por uma confusão de pânico.

Só é preciso um segundo. Apenas um longo segundo para

transformar a alegria em medo desenfreado. Em um momento, sua vida está em um curso estável, rotineiro e confortável, e em um piscar de olhos, tudo muda.

Tudo o que sabe, tudo em que acredita, muda.

Luzes vermelhas e azuis brilham na frente da casa, a esperança de que sejam as primeiras decorações de Natal há muito esquecidas. Carros de polícia estão a frente, cercando a fonte e o caminho de paralelepípedos.

Uma ambulância singular está perto da porta. Meu peito aperta enquanto absorvo tudo, vendo os carros de Alistair e Rook estacionados ao lado de Thatcher.

De repente, o frio não é bonito. Queima minha pele quando saio do veículo. O vento forte bate contra minha pele sensível. Minhas mãos tremem ao meu lado, a neve rangendo sob minhas botas. Meu mundo parece se mover em câmera lenta. Mesmo que sinta que estou correndo, sei que estou apenas dando passos estreitos. Peço aos meus joelhos para não cederem, para me manterem de pé, para seguir em frente.

Dois oficiais passam por mim, me vendo momentos depois que os localizo. Seus olhares duros não fazem nada para parar minha caminhada lenta até que se aproximem com as mãos estendidas.

— Senhorita, não pode estar aqui — um deles me diz. — É melhor esperar no seu carro.

Minhas sobrancelhas se juntam. Por que eu precisaria esperar no meu carro? O que aconteceu? O que está acontecendo? Perguntas sem respostas giram em um carrossel que não consigo parar. A estática de um rádio estala em meus ouvidos antes que uma voz irregular ecoe no ar do inverno.

— DOA<sup>19</sup>. — Pausa estática. — Não há sinais de entrada forçada.

O chão desmorona sob meus pés. O mundo inteiro racha e se despedaça embaixo de mim. Não há nada para segurar. Estou simplesmente girando sem esperança de parar.

Uma vez ouvi dizer, que a dor da perda é uma testemunha, um testemunho, da realidade do amor.

Não era assim que eu queria que meu amor fosse provado no caos da morte. No luto de uma alma. Queria que meu amor respirasse e existisse, para ser sentido por eras, mas enquanto estou ali, essa esperança se desfaz, se desvanece em cinzas e se espalha ao vento.

A polícia está falando comigo, mas não consigo ouvi-los. Estou entorpecida. A solidão esmagadora se apoderou de mim, de corpo e alma. Nem me sinto eu mesma, como se minha alma tivesse se separado do meu corpo e olhasse de cima.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e a agonia ondula em meu peito. Passos emergem da porta da frente, botas de combate familiares aparecem. O cabelo de Alistair Caldwell está despenteado, como se tivesse passado as mãos por ele muitas vezes. Seu rosto está pálido e os olhos contornados com uma cor vermelha furiosa.

Posso me sentir desmoronando ao mesmo tempo que tento abrir meus pulmões, para chamá-lo. Implorar para ele explicar o que está acontecendo, para me dizer que está tudo bem.

Thatcher está bem.

Quero dizer, ele tem que estar, certo? A morte não seria tão cruel, seria?

Não, não, nunca a morte. É misericordiosa, gentil, com mãos geladas e um sorriso triste. A vida seria tão cruel. Isso te destruiria com dedos implacáveis e te deixaria sozinha para consertar na escuridão.

— *Pisou no meu pé duas vezes.*

*Meu rosto fica vermelho enquanto imploro ao chão para me engolir inteira. A mão de Thatcher na minha cintura aperta um pouco, olhos azuis inabaláveis em sua natureza passiva.*

*Isto foi um erro gigante. Tudo isso foi. Envolvendo-me com os*

*Hollow Boys. Deixar-me chegar tão perto de Thatcher, e Deus sabe o que Alistair está fazendo com Briar.*

*No entanto, estar aqui é bom. Eu me sinto vista e não estou sozinha porque ele está aqui. A última vez que estivemos tão próximos um do outro foi na noite em que minha mãe morreu e éramos crianças.*

*Isso é diferente.*

*— Eu disse a você que não era uma boa dançarina. — Suspiro, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto.*

*Meu vestido farfalha contra o chão enquanto ele me empurra para fora, segurando minha mão conforme me gira ao ritmo do piano. A sala gira, tons vibrantes e quentes se misturando.*

*Quando me puxa de volta para ele, minhas mãos descansam contra seu peito vestido de terno. Estamos tão perto; nunca tinha estado tão perto antes, simplesmente sua sombra à distância, mas nunca tão perto.*

*— Isso não é uma dança — ele declara, sua respiração soprando em meu rosto, o cheiro de menta atacando meus sentidos.*

*Posso sentir meu coração batendo forte dentro do meu peito, batendo com força, dançando, animado. Eu o observei por tanto tempo, mas é incrível os detalhes que perdi à distância.*

*Posso ver cada marca, cada declive, cada centímetro do que compõe seu belo rosto. Eu me certifico de guardar cada um deles na memória, sem saber quando estaria tão perto de novo.*

*— Então, o que é? — Sibilo, olhando para ele com olhos curiosos.*

*— Isso é uma distração — ele murmura, inclinando-se para o meu ouvido. — Você deveria ter cuidado com o quão perto chega de mim, Lyra. Há uma linha tênue entre mim e a morte. Uma é misericordiosa e a outra sou eu.*

A memória de nossa primeira dança, tantos meses atrás, voltou em um flashback vingativo. Uma sensação de vazio se espalha pelo meu peito, me submergindo no vazio.

Rook é o próximo a aparecer do lado de fora, com o capuz puxado sobre a cabeça, mas posso ver o tom de vermelho em suas bochechas. A tristeza o atinge como uma onda para a qual não havia se preparado.

Eu me forço a dar mais um passo à frente, sentindo braços me puxando para trás. A força interior faz com que eu passe por eles, avançando pela neve. Continuo andando, dizendo a mim mesma que, se conseguir chegar à porta, a próxima pessoa a sair será Thatcher.

Thatcher em um terno engomado, inteiro, respirando. Será Thatcher - tem que ser ele. Não aceitarei outra opção que não seja ele.

Através da porta, outro par de pés aparece, mas não é um par de mocassins ou oxfords encerados. São botas pesadas. Meu Jack Frost sem luz, que brilha nos meses de inverno, que está prestes a passar pela porta.

São homens uniformizados guiando uma maca. Eles a rolam escada abaixo, em direção à ambulância aberta. Um corpo coberto por um lençol totalmente branco está deitado sobre a maca. Manchas de marrom mancham o tecido, a cor tão ofuscante no exterior coberto de neve.

À distância, posso ouvir meus soluços. Acho que posso até estar gritando. Porque na minha visão embaçada, vejo Alistair e Rook correndo em minha direção, e todos estão olhando para mim.

Todos podem me ver, mas ele não.

Ele não pode, ele não pode, ele não pode...

Levo minhas mãos aos ouvidos. De repente, tudo está muito alto. Tudo parece muito pesado quando caio no chão congelado. Quero voltar, voltar para o armário. Quero estar em qualquer lugar, menos na realidade deste momento.

Meu coração viciado que palpita pelas coisas que ama. Pela sua

esperança. Que grita e pula quando ele está perto. Sinto-o gritar uma última vez. Apenas um gemido longo e gutural antes que pare.

Oh, se quebra. Despedaça. Explode em fragmentos tão minúsculos que não sobra nada. Apenas um grande buraco escancarado na cavidade do meu peito, onde morava.

Tudo escurece; não há luz. Minha mente se desvanece em nada, e meu corpo segue o exemplo. Rezo silenciosamente para que seja eu caindo na vida após a morte.

No entanto, a manhã chega e não é boa nem brilhante.

É apenas o começo da noite mais longa e escura que já existiu.

**Continua...**

**THE BLOOD WE CRAVE - PARTE 2**

**A OBSESSÃO SERÁ SUFICIENTE?**

## Notas

[←1]

-No Brasil, A Rainha dos Condenados, filme terror/fantasia de 2002.



[←2]

-Personificação da geada e do frio, sendo uma figura lendária e élfica pertencente ao folclore do norte da Europa.

[←3]

-Rio Estige, na mitologia grega é o principal rio do submundo (também chamado Hades). É uma fronteira entre o submundo e o mundo dos vivos. A palavra significa ódio em grego e tem o nome da deusa Styx.

[←4]

-Pode ser traduzido por: animal de estimação, animalzinho.

[←5]

-Metal mais duro do mundo.

[←6]

-Escrito por N. H. Kaelinbaum e publicado em 1988. Foi adaptado para os cinemas em 1990 com Robbin Williams. No Brasil: A Sociedade dos Poetas Mortos.

[←7]

-No original a autora usa a palavra “unfuckwithable”, por isso ele diz que não é uma palavra.

-“Aquele que é melodioso”, é uma das nove deusas da mitologia grega. Era a deusa da tragédia apesar do canto alegre, e representada com uma máscara trágica e usando coturno; costuma usar uma faca ou bastão em uma mão e uma máscara na outra; na cabeça é apresentada uma coroa de cipreste.

[←9]

-Açougueiro da Primavera ou o Carniceiro da Primeira.



[←10]

-Nome comum dado a empresas e contas bancárias abertas em territórios onde há menos tributação para fins lícitos.

[←11]

-A autora faz um trocadilho, pois torre em inglês é rook, assim como o nome de um dos personagens.

[←12]

-Filme estadunidense de 1991, com Anthony Hopkins e Jodie Foster, nos papeis do Dr. Hannibal Lecter e a agente do FBI Clarice Starling.

[←13]

-Pequena Miss Morte.

[←14]

-Iguaria francesa, feita com fígado de pato ou ganso. Em português significa "fígado gordo.

[←15]

-Série de drama estadunidense de 2010, com Lucy Hale.

-Em português: Circo do Pesadelo.

[←17]

-Óbolo de Caronte, termo alusivo para uma moeda colocada em ou sobre a boca de um defunto, antes do sepultamento.



[←18]

-Série estadunidense de mistério.

[←19]

-Dead On Arrival, pode ser traduzido como “Morto na Chegada”. O termo é usado para dizer que uma vítima chegou morta ao hospital ou que estava morto quando os paramédicos e policiais chegaram.